



Modern Love

O MELHOR DA COLUNA "MODERN LOVE" DO *THE NEW YORK TIMES*

Organizado por Daniel Jones

HISTÓRIAS
REAIS DE AMOR,
PERDA E
REDENÇÃO

UMA SÉRIE
ORIGINAL
AMAZON

prime video



ROCCO ITALIA



SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

INTRODUÇÃO

EM ALGUM LUGAR LÁ FORA

Solteira, Desempregada e Finalmente Eu Mesma

Marisa Lascher

Ei, Meu Bem, Essa Fala Não É Sua

Matteson Perry

Eu Parecia Corajosa e Decidida, até para Mim Mesma

Mindy Hung

No Hospital, um Interlúdio de Clareza

Brian Gittis

Os Cinco Estágios do Luto por Ser Ignorada

Rachel Fields

A Infelicidade também Adora Frango Frito

Mark McDevitt

Ora, Ele Parecia um Pai. Era Só um Jantar, Certo?

Abby Sher

Não? Não? Não? Deixe-me Ler nas Entrelinhas

Steve Friedman

Durante uma Noite de Sexo Casual, Mensagens Urgentes Ficam sem Resposta

Andrew Rannells

Para uma Melhor Interação, Use Suas Próprias Palavras, Certo?

Gabrielle Ulubay

ACHO QUE AMO VOCÊ

Quando o Cupido É uma Jornalista Intrrometida

Deborah Copaken

Dormindo com o Guitarrista

Jean Hanff Korelitz

Escute a Marcha Nupcial com Muita Frequência e Vai Começar a Andar no Mesmo Ritmo

Larry Smith

A Corrida Fica Mais Gostosa Perto da Última Volta

Eve Pell

Amou e Perdeu? Está Tudo Bem, Principalmente se Você Vence

Veronica Chambers

Solteira e Cercada por uma Parede de Homens

Susan M. Gelles

Quando Eva e Eva Mordem a Maçã

Kristen Scharold

Meu Coração Seria Mais Rápido do que Quem o Persegue?

Gary Presley

Sincera, Louca, Culpadamente

Ayelet Waldman

Quem É Essa Moça no Quarto, Papai?

Trey Ellis

Você Talvez Queira se Casar com o Meu Marido

Amy Krouse Rosenthal

SEGURANDO FIRME NAS CURVAS

Um Corpo Marcado, um Casamento Curado

Autumn Stephens

A Mãe Sem-Teto do DJ

Dan Savage

Agora Eu Preciso de um Lugar para me Esconder

Ann Hood

Só Segurando Firme nas Curvas

Cris Beam

Unir Forças para Manter o Jogo Vivo

Ann Leary

Livre da Embriaguez

Kevin Cahillane

O Frango Está no Forno, o Meu Marido Saiu pela Porta

Theo Pauline Nestor

Aceite-me como Eu Sou, Não Importa Quem Eu Seja

Terri Cheney

Adolescência, sem Mapa

Claire Scovell LaZebnik

O Meu Marido Agora É a Minha Esposa

Diane Daniel

ASSUNTOS DE FAMÍLIA

Algo como a Maternidade

Carolyn Megan

Primeiro, Conheci os Meus Filhos, Então, a Minha Namorada.

Há uma Relação entre Todos.

Aaron Long

Quando o Sr. Estável Se Torna o Sr. Carente

Katherine Tanney

Minha Primeira Lição sobre Maternidade

Elizabeth Fitzsimons

Dois Homens, Um Bebê a Caminho, e Eu

Rebecca Eckler

Quando a Mãe Está Desconfiada, e Certa

Liza Monroy

Dois Dezembros: Perda e Redenção

Anne Marie Feld

Uma Promessa Mantida, Além do Divórcio e até da Morte

Jennifer Just

A Terceira Metade de um Casal

Howie Kahn

Quando Eu Tinha Dezesesseis Anos, Entreguei-o para Adoção. Poderíamos Tentar de Novo?

Meredith Hall

Quando o Porteiro É o Principal Homem da Sua Vida

Julie Margaret Hogben

AUTORIZAÇÕES

AGRADECIMENTOS

INTRODUÇÃO

O que é uma história de amor? Como editor da coluna “Modern Love”, eu me faço essa pergunta o tempo todo. Conforme avanço pelos mais de oito mil relatos pessoais enviados todos os anos, me vejo constantemente forçado a pensar: isso é uma história de amor? Será? Se o *The New York Times* é o jornal de referência, isso significa que estou escolhendo histórias de amor de referência? Se é esse o caso, seria melhor ao menos ter uma definição eficiente.

Quando “Modern Love” começou, ainda em 2004, nós, os editores fundadores da coluna (o editor de estilo, Trip Gabriel; minha esposa, Cathi Hanauer; e eu) decidimos que interpretaríamos “amor” amplamente, porque não queríamos limitar as histórias ao amor romântico. Tínhamos esperança de que os relatos explorassem tanto a escuridão quanto a luz, que deixassem fluir tanto as alegrias quanto os sofrimentos que brotam dos nossos esforços de uma vida inteira para sermos íntimos de outros seres humanos.

As histórias mais marcantes geralmente envolviam relacionamentos já com alguma quilometragem: os desafios do casamento na meia-idade, as tensões da paternidade e da maternidade, e a perda de entes queridos (filhos, cônjuges, pais, amigos). Essas histórias raramente exaltavam rosas e beijos, mas elas são histórias de amor? Com certeza.

A vulnerabilidade é uma característica que inspira todas as histórias de amor, e pode assumir várias formas. Mas, em todos os casos, vulnerabilidade significa nos expormos à possibilidade da perda, mas também — e isso é crucial — à possibilidade de criação de um vínculo. Não se pode ter um sem o outro. Os riscos variam, é claro, desde enfiar um dedo do pé na água até mergulhar cegamente do alto de um penhasco.

Rachel Fields, em seu relato “Os cinco estágios do luto por ser ignorada”, detalha a crescente ansiedade que sentiu depois de mandar sua primeira

mensagem de texto ligeiramente sexual para um cara com quem estava começando a sair, e a espera agoniada pela resposta dele. Por horas. Que poderiam muito bem ter sido uma vida inteira. Um tipo diferente de vulnerabilidade é mostrado por Amy Krouse Rosenthal em “Você talvez queira se casar com o meu marido”, em que faz uma espécie de perfil do marido para futuros relacionamentos, porque está morrendo de câncer no ovário e não quer que ele fique sozinho depois que ela se for.

Acho que se formos tentar definir o que é uma história de amor, devemos começar definindo o que é amor, mas isso pode ser ainda mais incerto. Nossas definições de amor também tendem para o floreado. Do meu ponto de vista, no entanto — de alguém que leu, passou os olhos, ou de qualquer modo digeriu aproximadamente cem mil histórias de amor ao longo dos últimos quinze anos —, o amor, em sua melhor forma, está mais para um carrinho de mão do que para uma rosa: às vezes cheio de pedras, uma bagunça, mas também duradouro. Mas ainda assim é difícil colocar em palavras.

Certa vez, no começo de uma entrevista de rádio, a apresentadora me apresentou como o editor da “Modern Love”, e soltou logo como primeira pergunta:

— Então, o que é o amor?

Fui pego tão desprevenido que dei uma risadinha nervosa e respondi:

— Você vai mesmo abrir a entrevista com essa pergunta?

Quando ela não riu, tivemos um momento de constrangimento antes de eu murmurar alguma generalidade sobre as conexões humanas.

Eu gostaria de ter me lembrado de como já havia respondido a essa pergunta na própria coluna “Modern Love” alguns anos antes, quando assumi o espaço como editor durante a semana do Dia dos Namorados, para fazer algumas observações. Porque amor, para mim, tem menos a ver com definições do que com exemplos. E é por isso que acho que o caleidoscópio de experiências representadas na coluna, e neste livro, podem fazer um trabalho melhor do que qualquer dicionário. Vamos ao que eu escrevi:

Se eu fosse o Spock, de *Star Trek*, explicaria que o amor humano é uma combinação de três emoções, ou impulsos: desejo, vulnerabilidade e coragem. O desejo nos faz sentir vulneráveis, o que exige que sejamos corajosos.

Como não sou o Spock, vou contar uma história.

Vamos dizer que você decidiu adotar uma menina, ainda bebê, na China. Você recebe uma foto

dela, prende na porta da geladeira e fica olhando para ela conforme os meses se passam, até finalmente dar a volta em metade do mundo para segurá-la nos braços, com lágrimas de alegria escorrendo pelo rosto.

No entanto, mais tarde, em seu quarto de hotel, depois de despi-la, você descobre sinais físicos preocupantes, em particular uma cicatriz na coluna vertebral. Você liga para o médico, então vai ao hospital, onde são feitos exames, tomografias, e lhe dizem o seguinte: a menina passou por uma cirurgia de coluna malfeita, que provocou danos neurológicos. Logo ela perderá todo o controle da bexiga e dos intestinos. Ah, ela ficará paralisada para a vida toda. Lamentamos muito.

A agência de adoção lhe oferece uma escolha: ficar com a bebê deficiente, ou trocá-la por uma mais saudável.

Você ainda não tem nem ideia dos desafios que virão, dos diagnósticos alarmantes que ela vai receber quando chegar em casa, das terríveis convulsões que você vai presenciar. Também não sabe do final feliz que a aguarda anos mais tarde, quando ela passar por tudo isso e ficar perfeitamente bem. Você precisa decidir agora. Esse é o seu teste. O que você faz?

Se você é Elizabeth Fitzsimons, que contou essa história aqui, no Dia das Mães, você diz:

— Não queremos outro bebê. Queremos o nosso bebê, aquele que está dormindo bem ali. Ela é a nossa filha.

Isso é amor. Qualquer um pode ter. Só é necessário um pouco de coragem. Ou muita.

Se está procurando por atos aleatórios de bravura, incluindo o de Elizabeth, vai encontrá-los nestas páginas. Estas histórias chocam e ensinam. Provocam risadas, tristeza e lágrimas. Às vezes (isso é verdade), não são nem muito modernas. E sempre forçam a concha da ostra do amor humano a se abrir, para revelar a beleza misteriosa que há lá dentro.

— Daniel Jones

**EM ALGUM LUGAR
LÁ FORA**

SOLTEIRA, DESEMPREGADA E FINALMENTE EU MESMA

MARISA LASCHER

E U TINHA TRINTA E SETE ANOS, ESTAVA SOLTEIRA, DESEMPREGADA e deprimida porque, em poucos meses, estaria me mudando do apartamento tipo estúdio em que morava na East 23rd Street, em Manhattan, para a casa da minha mãe, em Sheepshead Bay, no Brooklyn. Desde que a empresa em que eu trabalhava em Wall Street foi comprada, vinha me dedicando a duas atividades: procurar outro emprego e me exercitar. E passava muito tempo no meu apartamento.

Assim como três universitários recém-formados passavam muito tempo no apartamento deles, na porta ao lado. Nas festas que eles davam nos fins de semana, o som alto do baixo penetrava pela parede que compartilhávamos, a partir das dez e meia da noite. De moleton, sem maquiagem, os cabelos presos em um coque no alto da cabeça, eu saía e tocava a campainha deles por volta das onze da noite (o que era cedo, mesmo para os meus padrões geriátricos) para pedir que abajassem o som.

Um deles aparecia na porta, ruborizado pelo álcool e pela irritação, e prometia abaixar. Normalmente cumpriam a promessa. Quando isso não acontecia, eu ligava para o porteiro, então para o administrador do prédio e, uma vez, cheguei a ligar para a polícia. Mas o barulho continuou.

Meu prédio na 23rd Street era perto de três universidades. Quando assinei o contrato de aluguel, não me dei conta de que o lugar tinha tantos universitários como inquilinos, pessoas que compreensivelmente gostavam de dar festas. No entanto, aquele era o momento menos social da minha vida. A maior parte dos meus amigos estava casada. Eu estava sem salário e o aluguel custava quase três mil dólares por mês. E não estava saindo com ninguém porque ainda não tinha conseguido encontrar um jeito positivo de dizer que estava desempregada.

Certa tarde, no elevador, vi um dos caras do apartamento do lado, de jeans e camiseta, os cabelos escuros já rareando ligeiramente.

— Você está sempre por aqui no meio do dia? — perguntou ele.

— Nos últimos meses, sim — respondi. — Estou procurando emprego.

— Eu também — contou o cara. — É o meu último ano na Faculdade de Direito.

— Nunca deixe um emprego antes de já ter outro — disse a ele. As pessoas haviam me avisado a respeito, mas só depois de fazer isso eu me dei conta de como o conselho era útil. Quando já chegávamos nos nossos apartamentos, voltei a falar. — Estou me mudando, vocês vão poder colocar a música aos berros a noite inteira. A velha malvada está indo embora.

— Por quê? — perguntou ele.

— Não tenho mais condição de pagar por esse apartamento. Vou morar com a minha mãe, no Brooklyn.

— Que saco — comentou o cara, então acrescentou: — Não sou eu que coloco a música às alturas. São os meus colegas de apartamento.

O que fazia sentido. Ele era sempre o mais gentil e o mais constrangido quando eu reclamava.

— Quantos anos vocês têm? — perguntei. — Tipo, vinte e três?

— Sim, bem, eu tenho vinte e três — disse ele.

— Eu tenho trinta e sete. Portanto, espero que o próximo vizinho de vocês seja mais novo.

— Nunca imaginaria que você tem trinta e sete anos — comentou ele. — Achei que tinha, sei lá, vinte e seis.

Ele estava me passando uma cantada? Eu parecia ter a mesma idade que os meus amigos, mas talvez o contexto meio dormitório de universidade daquele prédio tenha passado a impressão errada a ele. Naquela tarde, nos esbarramos de novo — ele estava de terno, indo para uma entrevista. Desejei sorte.

Duas semanas mais tarde, minha amiga Diana e eu estávamos sentadas em um bar próximo, tomando vodcas soda, e checando o Tinder dela, quando meu vizinho de vinte e três anos apareceu na tela do celular.

— Deslize para a direita! — falei. — Diga a ele que você está comigo.

Ela fez isso, eles deram match, e a minha amiga disse ao cara que eu estava com ela. Eu acrescentei uma mensagem, orgulhosa por estar na rua no sábado à

noite. Ali estava a prova de que eu também me divertia. Trocamos mensagens, ele estava a caminho de casa. Quando perguntei se queria se encontrar com a gente no meu apartamento, ele concordou.

Vinte minutos mais tarde, Diana e eu chegamos e ele apareceu com uma garrafa de vodca e latas de Coca Cola Diet.

Logo o vizinho estava rindo e dizendo:

— Meus colegas não suportam você. E eu sempre fiquei confuso, imaginando por que uma mulher de vinte e seis anos ficava chateada com as nossas festas. Achei que você era só uma alma velha.

Diana e eu dançamos “Jump”, das Pointer Sisters, uma música que ele não reconheceu. Antes de ir embora, às quatro da manhã, Diana sussurrou para mim:

— Ele gosta de você. Agarra.

Eu protestei em um sussurro, insistindo que o carinha era novo demais. Mas ao que parecia, a tensão na vizinhança havia crescido, porque ele e eu começamos a nos beijar assim que Diana saiu.

Quando acordamos, de ressaca, algumas horas mais tarde, implorei para que ele não contasse aos colegas de apartamento. A minha mudança da puritana que reclamava do barulho para uma espécie de Sra. Robinson, daquele filme antigo, me deixou constrangida, e meu cérebro embotado só conseguia gritar: “O que acabou de acontecer aqui?”

Mas não vou mentir: foi um afago e tanto no ego. Eu não tinha emprego, nem marido, nem namorado, mas pelo menos era capaz de atrair um cara incrível de vinte e três anos.

Ao longo das semanas seguintes, trocamos mensagens de texto constantemente e continuamos a nos encontrar para conversar sobre nossas buscas de parceiro e de emprego, e para ficarmos juntos. Quando perguntei se parecia mais velha, ele disse:

— Na verdade, não. Principalmente porque você não está trabalhando e está por aqui o tempo todo.

Um domingo, às cinco da manhã, ele passou pela experiência de ser acordado, na minha cama, pelo som dos colegas bêbados cantando “Oops!... I Did It Again” no apartamento ao lado.

— Isso é chato mesmo — gritou, cobrindo a cabeça com o meu travesseiro.

— É a vingança — comentei. — Agora você entende.

Com ele, a minha costumeira ansiedade romântica desapareceu. Em vez de projetar minhas inseguranças nele e ficar o tempo todo me perguntando se eu era o bastante, só me divertia, porque sabia que a nossa diferença de idade tornava qualquer futuro entre nós impossível. E eu ia me mudar logo.

Não que estivesse totalmente despreocupada com a situação. Eu me preocupava com a possibilidade de as pessoas nos acharem ridículos. Mas quando contei a duas amigas casadas, elas disseram que eu estava vivendo uma fantasia.

— Pelo menos você está se divertindo — disse uma delas, prestes a se divorciar. — Nenhuma de nós está. No fim, não quero nem encostar no meu marido.

Mesmo assim, o abismo entre mim e o meu novo amigo ficou gritante quando ele disse:

— Ter encontros é divertido. Eu acabo conhecendo um monte de gente.

Ter encontros, para mim, era tão divertido quanto a minha busca por um novo emprego. E isso porque eu abordava as duas procuras exatamente da mesma forma: com uma estratégia, planilhas e muita ansiedade em relação a mostrar o melhor de mim e esconder meus pontos fracos. Mas com ele, eu não me preocupava com nada disso.

Quando ele admitiu que não pensava no que estava fazendo com as mulheres que conhecia, e que tomava as decisões conforme as coisas aconteciam, eu lhe garanti que isso não mudaria — ninguém sabia o que estava fazendo.

Nosso relacionamento sincero era muito revigorante. Homens da minha idade disfarçavam seus medos com arrogância. Depois de me conhecer apenas há uma hora, um deles se gabava da quantidade de sexo que já fizera, e outro, em nosso segundo encontro, já me avisou que o fato de ser muito bem-dotado já fora motivo para o fim de muitos relacionamentos. Que gentil da parte dele me avisar!

Com perspectivas românticas apropriadas, eu tinha sido exageradamente educada e reservada. Assim como os homens, contava histórias projetando uma falsa autoconfiança. Mas me abri com o meu vizinho em relação a como o ano tinha sido difícil, e sobre como eu me preocupava em encontrar um emprego e um homem para amar. Com nada em risco, eu era encantadoramente vulnerável.

Uma noite, estávamos aconchegados um ao outro no meu apartamento, eu

repetindo a lenga-lenga dos meus problemas com homens e dos meus medos em relação à carreira, quando ele disse:

— Ficamos tão obcecados com o emprego que queremos, ou com a pessoa com quem estamos saindo, porque achamos que não haverá outros. Mas sempre há outro.

Achei aquilo muito verdadeiro. Sábio mesmo. Mas era mais fácil ter aquela atitude, sobre empregos ou sobre amor, aos vinte e três do que aos trinta e sete.

Então, uma noite, eu cheguei em casa um pouco bêbada demais e o encontrei no corredor. Normalmente era ele que decidia quando nós ficaríamos juntos, e reclamei que não era justo que tudo fosse apenas nos termos dele. Eu o estava pressionando, retrocedendo ao meu pior comportamento em relação a relacionamentos, e ele entrou correndo no próprio apartamento.

No dia seguinte, ele mandou uma mensagem: “talvez devêssemos dar um tempo, você foi uma boa amiga... mas nós complicamos um pouco a situação rárá.”

Eu sabia que o “rárá” era só o jeito millennial dele de manter as coisas leves, mas a questão era: em nosso relacionamento “leve”, eu havia me exposto totalmente, revelei todas as minhas imperfeições, de um jeito que não costumava fazer. Com ele, fui eu mesma, e aquilo foi uma revelação.

E uma charada. Porque parece que não consigo ser eu mesma quando estou procurando seriamente por amor, quando tudo em que penso é no futuro. Para conquistar a pessoa (ou o emprego, aliás), achamos que temos que ser a versão mais perfeita de nós mesmos. Quando nossos corações estão em jogo, a vulnerabilidade parece impossível.

Um ano mais tarde, eu finalmente consegui ser perfeita o bastante para conseguir um emprego. Ainda estou me esforçando para me permitir ser imperfeita o bastante para encontrar o amor.

Marisa Lascher mora em Manhattan e seu trabalho é criar abordagens baseadas em empatia para fortalecer a cultura organizacional e o desempenho dos funcionários. Este relato foi publicado em outubro de 2017.

EI, MEU BEM, ESSA FALA NÃO É SUA

MATTESON PERRY

A LUZ DA LUA ENTRANDO PELA JANELA ILUMINOU A TATUAGEM de uma fênix cobrindo o lado esquerdo do torso dela. Tracei o desenho com o dedo, logo abaixo da axila, passando por cima do relevo rápido das costelas, até o osso do quadril. Eu só tinha visto tatuagens como aquela em filmes, nunca pessoalmente, nunca tão perto, e nunca na minha própria cama.

Sabia que havia encontrado a minha própria *Manic Pixie Dream Girl*.

Quando era crítico de cinema no A.V. Club, Nathan Rabin cunhou o termo “Manic Pixie Dream Girl” para descrever o interesse amoroso no filme *Tudo acontece em Elizabethtown*, de Cameron Crowe, embora esse tipo de personagem já tivesse aparecido em muitos filmes antes e depois (Natalie Portman em *Hora de voltar* talvez seja o exemplo perfeito).

A *Manic Pixie Dream Girl* agora se tornou um clichê de filmes alternativos, e é mais uma coleção de peculiaridades do que uma pessoa, que existe para ser o perfeito objeto de amor do protagonista masculino. Essas garotas esquisitas (mas lindas) gostam de caras tímidos, tristes e criativos e os ensinam a voltar a aproveitar a vida com sexo, amor e várias atividades feitas na chuva.

Embora com frequência seja alegre, a *Manic Pixie Dream Girl* também é perturbada. Ela se equilibra na estreita linha entre o excêntrico e o louco, o misterioso e o estranho, o sexy e o promíscuo — é perfeitamente imperfeita. E essa imperfeição é a chave, porque a *Manic Pixie Dream Girl* tem que ser problemática o bastante para precisar ser salva; assim, o cara impotente pode ter alguma atitude heroica no terceiro ato.

Conheci a minha *Manic Pixie Dream Girl* em uma aula de esquetes de humor. No primeiro dia, ela usou um vestido vermelho chamativo e botas de caubói como se tivesse sido arrumada pelo departamento de figurino. Tinha a pele cor

de oliva e os olhos escuros de sua ascendência meio-mexicana, uma aparência que alguns talvez chamassem de “exótica”, embora ela lhe desse um soco no braço se você usasse esse termo. A garota tinha namorado, por isso não deu para chamá-la para um encontro, mas conversamos online e trocamos informações sobre nossas vidas, enquanto indicávamos um para o outro nossos esquetes favoritos do *Saturday Night Live*, no YouTube.

Em uma tarde quente de verão, nos encontramos em um bar, com a intenção de redigir esquetes juntos, mas nossos planos mudaram, como costuma acontecer com Manic Pixie Dream Girls. Nem chegamos a abrir nossos cadernos e acabamos em uma maratona improvisada por bares.

Em cada novo bar, entrávamos um pouco mais bêbados e nos sentávamos um pouco mais próximos. Nossos joelhos se tocavam embaixo das mesas e nossos ombros se roçavam enquanto caminhávamos. Nos sentamos tão juntos que eu conseguia sentir o cheiro do suor dela, embora a química da paixão transformasse o odor em um doce perfume.

A noite terminou com uma tentativa ébria de beijo da minha parte, da qual ela se esquivou.

— Não posso trair o meu namorado — disse ela. — Mesmo que as coisas não estejam indo muito bem entre nós.

As coisas não estavam bem entre eles. Eu tinha esperança. Acabou sendo mais do que esperança. Em um mês, ela terminou o namoro, e não demorou muito para que a Manic Pixie Dream Girl e sua tatuagem estivessem na minha cama.

Não sou um nerd de forma alguma, mas nunca fui descolado do jeito clássico, rebelde. Um exemplo disso: eu me divertia secretamente fazendo meu imposto de renda. Mas aquela garota era descolada. Ela era capaz de conseguir um drinque em um bar absurdamente cheio. Nas festas, encantava os homens dançando, contando piadas e rindo alto. Eu via a inveja nos olhos deles quando ela ia embora comigo.

A garota fazia com que eu me sentisse descolado por aproximação, como se ela fosse um passe VIP humano. Impulsiva, errática e elétrica, ela era o meu oposto e aquela justaposição me excitava. Eu me apaixonei profundamente. E ela retribuiu o meu amor.

A minha Manic Pixie Dream Girl era tudo ou nada em tudo o que fazia, por

isso as coisas avançaram rapidamente entre nós. Em um ano, nos mudamos para Los Angeles e passamos a morar juntos. Eu nunca tinha morado com uma mulher antes e amei a intimidade daquilo, mas a domesticidade a perturbava. Ela começou a se apavorar periodicamente em relação ao nosso futuro juntos.

Fosse qual fosse o motivo (a compra de cadeiras para a sala de jantar foi o primeiro detonador), esses ataques de pânico tinham o mesmo roteiro. Ela chorava, gritava e ficava andando de um lado para o outro do apartamento, dizendo que éramos incompatíveis. Eu permanecia calmo e explicava que eram as nossas diferenças que nos faziam dar certo juntos, porque a força de um fortalecia o que era fraqueza no outro.

Eu sempre demonstrava por que ela não deveria se apavorar, por que deveríamos ficar juntos, em suma, por que os sentimentos dela eram “errados”. (Surpresa: os sentimentos das pessoas nunca são errados.) Aqueles episódios não me preocupavam muito. Eu os considerava como um sintoma de que a minha Manic Pixie Dream Girl era perfeitamente imperfeita.

Quando nos aproximávamos dos três anos juntos, ela estava lutando contra uma crise de depressão, e isso criou um abismo entre nós. Até ali, éramos um casal que fazia tudo junto, mas ela começou a sair sem mim.

Em várias ocasiões, acordei às três ou quatro da manhã e descobri que ela ainda não tinha chegado em casa, e não tinha me ligado. Eu ficava deitado na cama, oscilando entre a preocupação e a raiva, ligando para ela a cada meia hora. Se ela atendia, normalmente recusava a minha oferta de pegá-la onde estivesse e dizia alguma coisa como:

— Não, ainda estou me divertindo aqui.

Às vezes, eu não sabia onde era “aqui”, se o “aqui” pertencia a um cara ou a uma garota.

Pela manhã, eu a questionava sobre onde tinha andado, mais como um pai desaprovador do que como um amante furioso, me mantendo no meu papel de namorado calmo, racional e conciliador. Ela apenas assentia, dizia um “desculpe” mecânico e ia dormir. À noite, ela era a Manic Pixie Dream Girl para outras pessoas, durante o dia era a Pixie Pesadela Deprimida de Ressaca. Eu sabia que nosso relacionamento estava com problemas, mas ainda a amava, e acreditava que aquele era apenas o difícil terceiro ato, antes do “e viveram felizes para sempre”.

Um fim de semana, fui acampar com amigos, tentando dar espaço a ela. Antes de sair, escrevi uma carta para ela (cinco páginas, entrelinhas um) sobre o nosso relacionamento. Disse o quanto a amava e que não deixaria de lutar por “nós”, e concluí dizendo “sei que meu amor não é capaz de resolver o problema da sua depressão, mas ainda quero que você saiba que o meu amor está aqui, e sempre estará”.

Deixei a carta em cima da mesa dela, com flores, e saí. Passei as doze horas da viagem de carro esperando pela ligação dela, mas o telefone permaneceu enfiado no porta-copo, silencioso, por horas e horas. No fim da tarde, ele finalmente fez um bipe — não uma ligação, mas uma mensagem. Ela me agradeceu pelas flores e nem sequer mencionou a carta. Eu soube então que o nosso relacionamento havia acabado.

Enquanto a *Manic Pixie Dream Girl* sempre salva o homem das estagnações da vida no primeiro ato do filme, os papéis se invertem no final, quando ele finalmente salva a garota com o seu amor. Além da vida descolada e empolgante que eles compartilham, esse é o verdadeiro presente da *Manic Pixie Dream Girl*, porque resolver alguma coisa, especialmente resolver o problema de uma pessoa, é o que faz um homem sentir que tem mais valor.

Quando eu disse na minha carta que sabia que o meu amor não era capaz de resolver seu problema de depressão, estava mentindo. Eu achava que o meu amor era capaz de resolver tudo, incluindo a depressão dela. Aquela carta foi o meu Grande Gesto, o que salva o relacionamento e a garota. Foi o meu momento Lloyd Dobler, em *Digam o que quiserem*, segurando um radiogravador acima da cabeça, de onde saía “In Your Eyes” às alturas.

Nos filmes, os gestos românticos funcionam. Mas comigo, na vida real, eles falharam. Aquilo era como Diane Court aparecendo na janela só para fechá-la e ela poder voltar a dormir. Eu tinha dado o meu coração à minha *Manic Pixie Dream Girl*, e ela me agradecera pelas flores de 12,99 dólares.

O que torna os filmes mágicos não são as coisas incríveis que acontecem neles. Coisas incríveis acontecem na vida real. Não, o que torna os filmes mágicos é que eles terminam logo depois que coisas incríveis acontecem. Eles acabam depois que a guerra chega ao fim, depois que o time vence o jogo, depois que o garoto conquista a garota. Mas, na vida, a história continua e o garoto pode perder a garota mais tarde. O “e viveram felizes para sempre” é

tedioso demais para uma Manic Pixie Dream Girl.

Pouco depois de eu voltar de viagem, ela me dispensou. Não houve qualquer esforço para salvar o relacionamento — como não estava mais dentro, ela agora estava fora. Ao que parecia, meu amor não seria capaz de “consertá-la”, afinal, e pior ainda, ela não queria ser consertada. Precisar de conserto é a regra nº 1 de ser uma Manic Pixie Dream Girl — como ela podia ignorar isso?

Ela podia ignorar porque não era uma Manic Pixie Dream Girl. Não era um personagem, ou um recurso de roteiro da minha história. Não era uma criatura estragada, em profundo desespero, que eu e só eu seria capaz de curar como parte da minha “jornada do herói”. Ela era simplesmente alguém que deixara de amar o namorado. O que acontece. Não é nada cinematográfico, mas acontece.

Assim, nossa história terminou, não com créditos rolando na tela para congelar o nosso relacionamento em uma felicidade eterna, mas com choro e divisão de bens. (Eu fiquei com as cadeiras da sala de jantar; ela com as máquinas de escrever antigas.) Demorou algum tempo, mas encontrei outra pessoa.

Dessa vez, estou tentando fazer da nossa história de amor um roteiro original, em vez de roubar algum dos filmes.

Matteson Perry é escritor e ator em Los Angeles, onde mora com a esposa, a “outra pessoa” do final deste relato, que foi publicado em julho de 2013.

EU PARECIA CORAJOSA E DECIDIDA, ATÉ PARA MIM MESMA

MINDY HUNG

SOU UMA BOA GAROTA, PRÁTICA. COMO MEUS LEGUMES. Vou para a cama cedo. Na verdade, aos trinta e um anos, não sou apenas boa, sou uma puritana assustada — e detesto isso.

Em uma recente tentativa de inventar uma versão nova e corajosa de mim, entrei em contato com Tom em um site de namoro online. Alguma coisa precisava mudar. *Eu* precisava mudar. Nas minhas noites livres, tenho a tendência a gravitar mais na direção de livrarias do que na de mesas de bares. Caminho com a cabeça caída para a frente e os olhos baixos. Dificilmente posso ser descrita como uma ermitã — tenho muitos amigos, viajo sozinha pela Europa (com meu roteiro metodicamente planejado, é claro), e preencho meus fins de semana com brunches e shows. Mas a minha vida romântica tem sido no máximo morna, normalmente empacada pela minha cautela e timidez.

Os amigos me animaram a tentar os encontros via internet e, a princípio, fiquei desconfiada. Mas logo percebi que tinha encontrado o veículo perfeito. Podia ser extrovertida sem esforço. E, de repente, eu era popular: parecia ser atraente tanto para homens do Havaí quanto da Virgínia. Músicos, maratonistas, soldados, corretores da bolsa, um homem que alegava possuir cinco relógios “Rolix”, um dentista de Hollywood — todos esses homens e mais alguns me escreviam e declaravam seu interesse. A atenção deles me deu uma injeção de coragem — ou ao menos de ousadia. Eles me achavam interessante. Talvez eu fosse.

O perfil de Tom começava de forma nada especial: ele adorava a Austrália, lençóis limpos e suco de laranja. Mas no meio do caminho, Tom acabou me encantando ao confessar que tinha deletado um parágrafo inteiro do que escrevera porque tinha medo que o texto parecesse com o tipo de recado

aleatório, e com frequência incoerente, que ele às vezes deixava nas secretárias eletrônicas das pessoas.

Eu olhei para aquela confissão irônica e envergonhada e entendi na mesma hora. E mais, eu sabia exatamente como responder.

“Você parece ser muito bom nesse truque do charme autodepreciativo”, provoquei, no meu e-mail de apresentação. “Pessoalmente você ruboriza e balbucia?” Dei o meu número a ele, antes que pedisse.

Alguns dias mais tarde, ele ligou e, enquanto conversávamos e brincávamos, eu me surpreendi comigo mesma convidando-o para sair. Escolhi a data e a hora (sábado, às três da tarde) e o lugar (a casa de chá Cha-An Teahouse, na East Ninth Street). Passei para ele as instruções sobre que trem pegar, para que lado seguir depois que saísse da estação e onde me encontrar, caso chovesse. Tentei parecer despreocupada e no controle da situação, como se convidasse homens para sair o tempo todo.

Quando saí para o encontro, usava uma saia de seda, uma blusa decotada, e levei uma mochila. Iria para Connecticut mais tarde, naquela noite, e tinha planos para andar de caiaque no domingo. Parecia corajosa e decidida, até para mim mesma.

Quando me aproximava da Cha-An, vi Tom esperando na frente — reconheci os cílios longos e o sorriso fácil da foto que ele postara. Mas, em pessoa, ele era de uma segurança desconcertante. Não balbuciou, ou enrubesceu, como eu havia imaginado. E, ao que parecia, também era ousado de outras maneiras: Tom me contou depois que uma vez havia saído de um emprego para se tornar jogador profissional. Quando lhe contei sobre os meus planos para andar de caiaque, ele me ensinou como transformar as minhas roupas em uma boia, caso o caiaque virasse.

O tempo todo, por três horas, permaneci confiante, envolvida na conversa, decididamente nada afetada. Meu único escorregão aconteceu quando ele parou e disse:

— Você tem duas covinhas muito fundas. — Uma pausa. — E agora está enrubescendo.

Eu me recuperei e me mantive firme pelo resto do encontro, mas o dano já havia sido feito, e a minha fachada — ou a minha pose — não durou muito. Pior, em vez de manter a atitude descolada, atrevida, do tipo vamos-ver-o-que-

acontece, eu prontamente comecei a fantasiar o nosso futuro juntos: Tom e eu jogando frisbee no parque, dividindo um cupcake com cobertura de chocolate, correndo às margens do Hudson. Eu daria um tapinha no traseiro dele e me desviaria rindo.

No segundo encontro, decidi abandonar o estilo aventureira despreocupada. Ia ser uma grande sedutora. Bateria as pestanas, acariciaria o punho dele e faria mágica com meu jeito coquete.

Havíamos combinado de sair para comer comida indiana, em Curry Hill. Levei duas barras de Aero para Tom, porque ele tinha me dito que gostava de chocolates ingleses. Seus olhos se iluminaram quando peguei as barras.

— Você talvez seja a mulher perfeita par mim — disse ele.

Ou talvez não. Porque então ele falou sobre Nicole Kidman e outras loiras por quem era louco. Eu me concentrei em arrulhar e assentir com a minha cabeça decididamente não loira.

Estava concentrada demais em garantir a minha fantasia para perceber que estava agindo como boba. Se estivesse usando a cabeça, teria reparado nos sinais de alerta: toda aquela conversa sobre ex-namoradas, e as reclamações sobre mulheres terríveis no site de relacionamentos... Tom não estava interessado — ou ao menos não interessado o bastante.

Depois do jantar, eu o convidei para ir ao meu apartamento e preparei chá. Ele se esticou no sofá e colocou os pés em cima da mesa de centro. Eu me aconcheguei perto dele. Ele se afastou.

Disse que estava nervoso. As mulheres eram imprevisíveis. Queria ser honesto.

— Acho você atraente — comentou —, mas não nos vejo em uma relação a longo prazo. — Então ele me olhou de lado e acrescentou: — Mas não me oporia a um caso sem compromisso.

Eu me senti desalentada. A eu ousada talvez tivesse perguntado que diabo dava a ele o direito de se decidir tão rapidamente. Mas, no fim das contas, eu não era uma guerreira valente, não é mesmo?

Em vez disso, me encolhi no sofá. Queria mais — tinha agido como uma tonta agradável e apaixonada a noite toda para conseguir o que queria. Não me restava mais pose alguma.

Tom pareceu um pouco triste, mas ainda assim me levou até o quarto, onde

me deitou e passou os braços ao meu redor.

— Eu me sinto um canalha — comentou, tocando a minha barriga. — Poderíamos ser só amigos. Não precisamos ter um caso.

Eu pisquei algumas vezes e me apoiei em um cotovelo.

— Ah, não, eu gostaria de fazer sexo — falei, em um tom jovial —, mas não vejo como poderíamos algum dia ser amigos. A coisa do sexo sempre ficaria no caminho.

Houve uma pausa. Ao que parecia, aquilo havia sido bem original da minha parte. E também bastante insano da minha parte. Tom riu. Pela primeira vez naquela noite, ele me olhou com algo parecido com admiração.

— Essa costuma ser a minha fala — disse.

Minha coragem voltou. Em um movimento audacioso, eu tinha recuperado meu respeito próprio e o controle do meu cérebro — ou foi o que pensei. Debates um pouco mais a ideia e decidimos que eu deveria pensar melhor a respeito. Fui com Tom até a estação de metrô. Quando nos despedimos, disse que eu ligaria para ele. Tom falou que era melhor assim, e me deu um beijo na testa.

Na manhã seguinte, levantei e corri seis quilômetros. Então, voltei para a cama e me enrodilhei em posição fetal.

Ainda era capaz de ser uma versão aventureira de mim, argumentei comigo mesma na segurança das cobertas. Lembrei dos olhos de Tom me espiando por baixo dos cílios longos. Quanto mais eu refletia a respeito, mais um caso sem compromisso me parecia uma boa ideia: eu tinha uma libido saudável, estoque para um ano de pílulas anticoncepcionais e várias mudas de roupa de cama. Se conseguisse me desapegar da decepção pela ausência de um interesse a longo prazo em mim, poderia até me divertir. Não vinha ao caso o fato de que eu tinha passado o dia na cama, deprimida por causa de um cara, como uma garota nada descolada, e que não estava se divertindo nada com a situação.

Disparei um e-mail:

Muito bem, pensei a respeito. Topo um caso sem compromisso. Mas não tenho certeza sobre a coisa de sermos amigos. Não sei se gosto muito de você no momento. Além do mais, embora eu esteja familiarizada com o conceito de um modo geral, não estou certa de como essa amizade específica funcionaria na vida real. O que faríamos? Brincaríamos de pega-pega no parque? Iríamos juntos à manicure? Enfim, Barbara Ehrenreich vai fazer uma leitura na Barnes and Noble da Union Square na quarta-feira, às sete da noite. Está interessado em ir?

Reli o e-mail. Parecia descompromissado. Expressava uma certa raiva, sim, mas ainda assim parecia descolado, sincero, espirituoso e inteligente.

Mas na verdade, é claro, fui apenas confusa.

“Fiquei confuso com a sua mensagem”, escreveu Tom. “Se você não gosta muito de mim, então por que quer continuar a me ver? Não gosto muito de não ser muito gostado!”

Está certo, talvez eu não tivesse aparentado ser a mulher aventureira e pronta para o que desse e viesse que pretendia. Talvez tivesse soado como uma louca, amarga e assustadora.

Sou capaz de consertar isso, pensei, esfregando as mãos. Mas não sabia bem o que eu queria reparar. O caso sem compromisso em potencial? Ou a amizade em potencial?

Comecei a digitar. Expliquei que, embora me sentisse atraída por ele, não poderia me permitir gostar dele. Precisava permanecer fria, para evitar ser magoada. Com certeza, ele compreenderia.

“Eu gostaria de ver como seria essa experiência”, escrevi, concluindo. “A questão é, e você?”

Reli o e-mail: era um texto honesto, vulnerável e realista, sem qualquer erro de ortografia aparente. Apertei “Enviar”.

Daquela vez, demorei apenas duas horas para entender que tinha escrito outra mensagem maluca. Eu não era uma exploradora audaciosa no mar do amor. Era a mesma garota tímida que sempre tinha sido, só me esforçando um pouco mais dessa vez para evitar um coração partido.

Tom nunca me respondeu.

Meu amigo Dwight me diz que a loucura é o resultado quando duas visões claras e opostas colidem. Ele se refere ao plano de Tom de ter um caso versus as minhas vinhetas orvalhadas de futuro. Dwight é casado. Pode ser objetivo. Ele diz que as minhas respostas malucas foram uma reação natural a uma proposta injusta.

Eu não sei. Talvez as minhas expectativas — para um relacionamento e para mim mesma — fossem tão pouco razoáveis quanto as de Tom. Baseada em um encontro e em um telefonema, eu visualizei um futuro de verões intermináveis: gramados verdes, cupcakes e Tom correndo ao lado de uma versão sorridente e feliz de mim. A única coisa menos real do que a presença de Tom no meu idílio

era a versão que vi de mim — atrevida, ainda que despreocupada — saltitando ao lado dele.

Mindy Hung mora na cidade de Nova York, onde escreve romances como Ruby Lang. Ela é autora, entre outros, dos romances da série Uptown. Esse relato apareceu em novembro de 2005.

NO HOSPITAL, UM INTERLÚDIO DE CLAREZA

BRIAN GITTIS

NUNCA É UM BOM MOMENTO PARA CAIRMOS DO SOFÁ EM cima de um copo de martíni, romper uma veia importante e começar a perder uma quantidade perigosa de sangue, mas se isso acontece no meio de um encontro promissor, o momento é especialmente ruim. Nada acaba mais rápido com a magia do desabrochar da atração entre duas pessoas do que sangue espirrando.

Demonstrei isso na primavera passada, no meu quarto encontro com uma brasileira tão linda que eu quase tinha medo dela. Depois do jantar, em um restaurante italiano aconchegante, voltamos andando para o apartamento para onde eu tinha acabado de me mudar, no Brooklyn. Aquela era a primeira vez que eu morava na cidade sem dividir apartamento com ninguém, e estava ansioso para aproveitar a privacidade recém-conquistada. E as coisas estavam indo bem. Há um certo romantismo envolvido em beber em copos elegantes, em uma sala sem mobília, cheia de caixas ainda por abrir. E com *In a Silent Way*, de Miles Davis, tocando.

Eu estava impressionado por ter chegado tão longe. Como meus amigos já estavam cansados de me ouvir dizer, não fazia o menor sentido que uma mulher com vinte e poucos anos, que falava quatro idiomas e tinha morado em três continentes, passasse seus sábados comigo, um rato de livros de trinta e um anos, vindo de Pittsburgh.

Cada saída era como se eu estivesse entrando de penetra em um clube exclusivo, e no fim da noite eu sempre tinha medo de ser descoberto e de me pedirem para sair. Sei que conhecer alguém incrível é o grande objetivo dos encontros, mas a verdade é que estar com alguém incrível pode ser tão estressante para mim que não consigo aproveitar.

Esse estresse é uma característica típica minha. Tomo ansiolíticos há cerca de dez anos, e quando saio com alguém passo o tempo todo me perguntando: “O que eu não devo falar? Estou parecendo nervoso? Ficar obsessivo por estar nervoso me faz parecer ainda mais nervoso?”

Não são questões comuns de se perguntar quando conhecemos pessoas novas, mas para mim podem ser paralisantes. Qualquer espaço que sobre no cérebro para aproveitar o encontro é lamentavelmente pequeno. Mesmo se a noite for boa, se tudo der certo, normalmente só consigo aproveitá-la mais tarde, a distância, como se tivesse acontecido com outra pessoa — é como ter um encontro na terceira pessoa do singular.

Até ali, meu sucesso com aquela mulher em particular tinha sido um exercício de ignorar a realidade da situação, o que aparentemente também me levava a ignorar a realidade do que me cercava de um modo geral. Quando ela se desvencilhou do nosso abraço no sofá para usar o banheiro, eu caí em cima do copo do drinque que tomamos depois do jantar e que ela tinha deixado no chão. Quando olhei para baixo, vi os meus tríceps expostos e mais sangue do que jamais tinha visto na vida. O corte tinha chegado perto do osso.

Aquela não era a primeira vez que um encontro terminava comigo dando entrada em um pronto-socorro. Eu parecia ter um dom para isso. A minha namorada da faculdade uma vez serviu um frango malcozido que me deu alucinações e uma febre de quarenta graus. Anos mais tarde, a minha tentativa de preparar o café da manhã para outra mulher terminou em queimaduras de segundo grau, depois de eu conseguir colocar fogo na toalha de papel. Mas a gravidade desse ferimento em particular, o péssimo momento em que aconteceu e o fato de eu estar nu inauguravam uma nova fase.

Na ambulância, os médicos da emergência cuidaram do meu braço, mas as perguntas deles ameaçaram acabar com a minha fachada de camarada aceitável para aquela jovem tão perfeita.

— Quantos anos você tem? — perguntou um deles, expondo subitamente nossa substancial diferença de idade, que era um tema que ainda não tínhamos abordado.

— Está tomando alguma medicação?

— Antidepressivos e tranquilizantes — respondi com relutância.

Então, para ela:

— Ele é seu namorado? Seu amigo?

Longa pausa.

— Namorado — deixou escapar ela, soando desconfortável. Então, um instante depois: — Amigo.

Embora eu estivesse dentro de uma ambulância, me encaminhando para uma cirurgia, aquilo doeu.

Para diversão da equipe do turno da madrugada do hospital, eu ainda estava seminu quando cheguei. A garota tinha conseguido vestir a calça em mim enquanto esperávamos a ambulância, mas, como eu não podia soltar meu braço naquele momento, a camisa ficou pela metade do caminho. Estar sendo levado para a cirurgia daquele jeito, ao lado de uma mulher usando um vestido sexy, praticamente gritava “lesão sexual”.

A hora seguinte foi um borrão caótico de radiografias, perguntas que eu precisava me esforçar para não entrar em pânico antes de responder (por que aquele formulário de isenção perguntava a minha preferência religiosa?), e de vários médicos reagindo ao meu ferimento com olhos arregalados e uma expressão de espanto desconcertante.

Quando eu perguntei:

— Não vou perder o braço, não é?

A resposta foi um perturbador:

— Acho que não.

Um cirurgião brusco, com um olhar impiedoso, me espetou enquanto murmurava sobre o meu caso com um bando de residentes. Eu não consegui ouvir tudo, mas “sete centímetros” e “arterial” saíram alto e claro.

A humilhação física foi o passo seguinte na agenda. Antes da operação, a garota que estava comigo conseguiu ver uma enfermeira tirar meu corpo molenga e iluminado pela lâmpada fluorescente de dentro do jeans ensanguentado e vesti-lo com uma camisola do hospital. Eu nos imaginei sentando para jantar, dali a uma semana, com aquela cena nada lisonjeira pairando entre nós, enquanto eu apontava o que queria do cardápio para o garçom com um gancho fazendo as vezes do meu braço.

Então estava na hora. Lembro que as luzes da sala de cirurgia eram muito claras, lembro de me dizerem que estavam prestes a me anestesiarem. E de repente: escuridão.

Acordei zozinho. Tanto o meu braço quanto a garota com quem eu estava saindo ainda estavam ali. A cirurgia tinha corrido bem, mas o protocolo exigia que eu ficasse na sala de emergência por mais seis horas. Deixe-me registrar brevemente que essa é uma terrível quantidade de tempo para uma mulher e eu sermos deixados sozinhos sem luz suave, nem álcool, nem um filme para assistir, ou aperitivos para beliscar, e sem saída de emergência em caso de constrangimento.

A ansiedade visita algumas pessoas em uma precipitação violenta, como uma tempestade elétrica. No meu caso, ela se insinua aos poucos, insidiosamente, como uma bruma se adensando. Quando a bruma se torna densa o bastante, ela provoca uma assustadora sensação de devaneio, que meu psiquiatra chama de “desrealização”, em que eu me sinto que me fecho e não consigo mais funcionar em uma situação social.

Aquele momento no hospital deveria ter sido um desses em que a bruma começa a se insinuar, mas por alguma razão ela permaneceu contida. Nunca vou saber se a minha calma foi psicológica (um coquetel de adrenalina, morfina e o mais profundo alívio), ou fisiológica: depois de seis horas ininterruptas de constrangimento e medo, eu estava simplesmente exausto demais.

Fosse qual fosse a razão, era bom. Meus pensamentos estavam claros e desimpedidos. A garota me olhava nos olhos com uma ternura descomplicada que fez a minha cabeça girar. Era como se eu tivesse saltado anos à frente, e as ansiedades e estratégias dos nossos encontros anteriores fossem apenas uma lembrança singular e distante. *Isso, pensei, é realmente estar com uma mulher.* Nenhum de nós tinha mudado, mas era um mundo diferente.

Aquelas seis horas passaram gloriosamente. Trocamos histórias de hospital e piadas intermináveis sobre copos de martini. Conversamos sobre livros e sobre as nossas famílias. Tivemos uma ideia de roteiro absurda, de um filme de terror passado em um hospital. Eu estava conversando e rindo e me conectando sem esforço com uma das mulheres mais lindas que já vi, uma mulher por quem eu estava me apaixonando de verdade.

Quando finalmente fui liberado, a corrida de táxi, no meio da manhã, para voltarmos ao meu bairro me deu a sensação de estar em um sonho luminoso. Comemos sanduíches de ovo no parque e voltamos ao ambiente familiar da minha sala manchada de sangue. Em meio à bruma de privação de sono e da

morfina residual, eu me sentia como um fantasma voltando à cena do meu próprio assassinato.

Estávamos ali, secando as pegadas no sangue com panos de chão, cercados por toalhas de papel manchadas e eu pensei: *ou você nunca mais vai ver essa mulher de novo, ou ela vai ficar na sua vida por um longo tempo.*

Nenhuma das duas coisas aconteceu. Eu gostaria de poder dizer que a minha história termina em uma epifania, com o fim da minha ansiedade e o começo de um relacionamento duradouro, mas a verdade é que ela me deixou cerca de um mês mais tarde. Não porque tivesse me achado repulsivo sob a luz fluorescente do hospital, mas por uma razão mais convencional: sentia falta do ex-namorado.

Às vezes, quando um cara gosta de verdade de uma garota, ele faz uma tatuagem no braço. Em vez disso, tenho essa cicatriz proeminente. Mas há momentos em que passo a mão pela marca funda (um tique nervoso) e aquelas seis lindas horas na sala de emergência voltam à minha mente. Então, sou lembrado de como estou perto de um mundo alternativo, no qual sou feliz, um mundo que ocupa o mesmo espaço desse, mas que é distinto dele de algum modo. E por mais que esse mundo melhor possa ser difícil de encontrar, está tão perto de mim quanto o ar diante do meu rosto.

Brian Gittis trabalha com edição de livros e mora em Nova Jersey com a esposa e o filho. Esse relato foi publicado em outubro de 2014.

OS CINCO ESTÁGIOS DO LUTO POR SER IGNORADA

RACHEL FIELDS

AS 6:30 DA MANHÃ, EU ESTAVA SECANDO MEU CABELO, ME preparando para o trabalho e aceitando a morte do meu relacionamento de duas semanas. O último prego no caixão foi que às dez da noite da véspera, eu tinha mandado uma mensagem para ele com alguma coisa vagamente sexual, e ele não me respondeu.

A manhã se tornara uma rápida mas emocionalmente turbulenta jornada pelos cinco estágios do luto.

Primeiro: negação. Era totalmente possível que ele não tivesse visto a mensagem. Talvez estivesse dormindo profundamente. Ou o telefone poderia ter caído dentro do vaso sanitário. Ele poderia estar morto! Qualquer uma dessas opções era confortadora.

Ele não era mesmo muito chegado a mensagens de texto, por isso a ausência de resposta não refletia necessariamente a estranheza do meu texto. Provavelmente era normal para quem não era um grande usuário de mensagens de texto ver uma mensagem e não responder. Essas pessoas viam a mensagem, achavam legal (ou não), mas não achavam necessário responder. Absolutamente normal.

Além do mais, a mensagem era mesmo assim tão esquisita? Se você saísse com um cara e fosse ligeiramente ousada enquanto se agarrava com ele em um banco, em uma área isolada de um parque público, não pareceria natural mandar uma mensagem de conteúdo vagamente sexual alguns dias depois?

Abri minhas mensagens para lembrar exatamente o que eu tinha mandado. Lá estava, às 22:02: “Não consigo parar de pensar no que agora me refiro como ‘o tempo no banco’.”

Certo, era um pouco confuso. Depois do terceiro copo de vinho, eu tinha

achado que estava sendo recatada, mas o resultado saiu um pouco incompreensível. Não ficava claro nem se eu tinha gostado da experiência. Seria possível que ele achasse que eu fiquei traumatizada? Será que pensou que eu o estava acusando de alguma coisa?

Não, que absurdo. Ele provavelmente tinha visto minha mensagem, sorrindo, se sentindo tão excitado sexualmente quanto é possível com uma mensagem tão vagamente sexual como a minha, então foi dormir e sonhou comigo.

Mas, ao mesmo tempo, não é um pouco rude receber uma mensagem de uma mulher com quem você está saindo há duas semanas e nem sequer acusar recebimento? Seria assim tão difícil responder com um emoji sorrindo ruborizado, ou com quatro palavras que fosse? Ele nem precisava retribuir a insinuação sexual (embora isso tivesse sido bom). Poderia ter dito só “legal”.

(Risque isso. “Legal” teria sido muito pior. Se ele tivesse respondido com um “Legal”, eu teria me jogado no mar.)

Não me importava se ele não costumava mandar mensagens — e o que isso significava nos dias de hoje? Se você é um profissional urbano de vinte e poucos anos que não manda mensagens de texto, é praticamente impossível ser seu amigo. Para uma amizade existir em 2015, as pessoas precisam saber que podem mandar uma mensagem dizendo “nossa, adoro ostrrrras” às 14:15 e que vão receber uma resposta às 14:30.

É claro que teria muito pouco em jogo se ele não respondesse a uma mensagem de “nossa, adoro ostrrrras” em uma sexta-feira à tarde. Mas aquela foi a minha primeira mensagem insinuante depois do nosso primeiro encontro mais físico. Ao não responder, ele estava basicamente gritando para o universo: “Você é excessivamente sexual, atirada demais, e não me atrai em nada.”

Mas, sinceramente, se ele se ofendeu, eu não ia mais querer sair com ele. Não dá para se envolver em uma sessão de amassos no nível blusa aberta e ficar ofendido quando a mulher manda uma mensagem vagamente (vagamente!) sensual para você na sequência.

Talvez se eu não olhasse para o celular pelos próximos cinco minutos, ele respondesse. Sim, era isso que eu tinha que fazer. Ia secar os cabelos como uma mulher despojada, confiante e independente. Ia pensar em trabalho e nos meus amigos, e se devia marcar um horário... é sério que ele ainda não respondeu?

Pousei o celular com a tela para baixo e tirei o som. Agora não ia poder ver se

ele respondeu e podia começar a viver minha vida. Era solteira, empoderada e pronta para o que desse e viesse.

Não que aquilo fosse funcionar. Se o celular estava para baixo e sem som, eu não saberia se ele tinha respondido. A melhor solução era manter o aparelho virado para cima, com o som desligado, assim eu poderia ver a tela acendendo se ele mandasse uma mensagem — mas não seria incomodada pelo toque. Aliás, era um toque irritante, e eu estava secando o cabelo, por isso não ouviria de qualquer modo.

Dois minutos mais tarde, ainda nada de resposta.

Comecei a pensar na minha vida, e em como ela devia parecer para quem olhasse de fora. Duas noites antes, ele e eu tínhamos ficado contemplando uma flor conhecida como “flor-cadáver”, no Jardim Botânico de Chicago. A flor deveria ter desabrochado naquela noite, mas isso não acontecera.

— Essa planta parece falsa — tinha dito ele. — Parece uma planta de um filme dos anos 1930 sobre florestas pré-históricas. Como podemos saber se essa coisa é real?

— Talvez seja só uma artimanha para atrair visitantes, e a planta na verdade seja de plástico. Ninguém iria saber.

A sala onde se encontrava a flor estava silenciosa. Já estava quase anoitecendo e uma tempestade forte afastara as multidões que iam ali à noite. A felicidade me invadiu, a alegria tranquila de ficar parada no escuro, diante de uma planta de um metro e oitenta de altura, conversando em sussurros desnecessários.

— E se ela desabrochar agora mesmo? — falei. — E se ela desabrochar e nós formos os únicos a ver?

A ideia me fez estremecer. Enquanto a chuva castigava as paredes do lado de fora, tudo o que eu mais queria era que a flor-cadáver desabrochasse só para nós.

Um segurança na porta interrompeu a minha fantasia. Ele espiou dentro da sala e nos olhou de cara de feia.

— Hora de fechar — bradou. — Vocês iam acabar ficando trancados aqui a noite toda.

— Desculpe, senhor — falei, e nós o seguimos, abafando nossas risadas.

Sim, achei que tudo tinha corrido bem. Nós nos separamos na plataforma do trem, e eu estava certa de que sairíamos de novo. Sim, ainda era cedo para eu me

sentir tão confiante, mas na bruma feliz das nossas quatro horas juntos, eu nos visualizei dali a meses, andando de mãos dadas por uma rua de Chicago. Achei que ele tinha realmente gostado de mim.

Mas quando olhei ao redor do meu apartamento — a toalha ainda em cima da cama, a luminária do Walmart dos tempos da faculdade no canto — comecei a reconsiderar. Sou complicada, preguiçosa e seletivamente gentil. Outras mulheres têm lençóis brancos que são realmente limpos e potinhos com pedras decorativas dentro. Outras mulheres cultivam orquídeas. Outras mulheres fazem ioga.

Disse a mim mesma que aquilo não era verdade, que todos temos defeitos, mas duvidava que os defeitos das outras mulheres fossem ruins como os meus.

No passado, quando eu perguntava às minhas amigas sobre os defeitos delas, elas mencionavam coisas que não contavam: que ficavam frustradas às vezes, ou que trabalhavam demais. Essas conversas inevitavelmente acabavam comigo dizendo: “Não é tão ruim assim”, e indo embora correndo.

Elas não diziam o que eu queria ouvir. Que, no fundo, não tinham certeza se eram dignas de serem gostadas. Que eram tão irresponsáveis que não conseguiam se imaginar sendo mães. Não diziam que ansiavam por atenção, mas que tinham problemas em dar atenção aos outros. Não diziam como eram capazes de ser cruéis.

Esses com certeza tinham sido os defeitos que ele vira em mim.

Passei a secar o outro lado da minha cabeça e respirei fundo algumas vezes. E se ele tivesse visto meus defeitos e não tivesse respondido a mensagem por causa deles? E se ele tivesse visto quem eu era e não tivesse gostado de mim? Tentei ir além da minha resposta imediata (*Se ele não gosta de mim, ninguém gosta de mim e não sou digna de ser gostada*) e realmente pensar a respeito.

Se ele não respondeu a minha mensagem porque não gostou de mim, isso era assim tão ruim? Relacionamentos não deveriam ser uma enganação, não deveríamos apresentar uma versão esterilizada de nós mesmos, para só revelar quem somos de verdade mais tarde.

E se ele não tivesse gostado de mim, por que eu iria querer ficar com ele? Eu queria um relacionamento com alguém que me achasse maravilhosa. Complicada, talvez. Com a tendência a deixar toalhas em cima da cama, sim. Ruim com dinheiro, com certeza. Mas maravilhosa.

Talvez ele tivesse uma sementinha de dúvida e tivesse percebido logo o que muitas pessoas levavam anos para se dar conta: que essa sementinha de dúvida pode espalhar tentáculos pelo seu corpo até que eles acabem estrangulando seu coração. Então, cinco anos mais tarde, vocês vão estar jantando juntos e tudo em que você vai conseguir pensar vai ser: “Isso não está certo.” Mas aí já vai ser tarde demais.

Era melhor se dar conta logo e bater em retirada graciosamente. Melhor poupar nós dois de anos de indecisão, ressentimento e desespero.

Talvez, ao não responder a mensagem, ele tivesse me dado de presente o resto da minha vida.

Pousei o secador e chequei a hora: 7:15. Do lado de fora, a brisa levantava as folhas nas árvores e o trânsito começava a ficar mais cheio.

Havia vida demais para ser vivida e nenhum tempo a perder com pessoas que não combinassem perfeitamente com você.

Então ele respondeu.

Rachel Fields é escritora e profissional de marketing em Madison, no Wisconsin. Esse relato foi publicado em novembro de 2015.

A INFELICIDADE TAMBÉM ADORA FRANGO FRITO

MARK McDEVITT

NATE ERA O CARA QUE ME AJUDAVA A DECIDIR SE EU IA terminar um relacionamento ou não. Nos conhecemos no pub irlandês Scruffy Murphy — fomos apresentados por um amigo em comum, que achou que íamos gostar um do outro. Com o corte de cabelo bem curto e as feições vivas, ele parecia transplantado de outra geração. Seria fácil imaginá-lo como um ator de um filme de guerra dos anos 1950, gritando falas como: “Ei, sargento! Venha cá. Ele caiu em um buraco!” ou “Atiraram em mim, mãe! Estou sangrando!”

Sáímos juntos naquela noite de verão para apoiar uma banda local que era uma das nossas favoritas. Mas quando nosso amigo em comum foi da Flórida para Boston, e Nate começou a sair com uma mulher, nossa amizade incipiente estacou.

Nessa época, eu também estava em um relacionamento. Ela e eu estávamos juntos há mais de dois anos e tínhamos começado até a falar em casamento, o que ao mesmo tempo nos empolgou e nos apavorou. Nós dois já nos aproximávamos dos trinta anos, por isso parecia lógico que esse fosse o próximo passo. Então, tudo terminou de repente, me deixando perplexo e furioso.

Foi durante esse período que esbarrei novamente em Nate. A princípio, não o reconheci. No ano que se passara desde que o vira pela última vez, Nate ganhara uns bons dez quilos e deixara crescer uma barba cheia. As feições antes tão expressivas e as piadinhas animadas tinham desaparecido. Algo no olhar vazio e na aparência traumatizada me disse que o relacionamento dele também não andara bem. Não foi surpresa alguma, então, que o lugar onde nos esbarramos tenha sido a seção de livros de autoajuda da livraria Barnes & Noble.

Daquela vez, nossa identificação um com o outro foi instantânea e absoluta, do tipo que sobreviventes de um naufrágio compartilham em um bote salva-

vidas amarelo. Por mais que eu mesmo não fosse um modelo de saúde mental, ao menos já tinha tido alguns meses a mais que Nate para lidar com a situação. Para ele, apenas poucas semanas depois do rompimento, o mundo ainda era um campo minado de lembranças dolorosas por associação: um súbito aroma de jasmim ou um jingle inocente no rádio eram capazes de provocar surtos de risadas dementes ou um choro incontrollável.

Nos meses seguintes, nossa amizade floresceu. Receitas favoritas de chilli foram trocadas, junto com discos de Patsy Cline. Emprestávamos um para o outro nossos livros de autoajuda aos quais nos referíamos com títulos como *Homens são de Marte, Mulheres são para os pássaros* e *Coabitar nunca mais*. Dei a Nate a edição completa de colecionador de *Os Três Patetas*. Ele me deu um cacto.

— Esses cretinhos afiados são *hombres* durões — explicou ele. — Exatamente como eu e você. Podemos estar no deserto nesse momento, mas estou aqui para lhe dizer que vamos superar isso.

Com o tempo, nossa raiva e nosso desespero se transformaram em confusão. O que havia acontecido, afinal? Onde tínhamos errado?

Como uma equipe brilhante de investigadores da Administração Geral de Aviação, vasculhamos os locais de acidente dos nossos respectivos desastres, em busca de pistas. Mas a causa da explosão em pleno ar de Nate permaneceu tão misteriosa para nós quanto as forças que tinham feito meu próprio relacionamento aterrissar de barriga em Everglades, como um jumbo com as asas arrancadas.

Nossa busca sem sucesso por respostas só serviu para aprofundar nossa depressão, mas a grande vantagem da depressão é que ela não vem em tamanho único, mas sim feita sob medida para se ajustar à personalidade de cada um. Para mim, veio na forma de insônia, de prioridades distorcidas e de perda de interesse.

Comida, trabalho, correspondência, até *Os Três Patetas*: tudo perdeu a graça. A imagem mais ampla se apaga quando os detalhes menores assumem proporções dramáticas. Os CDs subitamente pedem para ser rearrumados, da ordem alfabética para a ordem cronológica reversa e de novo para a alfabética. Eu simplesmente não tenho escolha.

O único consolo de verdade que encontro é na música pop. Leonard Cohen,

Elvis Costello, The Smiths: um ciclo sem-fim de infelicidade e tristeza garantindo grãos para o nosso moinho de autopiedade. A música pop tem a incrível habilidade de fazer a pessoa se sentir deprimida e esperançosa ao mesmo tempo: deprimida por se identificar com o sentimento, e esperançosa porque alguém se sente mais infeliz do que ela.

Para mim esse alguém era Nate. A única animação do meu dia era ver meu companheiro do pé na bunda e me sentir ligeiramente melhor por ele estar ainda mais deprimido do que eu. Nate aparecia na minha porta trazendo um balde tamanho família de asinhas de frango. Se eu tinha perdido todo o interesse por comida, Nate fora na direção oposta: ele engolia qualquer coisa que não estivesse amassada no chão. Mesmo assim, não conseguia entender por que estava engordando.

— Não entendo — dizia, enquanto dava conta do terceiro cheeseburger. — Quer dizer, de onde vem tanto peso? É como se eu tivesse feito trinta anos e *bum!* Virei uma abóbora.

Sugeri um pouco de exercício. Havia quadras de tênis perto do apartamento dele, assim, pegamos o hábito de jogar uma ou duas vezes por semana. Nenhum de nós dois jogava bem, mas o suor e os grunhidos acabaram se mostrando terapêuticos.

Quando o velho problema que eu tinha no ombro piorou, nossas partidas de tênis chegaram ao fim. Depois de duas semanas sem ter notícia de Nate, presumi que ele tivesse encontrado outro parceiro para jogar tênis, ou que estivesse ocupado no trabalho. Mas quando meus telefonemas e e-mails não foram respondidos, resolvi ir até o apartamento dele para checar como estavam as coisas. O carro de Nate estava à vista, mas as persianas do apartamento estavam fechadas. Depois de passar uns bons quinze minutos batendo à porta, Nate finalmente enfiou a cabeça para fora da porta, como um mastodonte gigante sendo acordado de um sono de mil anos. Algo no olhar vidrado dele e no tom verde-alaranjado da pele me disse que ele tomara o pior rumo.

Quando entrei no covil escuro que era o apartamento, entendi que Nate não tinha encontrado outro parceiro de tênis. Em vez disso, ele havia adentrado o território de Joseph Conrad — havia subido o rio e entrado no “coração das trevas”.

Sem ar-condicionado, o apartamento estava uns bons dez graus mais quente

do que os trinta graus do lado de fora. O sussurro fétido de suor, roupas sujas e comida podre pairava no ar, pesado. A carcaça de um frango jazia no chão da cozinha, limpa até o osso, como se tivesse sido atacada por uma piranha.

Quando fui abrir a janela, reparei que havia legumes descascados por todo o chão. Nate apareceu momentos depois, vindo da cozinha, raspando mecanicamente a casca de uma cenoura. Quando terminou, ele comeu a cenoura e começou a descascar outra.

— Qual é o lance com as cenouras? — perguntei.

— Ah, nada. Eu só parei de fumar.

— E passou a comer cenouras.

— Me dá o que fazer com as mãos.

Enchi três sacos de lixo com ossos de frango e caixas de pizza e levei para a caçamba de lixo.

Bem no meio da sala, na frente da televisão, estava um banco de supino e um halter gigante. Revistas e folhetos em cores brilhantes, plastificados, sobre como se tornar um agente imobiliário milionário em dez passos simples se espalhavam pelo chão. Aos poucos, começou a emergir a imagem de um homem que não dormia nem tomava banho havia dias, que passava o tempo levantando pesos, assistindo a canais de venda na televisão, e comendo frango frito.

Alarmado, e ansioso para sair dali, sugeri que fôssemos ao cinema. Ele topou e, depois de parar para comprar dois sacos de cenoura, entramos no cinema.

O filme do verão era *Náufrago*, estrelando Tom Hanks como Chuck Noland, um camarada esperto que acaba chegando a uma ilha deserta depois que o avião em que estava afunda no Pacífico. Conforme suas esperanças de ser resgatado vão desaparecendo, ele começa a longa batalha pela sobrevivência e, mais importante, pela sanidade. Algo na história de Chuck pareceu falar diretamente com Nate e comigo.

Por mais que eu não ache que *Náufrago* tivesse a intenção de ser uma comédia, nós nunca rimos tanto na vida. Foi como nos assistir na tela grande. As pessoas ao redor nos lançavam olhares irritados de desaprovação, enquanto ríamos em todos os momentos errados. Gargalhamos quando Chuck arrancou um dente com um patins de gelo. Enquanto o resto da audiência fungava quando ele foi escolher a árvore em que se enforcaria, nós tivemos que segurar a lateral do corpo, que doía de tanto rirmos.

Desesperadamente isolado e solitário, Chuck desenvolve um relacionamento com uma bola de vôlei, dá uma cara a ela, e até um nome: Wilson. É Wilson, mais do que qualquer coisa, que o ajuda a preservar a sanidade, o que permite que Chuck faça uma última tentativa desesperada de escapar da prisão naquela ilha.

Fiquei pensando no estranho conjunto de circunstâncias e coincidências que tinham aproximado Nate e eu. Disse a mim mesmo que ele tinha sorte por ter a mim como amigo. E por mais que ficar de olho nele tenha permitido que eu me sentisse caridoso e magnânimo, eu sabia que meu impulso de fazer isso era tudo menos altruísta.

Na verdade, Nate era o parâmetro pelo qual eu media o meu próprio progresso, e me ajudava a me sentir bem comigo mesmo e a preservar a minha própria sanidade. Eu me dei conta de que Nate tinha se tornado o meu Wilson. Aquela pessoa com sobrepeso, ligeiramente estragada ao meu lado, mascando cenouras, era o meu bote salva-vidas.

Quando o filme terminou, saímos junto com a multidão de casais que povoava o sábado à noite — garotos bonitos e garotas cheias de energia, usando short e camiseta. Eles andavam do lado de fora do cinema, rindo e sorrindo, abençoadamente inconscientes dos perigos com que flertavam.

Será que ainda estariam felizes e sorrindo dali a um ano, sabendo como nós sabíamos que amar é se arriscar a uma grande infelicidade? Para eles, o filme já havia acabado, fora esquecido junto com os enormes baldes de pipoca deixados embaixo dos assentos. Em nós, o filme continuava agarrado, como um estado demorado de sonho. O filme nos seguiu até o estacionamento e além.

Depois de comprarmos sorvete, Nate eu nos sentamos do lado de fora para admirar o céu claro daquela noite, ambos felizes por terem companhia, mas desejando secretamente estar em outro lugar, com outra pessoa. Eu não conseguia nem reconhecer quanto aquele momento era glorioso.

Seis meses mais tarde, finalmente consegui escapar da minha própria ilha deserta e me mudei para Nova York. E embora tenha perdido contato com Nate desde então, penso nele com frequência. E, nesses momentos, não é do sofrimento pelo rompimento terrível do meu relacionamento que eu me lembro, mas das risadas e da amizade que se seguiu.

Não acredita em mim? Basta perguntar a Chuck Noland. Tenho certeza que

ele sentia da mesma forma em relação a Wilson.

Mark McDevitt é escritor e roteirista. Mora com a família em Nova Jersey. Esse relato foi publicado em junho de 2005.

ORA, ELE PARECIA UM PAI. ERA SÓ UM JANTAR, CERTO?

ABBY SHER

HAVIA UM PROFESSOR CHAMADO ANDREW QUE ESTUDAVA inteligência artificial. Ele era muito bonito, de um jeito bem professoral. Usava suéteres cinza de gola alta e cheirava a pós-barba mentolada e a livros velhos. Tinha cinquenta e cinco anos e se divorciara recentemente pela segunda vez. Ele era meu pai.

Ele não era meu pai de verdade. Meu pai morreu quando eu tinha onze anos. Mas Andrew era bonito como meu pai. Assobiava como meu pai. Tinha costeletas com alguns toques grisalhos, como meu pai. E era a única pessoa além do meu pai que me chamava pelo meu nome todo, Abigail. Que significa alegria de pai. As pessoas costumam me chamar só de Abby.

A primeira vez que vi Andrew foi em uma reunião de equipe. Nem sei bem por que estava naquela reunião. Eu trabalhava para o laboratório de pesquisa da universidade como “especialista de conteúdo”. Meu trabalho era, na maior parte do tempo, copiar documentos sobre estudos a respeito da atividade do cérebro. Nos meus dias mais ocupados, eu organizava e grampeava.

Durante a reunião, vi Andrew se recostar na cadeira. Os olhos dele eram de um cinza escuro, como o suéter. Ele estava mordendo o lábio inferior e escutando com atenção. Parecia um menino e um homem adulto ao mesmo tempo. Andrew levantou os olhos e me pegou encarando-o. E sorriu.

No dia seguinte, eu o vi perto da copiadora. Ele estava voltando para a sala que ocupava. A porta estava aberta e ouvi música clássica tocando baixinho lá dentro, porque ele era professor. A luz que escapava pela porta era aconchegante e ouvi a voz de Andrew acompanhando baixinho o som do violino. Queria uma razão para entrar, para ver a mesa, os livros dele. Talvez ele tivesse um vaso de planta? Fotos do passado emolduradas.

Mais tarde naquela semana, eu o vi na cafeteria que ficava no subsolo do prédio do nosso escritório. Estava com uma xícara de café grande nas mãos grandes. Eu disse oi.

Ele respondeu:

— Abigail, certo?

— Isso.

Ficamos só nos encarando. Ele pareceu prestes a se afastar, então falei: — Ah, uau! Você gosta de café? Eu também gosto.

Ele riu. Tinha uma risada baixa. Os dentes com uma aparência forte.

Não demorou muito e eu usava o tempo todo aquela copiadora perto da sala de Andrew. Na maior parte das vezes, eu não tinha nada para copiar, por isso tirava cópias da minha carteira de motorista, e então cópia da cópia. Quando chegava na quinta cópia, meu rosto na foto do documento estava reduzido a dois olhos espiando por uma nevasca.

Um dia, enquanto eu estava parada perto da porta dele, copiando a minha mão, Andrew saiu da sala e parou ao meu lado.

— Gosta de pato? — perguntou.

— Hummm, pato. Quem não gosta de pato?

— Então, gostaria de jantar comigo um dia desses?

Combinamos para a terça-feira seguinte.

Na terça-feira à tarde, entrei na sala de Andrew quando ele não estava e anotei o meu endereço em um pedaço de papel. Deixei perto da agenda dele. Bilhetes são fofinhos quando você ainda usa aparelho nos dentes e acabou de descobrir o brilho labial e os rapazes. Mas é bem diferente quando estamos deixando o bilhete em cima de uma mesa de mogno, perto de um cinzeiro e de um peso de papel de vidro. Dobrei bem o bilhete e escrevi “Andrew” na frente. Então, me certifiquei de que o corredor estava vazio antes de sair da sala dele.

Eu estava morando com a minha melhor amiga, Tami. Morávamos em cima de uma lanchonete que ficava aberta a noite toda e tínhamos planos de escrever juntas o roteiro de um filme. Supostamente deveríamos contar tudo uma à outra. É o que as melhores amigas fazem. Mas eu não queria contar a Tami sobre Andrew. Achei que havia alguma coisa feia naquilo.

Eu tinha comentado vagamente com ela sobre uma conversa interessante com um professor mais velho no trabalho que estudava robôs. Tami disse que ele

parecia legal. Então contei a ela que eu talvez saísse para jantar com ele em algum momento. Tami disse que parecia meio sinistro. Então, quando voltei para casa do trabalho na terça-feira, tentei me trocar e sair antes que ela chegasse em casa.

Vesti minha calça azul de tecido aveludado e escolhi um suéter cor de casca de ovo que ficava solto no corpo. Meu pai não chegou a ver meu corpo desenvolvido. No verão em que ele morreu, eu ainda estava confusa e constrangida por causa dos recentes tufo de pelos e do cheiro forte nas minhas axilas. Agora, fiquei olhando para o meu reflexo no espelho. A coisa toda não fazia muito mais sentido para mim aos vinte e um anos.

A porta foi aberta quando eu estava aplicando sombra nos olhos.

— Consegui trazer todos os doces que sobraram — anunciou Tami. Ela trabalhava em um café. Provavelmente seria aquele o cenário do nosso filme, por isso pensávamos no trabalho dela como um lugar de pesquisa. Tami olhou para mim. — O que está fazendo, Abby?

— Eu lhe disse. Vou jantar com aquele cara, o professor.

— Você disse que *talvez* saísse com ele *em algum momento*. Não disse que *ia* sair.

— Não é nada demais.

— É um encontro.

— Não é, não.

— Então por que você está usando sombra nos olhos?

— Estou começando um novo hábito.

— É um encontro, Abby.

— Não é um encontro. Hoje é noite de terça-feira.

A voz dela agora saiu mais alta e mais aguda: — Ele é trinta anos mais velho do que você. Poderia ser seu pai.

Respondi em um tom ainda mais alto.

— Para com isso! A gente só vai sair para comer pato.

Andrew me pegou no Saab azul-marinho dele. Tinha assentos de couro que ficavam aquecidos no inverno. Ele perguntou se eu estava aquecida e respondi que sim. Ele desviou de todos os buracos e fez uma série de curvas, apenas com a palma de uma das mãos apoiada no volante. Paramos em um semáforo. Ele se virou e olhou para mim. Fingi espirrar para evitar o contato visual.

— Você está sensacional — comentou Andrew, a voz acima da música clássica que tocava. Ele deu uma palmadinha no meu joelho. Não importava que fosse terça-feira à noite. Aquilo era um encontro.

Chegamos ao prédio de Andrew e entramos no elevador. Havia espelhos por todos os lados, e acabei abaixando os olhos para meus pés. Andrew morava no décimo quarto andar, em um apartamento lindo, com tulipas em vasos altos e transparentes, e as luzes da cidade piscando do outro lado das janelas. Tudo estava ligado, mas as luzes eram baixas, a música dos violinos também era baixa e havia ainda o som do pato chiando no forno. As tulipas cuidavam da própria vida, enquanto Andrew e eu nos conhecíamos melhor.

Eu me sentei em cima de uma das bancadas de mármore, como aquelas garotas bonitinhas dos seriados. Andrew me entregou um biscoito salgado com queijo brie. Ele levou o biscoito aos meus lábios e se inclinou tão próximo que preendi a respiração. Não queria que ele chegasse tão perto, então eu mesma enfiei o biscoito na boca e disse: — Hummm. Então, o que vamos comer além do pato? — Migalhas do biscoito escaparam da minha boca.

Andrew riu.

— Você vai ver.

Ele me deu um beijo rápido no pescoço, e voltou a mexer alguma coisa em uma panela.

Pegamos copos finos com vinho branco gelado e continuei sentada em cima da bancada enquanto Andrew cozinhava. Fiquei observando a nuca dele, no ponto onde os cabelos escuros davam lugar à pele rosada. Ele se virou e me deu o molho de mel com laranja para provar. Seus olhos estavam fixos na minha boca quando meus lábios cobriram a colher, e nesse momento eu soube que estávamos ali por motivos completamente diferentes. Jurei para mim mesma que iria jantar, então pediria para Andrew me levar de volta para casa.

Comemos o pato com brócolis no vapor e um risoto cremoso que desmanchava na minha língua. Conversamos sobre inteligência artificial e sobre o papel do padrão de reconhecimento na educação básica. Quando eu me levantei para tirar a mesa, o chão vacilou sob meus pés. Eu me concentrei em andar com muito cuidado até a pia e comecei a lavar os pratos. Aquela sempre foi uma tarefa minha em casa. Mas Andrew fechou a torneira e me perguntou se eu queria sobremesa.

Ele tinha uma máquina de espresso e disse que queria se exhibir. Falei que tomaria um cappuccino e pedi licença para ir ao banheiro.

Olhei para a garota no espelho e disse: — Calma. Eu vou pra casa.

Então, ouvi Andrew chamar:

— Vem cá! Quero que escute esse CD.

Ele não estava fazendo café nenhum. Estava no quarto, deitado na cama. Tinha tirado os sapatos e usava meias de velho, estampadas com minúsculos tacos de golfe. Andrew estava olhando para o teto e ouvindo alguma coisa muito triste no aparelho de som. Parecia um violoncelo chorando.

— Schumann escreveu essa peça para a esposa, antes de enlouquecer — contou. Então, estendeu a mão.

Fiquei parada na porta.

— Preciso ir para casa, agora.

— Mesmo?

— Sim.

— Prometo que vou levar você para casa — disse ele. — Escute só essa peça.

Ele esperou que eu pegasse a mão dele. Eu peguei.

Deitei na cama ao lado dele, que passou o braço ao meu redor. Ficamos meio de conchinha. Andrew tinha um edredom cinza. Ele era acolhedor como um edredom cinza. Era o meu pai. E ficamos ouvindo a peça musical que Schumann tinha escrito para a esposa. A coisa toda. Amei estar congelada naquele momento, com o hálito de Andrew roçando a minha orelha, ainda doce do vinho, da laranja e do mel. Fiquei olhando para a janela dele, para as luzes da ACM do centro da cidade e tentei ouvir apenas aquele gemido do violoncelo, ver só a luz e a escuridão do céu noturno.

Quando a música parou, Andrew sussurrou contra os meus cabelos: — O que você quer fazer agora?

Eu queria que ele me abraçasse e que contasse todos os rostos na lua. Ou que me contasse a história de quando eu aprendi a usar hashis quando comemos sopa de noodles no Rockefeller Center. Fechei os olhos e o imaginei sentado em sua poltrona marrom confortável, a barriga quase encostando nos joelhos. Ouvi o *bum-squidada-bum-squidada* de sua banda de jazz de um homem só.

Mas aquele momento já tinha acontecido, dez anos antes. E Andrew não tinha a barriga do meu pai e não cheirava a cebolas de coquetel e antiácido. Eu não era

a garotinha dele e aquela não era a minha casa.

Eu tinha vinte e um anos. Não era uma garotinha de jeito nenhum.

Então, falei:

— Por favor, me leve pra casa, agora.

Senti Andrew suspirar, rolar para o lado e pousar os pés no chão.

— Tudo bem — disse ele.

Andrew se levantou e desligou o som. Não havia mais nada a dizer.

E assim ele me levou para casa.

Abby Sher é escritora e artista performática e mora com a família em Maplewood, em Nova Jersey. Seu livro seguinte, Miss You Love You Hate You Bye, foi lançado em fevereiro de 2020. Esse relato foi publicado em janeiro de 2006.

NÃO? NÃO? NÃO? DEIXE-ME LER NAS ENTRELINHAS

STEVE FRIEDMAN

E LA ME DISPENSOU. O IMPORTANTE NÃO SÃO OS DETALHES, mas o lugar do pronome, ela antes de mim. Mas não há vilão nessa história. Meu terapeuta sugere que eu repita esse mantra para mim mesmo. É o que eu faço, então. *NÃO HÁ VILÃO NESSA HISTÓRIA.*

Não há uma vilã de olhos verdes, cintura de vespa, seios macios, rainha-zombeteira-dos-malditos, que me dispensou tão rapidamente e com uma beleza tão imperiosa e frígida que tive dores no peito, a respiração ficou difícil, o que me levou a uma coisa chamada teste de estresse Cardiolite, que acabei de descobrir que a minha seguradora não cobre e que me deixou não apenas infeliz, solitário e ocasionalmente propenso a ter crises de choro em banheiros públicos, como também com uma dívida de seis mil dólares. Mas não se pode culpar ninguém nessa história. Meu terapeuta sugere que eu repita essa frase também. *Não se pode culpar ninguém nessa história.*

Ela teve suas razões? Eu poderia ter sido um namorado melhor? Vale mencionar que eu tinha quarenta e oito anos quando nos conhecemos e nunca tinha me casado. Que tinha passado boa parte das três últimas décadas me desvencilhando de namoradas que hoje estavam casadas e felizes, como um *tailback* do futebol americano driblando os enormes *linebackers*. E que tinha me olhado recentemente no espelho e visto, me encarando de volta, a calvície e a tolice chocante do meu padrão de fuga de romances. Nenhum bem pode vir de encarar verdades como essas.

Portanto, vamos presumir que ela tenha tido suas razões. O importante não é o que ela fez, ou por quê. O importante é como eu lidei com isso. De acordo com autoridades que vão do Dalai Lama aos editores da revista *Cosmo Girl*, derrotas pessoais e rejeições românticas nos oferecem todas as oportunidades para nos

comportarmos com elegância, coragem e amor-próprio. Também oferecem a oportunidade de fazer o que eu fiz.

Primeiro, um dia depois de ela me dispensar, eu lhe mandei um e-mail. Uma mensagem afetuosa, elegante e nada desesperada que tinha cerca de duzentas palavras e que demorei três horas para escrever.

“Eu me lembro de como as coisas eram maravilhosas e doces quando estava com você”, escrevi.

Achei que aquilo era bom. Determinado, mas sensível.

“De rirmos e nos beijarmos na quadra de tênis, de boiarmos no mar em direção aos braços um do outro. Eu me sentia tão sortudo, tão grato. Só queria que você soubesse disso.”

Nada mal. Triste, mas não grudento.

“E queria reconhecer as coisas tóxicas que levei para o relacionamento. E dizer quanto você significou/significa para mim, e também reconhecer o enorme esforço, a bondade e o amor que você dedicou a mim e ao nosso relacionamento.”

Eu queria tanto ela de volta que isso me dava dor de estômago. Mas me lembrei com alguma preocupação das vezes em que ela havia me acusado de me lamuriar. Demorei vinte minutos até chegar a um consenso sobre a última linha. Decidi por: “Responda esse e-mail se quiser, mas não precisa se sentir obrigada.”

Ela não se sentiu obrigada. O que me fez querer ligar para ela. O que me fez querer transar com ela. O que me fez querer acordar do lado dela, envelhecer ao lado dela. Ou vê-la envelhecer, engordar e enfear muito rapidamente.

— Ela morreu pra mim — disse aos meus amigos. — Eu estava mentalmente doente para ter namorado com ela — disse aos meus amigos. — Obviamente ela é uma pessoa com transtorno de personalidade limítrofe — disse aos meus amigos.

“Por que joguei fora a melhor coisa que eu já tive?”, escrevi no meu diário. “Por favor, meu Deus, traz ela de volta.”

Uma semana depois, recebi uma resposta. Ela me agradecia pelo meu e-mail, se desculpava por não ter respondido mais cedo e admitia que estava triste pelo modo como as coisas tinham terminado. Então, veio a frase-chave: “Só espero que possamos continuar amigos de algum modo daqui pra frente.”

Resolvi que aquele era o modo dela de ampliar o diálogo. Resolvi que era o

modo dela de sinalizar que estava aberta ao romance. Resolvi ignorar o conselho de todos os meus amigos. Para não mencionar o meu terapeuta. Liguei para ela e sugeri que tentássemos de novo.

Ela riu. Eu insisti. Ela talvez tenha usado a frase “só amigos”, mas não fui capaz de localizar essas palavras nas anotações detalhadas que mantinha das nossas conversas. Além do mais, os detalhes realmente importam tanto? O fato de termos nos amado incondicional, completa e intensamente por quatro semanas, três dias, nove horas e vinte e seis minutos e meio não significa mais do que meras palavras?

Marcamos um encontro para ir ao cinema. Na tarde do encontro, ela cancelou, alegando cansaço e uma dor de garganta iminente. Disse que preferia que remarcássemos para outra noite. Tudo bem?

Mas é claro que estava tudo bem. Afinal, sou adulto, não uma criança. *Não sou uma criança*. Ela não poderia estar imaginando que eu ficaria chateado com um encontro adiado, não é? Ou magoado, desconfiado, profundamente ferido, ou lembrando com um vazio pulsante nas entranhas e uma dor lancinante atrás dos olhos que quando estávamos nos agarrando nas quadras de tênis, boiando nas correntes do mar e fazendo planos para caminhar juntos pela Nova Zelândia, e nos abraçando na cama, nada como uma dor de garganta — perdão, uma dor de garganta *iminente* — teria nos mantido separados.

Melhoras, respondi generosamente. Ligue ou escreva quando estiver recuperada e vamos comemorar a volta da sua saúde, sugeri, máscula e altivamente. Com segurança. Sem nenhuma carência. Nem raiva. Ou palavras desesperadas induzidas pelo teste Cardiolite.

Quase uma semana depois, no meu aniversário, enquanto eu terminava um perfil para uma revista, recebi outro e-mail breve:

Espero que esteja tendo um dia mt especial!
Acabou a história??
Bjs

Passei a tarde e a noite desconstruindo o texto. Duas linhas — nada bom. Onze palavras sobre o meu aniversário — nada bom. O “mt” em vez de *muito* — não muito bom. Mas talvez eu estivesse interpretando errado. Talvez estivesse refletindo as minhas próprias inseguranças em um sinal doce e amoroso do

ciberespaço. Fiz referências cruzadas do uso de palavras dela com todos os outros e-mails que eu tinha salvado em um arquivo especial e fiz uma descoberta impressionante. Ela havia usado o “mt” como abreviação antes! Obviamente era uma afetação literária, ou apenas um tique de comunicação. A minha ansiedade excessiva tinha me feito ver aquilo como uma prova de sentimentos enfraquecidos. E seria cego e terrivelmente injusto da minha parte ignorar o “Bjs”, uma indicação clara e inconfundível de que ela estava pronta para boiar comigo nas correntes do mar de novo, não seria?

Liguei para ela, para esclarecer as coisas. Não queria interpretá-la mal, falei. Ela queria sair comigo ou não?

Ela sugeriu que eu não ligasse de novo.

Ah, é? Ora, muito bem, sugeri que *ela* não ligasse de novo. E que esquecesse o meu endereço de e-mail. E mais, que se algum dia me visse na rua, era melhor...

Ela desligou.

Fiquei furioso. Escrevi cartas amargas sobre como ela era incapaz de amar, como não reconhecia os presentes que eu lhe dera. Não mandei as cartas. (Obrigado, dez anos de terapia.) Não a persegui tecnicamente. Realmente passei de bicicleta pelo prédio dela uma noite, mas não fiquei por ali por uma quantidade legalmente significativa de tempo. Me demorei vendo fotos dela em um slideshow que eu tinha montado no meu computador, acompanhado por Rebecca Luker cantando “Till There Was You” vezes sem conta de novo. Perdi quase cinco quilos em duas semanas.

Então, uma epifania ofuscante. Eu não deveria ter perdido a cabeça com ela no telefone. É claro que ela havia se retraído. Quem não teria? Com essa percepção veio uma imensa sensação de calma. Com a calma, a esperança. Com a esperança, um plano. Se eu a fizesse entender quanto a amava, que de forma alguma a culpava, e como eu tinha mudado e agora não estava nem carente, nem zangado, que era apenas um homem com amor e afeto para dar e com as intenções mais magníficas, ela talvez me aceitasse de volta, e voltaríamos às correntes do mar e às quadras de tênis.

Dessa vez, fiquei longe do telefone. A linguagem falada era facilmente mal-interpretada.

“Sinto muito”, escrevi. “Sinto muito, muito mesmo.” Então, elaborei um

pouco mais. “Você não tem ideia de como eu sinto.” Outros pontos altos incluídos no texto: “Fui tão idiota. Você não tem ideia da saudade que eu senti de você. Gostaria que você nos desse mais uma chance, nos termos que você quiser.”

Uma semana mais tarde ela respondeu. Agradecia o pedido de desculpas. Não confiava em mim. Me desejava tudo de bom.

Não confiava em mim? Não é de *espantar* que ela não tenha querido viajar comigo para a Nova Zelândia. Com certeza se soubesse sobre as minhas dores no peito, a dificuldade de respirar, suas dúvidas sobre a minha sinceridade desapareceriam. Com certeza se eu contasse a ela sobre como ouvia *The Music Man* enquanto sonhava acordado em cima das fotos digitais dela, então voltaria para mim.

Fiz isso, então. Conte pra ela. Mais um e-mail. Conte tudo isso a ela. Também citei falas de *Casablanca* e de *Malcom*. Mencionei minhas preces.

Isso foi há quase um mês. Nesse tempo refleti a respeito e me maravilhei com o silêncio frio e digno mantido pelas mulheres que eu mesmo dispensei ao longo dos anos. Lembrei do professor velho e patético no filme *O anjo azul*, que Marlene Dietrich força a cacarejar como uma galinha, do pobre desgraçado em *Amor sem fim*, de todos os aparvalhados infelizes que Frank Sinatra imortalizou em seus maiores hinos dos fracassados. Levei em consideração a possibilidade de levar o estilo de vida aconselhado pelo Dalai Lama e pela *Cosmo Girl*, e percebi que tinha me comportado com a dignidade de um Teletubby furioso, deprimido e seriamente ofendido.

Mas estou melhorando e, finalmente, aceitando. Sei disso porque duas semanas atrás, pela primeira vez em muito tempo, quando uma mulher sorriu na minha direção no metrô, me ocorreu que talvez houvesse possibilidades ali. Sei disso porque, pela primeira vez em muito tempo, não estou correndo para checar meu e-mail todo dia, nem fico olhando para fotos dela.

Não destruí essas fotos, ou as cartas e e-mails, como amigos me aconselharam a fazer. Mas não preciso. Dessa vez ela realmente morreu pra mim. De verdade. Estou falando sério.

Steve Friedman é autor de The Agony of Victory, Driving Lessons, e de Lost on Treasure Island, e coautor de dois livros que entraram na lista dos mais

vendidos do New York Times. Ele mora em Nova York e pode ser encontrado em stevefriedman.net. Esse relato, o primeiro da coluna “Modern Love”, foi publicado no fim de outubro de 2004.

DURANTE UMA NOITE DE SEXO CASUAL, MENSAGENS URGENTES FICAM SEM RESPOSTA

ANDREW RANNELLS

NÃO ME LEMBRO DO SOBRENOME DELE. SEU NOME ERA Brad, que é o nome perfeito para uma lembrança relativamente sem rosto dos vinte e poucos anos. Ele era bonito, com um belo sorriso e olhos azuis impressionantes.

Eu sempre tinha achado que quando os olhos são azuis demais, a pessoa parece não ter alma. É como se víssemos fundo demais na cabeça dela e não houvesse nada lá. Mas eu nunca tinha saído com ninguém com olhos azuis, e era primavera. Brad também tinha um belo corpo, musculoso, mas com a pele extremamente macia. E o sexo era bom, eu acho.

Há um grande debate entre mulheres hétero e homens gays sobre o que conta como sexo. A maior parte das minhas amigas acha que sexo oral não conta. Eu discordo. Conto tudo. Se alguém tem um orgasmo, conta como sexo. Minhas amigas também se equivocam profundamente quando acham que o sexo anal, para homens gays, é como um aperto de mão. Notícia urgente, moças: às vezes, nós não queremos fazer sexo anal com os nossos parceiros, do mesmo jeito que vocês não querem fazer com os seus.

Aquele era apenas o meu segundo encontro com Brad. Não nos conhecíamos muito bem. Nunca chegaríamos a nos conhecer. O corte de cabelo dele era espalhafatoso e as mãos um tanto femininas, mas a colônia que usava era atraente. Eu tinha vinte e dois anos e não tivera muitos encontros, portanto aquela era uma das minhas primeiras incursões no terreno da sedução. Um bônus: Brad morava apenas a poucos metros da minha casa, em Astoria.

Se você já morou em Astoria, no Queens, sabe que convencer as pessoas a irem até lá no fim da noite é como pedir uma carona para o aeroporto a um

estranho. Brad ia servir por enquanto. Eu era jovem, independente e estava tendo encontros, e tinha feito reflexos nos cabelos.

A conversa durante o jantar foi sem graça, mas ele riu de quase tudo o que eu disse, portanto, para um narcisista da comédia como eu, Brad era a companhia ideal. Enquanto comíamos, meu celular Nokia, um modelo flip, começou a tocar. Era a minha irmã, Julie.

Não atendi. Meu celular era novo e eu ainda estava me acostumando a usá-lo. Não amava o fato de as pessoas poderem entrar em contato comigo sempre que quisessem. Preferia acionar minha secretária eletrônica, que fazia com que eu me sentisse como um astro de cinema de antigamente. Meu pai tinha me apresentado aos filmes da Doris Day quando eu era novo, e ela estava sempre checando a secretária eletrônica, à espera de mensagens de pretendentes ou de produtores de Hollywood.

Depois do jantar, fomos a um bar gay, cheio de outros casais gays, porque o que é mais divertido do que tentar não parecer que você está reparando nas outras pessoas enquanto sabe mais sobre os irmãos e irmãs do cara com quem você está?

Brad e eu bebemos nossos cosmos (era 2001, e se Carrie Bradshaw estava fazendo aquilo, então eu também estava) até os olhos dele parecerem menos sem alma e nós começarmos a nos beijar.

Meu celular vibrou de novo. Outra irmã. Becky. Ignorei também.

Outra rodada, mais agarramento, outra ligação, Julie de novo. A minha embriaguez, somada ao desejo de aproveitar o momento com Brad, tornou fácil não dar atenção às ligações. A temperatura da nossa pegação estava se elevando — estávamos prestes a pegar fogo — e tive a lucidez de ao menos sugerir chamarmos um táxi.

Como estava me sentindo um apostador perdulário, me ofereci para pagar. No caminho para Astoria, teve mais agarrão, mais beijos, mais visualizações dele como Paul Walker. No meu apartamento, fomos direto para o quarto. Levamos mais tempo do que o necessário. Então teve o aconchego, os abraços, o suor e o pânico, e o adormecer ao lado de um estranho, basicamente, para mais tarde acordar e pensar: *Gosto disso? Ele gosta disso?*

Pedi licença para ir até o banheiro e abri novamente o celular. Mais seis ligações perdidas. Senti o estômago dar uma cambalhota. Agora estava sóbrio o

bastante para saber que havia alguma coisa muito errada.

Comecei a escutar as mensagens. Julie estava histérica. Ela falou alguma coisa sobre o meu pai cair e uma ambulância. Na mensagem seguinte, Becky estava mais calma, mas abalada. Um ataque do coração ou um AVC, não tinham certeza. A seguinte: minha mãe me dizendo para não entrar em pânico. A seguinte: Julie me dizendo para entrar em pânico.

Pulei logo para a última mensagem, de Doug, que era mais ou menos meu cunhado (eles não eram casados), enviada apenas quinze minutos antes.

Eu liguei. Ele atendeu na mesma hora.

Durante a festa de aniversário de um ano da minha sobrinha, meu pai tinha desabado no chão depois de entregar os hambúrgueres que estava grelhando. A festa era na casa dos meus pais, embora meu pai não estivesse morando lá. Meus pais estavam se divorciando e meu pai, aos sessenta e um anos, tinha se mudado para um apartamentinho deprimente perto do escritório dele.

A última vez em que estive em casa, há um mês, tinha visitado o meu pai junto com a minha irmã mais nova, Natalie. As paredes eram bege, assim como o carpete. A mobília que ele tinha escolhido era ou grande demais, ou escura demais. O lugar estava cheio de coisas, e ainda assim parecia vazio.

Meu pai estava tentando fazer daquele lugar um lar, mas não sabia como. Eu me fechei no banheiro do apartamento para chorar. Não queria que ele me visse sentindo pena dele. Meu pai não pertencia àquele lugar, ele pertencia à casa dele.

Eu me recompus e nós comemos sanduíches. Ele colocou pratos e guardanapos na mesa, e uma embalagem de Pringles. Quando ele abriu o armário da cozinha, vi que estava estocado com ensopado enlatado. Tive que cerrar o maxilar para não chorar de novo.

Depois do jantar, assistimos à TV.

— Quero que vocês se sintam em casa aqui — disse ele.

— Talvez eu fique aqui na próxima vez que vier visitar vocês — falei, o que pareceu deixá-lo feliz.

Quando Natalie e eu fomos embora, meu pai estava parado no topo das escadas. Eu me virei e gritei:

— Amo você, pai.

Foi a última coisa que eu disse a ele.

— Amo você, Andy.

E foi isso.

Dough tinha tentado reanimá-lo. Os paramédicos tinham usado o aparelho de reanimação e tinham conseguido só uma pulsação fraca. Agora o meu pai estava em coma.

Eu imaginei a cena: as decorações da festa, o quintal cheio de brinquedos, o deque onde ele caiu, os vasos de plantas que a minha mãe colocava fora de casa toda primavera, a minha mãe chorando, as minhas irmãs chorando, os hambúrgueres que ninguém comeu, o bolo de aniversário da menininha.

Era demais. Comecei a chorar. Alto.

Brad apareceu para checar qual era o problema. Estava com os cabelos desalinhados e completamente nu. Ele ficou parado à minha frente, o pênis semiereto ao nível dos meus olhos, enquanto eu tentava conseguir mais informações de Doug: Em que hospital ele estava? Eu deveria pegar um avião?

Gesticulei para que Brad se sentasse. Ele começou a esfregar as minhas costas, o que pareceu uma tortura. Estava constrangido de chorar na frente dele, mas não o bastante para parar.

Depois que desliguei, ele tentou me abraçar.

— O que aconteceu?

Senti vontade de gritar: *Obviamente nada de bom! Vista uma calça!* Em vez disso, tentei explicar.

Enquanto Brad andava de um lado para o outro do apartamento, ainda nu, sugerindo planos de ação, eu sentia um desprezo crescente. Nem sequer gostava daquele cara. Por que tinha feito sexo com ele? Tudo parecia errado. O apartamento parecia apertado e sujo. Eu odiava tudo o que havia ali dentro. Me vi de relance no espelho e me encolhi diante dos meus cabelos tingidos de louro. Por que eu tinha feito aquilo comigo mesmo? Parecia um bobo.

Pedi a Brad que fosse embora, disse que precisava fazer algumas ligações. Ele se sentou e passou o braço ao meu redor.

— Você não deveria ficar sozinho em um momento como esse — disse Brad, e beijou o meu pescoço.

Eu me apoiei nele. Não queria ficar sozinho. Não queria ficar onde estava. Tudo desmoronou. Era assim que meu pai se sentia naquele apartamento triste? Como se estivesse tudo errado?

Dei um beijinho em Brad.

— Eu realmente preciso que você vá embora.

Ele pareceu magoado, mas se levantou junto comigo. Então, me deu um abraço demorado demais.

— Tá certo! — falei. — Tchau!

Entrei no banheiro e fechei a porta. Fiquei olhando pela janela, ouvindo Brad se vestir. Então, ouvi a porta da frente se fechar. Ele finalmente se fora.

Em poucos dias, meu pai também se foi.

Ao longo dos meses seguintes, Brad me mandou mensagens de texto e de voz que não foram respondidas. Eu tinha muito o que resolver. E acho que estava constrangido.

Cerca de dois anos depois, Brad passou por mim na Nona Avenida. Quase paramos, mas acabamos nos cumprimentando só com um aceno de cabeça e um sorriso constrangido, e seguimos em frente. Eu sentia que devia uma explicação a Brad, um fim qualquer para a nossa história, mas simplesmente não conseguia. Tinha que continuar seguindo em frente.

Eu já tinha consertado muito do que me pareceu tão errado naquela noite. Agora tinha um emprego que me dava orgulho, um apartamento que me dava orgulho. Tinha enterrado o meu pai e, junto com ele, enterrei também todo um capítulo da minha vida. O que significava que não poderia ter Brad, ou qualquer vestígio daquela época, daquela noite, na minha vida.

Não foi generoso da minha parte, ou gentil, mas foi o que eu fiz. E mais importante de tudo, nunca mais fiz reflexos nos cabelos.

Andrew Rannells é ator e escritor na cidade de Nova York, que publicou seu primeiro livro, Too Much Is Not Enough, em março de 2019. Este relato foi publicado em julho de 2017.

PARA UMA MELHOR INTERAÇÃO, USE SUAS PRÓPRIAS PALAVRAS, CERTO?

GABRIELLE ULUBAY

E U O TINHA CONVIDADO SÓ PARA FAZER SEXO, POR ISSO, quando acordei na manhã seguinte e o vi vestindo a calça, falei: — Precisa que eu acompanhe você até a porta?

— Não, vou só usar o banheiro — disse ele. — Gostaria de ficar, se estiver tudo bem pra você.

E estava. Assim, ele ficou pelo resto do dia, sempre a poucos centímetros de mim. Só saímos do quarto para usar o banheiro, ou para revirar a cozinha atrás de alguma coisa para beliscar. Nesse meio-tempo, minhas colegas de apartamento riam e comentavam sobre a minha “sexescapada com o carinha fofo do Tinder”.

— Acho que você é a garota dos meus sonhos — comentou ele. — Não acredito que nos conhecemos pelo Tinder.

Eu nunca tinha sido a garota dos sonhos de ninguém — nem mesmo dos meus. Sempre imaginei que a garota perfeita dos sonhos dos homens seria mais alta do que eu, mais magra, mais segura de si e loira. Mas meu amante insistiu, e nos atiramos um em cima do outro até o fim da tarde.

Mais tarde, eu disse:

— Você costuma fazer sexo com as garotas na noite em que as conhece?

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Ora, eu pareço promíscuo?

Dei um risinho nervoso.

— É claro que não.

Finalmente, ele respondeu:

— Na verdade, não. Quer dizer, eu não dispensaria sexo, mas também não iria atrás.

Depois de um minuto, perguntei:

— Eu pareço promíscua?

A voz dele ficou mais suave e ele me abraçou com força.

— Não, de forma alguma. Você parece uma dama.

Talvez a intenção tenha sido que aquilo soasse como um elogio, mas minhas dúvidas sobre a sinceridade dele fizeram parecer um golpe. Eu me perguntei se ele estaria mentindo para fazer eu me sentir melhor, ou só para garantir mais sexo mais tarde.

Quando eu era criança, sempre ouvia, “Use suas próprias palavras” para me estimular a dizer exatamente o que eu pretendia e o que esperava das pessoas. Já adulta, percebi que muitas pessoas não são muito boas em usar as próprias palavras, principalmente antes e depois do sexo. E menos pessoas ainda parecem dizer exatamente o que pretendem ou o que esperam.

Ainda assim, sorri e disse:

— É mesmo? Obrigada. — Eu o beijei no rosto, nas têmporas, na testa. — E você parece um cavalheiro.

E era verdade. Mas eu torcia secretamente para que ele fosse como eu, para que seu peito fervesse com indiscrições escondidas, e que a velocidade com que acabáramos dormindo juntos fosse tão comum para ele quanto era para mim. Porque se não fosse, eu não poderia deixar de me perguntar se, caso descobrisse a verdade, ele se afastaria. Não poderia deixar de me perguntar se ele me acharia promíscua ou moralmente deficiente, mesmo já tendo dito que me achava uma dama.

— Uau, você tem um sorriso lindo — disse ele, enquanto acariciava lentamente minha cintura, minha barriga, meus quadris, minhas coxas. — Você é mesmo o pacote completo.

— Você não precisa dizer isso.

— Sei que não — disse ele. — Mas estou falando sério.

Ele falou que eu era inteligente, divertida e criativa.

— Você tem uma boa energia, Gab — comentou.

Eu disse:

— Você vê coisas em mim que eu não sabia que eram visíveis.

Não sei por que me deixei seduzir por aquilo, ainda mais porque nem sequer estava procurando aquilo. Por algum motivo, eu sempre tive a tendência a achar

que a minha vida melhoraria muito com a solução de um único problema. No ensino médio, eu pensava, *tudo vai melhorar quando eu tirar o aparelho dos dentes*, ou *quando a minha pele melhorar*, ou *quando eu for para a universidade*.

E agora, mais velha e supostamente mais sábia, me pego achando que tudo vai melhorar quando eu encontrar romance na vida. Quando eu tiver um homem que me queira, não importa quanto eu seja errada, exagerada ou ligada em política. Alguém que, com um beijo, consiga me arrancar do meu devaneio de autopiedade. Penso em há quanto tempo já estou pronta para encontrar beleza em outro ser humano, para acariciar as cicatrizes de alguém tão cheio de defeitos quanto eu, e para sentir que essa pessoa sente o mesmo por mim.

Naquela noite, eu não estava procurando por romance, mas meu amante de duas vezes se entranhou na minha consciência quando me disse que eu era a garota dos seus sonhos, e não posso deixar de pensar em como aquilo foi cruel, levando em consideração o rumo que a situação tomou. Nossa despedida foi com um beijo na boca e uma piscada de olho, enquanto ele descia para pegar o metrô.

Ele tinha sorrido e dito “Até logo”, mas nunca mais me viu. Desde então, aprendi que *logo* significa o mesmo que significava quando eu era criança e queria fazer alguma coisa extravagante: quer dizer *não quero* ou *se eu tiver vontade*.

Agora me dizem, “Você só gostou dele porque ele elogiou você”, e “Bom sexo pode levar você a acreditar que gosta de qualquer um”.

— O que você esperava, Gab? — perguntou a minha amiga. — Não é possível criar um vínculo com alguém rápido assim.

Encolhi os ombros.

— Eu não pretendia. Mas foi diferente.

Ela suspirou.

— Seu problema é que você se joga nas coisas muito rápido.

— Tá certo...

Achei que devia haver alguma coisa terrivelmente, clinicamente errada comigo, para eu ter me equivocado tanto ao interpretar a situação. Queria consultar um médico. Queria um diagnóstico. Queria perguntar ao meu amante se ele tinha se decepcionado, se eu não era quem ele queria que eu fosse.

Meus amigos me dizem que preciso ter amor-próprio. Dizem que isso vai tornar a minha vida melhor, bem parecido com o jeito como os aparelhos nos

dentes e a pele sem acne supostamente me fariam mais bonita. Quando pergunto como posso fazer isso, meus amigos filosofam e dizem “Você precisa encontrar isso dentro de si mesma”. O conselho deles é tão abstrato que me pergunto se eles também já procuraram o amor-próprio que aconselham e não conseguiram encontrar.

Como procuro dentro de mim mesma? Eu me imagino enfiando a mão pela minha garganta abaixo e procurando até encontrar uma massinha de cor viva com uma etiqueta “amor-próprio”. Estaria escondida, talvez atrás de algum órgão sem graça, ou dentro das dobras de um músculo teimoso. E quando eu encontrar essa panaceia mágica, vou dizer “Ah, aí está você. Onde tem andado todo esse tempo?” E vou reposicioná-lo dentro de mim, dessa vez no lugar correto.

A minha pergunta é: como vou saber quando encontrar essa coisa que nunca percebi que tinha perdido, e o que vai acontecer então?

Mas, sinceramente, não acho que o meu problema é falta de amor-próprio. Gosto do sexo pelo sexo tanto quanto qualquer homem, e sou honesta a respeito. O que confunde as coisas é toda essa conversa mole e o sumiço depois.

— Sumir é a forma mais covarde de terminar um relacionamento — eu disse uma vez para um amigo meu, quando estávamos na mesma sala com um cara que tinha sumido depois de sair comigo, anos antes.

— Você realmente prefere que alguém diga na sua cara que não sente nada por você? — tinha perguntado o meu amigo.

— Prefiro isso a ser feita de idiota — respondi.

Não muito tempo depois, um homem que dormiu comigo me disse que eu era linda, enquanto andávamos até o meu apartamento, no meio da noite. Ele acariciou as costas da minha mão com o polegar e sorriu, mas isso não significou nada — eu sabia que, sob o brilho alaranjado das luzes da rua, até vidro quebrado parece incrível.

— Estou me sentindo tão sortudo nesse momento — disse ele. — Não consigo acreditar que uma garota como você me deu atenção.

Mandei uma mensagem de texto para ele na semana seguinte, mas o cara nunca respondeu. Irritada, percebi que eu nem teria pensado em mandar uma mensagem para ele se o cara não tivesse me coberto de elogios tão gratuitos.

Então, meu amante de duas vezes me chamou de dama. Ele me adicionou no

Facebook e me disse para manter contato. Disse que a minha pele era macia, que eu tinha um sorriso lindo e que ele não conseguia acreditar que tinha encontrado alguém como eu.

Ele disse:

— Nunca sou cruel com as garotas.

Sorri.

— Então você é o autodeclarado cara legal?

— Sim. Qual é o problema com isso?

— Nenhum — respondi, e passei a perna por cima das dele. Ele ajeitou o braço embaixo da minha cabeça, como um travesseiro. — Mas não quero que um cara seja legal comigo só porque se sente obrigado a isso, entende? Quero que ele seja legal porque tem vontade de ser.

— Isso faz sentido — disse ele, enquanto enfiava a mão nos meus cabelos e beijava a minha testa.

Não entro em uma relação de sexo casual esperando que ela vire um relacionamento sério. Nunca entendi por que alguns caras parecem achar que elogios são a chave para levar uma mulher para a cama, quando já foram convidados por ela para ir para a cama. Eles dizem que adorariam sair comigo, e não entendem, no dia seguinte, por que eu acho que querem sair comigo.

Não acho necessários os elogios, nem mereço o sumiço. Em uma relação de sexo casual, não é preciso ser cruel — basta dizer a sua intenção. Com as suas próprias palavras.

Gabrielle Ulubay está terminando um mestrado na University College Cork, em Cork, na Irlanda. Além do New York Times, ela tem trabalhos publicados na Film Ireland, O'Bheal, e na revista Alma e com a Trinity College, de Dublin. Esse relato foi publicado em janeiro de 2018.

ACHO QUE AMO VOCÊ

QUANDO O CUPIDO É UMA JORNALISTA INTROMETIDA

DEBORAH COPAKEN

MINHA ENTREVISTA COM JUSTIN MCLEOD COMEÇOU A desandar quando soltei a última pergunta:

— Você já se apaixonou?

O CEO com cara de criança tinha criado o Hinge, que era um novo aplicativo de encontros. A minha pergunta foi uma óbvia bola fora.

Justin pareceu chocado. Ninguém, disse ele, jamais tinha lhe perguntado aquilo em uma entrevista.

— Sim — respondeu Justin finalmente. — Mas não me dei conta disso até ser tarde demais.

Então ele me pediu para desligar o gravador. Apertei o “Stop”.

Sem estar sendo gravado, Justin pareceu aliviado em desabafar. O nome dela era Kate. Eles foram namorados na universidade. E ele tinha feito ela sofrer várias vezes. (Os olhos dele ficaram marejados, então.) Ele não era a melhor versão de si mesmo na época. Desde então, tinha se redimido com todo mundo, incluindo Kate. Mas agora ela estava morando no exterior, noiva de outra pessoa.

— Ela sabe que você ainda a ama? — perguntei.

— Não — respondeu Justin. — Ela já está noiva há dois anos.

— Dois anos? Por quê?

— Não sei.

Naquela época, fazia um ano que eu estava separada, depois de duas décadas de casamento. Vinha pensando muito sobre a natureza do amor, sobre quanto era precioso. Na verdade, a razão para eu estar entrevistando Justin era porque o aplicativo dele tinha sido responsável pelo meu primeiro encontro às cegas pós-separação, com um artista por quem eu tinha me apaixonado à primeira vista.

Aquilo nunca tinha acontecido comigo, a parte do “à primeira vista”. Ele também foi o primeiro homem que surgiu na minha tela depois que fiz o download do aplicativo de Justin.

Para os que estão reparando, sim, são várias primeiras vezes: o primeiro aplicativo de encontros, o primeiro homem na minha tela, o primeiro encontro às escuras, o primeiro amor à primeira vista. Eu estava interessada em compreender o algoritmo do aplicativo, como ele surgira, como conseguira, tendo como base os amigos que compartilhávamos no Facebook, imaginar que aquele homem em particular, um escultor com foco na ligação entre imagística libidinosa e flores, fincaria raízes no meu coração.

— Você tem que falar com ela — disse a Justin. — Escute...

E contei a ele a história do rapaz que eu tinha amado antes de conhecer meu marido.

Ele estava no último ano da faculdade, estudando Shakespeare no exterior. Eu tinha vinte e dois anos e era fotógrafa de guerra, baseada em Paris. Nos conhecemos em uma praia do Caribe, então eu o visitei em Londres, traumatizada, depois de ter feito a cobertura do fim da Guerra do Afeganistão.

Pensei nele todos os dias enquanto cobria a guerra. Foi meu amor por ele que me deu forças quando estava dormindo em cavernas, tão doente de disenteria e mal por causa de um ferimento infeccionado na mão, provocado por estilhaços, que tive que ser removida da cordilheira de Indocuche pela organização Médicos Sem Fronteiras.

Mas poucas semanas depois da minha viagem para Londres, ele me deu o bolo. Disse que me visitaria no meu apartamento em Paris, um fim de semana, e nunca apareceu. Ou foi o que pensei.

Duas décadas mais tarde, eu soube que ele na verdade tinha voado para Paris naquele fim de semana, mas tinha perdido o pedaço de papel com o meu endereço e o meu telefone. Eu não estava no catálogo telefônico. Ele não tinha secretária eletrônica. Não tínhamos amigos em comum. Ele acabou ficando em um albergue, e eu acabei me casando e tendo três filhos com o primeiro homem com quem saí depois dele. E assim a vida continuou.

Quando o Google foi inventado, a primeira foto minha que apareceu na tela dele me mostrava junto com os meus filhos, em uma matéria que alguém tinha escrito sobre o meu primeiro livro, uma biografia dos meus anos como fotógrafa

de guerra. Logo depois, ele se casou e teve três filhos com a primeira mulher com quem saiu depois de mim. E assim a vida continuou.

Eu o encontrei por acaso, quando estava pesquisando sobre companhias de teatro para o meu último romance. Lá estava a foto dele, acima do nome, que era bem comum. Escrevi um e-mail: “Você é o mesmo homem que me deu o bolo em Paris?”

E foi assim que eu soube o que tinha acontecido naquele fim de semana, e comecei a digerir o impacto real da nossa conexão perdida.

O trabalho o levou a Nova York alguns meses depois, e tínhamos nos encontrado para um almoço de primavera em um banco do Central Park. Eu estava tão desnorteada que derrubei a minha limonada e deixei cair meu sanduíche de salada de ovo: nosso amor há tanto tempo perdido ainda estava vivo.

Na verdade, a conclusão que nosso encontro nos permitiu, e o choque de reconhecer que o amor que fora privado de sol e água ainda persistia, afetou o meu casamento e o dele, embora de maneiras diferentes. Ele se deu conta de quanto precisava se esforçar mais para nutrir o próprio casamento. Eu percebi que já tinha dado ao meu todos os cuidados e nutrientes que podia — tinham sido vinte e três anos cultivando aquele solo —, mas o campo já não rendia mais frutos.

Ao saber do amor de Justin por Kate, enquanto estava sentada em outro banco em Nova York, quatro anos mais tarde, senti uma urgência renovada.

— Se você ainda a ama — disse a ele —, e se ela ainda não está casada, você precisa conversar com ela. Agora. Você não vai querer acordar daqui a vinte anos e se arrepender do seu silêncio. Mas não pode fazer isso por e-mail ou pelo Facebook. Tem que fazer contato pessoalmente com ela, e correr o risco de levar com a porta na cara.

Ele deu uma risadinha triste.

— Não posso fazer isso. É tarde demais.

Três meses mais tarde, Justin me mandou por e-mail um convite para almoçar. A matéria que eu tinha escrito sobre ele e sobre a empresa dele, na qual ele me autorizara a mencionar Kate (a quem chamei de “Botão de Rosa”), tinha gerado interesse em seu aplicativo, e ele queria me agradecer.

No dia marcado, cheguei ao restaurante e disse à recepcionista:

— Justin McLeod, mesa para dois.

— Não — retrucou ele, que apareceu de repente atrás de mim. — Para três.

— Três? Quem vai se juntar a nós?

— Ela — disse Justin, e apontou para uma mulher pequena, passando correndo pela janela do restaurante, um borrão de rosa por causa do casaco, os cabelos avermelhados voando atrás dela.

— O que...? É a Botão de Rosa?

— É.

Kate entrou correndo e me abraçou com força. De perto, ela lembrava outra Kate — a Hepburn —, que tinha atuado em muitas comédias em que sua personagem se casava novamente com o mesmo parceiro. Eu havia estudado sobre essas comédias na faculdade, com Stanley Cavell.

Esses filmes, precursores das comédias românticas de hoje em dia, foram feitos nos Estados Unidos, nos anos 1930 e 1940, quando não era permitido exhibir adultério ou sexo ilícito. Para conseguirem passar pelos censores, os argumentos eram sempre os mesmos: um casal se divorciava, flertava com outras pessoas, então voltava a se casar. A lição? Às vezes é preciso perder o amor para reencontrá-lo, e a volta para o lugar de origem é a chave para que esse amor volte a desabrochar.

— Isso é tudo por sua causa — disse Kate, chorando. — Obrigada.

Agora, Justin e eu também estávamos chorando, ao ponto de outras pessoas no restaurante estarem nos encarando, confusas.

Depois que nos sentamos, eles me contaram a história do reencontro dos dois, um terminando a frase do outro, como se estivessem casados há anos. Um dia, depois de esbarrar por acaso com um amigo de Kate, Justin mandou uma mensagem pra ela, para combinarem uma conversa pelo telefone, então, reservou um voo transatlântico para vê-la, de surpresa. Ele ligou para ela do quarto do hotel, perguntando se poderia passar para vê-la. Kate iria se casar em um mês, mas três dias depois foi embora do apartamento que estava dividindo com o noivo.

Senti uma pontada de culpa. Pobre homem!

Estava tudo bem, garantiu Kate. O relacionamento deles já vinha passando por problemas havia anos. Ela tentara encontrar um modo de adiar ou cancelar o casamento, mas os convites já tinham sido enviados, o salão e os fornecedores já

contratados, e ela não sabia como resolver a ambivalência que sentia sem decepcionar a todos.

Justin tinha aparecido na porta dela quase no último instante em que poderia ter dito alguma coisa ou se calado para sempre. No nosso almoço, os dois já estavam morando juntos.

Logo depois, eu os recebi para jantar, para apresentá-los ao artista obcecado por flores que tinha metade da responsabilidade pela reconciliação de Justin e Kate. Eu e ele não tínhamos funcionado como casal, para profundo lamento e decepção da minha parte, mas havíamos nos tornado amigos muito próximos e tínhamos feito até uma colaboração artística, depois que ele me mandou por mensagem de texto um desenho que tinha feito.

Na verdade, acabamos de assinar contrato para produzir três livros juntos: *The ABC of Adulthood*, *The ABC of Parenthood*, e — ah, a ironia — *The ABC of Love*.

— Qual era o desenho? — perguntou Kate.

Mostrei a ela, no meu iPhone.

— São ovários? — perguntou Kate, sorrindo.

— Ou sementes — falei. — Ou botões de flores, dependendo de como você olha.

Todas interpretações perfeitamente razoáveis de amor gerando amor gerando amor, que era o motivo para estarmos todos reunidos ao redor da minha mesa naquela noite, não era? Porque o amor de verdade, depois que floresce, nunca desaparece. Ele pode se perder com uma folha de papel, ou se transformar em arte, em livros ou em filhos, pode provocar a união de outro casal, por mais que não consiga cimentar o nosso próprio relacionamento.

Mas está sempre presente, esperando por um raio de sol, abrindo caminho pelo solo degelado, insistindo em sua existência legítima em nossos corações e na terra.

Deborah Copaken é autora de Shutterbabe e de The Red Book, ambos presentes nas listas dos mais vendidos do New York Times, é colunista do The Atlantic, e parte da equipe de roteiristas do programa de Darren Star, Emily in Paris. Sua biografia, Ladyparts, será publicada pela Penguin Random House em 2021. Ela divide seu tempo entre o Brooklyn e Los Angeles. Este relato foi publicado em

novembro de 2015.

DORMINDO COM O GUITARRISTA

JEAN HANFF KORELITZ

NAS FASES DA VIDA DO HOMEM, HÁ OS CLÁSSICOS — INFÂNCIA, juventude, idade adulta. Temos as crises de meia-idade, é claro, tão caras aos terapeutas e segundas esposas por toda parte. Há a adolescência, na qual alguns homens parecem se demorar... ah, bem, quando ela termina? Mas nos últimos anos experimentei, por intermédio do meu marido, outro estágio masculino, um estágio do qual eu até então, felizmente, não tinha noção. Esse é o estágio da vida de um homem que, a partir de agora e para sempre, eu vou pensar como a fase da guitarra-no-porão.

Há seis anos, quando meu marido, Paul Muldoon — um poeta que dá aulas em Princeton —, trouxe para casa uma guitarra elétrica, levou-a para o porão da nossa casa em Nova Jersey e ligou-a, eu estava rindo demais para absorver a enormidade do que estava acontecendo. Eu sabia que ele amava música. Como cresceu na Irlanda, durante os anos 1960, Paul estava presente no nascimento do rock britânico, e sabia muito mais sobre o blues norte-americano e sua influência nos dois lados do Atlântico do que eu jamais tinha me preocupado em aprender. Ele entrava rapidamente em ação quando os ingressos para show do U2 começavam a ser vendidos e me arrastou, ao longo dos anos, para muitos, muitos concertos que eu desprezava. (Uma vez, caí no sono ouvindo Bob Dylan no Beacon Theatre.)

Ainda assim, não me dei conta de que aqueles sons muito altos vindo de debaixo do piso da sala de estar anunciavam grandes mudanças para a nossa família. Na época, eu estava grávida do nosso segundo filho e, para ser honesta, não estava conseguindo me concentrar muito bem. Quando Paul tocava a guitarra dele no porão, o prédio todo vibrava, e eu ficava sentada ali, um andar acima, cambaleando de tanto enjoo. Quando não conseguia mais aguentar, eu ia

até o topo da escada que dava para o porão e piscava a luz, para chamar a atenção dele.

— Pare, por favor.

Ele parava. Mas não por muito tempo.

Eu logo descobriria que aquilo não era uma mera questão de comprar um único instrumento musical. Era como se estivéssemos em uma esteira rolante de aquisições de mais guitarras e equipamentos relacionados — os encantos de um sendo rapidamente negados pelas ondulações do seguinte. Depois da primeira guitarra, uma Cort, e de seu amplificador correspondente, Paul encomendou uma Fender Stratocaster, uma Gibson Les Paul, um amplificador Marshall, uma reedição de uma Telecaster de 1952 (“como a guitarra que o Keith toca”), uma Ibanez acústica/elétrica e um amplificador Fender Acoustasonic.

Era um lado novo e desagradável de um homem que eu achei que conhecia muito bem, um homem que nunca fazia compras, que usava um relógio com a pulseira de plástico quebrada, e que dirigia um carro velho e feio, que tinha ficado torto depois de ter sido abalroado por um cervo, uma década antes. Agora, ele fazia visitas especiais ao Sam Ash, a loja de instrumentos musicais em Nova York. (Imaginei os vendedores se cutucando e dizendo: “Cara, lá vem outro guitarrista-de-porão.”) Estava ficando lotado, lá embaixo, no porão.

Aos poucos, comecei a compreender que o meu marido não era um caso isolado. Havia hordas de homens por aí, mais ou menos da idade dele, se divertindo no mundo maravilhoso das guitarras e estocando amplificadores em seus próprios porões. Nas semanas que se seguiram ao 11 de Setembro, quando eu começava cada dia triste lendo “Portraits of Grief” (“Retratos do Luto”) no *New York Times*, eu li e reli sobre homens que voltavam do trabalho, desciam as escadas para o porão e abalavam as estruturas de suas casas em Jersey, ou Westchester, ou Long Island.

Uma vez, em um jantar na casa de um amigo, Paul foi acomodado perto de um gerente financeiro muito chato, que tinha me alugado durante o coquetel. Para minha surpresa, eles entabularam rapidamente uma conversa ávida, que durou toda a refeição. Fiquei de olho nos dois, sem conseguir imaginar que assunto teriam conseguido encontrar para tanta conversa, quanto mais tanta animação.

— Ele tem uma Stratocaster no porão — contou Paul, feliz da vida, quando

voltávamos de carro para casa. — E acabou de comprar um pedal Wah Wah.

Inevitavelmente, Paul começou a tocar com alguns desses homens. Havia um advogado que tinha um estúdio completo de gravação no apartamento dele, então um professor de poesia Renascentista com uma vasta coleção de guitarras. No início, sair depois do jantar com a guitarra no assento de trás era uma ocasião especial, uma aventura empolgante para ele, se não para mim, mas logo se tornou uma saída rotineira.

— Você não se importa se eu for ensaiar essa noite, não é? — perguntava ele.

Ensaiai?, eu pensava desconcertada. Ele ainda estava aprendendo os acordes básicos do instrumento. Ensaiai?

Demorou um bom tempo para eu compreender com o que estava lidando. Mas sou mulher, o que significa que, no fundo do meu coração, já entendi há muito tempo que certas coisas nunca vão acontecer na minha vida. Não vou, por exemplo, posar de roupa de banho para a *Sports Illustrated*, ou representar meu país como ginasta olímpica, ou dançar Coppélia com o Balé da Cidade de Nova York.

Eu já tinha lidado com esses desapontamentos e, como dizem, tocado o barco. Mas meu marido — meu querido e maravilhoso marido, que é extremamente bem-sucedido escrevendo e ensinando poesia — acreditou, aos cinquenta e três anos, que era absolutamente possível se tornar um guitarrista de rock. No palco. Diante de uma plateia.

Nossa filha de doze anos apelidou a nova banda de Terror das Guitarras, mas o nome verdadeiro guardava um humor mais sutil. Eram chamados de Rackett (Alvoroço) e, àquela altura, aos três homens mais velhos haviam se juntado três rapazes bonitos, recém-saídos da universidade. Eles começaram a escrever músicas: o professor de poesia Renascentista a música, meu marido as letras.

Dois desses rapazes bonitos realmente eram capazes de cantar. O professor de poesia Renascentista na verdade era um excelente guitarrista. Em poucos meses, as gravações feitas no estúdio do advogado não soavam tão diferentes da música que a minha filha de doze anos ouvia às alturas no quarto dela. O tecladista, que tinha sua própria empresa de pastilhas de menta, começou a falar sobre a produção eventual de CDs.

Eu já não me dava mais ao trabalho de tentar apelar para o bom senso do meu marido. Que bom senso, afinal? Minha noção de realidade foi embora no dia em

que entrei em casa e encontrei Paul ouvindo vezes sem conta uma mensagem gravada na secretária eletrônica de um dos poucos astros do rock que nós dois reverenciávamos, Warren Zevon. O Sr. Zevon tinha lido poesias de Paul. Quando Paul apertou o play na secretária eletrônica, ouvi o autor de “Werewolves of London” e “Excitable Boy” declarar o meu marido como “O melhor poeta do planeta, cacete”.

No devido tempo, eles se encontraram, ficaram amigos e escreveram duas canções juntos, incluindo “My Ride’s Here”, a faixa-título do penúltimo álbum do Sr. Zevon. Livros sobre música começaram a se acumular no nosso banheiro. Paul abriu uma editora para registrar suas letras e se tornou membro da Sociedade Americana de Compositores, Autores e Editores (ASCAP, em inglês). Exemplares das revistas *Spin* e *Guitar World* começaram a chegar mensalmente, junto com um suprimento exaustivo de catálogos da Sam Ash. O Rackett foi convidado para fazer seu primeiro show, em um clube em Greenwich Village. O catálogo de canções originais da banda chegava a trinta, então a cinquenta. Bruce Springsteen produziu uma gravação ao vivo de “My Ride’s Here”, para o álbum póstumo em tributo a Warren Zevon.

Eu me recuso a concluir de tudo isso que passei quase dezoito anos sem saber que estava casada com um astro do rock. Não era possível que eu tivesse sido tão pouco observadora, que não tivesse percebido as roupas de lycra no armário, o ônibus de turismo na garagem, as mensagens de fãs apaixonadas na caixa de correio. Essa também não é uma história de trabalho duro, de um talento musical prodigioso inato, e do aperfeiçoamento do “ofício” chegando a sua conclusão justa e inevitável.

Me ocorre que, muito do sucesso de Paul nessa estranha empreitada deriva do fato de que ele simplesmente não sabia que a coisa toda era impossível, que sua ausência de musicalidade, a idade avançada e a ausência de lábios de astro do rock tornavam categoricamente impossível para ele se tornar o que havia decidido que queria se tornar. Mais uma vez, parte dessa obtusidade devia ser derivada do fato de ele ser homem, antes de mais nada.

Ao contrário das mulheres, para quem a menopausa serve como uma transição impossível de ignorar, uma linha que divide a vida em duas partes, os homens não têm um marco da meia-idade diante do qual frear, ou mesmo que precisem contornar, no vasto território que vai da juventude deles até a velhice

— há apenas um meio grande e elástico. É de espantar que eles percam a noção de onde estão e achem que podem fazer qualquer coisa? E tendo a evidência que tenho, sou forçada a concordar. Se Paul entrar em casa amanhã e anunciar que decidiu se tornar engenheiro, pintor ou ídolo das matinês, temo que serei forçada a dar a ele o benefício da dúvida.

No palco, ele parece um poeta irlandês de meia-idade, de óculos, vestindo o mesmo terno amarrotado que usa para dar aula. Ele não é um grande músico e ainda só consegue tocar sete acordes (o que já são quatro além do que se precisa, argumenta Paul). Mas, antes de mais nada, ter sucesso em alguma coisa é muito improvável. Por que o fato de ele ter cinquenta e três anos e ser um neófito musical deveria tornar o fato de assistir à banda dele no palco mais bizarro para mim? Por que eu deveria ficar surpresa?

Mais uma vez, um dos grandes prazeres de ficar chocada com alguma coisa incrível que uma pessoa que amamos faz é, na sequência, ficar chocada com alguma coisa em nós mesmas. Devo admitir que agora tenho feito coisas que nunca pensei que faria, como pular feito louca no porão escuro de um clube de rock, com um bando de garotos e garotas de vinte e poucos anos. Vi coisas que nunca imaginei que veria, como um grupo de universitários na plateia erguendo um cartaz com o nome de Paul, em uma apresentação do Rackett.

E disse uma coisa que nunca imaginei que diria, na entrada do palco de um clube de Nova York, quando tentei levar a guitarra dele — uma das guitarras dele! — para o camarim, no andar de baixo. O segurança, depois de me olhar muito desconfiado, imaginando quem sabe que eu tivesse acabado de chegar de um campo de futebol em Nova Jersey (que era exatamente o lugar onde eu estava, algumas horas antes), perguntou se poderia me ajudar.

— Está tudo certo — disse a ele, levantando a guitarra. — Estou com a banda.

Jean Hanff Korelitz é autora de cinco romances, incluindo Admission, You Should Have Known (exibido na HBO como The Undoing) e The Devil and Webster, e é coadaptadora e coprodutora de Os mortos, 1904, uma adaptação imersiva de Os mortos, de James Joyce, apresentado no Irish Repertory Theatre (www.thedead1904.com). Ela mora na cidade de Nova York com o marido, Paul Muldoon, que agora está em uma banda chamada Rogue Oliphant. Este relato

foi publicado em março de 2005.

ESCUTE A MARCHA NUPCIAL COM MUITA FREQUÊNCIA E VAI COMEÇAR A ANDAR NO MESMO RITMO

LARRY SMITH

SIM, ESTÁVAMOS EM CIMA DE UMA ROCHA IDÍLICA, EM UMA enseada digna de cartão-postal na costa da Nova Inglaterra. Está certo, eu tinha um anel — sete na verdade, nenhum com diamantes. Tudo bem, havia agitação e nervosismo e a garrafa de champanhe “muito” sorrateiramente escondida na gaveta de legumes da geladeira, no chalé. Mas vamos deixar uma coisa clara: eu não disse as palavras. Não precisei fazer o pedido. Ela não precisou responder. Não importava.

Quer se casar comigo? Quem quer saber? Quem se importa? Eu não. Nem ela. Sinceramente, há mais alguém cuja opinião importe?

Estávamos juntos havia sete anos. Com os avanços da medicina, as galinhas caipiras e as aulas de Pilates poderiam ser mais uns bons cinquenta, talvez sessenta anos, na minha estimativa. Não precisávamos de um pedaço de papel para tornar o que tínhamos mais real. O que precisávamos era aprender espanhol e ir surfar na Costa Rica. Precisávamos comprar um apartamento juntos e debater sobre luminárias. Talvez precisássemos até procriar. Mas não precisávamos casar.

Isso perturbava os suspeitos de sempre (avós, mães). Mas também, para nossa surpresa, preocupava os que esperávamos que abraçassem o nosso estilo de vida “anticonvencional” (o que tinha piercing, o gay, os irmãos mais novos). Em uma competição de luta feminina em Daytona, na Flórida, um ciclista grisalho disse que ela era louca (“O que está fazendo com esse cara? Ele tem dinheiro?”) e me chamou de idiota por não selar o compromisso (“É melhor você segurar firme, garoto, antes que alguém a leve embora”).

Qual era exatamente o problema? Não tínhamos problema.

Aquilo não era um posicionamento político. Fomos a vinte e sete casamentos — vinte e sete! — nos nossos sete anos juntos. Brindamos, dançamos com primos isolados, persuadimos garçons a servirem mais bebida. Ninguém poderia nos acusar de não apoiar, com gosto, essa tradição consagrada.

Também não era resultado de traumas familiares. Meus pais começaram a namorar no ensino médio e estão casados há quarenta anos, para o bem e para o mal. Os pais dela se divorciaram quando ela estava no ensino médio — não foi o ideal, mas não era exatamente fora do comum para alguém nascido em 1969, nem, no caso dela, motivo para grandes gastos com terapia mais tarde.

E não era uma postura descolada, pós-moderna. Apesar do mito popular, nunca houve um momento em que achei que me casar era ceder às convenções. Na verdade, eu sempre presumi que me casaria.

Ela lhe diria que seus sonhos de garota nunca envolveram um homem erguendo-a do chão, enfiando uma pedra no dedo dela, e fazendo-a percorrer a nave de uma igreja. Ela lhe diria que sempre foi determinada e independente — e que nunca esperou permanecer tanto tempo em um relacionamento. Ela lhe diria que a coisa toda tem sido uma surpresa agradável, que ela fica impressionada por estar funcionando tão bem. Não vejo razão para mexer em time que está ganhando.

Corta para a noite da véspera do nosso casamento: vamos dizer maio de 2006. Uma brisa fresca recepciona os convidados no jantar de ensaio do casamento, em um café da moda em Key West. A conversa e a interação silenciam quando um pastiche divertido de nossas vidas separadas é projetado na frente da sala. Começa o vídeo.

O meu é o primeiro. A juventude de *Dennis, o Pimentinha*. Uso inapropriado do sistema de alto-falantes da escola onde cursei o ensino médio, que faria as donas de casa da série *Desperate Housewives* enrubescerem. Verões malucos em Atlantic City, na casa da minha avó, quando eu ficava fora o tempo todo, com uma série de brinquedos que ela e a sua melhor amiga, Bunny Bookbinder, não aprovavam. Um tema emerge: garotas. Ele adora garotas. Baixas, altas, pequenas, grandes, pequenas. Brancas, negras, asiáticas. Mais velhas, mais novas. Laurence David Smith é louco por garotas. E veja bem, ele mesmo não é grande coisa de se olhar, por isso tem que se esforçar muito. Mas ele adora. Veja ele correndo atrás! Por que desistir disso algum dia? Agora nós o vemos com

trinta e poucos anos, morando em Nova York — o melhor lugar na terra para um cara de aparência decente, com um bom emprego, e nenhum problema visível com drogas ou com gerenciamento de raiva, conhecer muitas mulheres. Ele poderia continuar assim por anos — cinco! dez! — antes de assentar com uma mulher escolhida dentro de seu objetivo demográfico. Divertido!

Mas a história de vida dela é para agradar multidões. Aqui está ela, sendo concebida por pais hippies, na San Francisco de 1969. A breve, mas memorável carreira como modelo infantil. O lento, mas firme nascimento de uma personalidade obstinada e independente, e a indiferença aos garotos durante o ensino médio. Os anos em uma universidade só para mulheres. Os empregos em bares agitados. Explorando a Indonésia. Amor perigoso. Não se engane, ela é sempre quem está sendo assediada (e raramente cede) nesse filme. Tema: não me prenda. Casamento? Não aposte o dinheiro do seu almoço nisso.

O homem que ama mulheres e a mulher que não quer ser encurralada — dá um grande filme. Você diz: um tigre nunca muda suas listras. Nós dizemos: juntos, somos felizes. Estudos dizem: se não está quebrado, não case.

O que aconteceu?

Não sei direito. Meu caminho para acabar carregando sete anéis de ouro (um para cada ano que estávamos juntos) em um saco hermeticamente fechado, enquanto eu manejava com cuidado o caiaque para sair daquela rocha, foi sutil, uma combinação de perspectiva pessoal, um impulso emocional difícil de definir e um instinto que até agora não consigo definir direito.

Nunca houve um ponto de virada, um momento eureka em que percebi que fazer a coisa mais tradicional possível era uma boa ideia. Alguns caras dizem que sabem na mesma hora que Ela é a Escolhida. Não eu. Não importa se é um suéter ou um software, demoro algum tempo até saber se quero ficar com alguma coisa — esse é um dos motivos pelos quais eu sempre guardo recibos. Não posso dizer que houve um momento em que olhei dentro dos pálidos olhos azuis da garota que conheci enquanto comia carne moída com batatas em um café em San Francisco e pensei, *É isso*.

Agora, depois de oito anos, eu sei. Quando eu soube? Foi pelo modo como ela me ajudou a lidar com a morte do meu avô? O alívio que senti quando ela finalmente atendeu ao celular no 11 de Setembro? Aquela caminhada longa em Pont Reyes? Foi porque ela chorou quando o Sox finalmente venceu? Pelo modo

com que o meu sobrinho a recebe como uma estrela do rock quando ela entra na sala? Talvez eu devesse ter sabido desde o começo, naquela manhã da nossa viagem atravessando o país, quando ela exigiu uma última ida ao Arthur Bryant's para meia porção de costela para o café da manhã (e depois de dez minutos comendo, me disse, "Ei, amor, por que não abre uma cerveja?"). Ou eu não soube até sete anos depois, quando nos vimos forçados a ficar separados por mais de um ano? Quem poderia dizer? Não grandes momentos, talvez, mas também, ou mais ainda, nos pequenos momentos.

Uma coisa eu sei: aqueles vinte e sete casamentos tiveram muito a ver com isso. Foram alegres, corretos, fantásticos (como Woody Allen disse sobre orgasmos, "mesmo o pior já está certo"). A ideia de colocar a nossa marca pessoal em uma tradição que àquela altura já tínhamos visto em tantas formas — incluindo, mas não apenas, missas, lagostas assadas, pombas brancas, chupás explodindo, bolhas de sabão gigante, nadar nus no frio congelante, e uma semiorgia — se tornou mais atraente, e não menos, a cada um.

Mas essa é a festa, e nunca houve qualquer dúvida de que saberíamos como dar uma grande festa para celebrar nossa perseverança. Se casar — com os exames de sangue e cartões com monograma do casal e deduções de imposto de renda — é muito mais do que isso.

Como eu disse, sempre achei que me casaria, até começar a perceber que isso talvez não acontecesse, ou ao menos que eu não teria que fazer isso. Tive relacionamentos longos antes e zero pressão para abordar o assunto. Ninguém se importou menos do que a minha noiva, o que a torna a Mulher do Ano para os meus amigos, que estão sentindo o calor de parceiras que querem ver uma linha de chegada tangível e cintilante. E embora eu também seja louco pela sua força e independência imperturbáveis, também vejo o lado negativo da insegurança: essa pessoa realmente precisa de mim? Ela usa sua autossuficiência determinada como uma medalha de honra, que será jogada fora se algum padre, juiz ou camarada que tenha conseguido uma licença temporária para fazer o casamento, começar a tagarelar sobre o poder da união?

Então, resolvi essa questão (ela precisa de mim, dã; e qualquer um que nos veja interagir sabe quanto eu preciso dela). E resolvi qualquer outra possível questão pelo modo como ela belisca a pele do meu cotovelo durante o brinde "*não acredito que estamos ouvindo isso*" do pai da noiva. E pelo aperto delicado

na minha mão durante a linda cerimônia, e pelas lágrimas silenciosas que caíram em cima dos nossos dedos. E ainda pela expressão ligeiramente diferente que vi nos olhos dela na última vez em que um absoluto estranho questionou a minha sanidade por não amarrar logo aquela moça. E, lentamente como sempre, ainda que com toda a certeza, entendi: ela *quer* se casar. E eu quero me casar. Com ela. Não há nada menos original do que o casamento — essa talvez seja a ideia menos original que já tive em muito tempo —, mas precisei chegar a isso nos meus próprios termos. E depois de todos esses anos (tantos, que as pessoas há muito pararam de perguntar), uma coisa que eu realmente tenho a meu favor é o elemento surpresa.

Então, que diabo, vamos fazer logo isso. Ainda não acredito que o casamento seja o único caminho para a felicidade, ou para a completude como pessoa. Mas é a coisa certa para nós. Assim, eu a pedi em casamento. Ou, para ser mais preciso, o que eu disse, sentado do lado dela, naquela ilha boba, em uma cena saída diretamente da revista de noivas *Bride*, foi algo sobre amor e compromisso e não ir embora, e aqui estão esses anéis para você, e se realmente quiser tornar isso oficial, tudo bem, se não quiser, tudo bem, também. E se quiser um casamento, estou dentro, se não quiser, quem precisa disso. Ela ainda não tinha entendido exatamente o que eu estava pedindo, mas quando parou de rir, aceitou. Então tirou a roupa e se jogou na água.

Meus amigos brincam que eu já estive em vinte e sete casamentos e agora finalmente é hora de um funeral... o da minha solteirice. Que, sim, é triste como um funeral, mas essa morte não é um trágico acidente. Olho para isso mais como uma eutanásia que estou fazendo comigo mesmo, uma morte piedosa.

Estou pronto, meu amor. Desligue os aparelhos.

Larry Smith é criador do projeto Six-Word Memoir® e da série de livros, que recentemente publicou a coleção Six Words Fresh Off the Boat: Stories of Immigration, Identity, and Coming to America. Ele mora em Columbia, Ohio. Este relato foi publicado em dezembro de 2004.

A CORRIDA FICA MAIS GOSTOSA PERTO DA ÚLTIMA VOLTA

EVE PELL

SAM E EU NAMORAMOS POR DOIS ANOS. ENTÃO, QUANDO eu fiz setenta anos e ele oitenta, fizemos uma festa de aniversário de 150 anos e anunciamos o nosso noivado. Nos casamos um ano mais tarde.

Nossas origens eram muito diferentes. Sam, um nipo-americano que fora confinado nos campos de concentração durante a Segunda Guerra Mundial, conseguiu cursar a universidade e teve um casamento feliz com a esposa também nipo-americana por mais de quarenta anos, até a morte dela. Eu cresci como estreante que participava de caças à raposa, e cujos ancestrais que colonizaram Nova York eram senhores de terras na cidade de Pelham. Como era típico da minha família de muitos casamentos, eu já havia me divorciado duas vezes.

Frequentávamos a mesma San Francisco — a área do clube de corrida. Ele era uma raridade — um homem solteiro e encantador de setenta e sete anos. Quis conhecê-lo melhor.

Montei um plano. Nossa amiga em comum, Janet, tinha um pequeno cinema em casa que acomodava cerca de uma dúzia de pessoas — ela normalmente dava festas ali. Liguei para ela.

— Isso é muito sétima série — comecei. — Mas gostaria que convidasse Sam para uma de suas sessões de cinema. Irei a qualquer filme que ele se dispuser a assistir.

Pouco depois, Janet me ligou.

— Ele vem na quinta-feira.

Havia oito ou dez de nós naquela noite. Depois do filme, enquanto estávamos todos de pé por ali, conversando, alguém mencionou *Diários de motocicleta*, um filme novo sobre Che Guevara.

— Eu gostaria de ver esse — disse.

— Eu também — disse Sam. Breve pausa. Prendi a respiração. Ele me olhou.
— Quer ir?

Controlei a vontade de bater a mão espalmada na de Janet e aceitei. Combinamos um dia na semana seguinte — ele me encontraria no cinema. Mas quando o dia chegou, as entradas para o nosso filme estavam esgotadas.

O que fazer? Checamos o que mais estava sendo exibido e escolhemos *Sideways — Entre umas e outras*. Guardo apenas uma vaga lembrança da história ser sobre homens e vinho, mas tenho uma lembrança viva da sensação de estar sentada ao lado de Sam. E quando o filme acabou, decidimos que, como não tínhamos cumprido o nosso objetivo, veríamos *Diários de motocicleta* outro dia.

Sam e eu começamos a correr juntos. No entanto, logo me vi diante de um dilema. Em uma meia-maratona no condado de Humboldt, ele disparou correndo e seguiu muito à frente. Mas, conforme os quilômetros foram passando, eu fui me aproximando cada vez mais e percebi, pelo modo como ele estava correndo, que eu tinha mais energia sobrando. O que fazer? Eu deveria ultrapassá-lo e correr o risco de ele ficar ressentido? Alguns homens realmente detestam ser vencidos por uma mulher.

Eu poderia diminuir o ritmo e deixar que ele me vencesse, mas isso seria condescendente com ele e me deixaria ressentida. Então, pensei, *Se ele ficar aborrecido porque eu corro mais rápido, então não é o homem certo para mim*. Assim, acelerei, dei uma palmadinha nas costas dele e disse:

— Vamos!

Corri até o final e, como eu previ, ele não conseguiu acompanhar. Mas eu não precisava ter me preocupado. Sam não ficou aborrecido — na verdade, ele pareceu satisfeito por eu ter corrido bem. E assim nós amadurecemos juntos.

Sam e eu comíamos com frequência em restaurantes chineses, onde eu recebi alguns biscoitos da fortuna que realmente faziam jus ao nome. Dois dos meus favoritos:

Persevere em seus planos e se casará com o seu amor.

Pare de buscar para sempre. A felicidade está bem ao seu lado.

Uma noite, no cinema, depois de estarmos saindo juntos há várias semanas, senti a mão dele na minha. Se eu fechar os olhos e me concentrar, consigo recapturar aquele instante: o cinema escuro, o calor da mão dele, a minha

felicidade. Talvez não se espere que uma velha avó sinta o clima de romance, mas eu sentia, e sabia que aquela mão dele na minha era um gesto de coragem. Retribuí o gesto convidando-o para um chá quando ele me deixou em casa. Tenho um sofá estreito, desconfortável, na minha sala de estar, péssimo para momentos mais íntimos, mas ainda assim foi onde nos sentamos, e foi lá que nos beijamos antes de ele ir para casa.

Havia uma complicação: eu sentia que Sam estava em conflito sobre o nosso relacionamento em lealdade à esposa, Betty, que morrera seis anos antes. Quando eu era mais nova, teria me sentido enciumada, como se o amor dele por ela valesse mais do que o que sentia por mim. Agora eu pensava diferente, e uma noite fui sincera com ele.

— Sei que você amou muito a Betty, e tenho grande respeito pelo seu casamento. Mas acho que há lugar no seu coração para mim também.

Ele me abraçou e foi para casa.

Vários dias mais tarde, Sam me perguntou:

— Você vai participar da corrida de cinco quilômetros, em Carmel, na semana que vem?

— Vou.

— Gostaria de ir comigo?

— Sim.

Eu não tinha ideia do que se passava na cabeça dele, mas tudo ficou claro alguns dias mais tarde. Estávamos conversando depois de uma corrida, então Sam abaixou os olhos e disse:

— Fiz uma reserva em Carmel de um quarto com uma cama só. Está bem para você?

Estava.

Percebi que a última vez que ele tivera um encontro tinha sido no início dos anos 1950, antes de se casar, e que não tinha a menor ideia da mudança dos costumes nos anos 1960 e 1970. Quando Sam começou a passar a noite na minha casa, sempre interrompia a entrega do jornal na casa dele, para que os vizinhos não percebessem o que estava acontecendo. Mas com toda essa preocupação com o decoro, ele era um romântico de verdade.

Poucos meses mais tarde, quando estávamos os dois na Europa, em viagens separadas, nos encontramos em Barcelona. Foi um risco. Viajar juntos em um

país estrangeiro seria um teste mais severo do nosso relacionamento do que nossas saídas para o cinema e para correr. Mas naquilo, assim como em quase tudo mais, Sam foi perfeito. Quando cheguei ao nosso hotel, ele estava lá, com vinho, chocolates e flores. Apesar de toda a nossa ansiedade em relação a viajarmos juntos, nos demos muito bem. No voo de volta para casa, Sam declarou:

— Nunca mais vamos viajar separados.

Dali em diante, estávamos juntos de vez. Sofremos pouca pressão externa: Sam era aposentado, com uma pensão confortável; eu era escritora freelancer com uma renda externa; nossos filhos de meia-idade já viviam por conta própria. Não tínhamos nada a fazer se não nos amarmos e sermos felizes. Sam e eu fazíamos coisas que as pessoas mais jovens fazem — corríamos e competíamos em corridas, nos apaixonamos, viajamos, reformamos uma casa e nos casamos.

Depois da cerimônia, voamos para o Havaí.

— Você nunca deve chamar isso de lua de mel — me disse ele. — Assim, ninguém jamais vai poder dizer que a lua de mel acabou.

Viajamos para a Itália para competir no Campeonato Atlético Mundial de Masters (que eu carinhosamente chamo de “Olimpíadas Geriátricas”), onde ambos ganhamos medalhas de ouro em nossas respectivas faixas etárias: 70 a 74 para mim e 80 a 84 para Sam. Em casa, plantamos um jardim. Eu terminei de escrever uma biografia. Toda manhã fazíamos flexões, toda noite nos sentávamos na beira da banheira para passar fio dental. Sam me chamava de “meu amor”. Ele nunca esqueceu uma data importante nossa, incluindo a nossa primeira ida juntos ao cinema. Eu dei flores a ele no aniversário de Betty.

O amor maduro é diferente. Na casa dos setenta e oitenta anos, já passamos por altos e baixos suficientes na vida para saber quem somos, e aprendemos sobre compromisso. Sabíamos alguma coisa sobre a morte, porque já tínhamos visto pessoas amadas morrerem. A linha de chegada estava se aproximando. Por que não deixar o coração desabrochar uma última vez?

Eu não era mais tão bonita, mas também não era tão neurótica. Tinha sobrevivido a perdas e erros e a decisões equivocadas. Se aquele relacionamento não desse certo, eu também sobreviveria. E, ao contrário de outros homens com quem eu já estivera, Sam era adulto, sem medo da intimidade, que explorava com alegria o que a vida tinha a oferecer. Seguimos nossos corações e pagamos

para ver. E, por alguns anos, tivemos um pouco do paraíso na terra.

Então, um dia, o canal lacrimal do olho direito de Sam não funcionou e logo o olho dele começou a inchar. Depois de vários diagnósticos equivocados e tratamentos que não davam certo, foi feita uma biópsia. Uma semana depois, o médico ligou para dizer que Sam tinha câncer no estágio quatro e que não sobreviveria.

Houve a agonia da luta de Sam pela vida, que ele travou com graça e coragem. Desesperada para abrandar o sofrimento dele, aprendi a dar cartões do Starbucks carregados com vinte dólares para as enfermeiras do hospital, para que tivessem um cuidado especial com ele. Todo dia eu levava tigelas das bolinhas de melancia favoritas dele. Mas em uma manhã Sam já não conseguiu comer nem isso, e poucas horas depois ele morreu.

Eu não apenas fui feliz durante os poucos anos que tive com Sam, como *sabia* que era feliz. Tive uma das bênçãos mais preciosas que um ser humano pode ter — o amor verdadeiro. Persegui esse amor e o encontrei.

Sinto uma saudade desesperada de Sam. Mas valeu muito a pena mesmo com o sofrimento de hoje. Nós dizíamos com frequência um para o outro:

— Somos tão sortudos.

E éramos. O amor jovem, mesmo para pessoas velhas, pode ser surpreendentemente abundante.

Eve Pell é escritora e corredora e mora em Mill Valley, na Califórnia. Este relato foi publicado em janeiro de 2013.

AMOU E PERDEU? ESTÁ TUDO BEM, PRINCIPALMENTE SE VOCÊ VENCE

VERONICA CHAMBERS

TER ENCONTROS PARA MIM SEMPRE FOI COMO AQUELE videogame: você tenta acompanhar os passos de dança, e quanto mais avança no jogo, mais complicados se tornam os movimentos, até você se ver em um emaranhado de braços e pernas. Eu estava carente e desesperada, e vulnerável, e me apaixonava loucamente vezes seguidas, mas acabava tendo o coração partido toda vez.

Por isso não é nada menos do que um milagre que, dois anos atrás, eu tenha me casado rapidamente e seja feliz no casamento.

Até então eu era um caso de estudo de *Ele simplesmente não está a fim de você*, ou foi o que me disseram. Eu não tinha lido o livro: amigos me avisaram que dispararia muitas lembranças desagradáveis. Ao que parece, ele é todo sobre mulheres como eu: que usam antolhos em relação aos homens de suas vidas, que mergulham rápido demais e se apaixonam vezes sem conta pelas pessoas erradas.

Tenho certeza de que há muitas de vocês por aí. E se você é uma de nós, o que eu tenho a lhe dizer, o que eu desejaria que alguém tivesse me dito em algum momento é: está tudo bem.

Está tudo bem se apaixonar perdidamente por um fraco depois do outro. Está tudo bem aparecer na casa do cara com uma dúzia de rosas e declarar seu afeto imortal. Está tudo bem beber demais e ligar vinte vezes para o seu ex, e então ficar mortalmente constrangida ao perceber que seu número deve ter aparecido no identificador de chamadas dele. Está tudo bem ficar parada dentro de uma cabine telefônica na Times Square, na noite de Ano-Novo, encharcada como um gato de rua embaixo da chuva forte, chorando desconsolada porque o homem por quem está apaixonada decidiu que precisa de mais espaço.

Está tudo bem, porque eu acredito que todos esses grandes gestos e tentativas heroicas de seguir o conselho simples de E. M. Forster para “apenas faça contato” não são realmente sobre esse ou aquele cara. Fazer papel de boba por amor no fim é sobre você, sobre quanto você tem para dar e as distâncias que está disposta a percorrer para manter seu coração aberto, quando tudo ao redor faz você sentir que deveria se trancar.

Sem querer cair demais na psicologia de botequim, mas às vezes acho que nunca tive a oportunidade de ser uma dessas garotas cabeça fresca. O casamento dos meus pais foi uma novela de saídas dramáticas, casos extraconjugais e pressão psicológica. Quando eu era pequena, meu pai me forçava a escolher de quem eu gostava mais, se dele ou da minha mãe. Se eu escolhesse a minha mãe, ele reagia com fúria. Se escolhesse ele, então ele me enchia de abraços e beijos, se deleitando com vitória, e prometia voltar logo para mim.

Logo podia significar dois dias, duas semanas ou dois meses. Aprendi cedo que amar significa nunca ter que cumprir as promessas que se faz.

Minha mãe, que Deus a abençoe, tentava evitar que eu me tornasse uma garota desesperada com problemas em relação à figura paterna. No sétimo ano, tive o meu primeiro namorado: um garoto muito bonito, do terceiro ano do ensino médio, astro do atletismo da escola, chamado Chuck Douglas. Éramos de escolas diferentes, por isso nosso relacionamento consistia em longos telefonemas, cheios de divagações, que na maior parte das vezes eram iniciados por mim.

Um dia, quando a minha mãe não conseguiu fazer contato comigo depois da escola por três horas seguidas, ela chegou em casa cedo, com a intenção de me dar uma surra. Quando me encontrou largada embaixo da mesa de jantar, com o fio do telefone enrolado ao redor do braço como uma pulseira (ou uma algema), ficou com pena de mim. Minha mãe me levou para o quarto dela e me perguntou com que frequência eu ligava para Chuck.

— O tempo todo.

— E com que frequência ele liga pra você? — ela quis saber

Encolhi os ombros.

— Você não pode correr atrás dos garotos — disse minha mãe. — Eles não gostam disso.

Eu tinha treze anos, Chuck Douglas estava namorando comigo, uma nerd de

carteirinha, em um mar de animadoras de torcida peitudas. As palavras da minha mãe não significaram nada. Eu já era um caso perdido.

Na faculdade, descobri a cadeira de estudos sobre mulheres e, de algum modo, consegui envolver cuidadosamente as palavras de Gloria Steinem e Angela Davis ao redor da minha agora já bem solidificada loucura por garotos.

— Sou feminista — declarei. — Não preciso esperar que um homem me chame pra sair.

Assim, chamei um cara depois do outro para sair: a própria epítome de “ele simplesmente não está a fim de você”. Saí com muitos caras gays que ainda não tinham se assumido. Isso acabou se tornando uma espécie de prestação de serviço depois de algum tempo, estimular os ex-namorados a sair do armário. Saí com um DJ de música eletrônica que me convidou para velejar com os pais dele. Detestava o gosto musical do cara e ele beijava mal demais, mas ainda assim eu chorei quando ele me dispensou, uma semana mais tarde.

Quando eu estava na casa dos vinte anos, tive dois relacionamentos longos que ainda assim terminaram, e me vi de volta ao selvagem mundo dos encontros. Nessa época, o livro de autoajuda sobre relacionamentos que estava na moda era *As 35 regras para conquistar o homem perfeito*. Havia muitas regras que supostamente ajudariam a laçar um homem, mas a que eu me lembro dizia que nunca se deve aceitar o convite para um encontro no sábado feito depois da quinta-feira anterior.

O livro me lembrou daquela conversa que eu tive com a minha mãe sobre o lindo Chuck Douglas. Eu compreendia que as regras eram boas para mim, mas tofu também é, e não consigo suportar aquele negócio.

Minha amiga Cassandra insistia que homens eram como leões — querem caçar a presa. Ela sugeriu que eu sorrisse para um cara em quem estivesse interessada, em vez de encurralá-lo com muita conversa.

— Veja como ele reage — disse ela. — E se você estiver em um dia ousado, talvez possa dar uma piscadinha pra ele.

Logo depois, fui convidada por uma amiga para fazer uma viagem à África do Sul. Em uma manhã encantadora, minha amiga e eu estávamos tomando café no restaurante do hotel. Do outro lado do salão, vi um homem charmoso, com o tipo de cara simpática que faz a gente ter a sensação de que o conhece a vida inteira. Eu me levantei para sair do restaurante e notei que ele estava olhando na

minha direção. Sorri. Ele retribuiu o sorriso. Eu me senti ousada e pisquei, então tropecei e caí de cara no chão.

Os minutos seguintes foram confusos, eu fui cercada pelo pessoal do hotel, que me ofereceu gelo e curativos. Então, ouvi uma voz em meio à cacofonia. Era o homem para quem eu tinha piscado. Eu me virei, mortificada.

— Você devia ver um médico — disse ele.

Insisti que estava bem.

— Ora, é melhor deixar que eu julgue isso, porque por acaso sou médico.

Ele me levou para jantar naquela noite e todas as noites pelo resto da minha viagem. Trocamos números de telefone e, embora eu morasse em Nova York e ele em Sydney, na Austrália, eu ligava seguidamente para ele, porque tinha toda a certeza de que o que eu sentia por aquele homem era, se não amor, então certamente magia.

Não era. Para dar um pouco de crédito ao cara, nós vivíamos a continentes de distância. Mesmo se ele estivesse muito a fim de mim, teria sido uma missão difícil.

Foi por volta dessa época, quando eu estava com quase trinta anos, que li uma matéria, provavelmente em uma revista feminina, que levei muito a sério. O artigo sugeria que se você soubesse que iria encontrar o amor da sua vida em um ano, aproveitaria de verdade esse ano. Isso me pareceu razoável.

Assim, por mais que eu ainda tivesse a tendência a ser vulnerável demais e a me comprometer rápido demais, também tive alguns encontros divertidos com caras que eu sabia que nunca mais iriam me ligar. Fui ao cinema e a shows de hip-hop e tentei relaxar em relação a toda essa história de namoro e acasalamento.

Cerca de um ano mais tarde, conheci o homem que se tornaria meu marido. A amiga que nos apresentou insistia que, ao contrário da vasta maioria de homens com que eu vinha me encontrando em Nova York, Jason era um cara capaz de se manter firme. Ele não era o Mr. Big de *Sex and the City*, um tipo que eu conhecia muito bem: o cara mega bem-sucedido que mantém você a distância. Também não era o artista morto de fome e que estava disposto a se apaixonar embora tivesse problemas com coisas como manter um emprego e pagar as contas.

Jason era um cara comum: tinha um bom emprego, uma casa, gostava dos

pais. Oito meses depois do nosso primeiro encontro, ele me pediu em casamento.

De repente, o papel que eu vinha assumindo durante toda a minha vida de encontros e namoros se inverteu: eu não queria me casar. Nunca almejei uma aliança. O que eu quis durante todo o período entre os vinte e os trinta anos foi um namorado realmente incrível: alguém que ligasse quando dizia que ia ligar, que levantasse cedo para correr comigo na ponte do Brooklyn, e que se animasse diante da oportunidade de uma viagem de fim de semana para as Berkshires.

Eu queria alguém com quem pudesse ler o jornal de domingo na cama, que se sentaria ao meu lado para ver filmes estrangeiros, que me serviria canja quando eu estivesse doente, que me mandasse flores no Dia dos Namorados, e às vezes sem qualquer razão específica.

Jason disse que também queria todas essas coisas. Mas, para ele, o relacionamento que eu descrevi era um casamento, não namoro.

Então, eu aceitei.

E provavelmente é por isso que depois de dois anos do sagrado matrimônio, ainda cometo o erro de chamar Jason de meu namorado. Ele é, de todas as maneiras, o melhor namorado que eu já tive. Ninguém jamais me contou que um casamento realmente incrível pode compensar duas décadas de encontros e namoros terríveis. Ninguém nunca disse que todos aqueles caras que simplesmente não estavam a fim de um relacionamento podem ser, para as mulheres, o equivalente psicológico a entalhes na cabeceira de uma cama.

Estou feliz agora por ter saído com o DJ, com o médico, com o fabricante de castiçais. Quando olho para esses relacionamentos em retrospectiva, vejo que no meio de todo o drama eu consegui me divertir bastante.

O que teria acontecido se algum desses relacionamentos tivesse durado, seguindo aos trancos e barrancos em toda a sua incorreção gritante? Em vez de ser dispensada e me consolar com potes de sorvete Chunky Monkey, assistindo a *Bonequinha de luxo*, eu poderia ter tido que encarar um daqueles homens em uma audiência de divórcio, ou ser forçada a ver um deles todo sábado à tarde, quando nos encontrássemos para revezar a guarda compartilhada dos nossos filhos e do nosso Cocker Spaniel.

Felizmente, todos esses homens simplesmente não estavam a fim de mim. Eles me fizeram um favor maior do que jamais poderiam imaginar.

Veronica Chambers é editora do New York Times e organizadora do livro Queen Bey: Celebrating the Power and Creativity of Beyoncé Knowles-Carter. Ela ainda se sente feliz por aqueles caras não terem ficado a fim dela. Nas palavras de Beyoncé: “Boy, Bye”. Este relato foi publicado em fevereiro de 2006.

SOLTEIRA E CERCADA POR UMA PAREDE DE HOMENS

SUSAN M. GELLES

AS VEZES FAÇO UMA ESPÉCIE DE JOGO DE PROVOCAR calafrios, no qual penso sobre como minha vida teria sido diferente se eu tivesse feito outras escolhas. Uma coisa leva a outra totalmente imprevisível.

Depois de passar a casa dos meus vinte anos como uma aspirante à música, frequentei a Escola de Direito na cidade de Nova York. Eu me formei devendo cem mil dólares em empréstimo estudantil. Por sorte, consegui um emprego em uma firma de Direito incrível, mas exigente, onde fui designada para compartilhar um escritório com um associado chamado Daniel.

Daniel e eu nos unimos como soldados que compartilham uma trincheira em tempo de guerra. Éramos ambos tímidos, mas trabalhar juntos dia e noite e nos fins de semana é uma boa maneira de quebrar o gelo. Ele me mandava e-mails falsos de advogados assustadores, e eu saltava de dentro de salas vazias no escritório para assustá-lo.

Não tínhamos nenhuma ligação romântica, mas conversávamos um com o outro sobre as nossas confusões amorosas. Concordávamos que socializar em ambientes sem uma organização formal era particularmente assustador. Por isso, nos escondíamos na nossa sala no escritório e evitávamos a hora do coquetel semanal da firma. A perspectiva de ter que conversar e agradar colegas de trabalho que não conhecíamos fazia com que nos encolhêssemos na defensiva.

Mas mesmo as melhores alianças em tempos de guerra acabam enfraquecendo. Depois de três anos, Daniel deixou a firma e se mudou para outra cidade. Demorei mais dois anos para quitar as minhas dívidas estudantis. Cerca de cinco segundos depois disso, fugi do campo de batalha e me juntei ao departamento jurídico de uma editora onde o ritmo de trabalho era mais lento.

Com mais tempo livre, reuni coragem e me inscrevi em um evento de

solteiros, organizado por um grupo que promovia reuniões regulares para as pessoas se conhecerem. Eu estava com trinta e sete anos, em um ponto crucial da minha vida, e parecia que dali para a frente seria ladeira abaixo. Assim, deixei meu receio de lado e apareci na reunião seguinte.

Havia nove pessoas presentes — cinco homens e três outras mulheres, além de mim. Cada um de nós falou um pouco sobre si diante de um microfone. Então, veio a parte que eu sempre detestava: a socialização. Os organizadores do evento davam as orientações de sempre. Nenhum de nós deveria ser rude. Se alguém se aproximasse, deveríamos conversar com a pessoa por pelo menos um minuto.

Cadeiras foram arrastadas e nos levantamos. Vi um cara atraente e me aproximei dele. Ele sorriu, veio na minha direção, então se desviou para falar com a mulher que realmente tinha em mente. Vi um segundo cara e parti pra cima.

— Oi! — falei.

— Desculpe — respondeu ele, e continuou a andar.

Fui embora, jurando nunca mais comparecer a uma reunião de solteiros. Mandeí um e-mail para Daniel, que respondeu que o mesmo grupo promoveria outra reunião dali a um mês, e eu deveria ir. *Rá rá*, pensei. Comecei a pesquisar sobre adoção solo e assinei contrato para comprar um pequeno apartamento em sistema de cooperativa.

Uma sexta-feira à tarde, algumas semanas depois, estava sentada diante da mesa do meu emprego abençoadamente tranquilo. Ali não havia necessidade urgente de pesquisa para um memorando, sintetizando uma pesquisa jurídica. Ninguém esperava que eu trabalhasse àquela noite. Eram tempos de paz no Direito para mim.

Decidi limpar minha caixa de entrada de e-mails. E lá estava: o e-mail de Daniel sobre a reunião para solteiros. O evento começaria às seis daquela noite mesmo, em Midtown Manhattan.

Eu estava usando uma blusa de flanela, jeans e tênis. Mas e daí? Eu não conheceria ninguém mesmo. E, afinal, quem precisava de amor? No entanto, talvez fosse divertido. Mas eu não teria que conversar com as pessoas? *Você pode ir embora na hora que quiser*, lembrei a mim mesma.

Aquele encontro tinha cerca de noventa pessoas presentes, que se sentaram na

sala de reunião de uma escola de ensino médio. Demorou uma hora para passarem o microfone por todo mundo. Fiz anotações sobre o que certos homens diziam sobre si: esse era um empreiteiro que gostava de Shakespeare, aquele outro era advogado e gostava de ópera.

Então chegou a hora da temida socialização. Um homem de aparência furiosa se aproximou intempestivamente e exigiu saber como eu estava indo. Instantes depois, outro homem, esse com um sorriso fixo, me perguntou de que filmes eu gostava.

A socialização era para durar trinta minutos, mas eu não conseguiria fingir ser jovial e relaxada por tanto tempo. Se não fosse embora logo, começaria a contar histórias pessoais impróprias, como a da freira no ensino fundamental, que me disse que eu nunca conquistaria nada, porque falava muito baixo. Depois de conversar com mais alguns homens, sem sentir interesse por nenhum deles, corri para o banheiro e me tranquei dentro de um reservado.

Por que eu tinha me colocado novamente naquela situação? Era exaustivo. Talvez o amor fosse supervalorizado. Talvez o amor fosse só o que as pessoas alegavam sentir por qualquer um que as aturasse. Eu me encostei contra a parede e fechei os olhos. Conseguia ouvir as mulheres tagarelando, abrindo torneiras e dando descarga. *Vou só esperar aqui, pensei, até a socialização acabar. Então volto e vejo se alguém anotou meu número de identificação para demonstrar interesse em sair comigo.*

Voltei para a sala de reunião, mas descobri que a sessão de socialização ainda não tinha acabado. Na mesma hora, o advogado que gostava de ópera se posicionou na minha frente. Ele estava imaculadamente vestido em um terno, os cabelos escuros cortados bem curtos, os olhos castanhos penetrantes. Enquanto isso, eu poderia ter feito o papel do cavaleiro que cuidava do cavalo dele.

— Oi! — falei. — Eu me lembro de você. Você é advogado.

— Sim — confirmou ele, a expressão do rosto ainda uma porta fechada.

— Também sou advogada. Trabalhava como litigante. Agora estou no departamento jurídico de uma editora. Que tipo de Direito você pratica?

— Imobiliário — respondeu ele, sem inflexão na voz.

— Ah. E você gosta de ópera. De que período gosta mais, ou de que compositor?

A expressão dele ficou mais suave.

— Gosto de Puccini.

Tive uma lembrança distante de mim, sentada em uma biblioteca musical, uma década antes, ouvindo uma ópera que achei terrível.

— Eu me lembro de ouvir *Tosca* uma vez, anos atrás — comentei. — Foi tão exagerado.

Seguiu-se uma longa pausa. Em algum lugar atrás do advogado, os organizadores convidavam as pessoas a voltarem a se sentar.

— *Tosca* é a minha ópera favorita — disse o advogado.

Foi tudo tão deliciosamente horrível: a socialização, a roupa que eu estava usando, a futilidade de tentar conhecer alguém. Mesmo quando eu tentava mostrar interesse em uma pessoa, acabava insultando-a sem querer.

Não consegui me conter e comecei a rir.

— Perdão — falei. — Provavelmente foi um disco arranhado. Ou eu estava rabugenta naquela tarde.

— Sem dúvida — retrucou o homem.

Voltamos todos para os nossos lugares, anotamos obedientemente o número de identificação das pessoas de que tínhamos gostado e entregamos nossos cartões de pontuação. Então, esperamos que o computador desse os resultados.

Eu fui compatível com o advogado, que se chamava Richard. Uma semana mais tarde, tivemos um belo jantar em um restaurante italiano. Richard usava outro terno impecável e eu estava de vestido. Perguntei:

— Se você não tivesse conversado comigo durante a etapa de socialização, ainda assim teria anotado o meu número de identificação?

— Ah, não — respondeu ele. — Eu nunca sairia com alguém com quem não tivesse conversado antes. — Richard inclinou a cabeça, se lembrando. — Foi difícil chegar até você àquela noite.

Sim, pensei, porque eu estava escondida no banheiro.

— Você estava cercada de homens — continuou ele.

Pobre iludido, pensei.

— Tive que atravessar uma parede de homens — disse Richard.

Decidi optar pela honestidade.

— Não havia uma parede de homens.

— Havia, sim! — insistiu ele.

— Eu estava me escondendo no banheiro — confessei.

— Havia uma parede de homens.

Provavelmente é assim o começo do amor: quando se vê alguém de um modo que desafia a realidade, mas que faz total sentido para você.

No nosso segundo encontro, fomos ao Metropolitan Opera e assistimos a *Tosca*. Saímos em meio à aglomeração do público presente para uma noite fria de outono. Mas as ruas laterais estavam quase vazias e nós caminhamos, conversando animadamente sobre como Scarpia era mau, e sobre o terrível destino que se abateu sobre Cavaradossi.

— É gentil da sua parte ter me perdoado por insultar a sua ópera favorita — comentei.

Richard encolheu os ombros, bem-humorado.

— Pelo menos você já tinha ouvido.

Continuamos a caminhar, demos as mãos e conversamos sobre musicais. De algum modo, nos vimos de volta à fonte, agora deserta, em frente à opera. Era meia-noite.

— Cante alguma coisa de Rodgers e Hart — pedi.

Richard pensou por um instante.

— “I’m wild again” — cantou. — “Beguiled again. A simpering, whimpering child again.”

Dois anos mais tarde, nos casamos. Mais de uma década depois disso, somos pais de meninos gêmeos de dez anos.

Quando me pergunto como consegui ter tanta sorte, penso: porque a minha vida na música não deu certo. Porque eu fui para uma Escola de Direito cara, mesmo não tendo dinheiro para pagar. Porque precisei de um emprego que pagasse bem. Porque a firma designou Daniel como meu parceiro no escritório. Porque Daniel me mandou aquele e-mail me lembrando da reunião de solteiros.

Mas o mais crucial, eu acho, é que saí do meu esconderijo no banheiro antes que fosse tarde demais.

Susan M. Gelles é escritora e mora com a família em Larchmont, Nova York. O relato dela foi publicado em dezembro de 2015.

QUANDO EVA E EVA MORDEM A MAÇÃ

KRISTEN SCHAROLD

QUANDO SE É CRIADA PARA SER UMA BOA GAROTA CRISTÃ, você não vai simplesmente à igreja, você namora a igreja. A igreja é a parceira com quem você passa os fins de semana e as noites, o namorado cujos amigos se tornam seus amigos, a namorada com quem você compartilha todos os seus sonhos.

Eu era mesmo uma boa garota cristã, por isso eu não apenas namorava a igreja; eu me casei com ela.

Depois de me formar em uma universidade do Meio-Oeste, cujo lema é “Por Cristo e Seu Reino”, eu me mudei para Nova York. Era a minha primeira vez fora do casulo evangélico, e a minha prioridade era encontrar uma igreja que eu pudesse amar, com a qual pudesse comprometer minha vida, e fazer dela o meu centro espiritual e social.

Minha busca acabou me levando ao Brooklyn, onde encontrei uma igreja de pessoas jovens e criativas e de profissionais inexperientes que, como eu, estavam procurando por uma fé menos sobrecarregada pelo fundamentalismo. Forjamos uma rápida camaradagem, incluindo nosso pastor, que era tanto um amigo e parceiro quanto líder espiritual. Nos encontrávamos nos bancos da igreja, aos domingos, mas também em bares e nas salas das casas uns dos outros durante a semana.

Logo, a congregação se tornou o meu amor. Fiz meus votos como membro e comecei a dirigir um estudo da Bíblia, a ensinar na escola dominical, a comparecer a reuniões semanais de planejamento, e me ofereci para outras incontáveis atividades. Eu me comprometi com aquela igreja com o vigor e a alegria de uma recém-casada.

Como a maioria das mulheres solteiras na minha posição, a prioridade

seguinte na minha lista era encontrar um marido naquela igreja. Havia um padrão de triângulos amorosos no cristianismo. Como o amor do Pai, do Filho e do Espírito Santo, o básico do evangelismo também ensina a santíssima trindade do matrimônio: homem, mulher, igreja. Assim, eu examinava os bancos da igreja toda semana, procurando por alguém com um dedo anelar sem aliança.

Um domingo, reparei em uma mulher nova ali, usando um casaco de camurça, os cabelos escuros e curtos enfiados em um chapéu. Nossa conversa não teve nada demais, mas, ainda assim, fui cativada. E fiz o convite mais religioso possível:

— Quer vir ao meu estudo da Bíblia?

Ela foi. Então, apareceu para jantar. E começou a dormir no meu sofá. Nos encontrávamos para tomar café e uísque, e acabamos deixando pra lá quem pagava a conta da outra. Eu a convenci de que andar de bicicleta em Nova York não era arriscado demais. Então, ela comprou uma bicicleta na Craigslist.

Quando ela caiu — duas vezes! —, fomos para o meu apartamento, onde eu limpei o machucado e fiz um curativo em seu tornozelo. Então, sem prestarmos muita atenção no que fazíamos, fomos a uma exposição em um museu sobre arte gay e lésbica, e me vi forçada a pensar sobre nós. Mas eu não me permitia reconhecer o que estava tão dolorosamente óbvio.

No entanto, ao longo dos meses seguintes, conforme Jess começava a deixar pares de sapato extras no meu armário, a chegar com compras do mercado — para ampliar um pouco a minha dieta básica de burritos congelados —, eu não pude mais negar que estava me apaixonando. E ao me dar conta disso, despenquei do sétimo céu e me vi encarando o fogo do inferno.

Finalmente saí do armário. Para logo correr de volta para dentro dele. Estava em jogo a minha alma e a minha identidade, minha visão de mundo e minha cosmologia espiritual, o relacionamento com meus amigos, com minha família, com Deus. Aquela santíssima trindade de marido, mulher e igreja continuava a me assombrar mesmo se mostrando cada vez mais fora do meu alcance.

Era uma crise de proporções eternas. Mergulhei fundo em um inferno de vergonha e pânico. Meu medo do inferno impediu qualquer possibilidade de imaginar um futuro com Jesse. Eu me arrependia do que os cristãos chamam de a minha “luta com a atração por pessoas do mesmo sexo”, mas ainda encontrava um prazer incomparável com ela. Li um número incontável de livros sobre

homossexualidade, e ainda assim não conseguia clarear as minhas ideias.

Para tentar me confortar, eu me convenci de que Jess e eu éramos só amigas.

Aquilo funcionou até uma noite, quando fomos ao balé, e eu a beijei, e ela me disse que me amava. Pela primeira vez, me senti completa, amada, compreendida. Dormir ao lado de Jess curou meu eu passado e presente. Também confirmou meus piores medos. Acordei apavorada. Precisava expulsar Jess e terminar tudo com ela imediatamente.

Mas primeiro tínhamos que comparecer a um brunch. Era o tipo de brunch a que não podíamos faltar: uma despedida para um bom amigo.

Mal conseguimos consumir as longas mimosas e os ovos Benedicts enquanto contemplávamos nossas vidas transformadas de forma catastrófica, à la Adão e Eva depois de comerem a maçã, totalmente culpadas. A ficha finalmente tinha caído e saímos dali para confrontar nossa realidade.

Enquanto caminhávamos, Jess reparou em um sem-teto perturbado, parado no meio do trânsito. Como jamais ignorava alguém em necessidade, ela o chamou até a calçada, onde o homem começou a contar a história dos golpes que a vida lhe infligira. Jess o escutou com paciência. Fiquei parada ali, arredia e constrangida, enquanto ela se oferecia para comprar almoço para ele.

Quando eles saíram de uma mercearia próxima, o homem segurava um saco de comida, um café quente, e tinha algo parecido com um sorriso no rosto.

— Quanto eu lhe devo? — perguntou o homem.

— Ah, nada. É um presente.

— Quanto eu lhe devo? — insistiu o homem.

— Está certo, então. — Jess hesitou. — Um dólar.

Ele enfiou a mão dentro do casaco e tirou um porta-níqueis, então contou quatro moedas de 25 centavos e colocou-as na mão de Jess. E foi embora.

Jess ficou olhando para as moedas.

— Isso é a coisa mais valiosa que alguém já me deu — comentou. — Não sei nem o que fazer com elas.

Pela maior parte da minha vida, tinha recebido uma enorme quantidade de definições sobre o amor e os relacionamentos que eram fáceis de serem verificadas nas Escrituras, assim como a Terra plana já fora confirmada, um dia, ao se olhar para o horizonte. Mas enquanto observava Jess interagir com aquele homem, vi um novo horizonte, muito mais complicado.

Em Jess, eu vi o amor que Jesus pregava, um amor que não era limitado pelas situações e que se estendia a todo mundo, principalmente a quem era esquecido, a quem era estranho. Jesus nunca mencionou a homossexualidade. A cosmologia dEle não era limitada por crenças, crimes e desdém, sua essência era amar os marginalizados. Todas as fibras de Jess refletiam aquilo. Ela incorporava os atributos pelos quais Jesus tinha mais paixão: compaixão, bondade, justiça. Como amar alguém que amava tão bem poderia ser errado?

Senti o meu limitado conjunto de referências religiosas, de falsas dicotomias e austeridade moral, começar a desmoronar. O que já havia me parecido uma escolha sombria entre perder a minha alma e perder a minha amiga mais querida, na verdade foi uma lição de que o verdadeiro amor era a única coisa capaz de me salvar.

Ainda haveria muita confusão à frente. Muitas pessoas se opuseram ao nosso relacionamento e insistiam que, se nos amávamos, não amávamos a Deus. Nosso pastor foi uma dessas pessoas. Ele foi o primeiro que procuramos para confessar o que, então, considerávamos nosso relacionamento pecaminoso. Mas, conforme o tempo passava, começamos a debater com ele a evolução do nosso pensamento, com a esperança de que nossos anos de dedicação leal à igreja seriam nosso testemunho, e que nosso pastor — um amigo — concordaria em discordar onde nossa teologia divergia.

Mas, em vez disso, ele nos deu um ultimato: rompermos nosso relacionamento, ou perdermos nosso lugar como membros da igreja. Logo depois disso, a Igreja se divorciou de nós.

Olhando em retrospectiva para aquele triângulo amoroso confuso entre Jess, nossa igreja e eu, continuo a me perguntar o que o amor de Cristo pede de nós, e o refrão que continuo a ouvir é “ame ao próximo como a si mesmo”. Jess não me apresentou apenas ao verdadeiro amor romântico, mas também ao verdadeiro amor ágape, e me mostrou que o preceito mais fundamental é a trindade de amar a Deus e ao seu próximo como você ama a si mesmo. Acabamos encontrando uma nova igreja, que defende essa crença e acolhe a todos. Agora tenho a alegria de servir como presbítera lá.

Dois anos depois do nosso primeiro beijo, Jess e eu nos esgueiramos para uma praia vazia em Rhode Island. Só algumas estrelas no céu e uma lua ligeiramente encoberta iluminavam nossa corrida e nossos pulos, enquanto

deixávamos a liberdade levar embora a nossa vergonha. Conforme nossos olhos se ajustavam à escuridão, vimos uma torre de salva-vidas e subimos nela. Com o mar aos nossos pés e o horizonte ao nível dos olhos, nos sentamos uma ao lado da outra sob o ar da noite.

— Vamos escrever alguma coisa — sugeriu Jess, e pegou o diário que compartilhávamos.

— Não, vamos só aproveitar isso — insisti. O momento parecia perfeito como estava.

— Bem, vou escrever alguma coisa, e podemos ler mais tarde.

Jess escreveu, me entregou o caderno aberto e iluminou a folha com a luz do celular. Aquela luz foi uma intrusão chocante na nossa escuridão particular, e pedi a ela que desligasse.

Em vez disso, Jess empurrou o diário nas minhas mãos. Quando abaixei os olhos, vi um buraco recortado no meio de todas as páginas. E no meio dele uma aliança.

Minha cabeça pareceu girar. Esperei que ela dissesse as palavras fatídicas, mas Jess permaneceu em silêncio. O momento não precisava de palavras.

Peguei a caneta e escrevi *sim* na página.

Ela colocou a aliança de prata no meu dedo e me entregou outra igual para colocar no dedo dela. Então, perguntou se eu me lembrava do sem-teto que tínhamos encontrado naquela manhã, depois do brunch.

Eu ri.

— É claro que sim! Por quê?

— Descobri o que fazer com aquelas moedas. Elas foram derretidas para fazer nossas alianças. Cinquenta centavos em cada aliança.

Kristen Scharold é escritora e mora no Brooklyn. Seu relato foi publicado em novembro de 2016.

MEU CORAÇÃO SERIA MAIS RÁPIDO DO QUE QUEM O PERSEGUE?

GARY PRESLEY

SOU QUASE TETRAPLÉGICO, EM CONSEQUÊNCIA DA PÓLIO, e não consigo ficar de pé. A força nos meus braços é limitada — é o bastante para funcionar quando estou na minha cadeira de rodas, mas não para eu entrar ou sair da cadeira.

Morar no meu próprio apartamento, como eu desejei, em vez de receber assistência em uma casa de repouso, exigia um rodízio na equipe de atendentes, para me transferir da cadeira de rodas para a cama, da cama para a cadeira de rodas, da cadeira de rodas para a cadeira no chuveiro... vocês pegaram a ideia. Dez a vinte minutos pela manhã e à noite normalmente resolviam a questão. De resto, eu dava conta da minha vida, o que incluía trabalhar em uma agência de seguros. Nada de trabalhar no estoque pra mim, obrigado.

As atendentes mulheres preferiam ir em duplas, o que era melhor para ajudar a colocar um homem na cama e despi-lo. Costumo ser um tanto deferente na companhia de mulheres, e tinha feito um esforço consciente de evitar qualquer toque, qualquer palavra que pudesse ser encarada como impróprios. Assim, esse esquema seguiu sem problemas, logo passando a ser um trabalho feito e esquecido — ao menos até Belinda, uma jovem mãe de dois meninos, aparecer como uma das metades da minha equipe de atendentes. Ela estava trabalhando à noite para pagar a universidade.

Mais cedo, naquele dia, eu tinha percebido que uma parte da estrutura da minha cadeira de banho estava frouxa.

— Você sabe usar uma chave de encaixe? — perguntei a Belinda.

— Claro — respondeu ela. — Eu era uma moleca. Ajudava meu pai o tempo todo quando menina.

Belinda usava os cabelos escuros, longos, sedosos e lisos presos junto à nuca

delicada, tinha olhos exóticos, escuros e amendoados, e o corpo flexível de uma bailarina. Ela podia até ter sido uma moleca quando pequena, mas o que eu via agora era uma linda mulher.

— Tem um conjunto de chaves na gaveta de baixo da minha escrivaninha, à esquerda — falei. — Pegue e eu lhe mostro como juntar essas partes de novo.

Conforme os dias se passavam, Belinda às vezes começava seu turno na minha escala de transferência sem uma parceira.

— Você não se incomoda de ficar sozinha aqui? — perguntei.

— Por quê? Consigo correr mais rápido do que você.

E, com isso, a necessidade da minha escala rígida se tornou menos importante, e começamos a conversar sobre outras coisas: livros e filmes, meu trabalho e o dela. Pareceu uma evolução natural que, depois de algumas semanas, a rotina de Belinda incluísse uma visita amigável ocasional, antes de ela começar seu turno, que ia das 15 às 23 horas.

Um dia, Belinda apareceu com os filhos.

— Esses são o Matthew e o Christopher — disse.

Os meninos me cumprimentaram, embora Mathew, o mais novo, ficasse agarrado com força à saia da mãe. Ficou evidente que ela havia explicado a eles sobre a minha cadeira de rodas. Matt tinha os cabelos ruivos e sardas, enquanto Chris tinha as cores morenas da mãe.

E foi assim que o homem em uma cadeira de rodas, sardônico e reservado, e a jovem vibrante, que amava ciência e se preocupava se seria capaz de sustentar os filhos, desenvolveram um estranho vínculo, uma conexão onde mãos podiam se tocar, mas pensamentos, sentimentos e emoções começavam a cintilar como relâmpagos além do horizonte.

Eu tinha mais de quarenta anos, e a minha raiva e frustração por ser tetraplégico já haviam abrandado em sua maior parte. Mas nunca me ocorreu que a amizade, a conexão, com Belinda, também seria a ponte entre a cautela e a paixão, entre o isolamento e o vínculo com alguém.

— Sinceramente, não vejo a cadeira — comentou Belinda, alguns meses depois de nos conhecermos. — Vejo você.

Mas eu não acreditei nela, na época. Tinha ficado tetraplégico jovem demais, quando era imaturo demais, e em uma época e um lugar onde a maior parte das pessoas com deficiências eram vistas como inválidas e confinadas, que deveriam

aceitar passivamente suas limitações e se esconder atrás de um sorriso de aceitação, para evitar ofensas, negligência, abusos ou rejeição.

Belinda tinha vinte e seis anos, estava começando a estudar para um mestrado em microbiologia, mas também era mãe solteira com uma renda muito baixa. Quase uma década se passou enquanto ela trabalhava como assistente de enfermagem para pagar pelos estudos e pela creche dos filhos. E a vida estava começando a se tornar mais frenética à medida que ela assumia mais responsabilidades com os estudos para o mestrado.

Eu não sabia como amar, não na época, mas sabia ser amigo. Tentei ajudá-la com os meninos, aprontando-os para o ônibus quando Belinda tinha um compromisso cedo, tomando conta deles depois da escola e cuidando para que o trabalho de casa dos dois fosse feito e para que eles estivessem com as barrigas cheias.

Em um dia de final de verão, Belinda me convidou para acompanhá-la a uma cidade universitária próxima.

— Preciso da opinião de um homem a respeito do que uma mulher deve usar para parecer profissional — disse ela.

O programa de mestrado permitia que ela completasse a renda trabalhando como assistente de ensino. Ela estava apreensiva em relação à aparência, por isso fomos até lá na minha van.

No caminho, passamos por um Fusca na rua ao lado, ela apontou para ele e disse:

— Qualquer dia, vou encontrar um desses e reformar.

Eu não estava prestando muita atenção e falei:

— Se os sonhos fossem cavalos, os mendigos seriam cavaleiros.

— Que coisa cruel de se dizer — retrucou Belinda, aborrecida, e virou o rosto.

Ela estava dirigindo a minha van, e eu ia sentado ao lado dela, com a cadeira de rodas presa por faixas.

— Desculpe — pedi automaticamente, mas não entendi o que provocou a reação dela. O aforismo sardônico fez perfeito sentido pra mim — eu era um especialista em desejos.

— As pessoas têm o direito de sonhar — comentou Belinda.

Permanecemos em silêncio enquanto ela comprava vestidos. Belinda gostava

de estampas florais. Eu gostei de um azul-marinho com minúsculos poás brancos. Paguei o almoço e voltamos para o meu apartamento. Enquanto esperávamos que o ônibus da escola chegasse, ela se sentou no meu sofá, ainda cabisbaixa, as pernas enfiadas embaixo do corpo, os cabelos cascadeando pela lateral do rosto. Ela olhou para fora da janela, para a fileira de cedros ao longo da rua.

— Realmente não tive a intenção de magoar seus sentimentos — falei.

— Não tem problema. Eu não deveria ser tão melindrosa. — Eu podia ver a desesperança refletida nos seus ombros curvados.

Eu conhecia a desesperança. Costumava usá-la como um casaco familiar, incapaz de aceitar o que devia ser tolerado e ignorando petulantemente o que devia ser admitido. Mas naquele momento — diante de tamanha tristeza em uma pessoa normalmente tão aberta e animada, tristeza em uma mulher que precisava de alguma coisa de mim — quis oferecer mais do que palavras de desculpa balbuciadas. Mas também sabia que me insinuar mais fundo no mundo dela nos levaria a um lugar onde eu talvez perdesse o que fizera de mim, um lugar onde eu sabia que não poderia mais me agarrar à dura realidade que me mantinha são.

Eu acreditava que não merecia o amor de Belinda. Acreditava que não deveria permitir que ela me amasse. Me agarrava com força à ideia de que deveria me contentar em suportar o resto da minha vida sem reclamar, um caso encerrado, uma miscelânea absurda de partes quebradas, um mendigo que já não desejava um cavalo. Mas Belinda também era uma mulher, linda e vibrante, e eu era um homem — em uma cadeira de rodas, era verdade —, mas um homem cheio de ardor e desejo que às vezes tornava a cadeira irrelevante.

E eu era o guardião de um segredinho obscuro que eu talvez soubesse desde que tinha ficado preso a um pulmão artificial, e com certeza desde algum vago momento depois, o momento em que me dei conta de que nunca mais voltaria a andar. É uma coisa que vai me corroer as entranhas até o dia em que eu morrer, uma coisa que até então tinha acabado com qualquer ilusão de que o amor e o casamento para mim seriam como nos livros e nos filmes. E era o seguinte: eu seria fisicamente dependente daqueles que viessem a me amar. Era um fardo, uma obrigação, e sempre seria. Não conseguia imaginar como uma mulher poderia me amar e não acabar odiando a carga que eu acreditava ser.

Tudo isso ricocheteou pela minha mente — não em palavras, mas em uma

bruma de desconforto melancólico —, enquanto eu olhava para Belinda. De repente, ela se levantou do sofá e atravessou os poucos passos que nos separavam. Abri os braços e ela se sentou no meu colo e apoiou a cabeça no meu ombro. Não houve som, ou qualquer palavra entre nós, só lágrimas e o meu deslumbramento silencioso.

Amigos. Amantes. É possível que aquele dia tenha sido uma dica de que talvez houvesse uma trilha entre o emaranhado das minhas inseguranças. Só me lembro do presente, da magia, da transição perfeita do que eu jamais poderia imaginar para o que vou guardar como um tesouro até o meu último suspiro. Um beijo. Um toque. O doce aroma na curva do pescoço dela.

— Você sabe que deveríamos parar com isso — falei, a boca contra os cabelos dela. — Você precisa encontrar outra pessoa.

— Onde consigo encontrar um homem tolo o bastante para ficar em casa com os meus meninos quando eles têm catapora? — questionou ela, sorrindo e se levantando para dar um beijo no topo da minha cabeça. — Gosto do fato de você me colocar em primeiro lugar.

Meses mais tarde, Belinda passou pelo meu apartamento e estendeu uma caixinha. Dentro, havia uma aliança masculina, uma faixa larga com folhas de carvalho gravadas na superfície.

— Veja se cabe — disse ela.

Agora nos aproximamos de duas décadas de casados e, às vezes, ainda me encanto com o que o amor forjou. Às vezes, acho que Belinda talvez me veja como algo para cuidar, um lugar de sacrifício, um altar onde oferecer amor. Mas também sinto mais uma coisa — aquele brilho de duas décadas atrás, aquele ardor entre uma mulher e seu parceiro.

Os cínicos dizem que o amor romântico é uma ficção. Eu me apaixonei completamente apenas uma vez, e considero o amor um mistério, um enigma, um nó górdio entrelaçando dois espíritos. Mas mesmo agora, não consigo superar completamente a realidade do amor de Belinda. Escolhi amar Belinda, escolhi contra a minha mente racional, seguindo os sonhos do meu coração. E mesmo agora, confronto as tarefas com as quais ela me ajuda todo dia com uma mistura de culpa e gratidão, ressentimento e apreço, raiva e estupefação.

E em algum lugar no fundo da minha psique, dorme um velho mendigo, que não se dá conta de que o homem que Belinda escolheu para amar conseguiu seu

cavalo e saiu cavalgando.

Gary Presley é o autor de Seven Wheelchairs: A Life beyond Polio. O relato dele foi publicado em novembro de 2009.

SINCERA, LOUCA, CULPADAMENTE

AYELET WALDMAN

JÁ PARTICIPEI DE VÁRIOS GRUPOS DE MÃES — MOMMY AND Me (“Mamãe e eu”), Gymboree, Second-Time Moms (“Mães de Segunda Viagem”) — e toda vez, depois de três minutos, a conversa invariavelmente passava a girar ao redor do assunto de com que frequência as mães se sentiam compelidas a fazer sexo. Todas também queriam garantir que ninguém mais estava fazendo sexo. Aquelas eram mulheres que, em sua maioria, estavam confortáveis com seus corpos, se consideravam seres sexuais. Eram mulheres que amavam seus maridos, ou parceiros. Ainda assim, quase nenhuma delas estava fazendo sexo de forma alguma.

Há motivos de senso comum para essa cama morta. Elas estão exaustas. Ainda dói. Estão tão fisicamente disponíveis para os bebês — amamentando, dando colo, acariciando — que como conseguiriam suportar estar fisicamente disponíveis para outra pessoa? Mas o motivo real para a ausência de sexo, ou ao menos o mais intenso, é que a paixão da esposa passa a ter novo foco. Em vez de concentrar seu ardor no marido, ela concentra nos bebês. Quando, antes, o marido era o centro do seu universo de paixões, agora havia um novo sol ao redor do qual a mulher orbitava. A libido, como ela havia conhecido, se foi, e em seu lugar entra um desejo maternal totalmente absorvente. Há uma unanimidade absoluta em relação a esse tópico, o que tranquiliza as mulheres no mesmo instante.

A não ser, é claro, por mim.

Sou a única mulher no Mommy and Me que parece estar, bem, fazendo algum sexo. Isso poderia me encher de um bem-estar presunçoso. Eu poderia me sentar naquela sala e tripudiar por causa do meu casamento maravilhoso. Poderia pensar em como a nossa vida sexual — sempre vital, até mesmo tórrida — é

mais empolgante e imaginativa agora do que quando nos conhecemos. Poderia checar o relógio para ver se tenho tempo de parar na loja Good Vibrations e ver se eles têm alguns brinquedinhos sexuais novos e excitantes. Poderia até olhar com pena para as outras mães no grupo, desejando que elas também pudessem experimentar um amor tão intenso quanto o meu.

Mas não faço isso. Estou ocupada demais me preocupando com o que está errado comigo. Por que, de todas as mulheres na sala, sou a única que não fez a transição erótica que uma boa mãe supostamente deveria fazer? Por que sou a única incapaz de colocar o filho no centro do meu universo de paixões?

Quando a minha primeira filha nasceu, meu marido segurou-a no colo e disse: — Meu Deus, ela é tão linda.

Desenrolei as mantas que envolviam o bebê. Ela era de um tamanho médio, com dedos longos e magros e uma variedade aleatória de dedos dos pés. Seus olhos estavam bem fechados, e ela tinha o nariz adunco do pai. Parecia melhor nele.

A bebê parecia uma recém-nascida, vermelha e mirrada, o rosto cheio de manchas vermelhas, e ela choramingava. Não me lembro do que eu disse para o meu marido. Na verdade, eu me lembro muito pouco dos meus primeiros dias de maternidade, passados sob uma bruma de analgésicos, a não ser por um telefonema de uma amiga, que perguntou em um gritinho agudo:

— Você não está completamente apaixonada?

E é claro que eu estava. Só que não pelo meu bebê.

Eu amava a minha filha, sim. Mas não estava apaixonada por ela. Nem pelos dois irmãos ou pela irmã dela. Sim, tenho quatro filhos. Quatro filhos com quem passo uma boa parte de cada dia: dando banho, penteando cabelos, sentada com eles para ajudar com os deveres de casa, abraçando enquanto choram suas lágrimas trágicas. Mas não sou apaixonada por nenhum deles. Sou apaixonada pelo meu marido.

É o rosto dele que inspira em mim paroxismos de devoção apaixonada. Se uma boa mãe é a que ama os filhos mais do que qualquer outra pessoa no mundo, não sou uma boa mãe. Na verdade, sou uma mãe ruim. Amo meu marido mais do que amo meus filhos.

Um exemplo: com frequência, eu faço um passatempo típico de pais e mães conhecido como Que Deus Não Permita. E se, que Deus não permita, alguém

raptasse um dos meus filhos? Que Deus não permita. Imagine o que você sentiria se perdesse um deles, ou mesmo todos eles. Eu me imagino devastada, destruída pela dor. Ainda assim, nessas fantasias, sempre há um futuro além da morte do filho. Porque se eu perdesse um dos meus filhos, que Deus não permita, mesmo se eu perdesse todos os meus filhos, que Deus não permita, eu ainda teria ele, o meu marido.

Mas a minha imaginação simplesmente falha quando tento imaginar um futuro além da morte do meu marido. É claro que eu teria que viver. Tenho quatro filhos, uma hipoteca, um trabalho. Mas não consigo imaginar qualquer alegria sem o meu marido.

Não acho que as outras mães do Mommy and Me se sentem da mesma forma. Sei que elas ficariam absolutamente devastadas se por acaso se vissem viúvas. Mas qualquer uma delas sacrificaria qualquer coisa, incluindo os maridos, pelos filhos.

Será que sou uma mãe ruim por culpa do meu marido? Talvez ele simplesmente inspire uma adoração mais absoluta do que outros maridos. Ele cozinha, limpa e cuida das crianças pelo menos cinquenta por cento do tempo.

Se a forma mais erótica de carícias preliminares para uma mãe de filho pequeno é, como já ouvi algumas mulheres alegarem, encher a lavadora de pratos ou varrer o chão, então meu marido é um mestre da sedução.

Ele é bonito, brilhante e bem-sucedido. Mas também pode ser distraído, antissocial e arrogante. Dança mal, sabe demais sobre a política dos klingons e decorou mais letras do Yes do que deveria. No fim das contas, não é tão melhor do que outros homens. A culpa deve ser minha mesmo.

Estou tentando me lembrar daqueles primeiros dias e semanas depois de dar à luz. Sei que meu desejo sexual pelo meu marido demorou um pouco para voltar. Eu me lembro de não querer fazer amor. Não queria nem me aconchegar nele. Às vezes tinha a sensação de que se a mão do meu marido roçasse sem querer no meu seio quando estava tentando pegar o saleiro, eu a cortaria fora com a faca de manteiga.

Mesmo agora, nem sempre estou com humor para a coisa. Quando as crianças vão para a cama, estou tão sem energia quanto qualquer mãe que passou o dia trabalhando, levando os filhos de um compromisso para o outro, construindo castelos de Lego e comprando a chuteira de futebol precisamente correta.

Também sou uma leitora compulsiva. Some o cansaço à obsessão pelos livros, e você poderia ter uma situação em que ninguém consegue fazer sexo de jeito nenhum. Só que quando olho meu marido de relance, pelo canto do olho — os ombros macios e arredondados, os olhos azuis aumentados pelos óculos de leitura — fecho o romance que estou lendo.

Às vezes, acho que estou sozinha nessa obsessão pelo meu cônjuge. Às vezes, acho que o meu marido não se sente da mesma forma. Ele ama as crianças de um modo que uma mãe supostamente deveria amar. Ele as coloca no centro do seu mundo. Mas o meu marido é homem e, portanto, possui uma libido forte. Ter encontrado algo que me tire do lugar de sol do universo dele não significa que ele queira fazer menos amor.

E ainda assim, ele diz que eu estou errada. Diz que me ama como eu o amo. De vez em quando, fugimos das crianças por alguns dias. Conversamos sobre o nosso amor, sobre como amamos nossos corpos e nossos cérebros, sobre as coisas que nos fazem felizes no nosso casamento.

Durante o curso dessas conversas soltas e arrebatadoras, nos tocamos, começamos a fazer amor, paramos.

E depois meu marido vai dizer que nós, ele e eu, somos o centro do que ele mais preza, que nossos filhos são satélites, amados, mas tangenciais. Ele parece inteiramente imperturbado por me amar desse jeito. Amar mais a mim do que às crianças não o perturba. Não faz com que se sinta um mau pai. Ele não sente que me amar mais do que as ama é uma espécie de infidelidade.

E acho que eu também não. Eu não deveria usar essa expressão infeliz “mãe ruim”. No mínimo deveria assumir que, no fim das contas, sou boa o bastante. E sei de uma coisa: quando olho ao redor da sala, para as outras mulheres no grupo, sei que não trocaria de lugar com nenhuma delas.

Gostaria que algum bom sociólogo publicasse um estudo definitivo em que os pais estão desesperada e ardentemente apaixonados, em que os pais se amam mais do que amam os filhos. Seria maravilhoso se pudesse ser estabelecido, de uma vez por todas, que os frutos desses casamentos são mais bem-sucedidos, mais felizes, vivem mais e têm vidas mais saudáveis do que os filhos cujas mães neles concentram seus desejos e paixões.

Mas mesmo com a grande probabilidade de que um estudo como esse não seja feito, mesmo se eu acabar um dia encarando um ajuste de contas no qual os

meus filhos, que Deus não permita, se tornem viciados em heroína, ou, que Deus não permita, sejam incapazes de criar vínculos decentes e acabem vagando de um relacionamento insatisfatório para outro, ou, que Deus não permita, outras coisas terríveis demais até para imaginar se abatam sobre eles, não consigo me arrepender por olhar para meu marido e ainda sentir a mesma onda de desejo que sentia doze anos atrás, quando o vi pela primeira vez, parado na portaria do meu prédio, com um buquê de íris roxas na mão.

E se meus filhos se ressentirem de serem luas em vez de sóis? Se eles me censurarem por não tê-los amado o bastante? E se me chamarem de péssima mãe?

Vou responder que desejo a eles um amor como o que eu tenho pelo pai deles. Vou dizer que eles são meus filhos, e que merecem amar e serem amados daquele jeito. Vou dizer para não se contentarem com nada menos do que o que viam quando olhavam para mim, olhando para ele.

Ayelet Waldman é autora de A Really Good Day e outros livros. Ela mora em Berkeley com o marido e os filhos. Este relato foi publicado em março de 2005.

QUEM É ESSA MOÇA NO QUARTO, PAPAI?

TREY ELLIS

E U OS OUVI ANTES DE ELES ENTRAREM, PISANDO FIRME E sussurrando freneticamente no corredor do lado de fora do meu quarto. Então a porta foi aberta apenas o necessário para que seus ombros e cotovelos passassem, enquanto competiam para ver quem era o primeiro, acompanhados pelo som do alarme do meu relógio:

— Papai, são sete horas.

Essa é a minha filha, que tem seis anos. Ela sobe na cama e pressiona o rosto contra o meu.

Abro um dos olhos e a vejo, enorme. Então, meu filho sobe na cama, atravessa o vasto território do meu edredom, e acerta as minhas canelas com o joelhinho ossudo.

— Papai, são sete horas — repete. Ele tem três anos e meio.

E de repente, na maior parte das manhãs ao longo dos três anos desde que a minha esposa foi embora, a minha cama grande e vazia volta a ficar cheia.

A minha cama é tamanho Califórnia king, o colchão sueco feito com uma espuma viscoelástica, desenvolvida pela NASA. Tanto o meu filho quanto a minha filha foram concebidos nesse polímero da era espacial, e seus primeiros movimentos para sair do útero aconteceram aqui, antes da urgência da situação nos fazer sair correndo para o hospital.

Mas apenas sete meses depois que o meu filho nasceu, me vi sozinho nessa expansão flexível. Meu filho estava dormindo no berço. Minha filha na caminha dela. E a minha esposa estava em seu estúdio boêmio em Venice Beach.

Ela queria ser livre. Eu queria estabilidade para os nossos filhos. Assim, ela foi embora e eu fiquei, mas fiquei mal. Abalado e carente, eu me sentia desesperado por consolo.

A maior parte dos meus amigos e todas as minhas amigas me alertaram contra a ideia de eu me apressar a entrar em outro relacionamento, mas eu estava convencido de que o que mais precisava para ajudar a curar o meu coração era o cheiro de uma pele nova. Eu me atirei em todos os bares de solteiros no meu CEP, mas sempre ia embora tão só como quando chegara. E, por meses, não prosperei no mercado de relacionamentos.

Finalmente, uma divorciada veterana me deu esse conselho:

— Lembre-se de todas as mulheres com quem você quis dormir quando estava casado, e ligue para elas.

Alguns dias mais tarde, eu estava voltando de carro para casa, a capota arriada, o vento soprando as lágrimas que escorriam direto para os meus ouvidos, quando gritei para mim mesmo o nome de uma garota de que eu sempre gostara, uma nigeriana de trinta e poucos anos que chegara de Liverpool.

Quando cheguei em casa, vasculhei todos os meus antigos cadernos de endereço, encontrei um número, disquei e, para meu espanto, ela atendeu. Nervoso, disse que eu e a minha esposa tínhamos nos divorciado e que eu estava ligando para convidá-la para sair.

Depois de um longo silêncio, ela falou:

— Acho que não. Você ainda está casado.

Era verdade, a papelada de Dissolução do Casamento tinha sido protocolada no tribunal apenas recentemente, e ainda levaria mais seis meses para que o processo fosse finalizado. Felizmente a minha futura ex-esposa por acaso estava em casa naquele dia, tomando conta das crianças. Sempre compartilhamos os deveres com os filhos, e nossos horários não mudaram muito depois que ela se mudou.

— Escute, vou colocá-la no telefone e você mesma pode perguntar a ela.

Tapei o bocal com a mão e contei à minha futura ex-esposa o problema em andamento. Ela levou o telefone para outro cômodo.

Que vida estranha se tornou a minha, eu me lembro de pensar.

Finalmente, ela voltou e me estendeu o telefone.

— Ora, isso é uma coisa que nunca me aconteceu, Ellis — ronronou a nigeriana. — Você deve mesmo querer muito sair comigo.

Sair era uma coisa, mas apresentar novas mulheres para os meus filhos era outra. Eu estava determinado a não ser um desses pais que apresentam aos filhos

uma nova madrasta em potencial a cada poucos meses. Minha ex e eu chegamos até a determinar um período de espera em nosso acordo de Dissolução do Casamento, que exigia que esperássemos seis meses antes de apresentarmos as crianças a alguém com quem estivéssemos tendo um relacionamento sério.

Como sou eu que estou morando com os nossos filhos, esse acordo acaba sendo muito mais fácil para ela do que para mim. É um bom plano, e tenho toda a intenção de me manter fiel a ele. Mas levar a minha nova namorada para a minha cama Califórnia king e tirá-la de lá sem que os meus filhos percebam, às vezes é um exercício enervante de técnicas de espionagem intrafamiliar.

No meu terceiro encontro com a nigeriana, fomos para a minha casa depois do jantar. Estava ficando tarde e a esperança crescia em mim quase tão rapidamente quanto o terror. Será que eu desmoronaria e começaria a chorar no meio de tudo? Será que, depois de doze anos com a mesma mulher, as minhas técnicas tinham se tornado tão desajeitadas e fora de moda quanto Phil Collins e os ternos com ombreiras?

Mas na manhã seguinte, acordei ao lado dela na minha cama, encantado e aliviado ao mesmo tempo — então, apavorado. O meu relógio marcava 6:59. Enfiei rapidamente a calça de moletom, interceptei as crianças na escada e os levei habilmente para o andar de baixo com um suborno:

— Rabanadas! Quem quer rabanadas?

Entupi os dois com meio pacote de pão e afoguei cada rabanada em calda, torcendo para que eles apagassem com o excesso de açúcar, e assim eu pudesse tirar a nigeriana sorrateiramente de casa. Ao mesmo tempo, eu estava rezando para que ela desse um jeito de sair sozinha pela janela e descer pela buganvília. Em vez disso, a nigeriana desceu tranquilamente as escadas e se juntou a nós no cantinho do café da manhã — usando o meu roupão. Meu coração quase entrou em colapso, mas felizmente as crianças, que na época tinham só quatro anos uma e dezoito meses a outra, apenas riram.

Depois dessa experiência, durante os momentos ainda aflitivamente raros em que uma mulher achava o caminho para a minha cama, eu explicava a ela com antecedência que, na minha casa, era preciso ir embora antes do amanhecer.

Então, veio a francesa. (Eu sei, tenho uma queda pelos tipos internacionais. Não posso evitar.) Ela estava com vinte e sete anos. Eu, com quarenta e um. É claro que era um clichê. É claro que meus amigos me ameaçaram com uma

intervenção. E é claro que eu não dei ouvidos.

Nós dois nos conhecíamos há um ano, e trocávamos e-mails esporádicos. Então, um fim de semana, em Paris, nos apaixonamos. Duas semanas mais tarde, eu a encontrava no aeroporto de Los Angeles, com uma rosa na mão, tão nervoso que mal conseguia ficar de pé.

Expliquei à minha ex que a nossa regra de seis meses não teria como ser aplicada a amantes estrangeiros, certo? Quem poderia pagar por três semanas em um hotel em Los Angeles? Assim, a francesinha ficou comigo e as crianças, mas não nos beijamos na frente deles, determinados a irmos devagar. Então, de algum modo, as brincadeiras sobre casamento se tornaram mais sérias. Menos de dois meses depois daquele primeiro fim de semana, ficamos noivos. Em vez de ficar petrificada, ou de sentir repulsa pela ideia de se tornar uma mãe instantânea, ela disse que ansiava por isso. Ela amava os meus filhos, tirava fotos sem parar dos dois, e os ensinou a preparar fondant au chocolat.

Quando o meu garotinho dizia que estava cansado demais para andar até o carro e eu declinava da ideia de carregá-lo, era ela que o levantava no colo, e era nela que ele se agarrava como um macaquinho satisfeito. Ela disse até que queria que começássemos a tentar ter filhos nossos no outono. Eu tinha achado que para mim bastava de fraldas, mas a ideia de ter um filho com ela me fez sorrir.

Planejamos uma cerimônia civil no meio do verão, no vilarejo onde os pais dela moravam, em Bordeaux, que parecia saído de um conto de fadas. Imaginamos nossas famílias acomodadas ao redor de mesas impossivelmente longas, no meio de um campo dourado, com uma banda de senhores franceses bêbados tocando acordeões. Então, em janeiro, ela voltou para Paris por um mês e só mandou um e-mail durante todo esse tempo. Um longo e-mail.

Cometi o erro de abri-lo no meio de uma típica manhã enlouquecida com as crianças. O meu filho ainda não estava totalmente desfraldado, e me vi trocando-o em cima da máquina de lavar roupa, enquanto meu coração batia violentamente no peito. Engoli em seco e expliquei às crianças que os planos tinham mudado e que a francesinha não ia mais voltar. Nunca mais. Já se passou um ano e meio e o meu filho às vezes ainda diz que sente falta dela.

Ao longo dos meses seguintes, eu finalmente fiz as pazes com o meu destino e disse a mim mesmo que não precisava de mais amor do que o dos pequeninos que eu ajudara a gerar. Imaginei que se fosse bom com eles e não os estragasse

com repreensões ou indiferença, o amor deles por mim não se dissolveria como os dois grandes romances da minha vida. Decidi que, mesmo se eu passasse o resto da vida sem uma companheira, já teria recebido uma grande porção de amor.

E, é claro, assim que cheguei a essa conclusão, conheci uma mulher, a Cris, uma italiana, que não apenas é um encanto, mas também tem idade mais próxima à minha. Já estamos juntos há cinco meses e ela veio me visitar três vezes em Los Angeles, e as crianças até nos viram de mãos dadas. Durante cada uma das visitas da Cris, ela ficava em um hotel no fim da rua, e eu acertei o alarme para as seis horas, para tirá-la de casa de fininho. Queremos estar certos do que vamos fazer. Queremos estar mais do que certos. Mas como se pode estar certo o bastante?

Ela chega de novo em três semanas, vamos comemorar seis meses de namoro, e decidimos que já é hora de ela receber permissão para ficar na minha cama depois da hora mágica. Conhecemos bem um ao outro, embora ela ainda não consiga compreender o pacote completo. A Cris também sobreviveu a um divórcio, mas não tem filhos, assim, vamos ver como ela vai aceitar minha bagagem extremamente fofa e falante.

Eu estava preparando as crianças para essa grande mudança, quando meu filho me olhou preocupado.

— Ainda vamos poder ficar aconchegados com você de manhã?

Eu o aconcheguei naquela hora mesmo e disse:

— É claro, essa é uma cama Califórnia king. Tem lugar pra todo mundo.

E é verdade: tem lugar pra todo mundo naquela cama grande e confortável.

Se ao menos fosse tão simples assim.

Trey Ellis é escritor e professor, e mora em Connecticut. Este relato, que inspirou o livro de memórias dele, Bedtime Stories: Adventures in the Land of Single Fatherhood, foi publicado em junho de 2005.

VOCÊ TALVEZ QUEIRA SE CASAR COM O MEU MARIDO

AMY KROUSE ROSENTHAL

VENHO TENTANDO ESCREVER ISSO HÁ ALGUM TEMPO, MAS a morfina e a ausência de cheeseburgers suculentos (quanto tempo já se passou... cinco semanas sem comida de verdade?) drenaram a minha energia e interferiram em qualquer talento restante para a prosa. Além disso, os microcochilos intermitentes, que ficam o tempo todo me fazendo apagar no meio de uma frase, claramente não estão permitindo que eu adiante o meu trabalho com a rapidez que eu gostaria. Mas eles são, tenho que admitir, uma diversão meio psicodélica.

Mas, tenho que seguir com isso, porque tenho um prazo final, nesse caso, bastante apertado. Preciso dizer isso (e dizer direito) enquanto tenho (a) sua atenção e (b) uma pulsação.

Sou casada com o homem mais extraordinário do mundo há vinte e seis anos. Estava planejando ao menos mais vinte e seis anos juntos.

Quer ouvir uma piada ruim? Marido e mulher entram no pronto-socorro de um hospital tarde da noite do dia 5 de setembro de 2015. Poucas horas e alguns exames depois, o médico esclarece que a dor fora do comum que a esposa está sentindo na lateral direita do corpo não é a apendicite banal de que eles suspeitavam, mas um câncer de ovário.

Quando o casal volta para casa no início da manhã do dia 6 de setembro, em meio à bruma do choque daquilo tudo, eles conseguem de algum modo se lembrar de que aquele dia, o dia em que souberam o que vinha se deteriorando, também é o dia em que teria sido dada a largada oficialmente no ninho vazio dos dois. A mais nova dos três filhos deles tinha acabado de ir para a faculdade.

Os muitos planos feitos, na mesma hora, subiram no telhando.

Não haveria mais nenhuma viagem com o meu marido e os meus pais para a

África do Sul. Mais nenhuma razão, agora, para me candidatar à bolsa de estudos para Harvard como Loeb Fellowship. Nenhuma viagem de sonho com a minha mãe pela Ásia. Não haveria temporadas em residências para escritores naquelas faculdades maravilhosas na Índia, em Vancouver e em Jakarta.

Não é de estranhar que as palavras *câncer* e *cancelar* guardem alguma semelhança.

Foi então que entramos no que eu vim a pensar como Plano “Ser”, existindo apenas no presente. Quanto ao futuro, permita-me apresentar a vocês o cavalheiro desse artigo, Jason Brian Rosenthal.

É muito fácil se apaixonar por esse homem. Demorei apenas um dia para isso.

Deixe-me explicar: o melhor amigo do meu pai desde os acampamentos de verão, “tio” John, conheceu a mim e ao Jason separadamente por toda a nossa vida, mas Jason e eu nunca tínhamos nos encontrado. Cursei a universidade no Leste e meu primeiro emprego foi na Califórnia. Quando voltei para casa, em Chicago, John — que achou que Jason e eu éramos perfeitos um para o outro — organizou um encontro às cegas para nós.

Era 1989. Tínhamos apenas vinte e quatro anos. Eu tinha precisamente zero expectativa sobre aquilo levar a algum lugar. Mas quando ele bateu à porta da minha casinha, pensei, *Ops, há alguma coisa altamente gostável nessa pessoa.*

No fim do jantar, eu sabia que queria me casar com ele.

O Jason? Ele soube disso um ano mais tarde.

Eu nunca entrei no Tinder, no Bumble, ou no eHarmony, mas estou criando um perfil geral do Jason bem aqui, baseada na minha experiência de viver na mesma casa com ele por, bem, por 9.490 dias.

Primeiro, o básico: ele tem um metro e setenta e oito, pesa 72 quilos, tem cabelos grisalhos e olhos castanhos.

A lista de atributos que se segue não está em qualquer ordem particular, porque tudo parece importante para mim, de algum modo.

Ele se veste de forma muito elegante. Nossos filhos, Jules e Miles, que são jovens adultos, com frequência pegam as roupas do pai emprestadas. Quem o conhece — ou os que por acaso abaixam os olhos para o espaço entre a calça elegante e o sapato elegante que ele estiver usando — sabe que Jason tem um talento especial para escolher meias fabulosas. Ele é esguio e gosta de se manter em forma.

Se a nossa casa pudesse falar, acrescentaria que Jason é muito jeitoso. No assunto comida — uau, ele sabe cozinhar. Depois de um longo dia, não há alegria maior do que vê-lo entrar pela porta, pousar uma sacola do mercado em cima da bancada e me seduzir com azeitonas e com algum queijo delicioso que encontrou, para então começar a preparar a refeição da noite. Quando eu estava trabalhando no meu primeiro livro de memórias, ficava circulando as partes que a minha editora queria que eu expandisse mais. Ela dizia: “Gostaria de ver mais desse personagem.”

É claro que eu concordava — ele era mesmo um personagem cativante. Mas era engraçado porque ela podia dizer apenas: “Jason. Vamos acrescentar mais sobre Jason.”

Ele é um pai absolutamente maravilhoso. Pode perguntar a qualquer um. Está vendo aquele cara ali no canto? Vá perguntar a ele, que ele vai confirmar. Jason é compassivo — e consegue virar uma panqueca.

Jason pinta. Adoro a arte que ele cria. Eu o chamaria de artista a não ser pelo diploma em Direito que o mantém em seu escritório no centro da cidade na maior parte dos dias, de nove às cinco. Ou ao menos mantinha, antes de eu ficar doente.

Se você estiver procurando por um companheiro de viagem bem disposto e cheio de sonhos, Jason é o homem para você. Ele também tem uma afinidade com coisas pequenas: colheres de prova, jarrinhas, uma miniescultura de um casal sentado em um banco, que ele me deu de presente como lembrança de como a nossa família começou.

Aqui está o tipo de homem que Jason é: ele apareceu no ultrassom da nossa primeira gravidez com flores. Esse é um homem que, porque sempre acorda cedo, me surpreende todo domingo de manhã fazendo algum tipo de carinho sorridente usando o que estiver perto da cafeteira: uma colher, uma xícara, uma banana.

Esse é um homem que emerge de um minimercado, ou de uma loja de conveniência de um posto de gasolina e diz: “Me dê a sua mão.” E, *voilà*, aparece um chiclete colorido. (Ele sabe que adoro todos os sabores, menos o branco.)

Acho que você agora já sabe bastante sobre ele. Então, vamos puxar a tela imaginária do aplicativo de relacionamentos para a direita.

Espere. Eu mencionei que ele é incrivelmente bonito? Vou sentir saudades de olhar para aquele rosto.

Se ele soa como um príncipe e nosso relacionamento parece um conto de fadas, isso não está muito longe da verdade, a não ser por todas aquelas coisas típicas de duas décadas e meia brincando de casinha juntos. E a parte de eu acabar tendo um câncer. Droga.

No meu livro de memórias mais recente (totalmente escrito antes do meu diagnóstico), convidei os leitores a mandarem sugestões para tatuagens combinando — a ideia era que autor e leitor criassem um vínculo por intermédio da tinta.

Eu estava levando aquilo totalmente a sério, e encorajei os que fossem dar as sugestões a fazerem o mesmo. Centenas fizeram contato. Poucas semanas depois da publicação do livro, em agosto, recebi uma mensagem de uma bibliotecária de sessenta e dois anos, de Milwaukee, chamada Paulette.

Ela sugeriu a palavra *mais*. E se baseou em um texto do livro no qual eu mencionava que *mais* foi a primeira palavra que eu falei (era verdade). E agora pode muito bem ser a minha última (o tempo dirá).

Em setembro, Paulette me encontrou em Chicago, em um estúdio de tatuagem. Ela fez a dela (a primeira na vida) no pulso esquerdo. Eu tenho a minha na parte de baixo do meu antebraço esquerdo, com a letra da minha filha. Essa foi a minha segunda tatuagem — a primeira é uma letra *j* minúscula, que está no meu tornozelo há vinte e cinco anos. Você provavelmente consegue imaginar a quem se refere. Jason também tem uma, mas com mais letras: *AKR*.

Quero mais tempo com Jason. Quero mais tempo com os meus filhos. Quero mais tempo bebericando martínis no Green Mill Jazz Club às quintas à noite. Mas isso não vai acontecer. Eu provavelmente tenho apenas mais alguns dias como uma pessoa nesse planeta. Então, por que estou fazendo isso?

Estou fechando esse texto no Dia dos Namorados, e o presente mais genuíno, menos óbvio, que posso esperar para a data é que a pessoa certa leia isso, se encontre com Jason e outra história de amor comece.

Vou deixar intencionalmente o espaço abaixo vazio, como uma maneira de dar a vocês dois o recomeço que merecem.

Com todo o meu amor, Amy

Autora de livros de sucesso para crianças e adultos, Amy Krouse Rosenthal também foi incrível fazendo muitas outras coisas, incluindo curtas-metragens e saladas. Ela morreu de câncer no ovário em 13 de março de 2017, dez dias depois de este relato ser publicado.

SEGURANDO FIRME NAS CURVAS

UM CORPO MARCADO, UM CASAMENTO CURADO

AUTUMN STEPHENS

RECEBI A LIGAÇÃO EM UMA MANHÃ ENSOLARADA DE JULHO, em 2001, enquanto o meu marido estava no trabalho e os meus filhos na creche, e quando rosas grandes e rosadas desabrochavam como loucas por todo o meu quintal. De acordo com a biópsia, os dutos de leite do meu seio direito estavam cheios de células cancerosas. Células latentes naquele momento, mas o oncologista disse que se em algum momento elas resolvessem se romper, seria um grande estrago.

Ele sugeriu que fizéssemos um ataque preventivo para combatê-las. E quem era eu para discutir? Um dos meus bebês, que eu já concebera tarde na vida, ainda usava fraldas, o outro mal conseguia escrever o próprio nome. Vamos tentar uma lumpectomia, decidimos. Se não funcionasse, simplesmente cortaríamos o seio fora.

Meu marido recebeu a notícia da minha doença estoicamente, quase como se fosse alguma coisa que ele já soubesse. Nem um erguer de sobrelance para revelar surpresa ou desalento. Como muitos homens, ele prefere a calma de quem está no controle a histrionismos. Por sinal, eu também. Mas naquela noite, não houve chance de sono para mim: fiquei deitada no escuro, tremendo e sozinha com os meus medos. Sabia que o meu marido conseguiria viver sem mim. Já tinha feito isso antes — por escolha. Apesar de seus surtos de ambivalência sobre o nosso casamento — e consequentemente os meus —, estou com esse homem (e sem ele, e com ele de novo) há mais de um quarto de século. Nem todas as cicatrizes são visíveis a olho nu.

Por mais incompreensível que possa parecer às vezes, o cara que hoje sofre de insônia, tem uma hipoteca para pagar, dirige um Volvo, paga impostos e cuja aliança eu uso no meu anelar, já foi um rapaz desengonçado de dezenove anos

que abalou a minha alma, o namorado de olhos azuis que conheci no dormitório da faculdade onde nós dois morávamos, um refúgio para hippies contemporâneos e ativistas estudantis. Nos tornamos amantes em uma noite de início de primavera, quando as luzes se apagaram em uma festa embalada a álcool e LSD. Tínhamos passado todo o inverno nos aproximando devagar um do outro: ele tinha medo, agora eu percebo, da minha língua afiada; eu desconfiava (e não estava totalmente errada) que ele fosse uma pessoa muito mais gentil do que eu.

Nunca saímos para um encontro, nunca nos envolvemos em qualquer ritual formal de namoro que as gerações anteriores tomavam como certos. Mas, naquela noite, no escuro, encontramos um ao outro, e nos meses e anos que se seguiram, enquanto outros casais se uniam e se separavam, e voltavam a se unir em novas configurações, nós permanecemos juntos. Acabamos nos casando, então prontamente traímos um ao outro, de forma tão explícita quanto fugaz. Não tínhamos, para nos prender, a euforia exultante e impetuosa dos recém-casados, ou bebês concebidos na lua de mel, ou qualquer grande compra de imóveis para demonstrar a nossa fé no nosso futuro compartilhado. Quando as coisas ficaram difíceis de continuar, não havia nada concreto nos ancorando.

Dois anos depois do nosso casamento, descalços na beira da praia, meu marido disse que queria o divórcio. Por semanas depois disso, eu me senti tão arrasada que às vezes tinha medo de me mover e desmoronar; tão suscetível à rejeição que mal ousava mostrar meu rosto magoado, meu rosto de fracassada, para o mundo vencedor no amor.

Mas é possível se acostumar com tudo. A minha nova vida de solteira foi assim: solitária, liberada, produtiva. Tranquila, em contraste com o desespero silencioso e gritante que caracterizara o meu casamento. E segura. Sozinha, eu não poderia receber uma facada nas costas, a minha serenidade não seria sequestrada pelos demônios de ninguém. Ao longo do tempo, eu me acomodei profundamente dentro de mim. Às vezes, quando estava escrevendo com um prazo apertado, não saía do meu apartamento por dois, três dias. Mal dormia ou trocava de roupa. E vejo isso não como uma patologia, mas como um prazer, a plena expressão de um aspecto compulsivo e antissocial meu que tenho a tendência a ver, ou talvez meramente a romantizar, como a eu “real”.

Então, cinco anos depois, quando meu marido e eu nos reconciliamos súbita e

inesperadamente (um encontro por acaso, um beijo explosivo, o déjà vu todo de novo), pensei muito antes de concordar em desistir do meu estúdiozinho de solteira. Com certa apreensão, assinei junto com ele o pedido de empréstimo para a casa vitoriana grande em Berkeley que planejávamos encher, o mais rápido possível, com filhos.

E logo também o já mencionado jardim com rosas, e jantares para amigos e o grande alívio dos nossos pais porque finalmente teriam netos. A imagem do casal feliz, finalmente. No entanto, um retrato mais penetrante, uma biópsia conjugal, teria revelado como a desconfiança ainda apertava o coração da mulher, como o marido mordida a parte interna da bochecha até sair sangue, de tanta frustração. A história se repete, não é? Esperei por muitos anos que acontecesse de novo, acalentando a minha amargura.

E finalmente aconteceu — embora não exatamente do jeito que eu havia esperado, mas com um diagnóstico de câncer. A troca fácil que eu pensei ter intermediado — meu seio flácido de quarenta e três anos em troca de uma dose de vida cotidiana longa e boa — não aconteceu tão tranquilamente quanto eu tinha imaginado. Nem meus médicos, ou meu marido, ou eu ficamos chocados quando o mal cirúrgico menor, a lumpectomia, não conseguiu derrotar o câncer. Ninguém havia prometido que isso aconteceria. O que surgiu como um raio, do nada, foi a devastadora infecção pós-cirúrgica que me atacou dois dias depois e da qual eu, realmente, quase morri.

O verão de 2001 passou enquanto eu permanecia de cama, ligada aos suportes intravenosos que injetavam medicamentos no meu corpo, preocupada demais com a minha própria situação para reparar no tempo passando. Levei semanas presa àqueles suportes — primeiro no hospital, então em casa, antes de estar saudável o bastante para ter o meu seio removido — ou ao menos o que restou dele.

Quando o cirurgião plástico falou sobre reparar o meu peito mutilado, a palavra que ele usou foi reconstrução. Essa palavra sempre me faz pensar na Guerra Civil Americana: as batalhas sangrentas, o esforço condenado ao fracasso de se curar e seguir em frente, enquanto o cheiro da morte ainda paira no ar.

Rejeitei de cara a proposta dele. Para ser justa, havia razões médicas para isso. Mas também havia outras razões. Quando meu marido e eu éramos jovens,

a diretiva do movimento feminista era que as diferenças entre homens e mulheres não deveriam ser enfatizadas. Talvez por causa disso, eu raramente tenha sido capaz de reunir — muito menos sustentar — um senso de feminilidade viável. Na verdade, nunca cheguei sequer a compreender realmente o que as pessoas querem dizer com essa palavra, mas, seja o que for, tenho certeza de que um par de mamas combinando uma com a outra não define isso.

Ainda assim, conforme o meu apetite desaparecia e o meu peso diminuía em relação ao que era no sexto ano do colégio, às vezes, quando eu pensava em como parecia frágil, abalada e delicada, a palavra *feminina* realmente me vinha à mente. Um botão em um galho cortado. Mesmo agora, quando reparo em um remendo recente no asfalto de uma rua da cidade, na cicatriz negra no asfalto, fico agudamente consciente da parte superior do meu peito. Daquela superfície vazia, onde às vezes sinto um formigamento, às vezes sinto dor, mas onde na maior parte do tempo não sinto nada.

Mas o meu marido: não vamos esquecer o meu marido. Porque é claro que essa história não é só minha. Durante esse tempo, não escapou à minha atenção como o meu marido, que já fora tão ambivalente, cuidou de mim. O homem cuidou — específica e pragmaticamente. Com as próprias mãos, ele enrolou bandagens no nada que eu não queria ver. Sem reclamar, drenou o tubo plástico que sugava o pus e o sangue do meu peito — na verdade, chegou a medir aquele fluido idiota em uma xícara e registrar a quantidade, como o cirurgião havia sádica e despreocupadamente nos mandado fazer. E, vezes sem conta, meu marido repetiu o ritual de esfregar bem as mãos competentes, calçar as luvas de látex e inserir o cateter no meu braço tenso, mas à espera, até finalmente a minha apreensão cessar e eu passar a olhar com confiança absoluta para seus olhos cansados mas ainda tão azuis.

Há formas mais fáceis de se curar um casamento do que tendo câncer. Mas para nós foi assim que aconteceu. No entanto, não nos imagine com os olhos permanentemente fixos um no outro, os lábios colados em um beijo de final feliz. A vida continua. E, como muitas mulheres na casa dos quarenta anos, lamento que a minha libido não seja mais o que já foi. A preocupação com as crianças, ou com o trabalho, ou só o cansaço mesmo, a vontade de não fazer nada a não ser dormir. A última coisa que eu quero é mexer em alguém, ou que alguém mexa em mim. E partes do corpo ausentes não têm um efeito afrodisíaco

para fazer cintilar a chama do desejo sexual na meia-idade. Estou falando estritamente de mim aqui, o meu marido não parece se importar. Não se engane: se nos divorciarmos de novo, será por falta de sexo, não por falta de seios.

Mas você está pensando, não está, que eu deveria ser grata pelo meu marido ainda me achar atraente, por ele suportar o meu lado desfigurado? Concordo que não é o desfecho ideal, abrir mão de todas as outras por alguém que, no fim, vai ser tão obviamente imperfeita. Mas não fazemos todos exatamente isso, todos nós que já juramos fidelidade a outro ser humano imperfeito?

Acredite em mim, se eu pudesse, me espalharia em cima dos lençóis como uma terra sedutora de prazeres sensuais, o complemento pleno, tudo o que um amante poderia desejar. Mas faço o que posso, um esforço esporádico, e é verdade que ficamos mais próximos um do outro depois do que aconteceu. Ele passa o braço ao redor dos meus ombros, eu tento fazê-lo rir, ou ao menos falar de outros assuntos que não o comportamento dos nossos meninos, ou as tarefas que ainda precisam ser feitas.

Uma tarde, no último verão, meu filho de três anos na época e eu estávamos passeando pela calçada, parando de tempos em tempos, como costumamos fazer, para examinar vários itens interessantes — seixos, formigas, guimbas de cigarro. Naquele dia, tivemos sorte: uma linda flor em formato de trompete, laranja e malva, que parecia mesmo um instrumento musical em miniatura, tinha caído da árvore. Mas quando o meu menino feliz levantou a flor para que eu admirasse, reparou que a parte interna dela estava matizada e já escurecendo. A consternação se misturou à determinação em seu rostinho.

— Mamãe — disse ele, a voz trêmula —, a gente pode fingir que ela é perfeita?

Fingindo, às vezes esquecemos. Mas fingindo, também lembramos. Nua diante do espelho, fico maravilhada com a visão das minhas costelas, agora tão claramente articuladas. É meu — meu em parte, ao menos — o torso ossudo e despojado de um garoto adolescente, não muito diferente de como era o do meu marido aos dezenove anos, quando o sexo era a cola poderosa que nos unia, apagando fronteiras de tal forma que era impossível dizer onde o corpo de um de nós terminava e onde começava o do outro. Mas agora, é claro, é óbvio o corpo que me pertence. O meu é o que tem a cicatriz rosada, bem fina, correndo de norte para sul, apontando na direção do meu coração.

Autumn Stephens editou Roar Softly and Carry a Great Lipstick: 25 Women Writers on Life, Sex, and Survival (da Inner Ocean Publishing), de onde foi adaptado este relato, publicado em novembro de 2004.

A MÃE SEM-TETO DO DJ

DAN SAVAGE

NÃO HAVIA GARANTIA DE QUE UMA ADOÇÃO ABERTA NOS faria conseguir um bebê mais rápido do que optar por uma adoção fechada, ou no exterior. Na verdade, a nossa agência nos alertou que, por sermos um casal gay, talvez tivéssemos que esperar por um longo tempo. Esse ponto ficou claro quando as duas mães biológicas com quem falamos no seminário de adoção aberta, com duração de dois dias, do qual era exigido que participássemos, disseram que a principal preocupação delas para os bebês que carregavam era encontrar “lares bons e cristãos”. Mas decidimos seguir em frente e tentar uma adoção aberta de qualquer modo. Se nos tornássemos pais, queríamos que os pais biológicos do nosso filho fizessem parte da nossa vida.

Por fim, não tivemos que esperar muito. Poucas semanas depois de terminarmos de preencher toda a papelada, recebemos uma ligação da agência. Uma menina de dezenove anos que morava na rua — uma sem-teto por escolha, grávida de sete meses por acidente — tinha selecionado a nós entre os aspirantes a pais pré-selecionados pela agência. No dia em que encontramos com ela, a agência sugeriu que nós três saíssemos para almoçar — ora, nós quatro se contarmos com Wish, o pastor-alemão dela... Cinco, se contarmos com o bebê que ela estava carregando. Estávamos cheios de perguntas sentimentais, mas ela estava desconfiada, só interessada em fatos: não quis fazer um aborto, não poderia criar o filho nas ruas. Restava, então, a adoção. E ela estava disposta a passar por cima de todos os passos da agência — que incluíam reuniões de aconselhamento semanais e algumas poucas reuniões conosco — porque também queria fazer uma adoção aberta.

Estávamos com ela quando o DJ nasceu. E estávamos no quarto dela no hospital dois dias mais tarde, na hora dela entregar o bebê. Antes que

podéssemos levar o DJ para casa, tivemos que literalmente tirá-lo dos braços da mãe enquanto ela ficava sentada na cama, chorando.

Eu tinha trinta e três anos quando adotamos o DJ, e achava que sabia como era um coração partido, mas não sabia nada. Sabe como é um coração partido? É a imagem de uma adolescente chorando de soluçar, enquanto entrega um bebê de dois dias, de quem não pode tomar conta, para um casal que ela tem esperança que possa.

Pergunte a um casal com esperança de adotar um filho o que eles mais querem no mundo, e eles vão lhe dizer que só desejam uma coisa na vida: um bebê saudável. Mas muitos casais querem algo mais: querem que os pais biológicos da criança desapareçam permanentemente, assim, nunca haverá qualquer dúvida sobre quem são os pais “de verdade” daquele filho. No pesadelo coletivo de todos os pais adotivos, discutido infinitamente em fóruns de adoção na internet, e durante seminários de adoção, os pais biológicos aparecem na porta deles, com os advogados a reboque, exigindo o filho de volta.

Mas nos parecia que todos os filhos adotados eventualmente vão querer saber por que foram adotados e, mais cedo ou mais tarde, vão começar a fazer perguntas. “Eles me amavam?” “Por que se livraram de mim?” Nos casos de adoção fechada não há muito que os pais adotivos possam dizer. A verdade é que eles não sabem as respostas. Nos saberíamos.

Como a maior parte da juventude que escolhe viver sem-teto, a mãe biológica do nosso filho segue por um circuito nacional. Portland ou Seattle no verão; Denver, Minneapolis, Chicago e Nova York no fim do verão e início do outono; Phoenix, Las Vegas ou Los Angeles no inverno e primavera. Então, de carona, ou viajando como clandestina de trem, de volta para Portland, de onde ela é, e começa tudo de novo. Durante os primeiros anos depois que adotamos o DJ, a mãe dele combinou de ir até Seattle durante o verão para podermos ficar juntos. Quando ela estava em Seattle, mantinha contato por telefone. As ligações dela costumavam ser curtas. Ela perguntava como estávamos, fazíamos a mesma pergunta, então colocávamos o DJ para falar ao telefone. Ela não era efusiva, e ele não sabia o que dizer. Mas era importante para o DJ que a mãe dele ligasse.

Quando o DJ tinha três anos, a mãe parou de ligar regularmente e de visitar. Quando ela finalmente ligava, normalmente era com notícias perturbadoras. Uma vez foi o namorado que morreu de intoxicação alcoólica. Eles estavam

dormindo em uma calçada, em Nova Orleans, e quando ela acordou, ele estava morto. Outra vez, ela ligou depois que o namorado seguinte voltou a usar heroína. Logo as ligações pararam e começamos a nos preocupar se ela estava viva ou morta. Depois de seis meses sem qualquer contato da parte dela, começamos a ligar para hospitais. Então para os necrotérios.

Quando o aniversário de quatro anos do DJ chegou e passou sem nem uma ligação dela, eu me convenci de que alguma coisa tinha acontecido na estrada, ou em um pátio de trem em algum lugar. Ela só podia estar morta.

Uma noite, pouco depois do aniversário de quatro anos do DJ, eu estava arrancando o papel de parede em um quarto extra da casa. O melhor amigo dele, um garotinho chamado Haven, tinha passado a noite na nossa casa, e depois que a mãe de Haven passou para pegá-lo, o DJ arrastou uma cadeira para dentro do quarto e ficou assistindo enquanto eu arrancava tiras de papel de parede.

— Haven tem uma mamãe — disse ele de repente —, e eu tenho uma mamãe.

— Isso mesmo — confirmei.

Ele continuou.

— Eu saí da barriga da minha mamãe. Brincava com a minha mamãe no parque. — Então ele olhou para mim e perguntou: — Quando vou ver a minha mamãe de novo?

— Esse verão — respondi, torcendo para não estar mentindo. Estávamos em abril, e não tínhamos notícia da mãe do DJ desde setembro do ano anterior. — Vamos ver a sua mamãe no parque, exatamente como no verão passado.

Não a vimos naquele verão. Ou no outono, ou na primavera. Não sabia o que dizer para o DJ. Sabíamos que ela não o havia abandonado e que o amava. Mas também sabíamos que ela não estava ligando, e que poderia estar morta. Na verdade, eu estava convencido de que ela estava morta. Mas viva ou morta, não sabíamos muito bem como lidar com o assunto com o DJ. O que seria pior? Dizer que a mãe dele muito provavelmente estava morta? Ou que estava em algum lugar qualquer, mas não se importava o bastante com ele para aparecer ou ligar? E logo ele estaria fazendo perguntas mais complicadas. E se quisesse saber por que a mãe não o amava o bastante para tomar conta de si mesma? Para que pudesse viver o bastante para estar presente na vida dele? Assim, ela mesma poderia dizer a ele quanto o amava quando ele tivesse idade o bastante para se lembrar dela e saber o que significava amar?

Meu parceiro e eu conversávamos sobre esses assuntos tarde da noite, quando o DJ estava na cama, gratos por cada dia que passava sem o assunto da mãe sumida ter vindo à tona. Sabíamos que não conseguiríamos evitar ou driblar a questão depois que o verão chegasse em Seattle. Conforme as pessoas passavam, admitimos um para o ouro que aquelas adoções fechadas para as quais franzíamos o cenho antes começavam a parecer boas opções. Em vez de ser um mistério, a mãe do DJ era um conjunto de peculiaridades muito negativas. E em vez de lidar com as peculiaridades dos pais biológicos aos, digamos, dezoito ou vinte e um anos, como muitos filhos adotados, ele teria que lidar com elas aos quatro ou cinco.

DJ já estava começando a lidar com elas: na última vez em que a mãe o visitara, quando ele tinha três anos, DJ quis saber por que ela cheirava tão mal. Fomos pegos de surpresa e respondemos sem pensar muito. Explicamos que, como ela não tinha casa, não tinha como tomar banho ou lavar as roupas com frequência.

Percebemos a besteira que tínhamos feito antes mesmo do DJ começar a surtar. Afinal, o que pode ser mais aterrorizante para uma criança do que a ideia de não ter uma casa? Dizer a ele que a mãe escolhe morar na rua, que para ela as ruas eram a casa, não adiantou. Por meses, DJ insistiu que a mãe simplesmente teria que passar a morar com a gente. Tínhamos um banheiro, uma máquina de lavar roupa. Ela poderia dormir no quarto de hóspedes. Quando a avó aparecesse para nos visitar, ela poderia dormir na cama dele e ele dormiria no chão.

Acabamos tendo notícia da mãe de DJ de novo, catorze meses mais tarde, quando ela ligou de Portland, no Oregon. Não estava morta, era apenas desatenciosa. Tinha perdido a noção do tempo e não conseguiu chegar a Seattle antes que a cidade ficasse muito fria e úmida. E sempre que pensava em ligar, ou estava tarde demais, ou ela estava bêbada demais. Quando a mãe do DJ me contou que tinha chegado ao ponto em que ficava nauseada quando não bebia, eu sugeri gentilmente que talvez estivesse na hora de ela sair das ruas, parar de beber e de usar drogas, e começar a pensar no futuro. Consegui ouvi-la revirando os olhos.

O motivo para ela ter nos escolhido e não qualquer um de todos os casais hétero foi porque não parecíamos ter idade para ser pais. Ela não queria que começássemos a agir como pais dela agora, falou. Sairia das ruas quando

estivesse pronta. Não estava com raiva e não ergueu a voz. Só queria se certificar de que estávamos nos entendendo.

DJ ficou feliz por ouvir a voz da mãe, e os catorze meses sem uma ligação ou uma visita foram esquecidos. Fomos até Portland para vê-la, ela se desculpou pessoalmente com o DJ, tiramos algumas fotos, e ela prometeu não desaparecer de novo.

Não tivemos notícia dela por um ano. Dessa vez, ela não estava bêbada. Estava na prisão, acusada de assalto. Ela já tinha sido presa antes, por curtos períodos, por vadiagem e invasão. Mas daquela vez era diferente — precisava da nossa ajuda. Ou o cachorro dela precisava.

Os namorados e companheiros de viagem da mãe do DJ estavam sempre desaparecendo, mas o cachorro dela, Wish, era a única presença constante em sua vida. Ter um cachorro grande complicava as caronas e as viagens clandestinas nos trens, é claro, mas a mãe do DJ é uma mulher pequenina e o cachorro garantia alguma proteção. E amor.

Uma noite já tarde, em Nova Orleans, do telefone de uma sala comum barulhenta na prisão, ela nos contou sobre uma discussão com outra pessoa sem-teto. Ele avançou para cima dela, e o Wish o mordeu. Ela disse que estava ligando porque, ao que parecia, não conseguiria ser solta antes que sacrificassem o Wish. Ela estava nervosa. Tínhamos que ajudar a salvar o Wish, implorou. Ela estava chorando, e aquela foi a primeira vez que a vi chorar desde aquele dia no hospital, seis anos antes.

Cinco semanas e 1.600 dólares depois, conseguimos não apenas salvar o Wish, mas também tirar a mãe do DJ da cadeia e fazer com que as acusações contra ela fossem retiradas. Quando conversamos ao telefone, eu a estimulei a se mudar para outro lugar. Três meses mais tarde, descobri que ela havia seguido o meu conselho — estava ligando de uma cadeia na Virgínia, onde tinha sido presa por invadir um pátio de uma estação ferroviária. O Wish estava bem, com amigos. Ela estava ligando só para dar um oi para o DJ.

Ouvi pessoas dizerem que escolher viver nas ruas é uma espécie de suicídio em câmera lenta. A essa altura, depois de já conhecer a mãe do DJ há seis anos, eu diria que isso é verdade. Tudo o que ela faz parece flertar com o perigo. Perdi a conta do número de amigos e namorados dela que morreram de overdose, de intoxicação alcoólica ou de hipotermia.

Conforme fica mais velho, o DJ está tendo uma imagem mais precisa da mãe, mas até agora isso não parece ser um problema. Ele a ama. DJ insiste que a foto de uma reunião de família a que comparecemos não está completa porque a mãe dele não está nela. Ele quer vê-la nesse verão, “mesmo se ela cheirar mal”, diz. Também estamos ansiosos para vê-la. Mas estou cansado.

Agora, vamos ao que-Deus-arranque-os-meus-dedos-fora-antes-de-eu-digitar-essa parte do relato: estou começando a ficar ansioso para que esse suicídio em câmera lenta chegue logo ao fim, não importa qual seja esse fim. Prefiro que termine com a mãe do DJ fora das ruas, em um apartamento em algum lugar, organizando a vida. Mas, à medida que fica mais velha, vai ficando mais difícil imaginá-la tomando essa decisão.

Muitas pessoas que se autodestroem não pensam duas vezes antes de também destruir os filhos no processo. Talvez a mãe do DJ soubesse que ia se autodestruir e amasse tanto o menino que quis se certificar de que ele não sairia machucado. Ela o deixou em um lugar seguro, com pais que escolheu para ele — embora tenha partido seu coração abrir mão do filho —, porque sabia que se o mantivesse por perto acabaria fazendo mal a ele também. Às vezes, me pergunto se essa resposta vai ser boa o bastante para DJ quando ele nos perguntar por que a mãe não se cuidou o necessário para permanecer no mundo para ele. Eu meio que duvido disso.

Dan Savage é autor de The Commitment: Love, Sex, Marriage, and My Family, do qual esse relato de setembro de 2005 foi adaptado.

AGORA EU PRECISO DE UM LUGAR PARA ME ESCONDER

ANN HOOD

É DIFÍCIL SE ESCONDER DOS BEATLES. DEPOIS DE TODOS esses anos, eles ainda estão regularmente no noticiário. As músicas tocam em estações de flashback, em contagens regressivas, aparecem nas listas de sucessos. Há sempre alguma data comemorativa dos Beatles: a primeira vez em que uma música deles ficou em primeiro lugar nos Estados Unidos, um aniversário, um marco, um show na Broadway.

Mas preciso me esconder dos Beatles. Ou, em alguns casos, escapar deles. Um dia, no mercado, quando começou a tocar “Eight Days a Week”, tive que deixar meu carrinho cheio de comida ali mesmo e fugir. Entrar em um elevador em que está tocando uma versão de “Hey Jude” em estilo música ambiente é o bastante para me deixar de cama.

É claro que não foi sempre assim. Eu costumava amar tudo relacionado aos Beatles. Quando era criança, decorei os aniversários deles, as trágicas histórias de vida, as letras de todas as músicas. Colecionava cards dos Beatles que vinham em embalagens de chiclete e usava uma pulseira de pingentes com as cabeças dos Beatles balançando e guitarras.

Por dias, a minha prima Debbie e eu discutimos sobre se tinha valido a pena a espera por “Penny Lane” e pela música do lado B do disco compacto, “Strawberry Fields Forever”. Tive dificuldades em compreender *Sgt. Pepper*. Fiquei maravilhada com a genialidade de *White Album*.

Minhas primas e eu costumávamos brincar de esposas dos Beatles. Todas queríamos nos casar com o Paul, mas também aceitávamos o John. Nenhuma de nós queria o Ringo. Ou, ainda pior, o George.

Era fácil demais amar o Paul. Aqueles olhos sedutores. Aquele monte de cabelo. Classicamente bonitinho. Quando eu tinha oito anos, perguntei a minha

mãe se ela achava que um dia eu talvez me casasse com Paul McCartney.

— Ora, meu bem — disse ela, dando uma longa tragada no cigarro Pall Mall que segurava. — Alguém vai se casar com ele. Talvez seja você.

No quinto ano, em um diário em que na maior parte do tempo eu escrevia *Está tão chato aqui*, ou simplesmente, *Entediada*, apenas uma entrada destoava: *Acabei de ouvir no rádio que o Paul se casou. Ah, por favor, Deus, não deixe isso ser verdade.*

Era verdade. E eu fiquei de luto por muito, muito tempo.

É claro que quando eu já estava no ensino médio, entendi a minha tolice. John era o melhor Beatle: sarcástico, divertido, com uma aparência interessante. Aquele nariz longo e fino. Os óculos de aros redondos. Naquela época, eu não queria ser esposa de ninguém. Mas queria, sim, um cara como o John, alguém que falasse o que lhe passava na cabeça, que se metesse em encrenca, xingasse muito e escrevesse poesia.

Quando eu realmente me casei, e então tive filhos, eram as músicas dos Beatles que eu cantava para eles à noite. Como uma das mais novas de vinte e quatro primos, nunca tinha segurado um bebê no colo. Não conhecia nenhuma canção de ninar, então colocava Sam e Grace para dormir ao som de “I Will” e de “P.S. I Love You”. Sam acabou se apaixonando por musicais da Broadway e abandonou os Beatles.

Mas Grace, não. Ela abraçou os Beatles com o mesmo fervor que eu. Seu gosto era peculiar e maduro.

— Qual é a música em que o homem está parado, segurando a cabeça? — perguntou ela, franzindo o cenho, e não demorou muito eu desencavei meu velho álbum *Help!* e nós duas cantávamos: — “Here I stand, head in hand.”

No quarto Natal de Grace, o Papai Noel levou para ela todos os filmes dos Beatles em vídeo, um fotolivro da carreira deles e a fita de *1*. Não demorou muito, tocar “Eight Days a Week” o mais alto possível se tornou nosso hino. Até o Sam cantava junto, e acabou admitindo que aquela era indiscutivelmente a melhor canção já escrita.

O melhor de tudo em relação à minha filha fã dos Beatles era que, aos cinco anos, ela já tinha se apaixonado pelo John. A boa pinta tradicional do Paul não ganhou o coração dela. Em vez disso, Grace gostava da voz anasalada de John, do seu lado sombrio. Depois de assistir ao filme biográfico *Backbeat — Os cinco*

rapazes de Liverpool, ela disse que Stu era o seu favorito. Mas logo voltou para John. Uma vez, eu a ouvi discutindo com um garoto do primeiro ano que não acreditava que tinha havido outro Beatle.

— Houve dois outros Beatles — disse Grace a ele, decepcionada. — Stu e Pete Best. — Ela revirou os olhos e saiu pisando firme, em seus sapatos com purpurina.

Às vezes, antes de adormecer, Grace me fazia contar a ela histórias sobre a morte da mãe de John, sobre como a banda se formou em Liverpool, e sobre o momento em que Paul, quando escrevia a música para “Yesterday”, usou “scrambled eggs”(ovos mexidos) na letra, no lugar de “Yesterday”.

Depois que eu deixava Sam na escola e continuava com Grace no carro para deixá-la no jardim de infância, ela me pedia para colocar para tocar uma das suas fitas dos Beatles. Grace cantava junto com eles o caminho todo:

— “Scrambled eggs, all my troubles seemed so far way.”

No dia em que George Harrison morreu, Grace se comportou como se tivesse perdido um amigo, andando triste e com os olhos marejados pela casa, balançando a cabeça, sem acreditar. Ela perguntou se poderíamos tocar só músicas dos Beatles o dia todo, e foi o que fizemos. Naquela noite, assistimos a uma retrospectiva sobre George. Culpada, confessei a ela que George era o único Beatle com que nenhuma de nós queria se casar.

— O George? — disse Grace, espantada. — Mas ele é incrível!

Cinco meses mais tarde, em uma linda manhã de abril, Grace e eu deixamos Sam na escola, então entramos no carro e fomos cantando junto com “I Want to Hold Your Hand” enquanto eu dirigia. Antes de sair do carro, Grace me pediu para pausar a fita, assim, logo que ela entrasse de volta no carro, naquela tarde, poderia ouvir “You’ve Got to Hide Your Love Away” bem do começo. Aquela foi a última vez que ouvimos nossos Beatles juntas.

No dia seguinte, Grace teve uma febre altíssima e morreu de uma forma letal de infecção por estreptococo. Por um curto espaço de tempo, enquanto ela estava deitada na UTI, as enfermeiras nos disseram para levar algumas de suas músicas favoritas. O meu marido correu para o carro e pegou 1 dentro do toca-fitas. Ele colocou a fita no toca-fitas do hospital e nós subimos na cama da nossa filha e cantamos “Love Me Do” para ela. Apesar dos tubos e máquinas tentando mantê-la viva, Grace sorriu para nós enquanto cantávamos.

No funeral dela, nosso filho Sam, na época com oito anos, usando uma gravata-borboleta de um vermelho vivo, ficou parado diante de centenas de pessoas e cantou “Eight Days a Week” alto o bastante para que a irmã, onde quer que estivesse, o ouvisse.

Naquela noite, reuni tudo o que eu tinha dos Beatles — os álbuns empoeirados, as fitas que enchiam o chão do meu carro, os CDs que enchiam o nosso aparelho de som — e coloquei em uma caixa, com os vídeos de filmes dos Beatles que eram de Grace. Não parei para olhar nada daquilo.

Em vez disso, joguei tudo rápido e descuidadamente na caixa, pois sabia que a visão daqueles rostos em preto e branco em *Revolver* ou as cores psicodélicas de *Sgt. Pepper*, ou mesmo os desenhos coloridos de *Yellow Submarine*, coisas que tinham me feito tão feliz uma semana antes, agora eram dolorosas demais para olhar mesmo que de relance. Como os pais fazem, eu tinha compartilhado as minhas paixões com os meus filhos. E no que dizia respeito aos Beatles, Grace tinha se apossado da minha paixão e a tornado dela. Mas com a sua morte, a paixão virou do avesso e, em vez de me causar alegria, os Beatles passaram a me assombrar.

Eu não conseguia suportar ouvir nem sequer os acordes de abertura de “Yesterday”, ou um cover de “Michelle”. No carro, comecei a ouvir apenas programas de entrevistas no rádio, para evitar que uma canção dos Beatles me pegasse de surpresa e disparasse mais uma crise de choro.

Tentei me proteger completamente dos Beatles — da música deles, mas também das imagens e conversas sobre eles —, mas era difícil, se não impossível. Como, por exemplo, eu poderia pedir a Sam para não tocar a música deles lentamente durante as aulas de violão?

Nos anos 1960, na sala da casa da minha tia, com as paredes de pinho e a TV Zenith, com as minhas primas ao meu redor, nossos cabelos longos e lisos, as franjas entrando nos olhos, o ar pesado com a fumaça do cigarro dos nosso pais e as harmonias dos Beatles, eu acreditava que não havia amor maior do que o meu amor por Paul McCartney.

Agora, às vezes, sozinha, eu me pego cantando baixinho que quando finalmente a encontrar, a música dela vai encher o ar, como diz a letra dos Beatles: “And when at last I find you, your song will fill the air.” Canto para Grace, imaginando seus olhos azuis cintilando atrás dos pequenos óculos de

armação de metal, os pés marcando o ritmo. Canto que a amo sempre que estamos juntas e quando estamos separadas — “Love you whenever we’re together, love you when we’re apart”. Essa já foi a minha canção de amor favorita, e agora jaz silenciosa no *White Album* que está no meu porão.

Que tolice a minha ter me apaixonado tão facilmente pelo Paul, esnobando John e George, ter acreditado que tudo o que eu iria querer na vida estava ali, naquela sala da minha infância, com a família: os meus primos, a TV, a minha música favorita. Mas principalmente, me sinto tola por acreditar que o meu tempo com a minha filha nunca acabaria.

Ou talvez isso seja amor: esse salto de fé, uma crença no impossível, a capacidade de acreditar que uma menininha em uma pequena cidade em Rhode Island se casaria com o Paul McCartney quando crescesse. Ou a crença de uma mulher de luto de que o amor de mãe é tão forte que a filha que ela perdeu consegue ouvi-la cantar uma canção de ninar.

Ann Hood mora em Providence, em Rhode Island. Seu livro mais recente é Kitchen Yarns: Notes on Life, Love, and Food. Este relato foi publicado em fevereiro de 2006.

SÓ SEGURANDO FIRME NAS CURVAS

CRIS BEAM

A MINHA FILHA ACABOU DE FAZER TRINTA ANOS. COMO isso é possível quando parece que apenas uma semana atrás ela era uma adolescente brigona e petulante? Como as mães por toda parte, não me acho velha o bastante pra ter parido uma bebê que conseguisse chegar a essa idade.

No meu caso, é verdade: tenho só quarenta e um anos. Não dei à luz a minha filha. Eu me tornei sua mãe quando tinha vinte e oito anos e ela dezessete. Chame isso de filho não planejado, gestação longa demais. Christina era uma das mais de 135 mil adolescentes que viviam em lares adotivos temporários por todo o país — a maior parte desses adolescentes eram abandonados à própria sorte quando atingiam a idade em que saíam do sistema de adoção e lares temporários, entre dezoito e vinte e um anos.

Eu tive uma sorte enorme de conseguir descobrir uma dessas preciosidades, de compartilhar a minha vida com a garota mais inteligente, mais linda, mais engenhosa e engraçada que há por aí.

Quer uma prova? Tenho fotos. Mas cuidado com o que pede: como as mães por toda parte, sou insuportável com a quantidade de fotos que tenho.

Digo que tenho sorte porque não planejei essa vida para mim. Quando tudo aconteceu, Christina era só a minha aluna favorita na turma de Inglês do ensino médio em que eu dava aula. Quando a agência a fez mudar de escola, permanecemos em contato.

Havia algo ao mesmo tempo ardente e vulnerável em Christina, e eu gostava de estar com ela. Christina também era profundamente inteligente, e eu queria me certificar de que não importava como o mundo a virasse de um lado para o outro, ao menos uma de suas professoras havia lhe mostrado que ela importava.

Eu também queria ficar de olho na segurança dela. Christina é transgênero, o

que significa que havia menos camas disponíveis para ela no sistema e pouca proteção de um modo geral.

E como era de se imaginar, em sua nova escola, o desastre aconteceu: depois que um segurança contou a alguns colegas de escola que Christina tinha nascido homem, eles ameaçaram matá-la, e ela fugiu. Fui a primeira pessoa para quem Christina ligou, e eu e meu parceiro na época nos oferecemos para deixá-la dormir no nosso sofá até conseguirmos resolver as coisas com a agência do governo responsável por ela. Qualquer pessoa com um mínimo de consciência teria feito a mesma coisa.

O que eu não compreendia na época era como a assistência social do Estado pode ser falha no que se refere aos adolescentes. Eu não sabia que metade de todos os adolescentes sob cuidado tutelar são internados em abrigos ou em instituições de encarceramento porque não há famílias que os queiram.

Eu não sabia que, aos dezenove anos, trinta por cento dos meninos terão sido encarcerados. Não sabia, enquanto aquela primeira noite de Christina se transformava em uma segunda e uma terceira, ou quando fomos a uma loja para comprar caixas para guardar as roupas dela, ou quando liberamos uma prateleira no banheiro para ela, que trinta por cento dos sem-teto nos Estados Unidos já estiveram sob o cuidado do Estado, em lares adotivos temporários.

A maior parte de nós não consegue sobreviver aos primeiros empregos, aos primeiros apartamentos, aos primeiros amores ou aos primeiros grandes erros, sem a família para nos apoiar. Precisamos de dinheiro, de amor, de conselhos e de encorajamento mesmo bem depois dos nossos aniversários de dezoito anos — especialmente se celebramos esse aniversário em uma instituição com guardiães financiados pelo estado, trabalhando em turnos de oito horas.

O que eu sabia, enquanto arrumava os lençóis na cama improvisada de Christina naquelas primeiras noites, era que eu tinha uma menina magoada e zangada nas mãos, que estava morrendo de medo de ser rejeitada mais uma vez. E eu sabia como aquela menina se sentia porque eu também já fora como ela.

Quando eu tinha catorze anos, saí da casa da minha mãe e nunca mais a vi. Eu me mudei para a casa do meu pai, a cinquenta quilômetros de distância. Minha mãe não foi atrás de mim, nem me ligou, e eu tinha medo demais para voltar a fazer contato com a mulher que não me queria.

Quando me formei na faculdade, mandei uma carta para minha mãe, e ela me

mandou um bilhete, em um pedaço qualquer de papel, me desejando uma boa vida... e escreveu o meu nome errado. Mais tarde, reconheci sinais de doença mental nela; reconheci isso por causa dos homens com quem ela andava, das noites em que não voltava para casa, no modo com que se enfiava em algum canto e se perdia pelo dia todo.

Mas eu não sabia diagnosticar isso quando era criança. Na maior parte do tempo, eu focava ao redor, pisando em ovos, tentando fazer com que ela melhorasse. Basicamente eu achava que a rejeição da minha mãe era culpa minha. E quando eu não consegui mais suportar isso, fui embora.

Quando Christina se mudou para minha casa, eu não ignorei a semelhança. Vi que, ajudando-a, eu poderia consertar um pouco da minha própria história, poderia ser a mãe que a minha mãe nunca foi. Mas quando Christina já começava a se acomodar em uma espécie de rotina no nosso apartamentinho sala-e-quarto, a agência responsável ligou para dizer que ela não poderia ficar.

Já havíamos matriculado Christina em uma nova escola pública e ela estava fazendo um currículo para poder arrumar um emprego. Estávamos redistribuindo as tarefas domésticas. Mas não éramos um lar adotivo licenciado, por isso eles encontraram lugar para ela em um lar social para adolescentes acusados de crimes sexuais.

Christina nunca cometera um crime desse tipo, e ficou compreensivelmente apavorada. Prometeram que seria só por algum tempo, até que conseguissem encontrar alguma coisa melhor.

A questão é que *eu* era a “coisa melhor”. Já tinha sido encontrada, e Christina estava segura comigo. Eu não ia deixar que um sistema arruinado arruinasse uma menina que eu amava. Não tinha planejado ser mãe de uma adolescente aos vinte e oito anos, mas descobri que se um filhote ferido fosse ameaçado na minha toca, eu era capaz de me transformar em mãe em um piscar de olhos.

Juntas, nós reagimos, e depois de alguns telefonemas acalorados e de arranjos apressados, ela acabou ficando conosco. Mas essa não é a parte triunfal da história. O triunfo são os últimos treze anos.

Ser mãe de uma adolescente pode ser como dirigir um carro de corrida em uma pista escorregadia sem freios. O rádio berra um rap espanhol e a menina no assento do passageiro assovia alto para os outros motoristas que passam, então abaixa. Ou então sai correndo pela porta se está zangada com você. Ah, espere

— talvez isso seja só a minha adolescente.

De qualquer modo, aprendi com a minha adolescente que você só precisa se segurar firme nas curvas. Não aprendi a ser uma ótima mãe do modo como eu tinha planejado, mas aprendi, sim, que nenhum comportamento “ruim” da parte dela jamais vai gerar a rejeição definitiva. Aprendi que, criança ou adolescente, ninguém merece ser descartado — nem as dezenas de milhares de crianças e adolescentes em lares sociais, nem Christina, nem eu.

Essa última parte foi o presente de Christina. O bônus foi perceber que a adolescência passa. Então, você se vê com um jovem adulto que de repente, milagrosamente, ama você também.

Minha experiência com o crescimento de Christina foi extraordinariamente compactada. Não vivi a fase das fraldas, dos dentes nascendo, ou dos primeiros cortes de cabelo. Mas vivi os primeiros passos dela. Houve o momento em que ela começou a chegar em casa na hora determinada, porque “não queria me preocupar”, mesmo nunca tendo tido um horário para chegar em casa antes de morar comigo. (Ninguém nunca tinha se importado com isso antes.)

A minha ex e eu costumávamos acordá-la com a música da Dolly Parton, “Little Sparrow” (Pardalzinho), que ela alegava odiar, porque era a única coisa que conseguia tirá-la da cama. Quando completou dezenove anos, Christina fez uma tatuagem de um pardal em homenagem à música.

E, finalmente, teve a carta, alguns anos atrás, em que Christina me agradecia por salvar a sua vida. Ela salvou a própria vida, eu disse a ela, mas é preciso ter muita profundidade de alma para sentir tanta gratidão.

Além do mais, *eu* é que sou grata. Gostaria que mais pessoas quisessem adotar adolescentes (embora essas pessoas, como eu, talvez não considerem essa possibilidade até um adolescente aterrissar em seu colo). Ao contrário das crianças menores, os adolescentes normalmente reconhecem que suas frustrações e tristezas são fruto do sistema e das famílias biológicas deles, e não de você.

Eles podem dizer, como Christina disse com frequência quando tinha um ataque de raiva:

— Nem sei por que estou agindo assim. Provavelmente é por causa do abuso que sofri em uma das casas em que morei.

E eu podia dizer:

— Não sei o que fazer com você. Não tenho experiência.

E nós duas podíamos nos abraçar para abrandar a confusão que sentíamos e pedir uma pizza para comermos juntas no sofá.

O triunfo na história não é termos celebrado os aniversários de dezoito, dezenove e vinte e cinco anos de Christina, e ela nunca ter chegado nem perto de se tornar uma daquelas tristes estatísticas relacionadas com o sistema de lares adotivos temporários. O triunfo é que os celebramos juntas. E a família de Christina cresceu. Ela fez progressos com seus parentes biológicos e tem a minha ex como sua outra mãe — no último verão, Christina participou do casamento dela.

Minha atual parceira e eu viajamos recentemente para ver Christina no aniversário dela e para marcar o momento com um churrasco coreano, como sempre fazemos. Nossa família bagunçada é como um monte de famílias bagunçadas, mas o principal é que permanecemos próximas porque escolhemos. Christina me ensinou que uma família duradoura não é algo que simplesmente acontece e sim uma escolha, ano após ano.

O que significa que realmente gostamos de passar aniversários juntas. Mesmo se trinta anos parecer terrivelmente velha.

Está tudo certo. Ainda sou uma mãe muito jovem.

Cris Beam é escritora e professora na cidade de Nova York. Seu livro mais recente é I Feel You: The Surprising Power of Extreme Empathy. Este relato foi publicado em agosto de 2013.

UNIR FORÇAS PARA MANTER O JOGO VIVO

ANN LEARY

QUANDO EU COMECEI A APRENDER TÊNIS, MEU MARIDO ficou feliz em jogar com os nossos dois filhos e comigo, desde que não tivéssemos que jogar pelas regras. Como Denis nos explicou vezes sem conta, jogar pelas regras o deixava em uma desvantagem injusta porque ele não sabia as regras, e não sabia como sacar.

Em vez de aprender as regras, ele queria jogar uma variação do tênis que ele mesmo inventara com outro ator, enquanto os dois estavam em uma locação em um país tropical. O jogo deles envolvia não ter saque e um complicado mas curiosamente maleável sistema de regras que eu, com frequência, tinha a impressão de que mudavam no meio do jogo e quase sempre para dar vantagem a Denis.

Isso causou algumas brigas acaloradas na quadra. Fico envergonhada de admitir que, certo ano, nós passamos vários dias das férias em família sem nos falarmos, depois de um jogo do “Tênis do Denis”, que eu tinha perdido “injustamente” (como eu sussurrava repetidamente para os nossos filhos), até finalmente o nosso filho e a nossa filha precisarem intervir e forçar uma trégua entre nós.

Aquele foi um período difícil do nosso casamento. Embora tivéssemos descoberto o tênis tarde, havíamos descoberto um ao outro no início da nossa vida adulta, e agora estávamos passando por um período complicado, que já durava alguns anos.

Quando nos conhecemos, eu tinha vinte anos e Denis vinte e cinco. Éramos jovens e inexperientes demais para saber que as pessoas não mudam quem elas são, apenas a forma como lidam com os outros. Nosso problema básico era, e ainda é, que somos quase idênticos — na aparência, nas atitudes e na

constituição psicológica. Dois leoninos que amavam crianças e animais, eram profundamente emotivos e altamente sensíveis e competitivos com todo mundo, mas especialmente um com o outro.

Quando os filhos chegaram, nos vimos disputando para ver quem fazia mais pelo casamento e pela família, e quem estava sendo egoísta, desaprovador, quem não estava demonstrando amor. Não discutíamos com frequência, mas quando brigávamos, era com fúria.

Acabamos indo ver um terapeuta de casal que, entre outras coisas, sugeriu que fizéssemos programas juntos, à noite. Nossa apatia era tanta que nossa saída programada era a noite da terapia de casal. Depois da sessão, às vezes íamos ao cinema. Um dos filmes que vimos foi *A marcha dos pinguins*.

Esse filme nos comoveu às lágrimas, porque fossem quais fossem as batalhas que travássemos um com o outro, por mais feio que o outro com frequência parecesse ser, tínhamos aqueles dois filhotes muito delicados que precisavam ser protegidos e encaminhados com cuidado, com muito cuidado, porque há alguma coisa mais frágil do que uma menina pré-adolescente, ou um garoto inseguro, em crescimento?

Esses filhos incríveis eram o motivo para estarmos fazendo a terapia, o motivo para estarmos tentando manter o ovo da família inteiro. Assim, continuamos a trabalhar duro para sermos gentis um com o outro. Tínhamos noites regulares em família e tirávamos férias juntos. E, de vez em quando, tentávamos jogar tênis juntos.

Apesar de tudo isso, o casamento continuava tendo dificuldades, e chegou um momento em que nos encontramos no consultório do terapeuta de casal e eu disse:

— Acho que acabou.

— É isso — concordou Denis.

Quando saímos, tive a sensação de que estávamos flutuando, tamanha a nossa calma. Em outros dias, já tínhamos saído furiosos pela porta do consultório e descido os degraus para a rua pisando firme, cheios de raiva, mas agora Denis segurou a porta para mim, e eu agradeci. Quando chegamos à rua, estava nevando. Eu estava com botas de salto alto e as calçadas estavam escorregadias por causa do gelo. Eu não conseguiria andar naquelas calçadas com aquelas botas, por isso perguntei se podia dar o braço a ele, se ele podia caminhar

comigo até em casa.

— Claro — concordou Denis. Ele não se importou.

Nem eu. Só precisava de alguma coisa em que me apoiar, para não escorregar e cair. Me agarrei ao braço dele e nos inclinamos para a frente por causa do vento.

— Acontece — disse ele, enquanto caminhávamos — que estou cansado e faminto.

— Vamos comer alguma coisa — propus.

Entramos em um restaurante em frente ao nosso prédio, um lugar pequeno, um restaurante de bairro, onde os garçons sabiam os nossos nomes e o chef sabia como gostávamos dos nossos hambúrgueres. Nos sentamos em um reservado no fundo. Denis pediu sopa.

Estava tudo acabado entre nós, não havia nada a perder, por isso decidi colocar na mesa os meus ressentimentos finais, as coisas que eu achava que o Denis precisava saber para compreender de vez que ele era a causa do fim prematuro do nosso casamento. Lembrei a ele, em um tom resignado, de quando ele tinha feito isso e aquilo.

Eram farrapos miseráveis de ressentimento, tão amargos e antigos, tão insignificantes, que eu tinha me sentido envergonhada demais até para mencioná-los na terapia, assim, agora joguei todos para o alto e lancei no campo de Denis.

Ele acabou de tomar a sopa. Então, limpou o queixo com o guardanapo. Estávamos ambos tão calmos que era como se a ilha de Manhattan tivesse sido envolvida por uma espécie de nuvem de Valium.

Acho que não havia nenhuma emoção restante, estava tudo acabado, e nós dois encarávamos aquele fim com um alívio surpreendente. Éramos como o casal de pinguins em *A marcha dos pinguins*, que acidentalmente deixara cair um ovo, que se quebrara. Eles ficaram olhando para o ovo por algum tempo, então seguiram caminhos separados, porque os pinguins não permanecem no mesmo casal para toda a vida. Eles flertam um com o outro, guardam a voz do outro na memória, produzem um ovo, se dedicam aos cuidados com o ovo e, quando esse ovo morre, ou amadurece, os pais vão cada um para um lado.

Era assim que tínhamos passado a ver o nosso casamento, como um casamento de pinguins, uma parceria devotada a criar filhos. Nutrimos a

esperança de conseguirmos continuar juntos até esses filhos deixarem o ninho, mas agora isso parecia impossível. Então, estávamos só dando uma última olhada.

Denis dobrou cuidadosamente o guardanapo e falou:

— Desculpe. Se eu pudesse mudar essas coisas, mudaria. Mas não posso. Elas estão no passado. Mas me desculpe.

Eu esperava que ele reclamasse, que reagisse como sempre costumava fazer quando eu dizia que uma sacada questionável dele no tênis tinha ido para fora. Mas Denis só pediu desculpas. E eu acreditei. Ele não tinha razão para mentir àquela altura.

Sua admissão calma de culpa me inspirou a exalar a minha própria litania de arrependimentos e pedidos de desculpas. Nos filmes, aquele teria sido o momento em que nos jogaríamos um nos braços do outro, mas na vida real nós pedimos mais comida. Ligamos para nossos filhos em casa, para ver se eles queriam ir ao cinema. Naquela noite, Denis não foi para um hotel, ele ficou em casa. No dia seguinte, viajamos todos juntos para o campo. A família, depois de todos aqueles solavancos, de algum modo tinha se mantido intacta.

E assim as coisas melhoraram. Voltamos ao nosso terapeuta. Fomos assistir aos nossos filmes. Nos esforçamos para tratar um ao outro de forma mais justa. E começamos a jogar muito tênis, só nós dois, sempre que podíamos. Só que agora jogávamos de acordo com as regras.

Embora eu tivesse feito muitas aulas, Denis é melhor atleta, por isso quase imediatamente passamos a jogar mais ou menos no mesmo nível. Melhoramos a cada jogo. Paramos de trapacear. (Sim, admito, nós dois costumávamos questionar jogadas quando estávamos acuados em um canto, e também fraudávamos o placar, se pudéssemos, nós dois.)

Embora ainda fôssemos ultracompetitivos, estávamos nos tornando imensamente orgulhosos quando o outro fazia uma jogada incrível, e não odiávamos o vencedor quando perdíamos. Ainda jogávamos para ganhar, mas agora éramos capazes de nos alegrar pelo outro. Queremos melhorar, e também queremos — na verdade ficamos empolgados com a ideia de — ver o outro melhorar também.

O que me leva ao nosso último jogo daquele verão, o último antes de arrumarmos as coisas do nosso filho e o levarmos para a universidade. Cada um

de nós tinha ganhado um set, e agora o placar estava 5-5 no set final. Mas tínhamos reservado a quadra por apenas uma hora, e essa hora estava quase no fim. Havia outros jogadores esperando. Ou seja, aquele teria que ser o game final, decisivo. Mas os games tinham sido ganhos com tanta dificuldade que nenhum de nós dois conseguia suportar a ideia de perder o jogo.

Denis estava sacando naquele game decisivo. Ele sacou com cuidado, sem tentar nem uma vez fazer um *ace*, um ponto de saque. Era arriscado demais. Não tirei vantagem devolvendo a bola para ele em um *backhand*, o golpe com as costas da raquete. E se ela fosse para fora? O jogo estaria terminado.

Eu mandava a bola para a quadra dele, ele devolvia para a minha. Eu colocava a bola com cuidado, muito cuidado, na quadra dele, e ele fazia o mesmo na minha. Disputamos, não com a adrenalina da determinação de vencer a qualquer custo, mas com a paciência e o controle que vinham da vontade de que não terminasse: nem o verão, nem a infância do nosso filho, nem aquele jogo, nunca.

Mandamos a bola de um lado para o outro. E me ocorreu que havia uma certa graça no corpo do meu marido, e senti o mesmo em relação ao meu, enquanto ambos nos esforçávamos para manter o jogo vivo só mais um pouquinho, tentando encontrar o melhor ponto de recepção do outro, jogando, ao menos uma vez, para a vantagem do outro.

Ann Leary é escritora e seus livros já apareceram na lista dos mais vendidos do New York Times. Ela mora em Nova York. Seu próximo livro será publicado em 2020 pela Simon & Shuster. Este relato foi publicado em setembro de 2013.

LIVRE DA EMBRIAGUEZ

KEVIN CAHILLANE

MEU PRIMEIRO ENCONTRO COM JULIE NÃO COMEÇOU bem e terminou ainda pior. Para começar, eu não apareci. Era a noite de sábado do fim de semana do Dia do Presidente, e eu estava tomando gim-tônica e assistindo a um jogo de basquete no Telephone Bar and Grill, na Second Avenue, passando o tempo até chegar a hora em que supostamente a encontraria na John's Pizzeria, mais abaixo na rua. Quando voltei a dar conta de mim, horas haviam se passado e o toque do telefone me acordava de um sono profundo, no meu apartamento, na East Twelfth Street.

Saí cambaleando do prédio e corri até o John's, onde Julie terminou gritando irritada, na calçada. E mesmo não tendo conseguido ouvir suas palavras direito, o significado delas ficou claro: nunca mais.

Depois que ela foi embora de táxi para o Upper West Side, aquele poderia ter permanecido como apenas mais um desses primeiros encontros dos infernos, que acabam se tornando engraçados quando são contados mais tarde. Mas não era simples assim. Trabalhamos juntos em uma agência de publicidade, ela como coordenadora de recursos humanos e eu como um dos recursos humanos que ela coordena. Julie foi a primeira pessoa que conheci no trabalho. Eu tinha acabado de passar no teste de digitação porque ela havia acrescentado cinco minutos ao cronômetro.

Com isso e um sorriso, Julie me fisgou, e comecei a passar as noites compondo mensagens de e-mail inteligentes e elaboradas para ela que eu trataria como espontâneas no dia seguinte. Julie começou a parar na minha mesa com uma frequência que eu atribuía mais à atração que ela sentia pelo meu charme esfarrapado do que à obrigação de distribuir os memorandos que levava.

Agora, todo aquele território conquistado parecia perdido. E, na terça-feira,

eu teria que encará-la de novo.

Continuei a beber por todo o fim de semana, chafurdando no arrependimento, e no domingo mandei cem dólares em rosas para ela, comprados com um dinheiro que eu não tinha, junto com um bilhete pedindo desculpas. Infelizmente, também deixei uma mensagem de voz para ela que consistia em Hootie & The Blowfish cantando “Hold My Hand” inteirinha.

Quando a terça-feira chegou, eu fiquei em casa. O mesmo na quarta-feira.

Eu sabia que aquele tipo de negação não era uma estratégia de longo prazo prática, por isso, na quinta-feira, eu me arrumei e tentei voltar ao trabalho. Mas meus nervos estavam em frangalhos, a minha cabeça anuviada. Eu havia atravessado o limite, como às vezes acontecia, do alcoólatra funcional para o claramente não funcional.

Finalmente liguei para a Julie.

— Você recebeu as rosas? — perguntei.

Sim, ela havia recebido, e eram lindas, mas ao mesmo tempo tinha achado um gesto um tanto grotesco.

— Você é alcoólatra — disse Julie, de forma nada gentil. — Precisa de ajuda.

Eu mesmo já chegara a essa conclusão aos dezesseis anos, mas ninguém jamais me dissera isso diretamente. Julie sugeriu que eu marcasse uma consulta para a manhã seguinte com um médico associado ao programa de assistência ao empregado da agência de publicidade em que trabalhávamos. Fiz isso. Estava perdidamente apaixonado, e se ela me pedisse para saltar de uma ponte, eu talvez tivesse feito isso, também. No entanto, mais uma vez, saí da cama cambaleando e desorientado, e cheguei à consulta com meia hora de atraso, encharcado de chuva.

O consultório na West Fifty-seventh Street era exuberante e silencioso — em algum lugar, uma fonte jorrava tranquilamente. Ele usava barba e era gentil, mas foi direto ao ponto.

— Então, o que o traz aqui? — perguntou.

— Eu bebo.

— Com que frequência?

— Diariamente.

— Bebeu essa manhã?

— Afirmativo.

— O que houve com o seu braço?

— Eu tenho um gato.

— Deve ser um gato e tanto.

— Na verdade, eu não tenho um gato.

— Acho que você gostar de ver a manifestação física da sua dor psíquica.

— Quem não gosta?

Ele me diagnosticou com alcoolismo grave, o que não era exatamente uma novidade, e recomendou que eu procurasse tratamento imediato, que me internasse em uma clínica de reabilitação.

— Se estiver tudo bem com a Blue Cross, a seguradora — concordei —, por mim tudo bem.

Eu tinha vinte e quatro anos.

Voltei ao meu apartamento, do qual não pagava o aluguel há algum tempo, e esperei por uma ligação do pessoal da área de benefícios do trabalho. Eu estava na agência há apenas seis meses, e só conseguira o emprego como um favor à minha tia, que tinha trabalhado lá por muitos anos. Tanto pelo meu guarda-roupa bagunçado quanto pela minha ignorância com computadores, ficava claro que eu não era adequado ao ambiente da Madison Avenue, mas minha tia me descolou uma entrevista assim mesmo.

Julie, a minha improvável defensora, ligou e me disse que os meus benefícios tinham sido aprovados e que eu podia ir. Então, eu fui, mas não sem antes virar alguns copos para ganhar coragem para dar os telefonemas que precisava para a minha família e para os meus amigos, e garantir que eu não fosse dado como desaparecido.

Quando a van chegou para me pegar, o motorista grisalho me disse que a maior parte das pessoas costumava estar mais bêbada do que eu. Por algum motivo, aquilo fez com que eu me sentisse pior, como se não tivesse capacidade nem de me autodestruir corretamente. Conforme a van seguia para o norte na FDR Drive, achei que as luzes cintilantes da cidade grande nunca parecem tão absolutamente intoxicantes como quando se está partindo.

Quase três semanas mais tarde, apareci no cubículo de Julie usando o meu único terno. Ela me abraçou e me disse que eu parecia ótimo. Eu disse que ela também estava ótima. Julie me entregou alguns envelopes para eu guardar papéis e documentos para copiar, tarefas que completei com um zelo sem precedentes.

Ela parecia achar divertido cada vez que eu relatava o meu progresso e pedia mais trabalho.

No fim do dia, tirei o paletó, me sentei no cubículo dela e contei sobre a reabilitação.

— Ninguém achou que você voltaria — disse ela.

Quando eu levantei para ir embora, toquei brevemente no joelho dela, como um personagem reprimido de um filme da produtora Merchant Ivory, e fui para casa, andando pelas ruas de Manhattan.

Naquele fim de semana, nos encontramos no Central Park e conversamos enquanto caminhávamos. Julie era de Canton, em Ohio, filha de uma professora e de um técnico de futebol americano. Ela era membro da Phi Beta Kappa, e a irmã era a sua melhor amiga, uma designer gráfica que morava em Chicago. Julie tinha escolhido a agência de publicidade em vez da Merrill Lynch porque parecia mais humana. Eu, bem, eu era só um cara de Nova Jersey cuja opção pela menor resistência o tinha feito atravessar o Lincoln Tunnel.

O material de leitura da reabilitação alertava para os perigos de começar um romance dias (ou mesmo semanas, às vezes anos) depois de parar de beber, mas eu queria companhia no meu bote salva-vidas, e Julie parecia pronta para assumir um dos remos, mesmo que com cautela.

No nosso encontro seguinte no parque, ela subiu em uma pedra e me declarou muito sensível ainda para um namoro.

— Acho que devemos ser só amigos — disse ela.

Eu não me resenti da decisão dela. Se pegássemos os pretendentes de Julie ao longo dos anos e os colocássemos naquelas filas de possíveis suspeitos da polícia, eu claramente seria o que mais destoaria dos outros. Caminhamos pelo Ramble, atravessamos o Sheep Meadow, e chegamos a uma clareira onde a silhueta dos hotéis em Central Park South parecia cintilar na luz do fim do dia. Conforme a luz desaparecia atrás de Palisades e a lua cheia brilhava, Julie se virou pra mim e disse:

— Se não fôssemos apenas amigos, isso seria bem romântico.

Durante os dias e noites juntos, hermeticamente confidenciais, que se seguiram, prometi a Julie que me manteria sóbrio.

Mas, dois meses depois, eu estava de volta aos meus velhos amigos e ao meu velho eu. Julie e eu fomos a um casamento em Jersey Shore onde, sem que ela

soubesse, virei um drinque atrás do outro. Eu simplesmente não conseguia ver nada além dos cubos de gelo tilintando, os limões ondulando, aparentemente nos copos de todo mundo. Dancei com a irmã do noivo, que sussurrou no meu ouvido para eu ligar para ela se em algum momento decidisse “largar a loira”. Um antigo conhecido ficou me olhando perplexo enquanto eu virava alguns copos durante a nossa conversa e disse:

— Está com sede?

Na volta para a cidade, ficamos parados no trânsito, esperando para chegar a um posto de controle de embriaguez no trânsito. Apavorado, disfarcei dizendo a Julie que era bom que eu tivesse parado de beber. Assim é o copo sem fundo da duplicidade do qual nós, bêbados, bebemos. Quando o oficial simplesmente me mandou seguir adiante, senti tamanha alegria e alívio que jurei que nunca mais beberia. E a não ser por alguns poucos lapsos menores no mês seguinte, assim foi.

Dois anos mais tarde, nos casamos em um dia quente de junho, em uma igreja em uma área industrial de Canton, enquanto os convidados se abanavam com os folhetos. Na noite anterior ao casamento, um grupo de esperançosos e de sem fé tinha se reunido para o jantar de ensaio do casamento em um restaurante no centro antigo de Canton. Houve a mistura típica de bebidas e desejos de felicidade, e eu ainda tinha a sensação de que a minha boca e o meu braço poderiam conspirar contra o meu cérebro para provocar um pequeno inferno, mas isso não aconteceu.

Quando chegou a minha vez de brindar, recitei o discurso que tinha rabiscado em um guardanapo no jogo dos Indians na noite anterior. Eu me esqueci de todas as palavras, a não ser pela última frase, que peguei emprestada de uma música do Bruce Springsteen. Prometi a Julie que, no melhor ou no pior, na riqueza ou (mais provavelmente) na pobreza, eu a amaria com toda a loucura da minha alma. Era em parte um juramento, em parte apenas pose, e em parte uma aposta.

Então, ergui o copo e voltei a abaixá-lo.

Já se passaram dez anos desde que tomei o meu último drinque, e não é como rolar uma pedra montanha acima todo dia. Na verdade, não é esforço algum. Não frequento reuniões, não falo em jargões ou repito silenciosamente a Oração da Serenidade quando me sinto confuso. O acúmulo de milhares de dias sem álcool simplesmente transformou o beber em um não hábito por reflexo.

Julie e eu temos empregos comuns, uma casa nos subúrbios e uma minivan para nossos dois filhos e meio (dois agora e um previsto para dezembro) que, geneticamente falando, poderiam ter tido coisa melhor. Com certeza não vai demorar muito para eles me dizerem isso.

Mas não sei. A questão é: será que a mãe deles e eu teríamos chegado a ficar juntos se eu não estivesse me afogando em álcool e precisando que alguém me estendesse a mão? Às vezes, não consigo evitar imaginar se os fardos que carregamos não acabam nos carregando.

Kevin Cahillane é redator e jornalista e mora em Summit, em Nova Jersey. Este relato foi publicado em julho de 2005.

O FRANGO ESTÁ NO FORNO, O MEU MARIDO SAIU PELA PORTA

THEO PAULINE NESTOR

ALGUNS CASAMENTOS VÃO SE DESGASTANDO LENTAMENTE até acabar. Outros, como o meu, explodem em pleno voo, um ônibus espacial se desfazendo em pedaços no céu azul, enquanto a multidão estupefata assiste sem acreditar. E os destroços da catástrofe continuam caindo.

Era final de setembro, ainda estava quente, mas havia passado a última onda de calor fora de hora. Eu tinha esperado por um dia fresco o bastante para assar um frango para o meu marido e minhas duas filhas, ainda pequenas. Quando coloquei o frango de mais de dois quilos no forno, com um maço de ervas frescas preso ao peito, nosso casamento ainda estava intacto. Quando tirei o frango do forno, o meu marido tinha deixado a nossa casa para não mais voltar, o carro cheio de roupas escapando pelas frestas das portas.

Foi a minha ligação para o banco, para checar o nosso extrato, que causou a explosão final. Embora as compulsões destrutivas do meu marido com dinheiro tivessem ameaçado o nosso casamento antes, eu acreditava que aqueles dias tinham ficado para trás há muito tempo. Mas naquela tarde, sem nem mesmo tentar, descobri a verdade: longe de mudar seu jeito, o meu marido simplesmente tinha se tornado mais dissimulado. Eu o confrontei. E isso, como dizem, foi o que bastou.

Assim, o frango assado alimentou apenas uma pessoa naquela noite: nossa filha de nove anos, Elizabeth. Eu não consegui comer e a nossa filha de cinco anos, Grace, anunciou que não comeria um frango de verdade, só nuggets de frango. Peguei a caixa vermelha de nuggets no freezer, tirei cinco pedaços amarelados, aqueci no micro-ondas e coloquei diante de Grace, que acreditava, assim como a irmã, que o pai delas tinha ido ao centro da cidade para encontrar um amigo, e que ele e esse amigo iam sair em uma viagem de carro de última

hora.

— O papai vai voltar para casa daqui a uma semana — disse a elas. Não sabia o que mais dizer.

Eu me lembrei da minha amiga de infância, Nancy, cujo casamento tinha acabado um ano antes. Tenho três amigas de infância das quais ainda sou próxima — coincidentemente, nós quatro nos casamos por volta dos trinta anos. Por dez anos, nos mantivemos firmes. Então, o casamento de Nancy acabou, e agora, com o meu, nosso pequeno grupo refletia aquelas estatísticas citadas com frequência: metade dos casamentos termina em divórcio.

No casamento de Nancy, o pastor tinha desviado brevemente a atenção dos recém-casados para se dirigir diretamente ao grupo.

— Cabe à comunidade manter esse casal unido — disse ele em tom de comando. — Cada um de vocês aqui é responsável por lembrar a esse casal do amor que os uniu e do compromisso que assumiram.

Guardei essas palavras no fundo do coração, e jurei silenciosamente apoiar Nancy e Terry, lembrar a Nancy os pontos fortes de Terry, caso algum dia ela viesse desabafar comigo depois de algum desentendimento conjugal. Apesar dos votos deles e do meu apoio, apesar de dez anos juntos e de dois filhos, o casamento não conseguiu se manter. E agora, apesar de onze anos e duas filhas, o meu também não.

As mulheres com quem eu cresci, assim como a maior parte das mulheres hoje, têm talentos concretos e úteis no mercado de trabalho. Uma é eletricista, a outra artista gráfica e a terceira é enfermeira. Casadas ou não, elas são capazes de se sustentar. Eu também sou uma mulher com boa formação e um currículo decente, e na verdade ganhava mais do que meu marido quando nos casamos. Eu me orgulhava de ser autossuficiente. Mas nós dois queríamos que um de nós ficasse em casa com as crianças, e decidimos que seria eu, por isso, parei de trabalhar e deixei que ele nos sustentasse. E agora me via na mesma posição vulnerável que antes achava ser o destino apenas das mulheres que se casavam assim que saíam do ensino médio, sem experiência de emprego a não ser aquela das férias de verão em lanchonetes.

Eu não teria escolhido diferente. Dava muito mais valor ao tempo que tinha com minhas filhas do que a qualquer outra experiência que já vivera. Mas para uma mãe que se dedica apenas aos filhos, sem renda própria, divórcio não é só

divórcio. É mais como divórcio somado à demissão, porque você não tem mais condições de manter o seu trabalho em casa, o mesmo pelo qual abriu mão da sua carreira. Quando eu trabalhava como professora de Inglês em uma universidade comunitária, chamávamos pessoas como eu de donas de casa desalojadas. Eu imaginava legiões de Betty Crockers de avental girando perpetuamente, passando os espanadores por uma mobília imaginária, sem parar de arrumar uma casa que já não estava lá. Agora que a minha renda definhou para a pensão das meninas e um cheque magro de “manutenção”, eu preciso deixar o trabalho que tenho e conseguir um “de verdade”. Somo as nossas despesas do mês e subtraio desse valor a contribuição do meu marido. O total indica que manter as meninas e a mim mesma sem dívidas, vai exigir que eu ganhe um terço a mais do que jamais ganhei.

E o divórcio é um trabalho em si, com seu programa de estudos, seus manuais. Um dos muitos livros sobre divórcio empilhados ao lado da minha cama me estimula a criar duas histórias sobre a separação — uma privada e uma pública. Dizem que devo ensaiar algumas frases que seja capaz de recitar (no mercado, no parquinho), sem emoção excessiva, uma espécie de slogan de campanha do meu divórcio. E parece que muito do meu trabalho diário envolve negociar o caminho escorregadio entre o meu eu público e o privado. Sozinha, grito com a cabeça enfiada no travesseiro e berro “Imbecil” pela janela fechada do carro, quando passo pelo novo apartamento do meu ex-marido. Em público, sou estoica, distante, e aceno tranquilamente quando uma mãe casada do time de futebol de Elizabeth me diz:

— Sua dor é como uma casa. Um dia você entra no quarto da tristeza, no outro talvez seja o quarto da raiva.

Como uma divorciada mortificada, só posso agir como se tudo aquilo fosse novidade para mim.

— E, ah, a negação! — acrescenta ela. — Também é um cômodo da casa... não se esqueça.

Em algum momento, você precisa contar a novidade a todos que ainda não ouviram da boca de outra pessoa. Algumas pessoas escutam “a história toda” e outras recebem apenas a versão reduzida (“nos separamos”).

As pessoas da história-toda são exaustivas. A princípio, tudo é alívio e adrenalina, quando você está lembrando o momento em que se deu conta de

que o barco estava afundando. Mas então você fica apavorada quando percebe quantas pessoas história-toda há na sua vida. E, com isso, incontáveis ah-meu-Deus e você-está-brincando. Você ouve perguntas solidárias e compreensivas e sua língua cansa de repetir as mesmas respostas mais uma vez. Você chega a considerar a hipótese de escrever uma carta-resposta padrão:

Caros bons amigos que merecem a história toda,

Lamento isso chegar a vocês como uma mensagem-padrão.

Lamento muito por isso.

Só lamento.

Ou talvez pudesse haver um site: www.quediaboaconteceu.com, com um link para as perguntas mais frequentes:

P. E as crianças?

R. Elas moram comigo, mas vão passar todas as sextas-feiras com ele, assim como todas as primeiras, terceiras e quintas noites de quinta e o primeiro sábado de cada mês. Sim, é difícil lembrar que semana é qual.

P. É possível uma reconciliação?

R. Não. Se você ler a história toda, vai entender por quê. (Use a senha para acessar o site protegido.)

P. Você está bem?

R. Não, não estou. Obrigada por perguntar.

P. Há alguma coisa que possamos fazer para ajudar?

R. Sim. Clique no link “Mandar dinheiro” abaixo.

Quando tirei a aliança, meu dedo tinha atrofiado embaixo dela de uma maneira que me parece excessivamente simbólica. Protejo aquela parte branca com o polegar como uma ferida. Olho para os anelares das outras mulheres: alianças de ouro, solitários simples, pencas de diamantes. O fato de elas conseguirem manter aquelas alianças no lugar parece um milagre, um desafio à gravidade. Quando usava a minha aliança, eu era uma pessoa diferente, confiante e ousada, como costumamos nos sentir quando usamos uma fantasia de Halloween. Eu podia rir tão alto quanto quisesse e sair de casa com os cabelos

sujos e usando uma calça de moletom. Era casada. Alguém me amava, e isso era visível. Eu poderia me referir a um marido em conversas com uma nova amiga, ou com o vendedor de uma loja. Essas pessoas não se importavam se eu era casada ou não, mas eu sim. A minha aliança dizia: vocês não podem me tocar. É como a base em uma brincadeira de pique-pega. Você está segura.

Agora, quando vou para a cama, ligo o cobertor elétrico na temperatura alta e deixo o calor penetrar a minha pele. Às vezes, fico deitada ali, e penso nessa história de divórcio como alguma coisa parecida com uma gripe. O começo febril, por mais infeliz e cheio de suor que seja, de certa forma é mais fácil de suportar (é como um borrão, na verdade) do que os muitos dias em que estamos meio-bem, meio-doentes que se seguem, dias em que não sabemos direito o que fazer. Você está bem demais para ficar deitada na cama assistindo à TV, mas doente demais para sair e fazer bem todas as coisas que as pessoas esperam que faça.

Para adormecer, recorro à antiga rotina de contar as minhas bênçãos. Incluo minhas filhas entre essas bênçãos vezes sem conta. Conto a saúde delas, a felicidade delas, o presente de serem quem são.

Tento encontrar mais alguma coisa por que ser grata, mas não consigo. Então percebo que há, sim, outra coisa.

É essa crueza de espírito, o modo como a crosta da concha da minha meia-idade foi arrancada de mim, e aqui estou, a verdadeira eu. Não sou mais a pessoa que fingia que tudo estava bem. Não consigo mais pensar em mim mesma como estando “segura” ou protegida por outra pessoa. Agora sei que cabe a mim caçar, checar se todos estão bem e manter o abrigo quente.

Theo Pauline Nestor mora no condado de Kitsap, no estado de Washington. Seu livro mais recente é Writing Is My Drink: A Writer's Story of Finding Her Voice (and a Guide to How You Can Too). Este relato foi publicado em novembro de 2004.

ACEITE-ME COMO EU SOU, NÃO IMPORTA QUEM EU SEJA

TERRI CHENEY

COMO UMA MULHER BIPOLAR, VIVI A MAIOR PARTE DA VIDA em um constante estado de me tornar outra pessoa. O termo exato para o meu distúrbio é *ciclagem rápida ultradiana*, o que significa que, sem medicação, estou à mercê das minhas próprias e espetaculares mudanças de humor: “para cima” em alguns dias (encantadora, falante, efusiva, divertida e produtiva, mas sem dormir nunca e, no fim, muito difícil de conviver), então “para baixo”, ou seja, essencialmente imóvel por semanas.

Essa escuridão começou no ensino médio, quando eu simplesmente não consegui sair da cama certa manhã. Sem problema, a não ser pelo fato de que permaneci ali por vinte e um dias. Conforme esse padrão se estabelecia, meus pais, amigos e professores ficaram preocupados, mas acharam que era só excentricidade da minha parte. Afinal, eu continuava sendo uma excelente aluna, nunca me comportava mal e fui oradora da turma na formatura.

Em Vassar foi a mesma coisa. Eu me destaquei academicamente, apesar da minha doença mental. Então, concluído o curso de Direito, comecei rapidamente uma carreira de sucesso como advogada do setor de entretenimento em Los Angeles, onde representava celebridades e grandes estúdios de cinema. Durante todo esse tempo, busquei ajuda com um desfile interminável de médicos, terapeutas, de drogas e de tratamentos aflitivos como eletrochoque, mas nada adiantava.

Além dos médicos, ninguém sabia. No trabalho, onde meu talento e produtividade eram tudo o que importava, eu conseguia esconder meu segredo com relativa facilidade. Mantinha minha família e meus amigos na ignorância com desculpas elaboradas, e só aparecia quando tinha certeza de que causaria boa impressão.

Mas a minha vida pessoal era outra história. No amor, não há como esconder: é preciso deixar a pessoa saber quem você é, mas de uma hora para a outra eu não tinha mais ideia de quem eu era. Quem me namorava poderia ir para a cama com Madame Bovary e acordar com Hester Prynne. Pior de tudo, meu lado maníaco e meu eu encantador estavam sempre me colocando em situações com que meu lado depressivo não conseguia lidar.

Por exemplo: uma manhã, conheci um homem no corredor de hortifrúti do supermercado. Eu não dormia havia três dias, mas quem olhasse para mim jamais diria. Meus olhos verdes brilhavam, meus cabelos loiro-avermelhados faziam os morangos se envergonharem, e eu literalmente cintilava (estava usando uma blusa com lantejoulas douradas no supermercado — o gosto maníaco é sempre ruim). Estava faminta, mas não por produtos do hortifrúti. Estava faminta por ele, com o jeans desbotado e boné dos Yankees ligeiramente torto.

Emparelhei o meu carrinho com o dele e comecei a apertar lascivamente um pêssago.

— Gosto deles bonitos e firmes, e você?

Ele assentiu.

— Sem machucados.

Aquilo era tudo do que eu precisava, uma abertura, e lá ia eu. Disse o meu nome, perguntei do que ele gostava e do que não gostava em relação a frutas, esportes, candidatos à presidência, e mulheres. Eu falava tão rápido que mal tinha tempo de ouvir as respostas dele.

Não comprei nenhum pêssago, mas saí com um encontro marcado para sábado, dali a duas noites, com tempo o bastante para descansar, depilar as pernas e escolher a roupa perfeita.

Mas quando cheguei em casa, a escuridão já descera sobre mim. Não senti vontade de revirar o armário, ou de arrumar as compras. Simplesmente deixei tudo em cima do balcão para apodrecer, ou não — o que importava? Nem sequer tirei a blusa de lantejoulas. Caí na cama como estava, e fiquei ali. A sensação era de que meu corpo estava mergulhado em cimento de secagem lenta. O máximo que conseguia fazer era forçar a inspiração e a expiração. Eu teria chorado com a absoluta monotonia daquilo, mas as lágrimas eram um esforço excessivo.

No sábado à tarde, o telefone tocou. Eu ainda estava na cama, e tive que me

forçar a rolar para o lado, pegá-lo e sussurrar um “alô”.

— Aqui é o Jeff, dos pêssegos. Estou ligando só para confirmar o seu endereço.

Jeff? Pêssegos? Eu me lembrava vagamente de conversar com alguém que se encaixava naquela descrição, mas isso parecia ter acontecido uma vida atrás. E aquela lá não era eu, ou ao menos não essa eu — eu jamais usaria lantejoulas de manhã. Mas a minha consciência sabia das coisas.

— Levante-se, vista-se! — sussurrou ela no meu ouvido. — Não importa se foi ela que marcou o encontro, você tem que levar isso adiante.

Quando Jeff apareceu às sete, eu estava arrumada e pronta; mais para um funeral do que para um encontro. Tinha me vestido toda de preto e não colocara maquiagem alguma — assim, e minha pele naturalmente clara parecia fantasmagórica e triste. Mas abri a porta e até levantei o rosto para ele me beijar. Não senti qualquer prazer na sensação dos lábios dele na minha pele. O prazer era para os vivos.

Eu não tinha nada para dizer, nem ali, nem no jantar. Por isso, Jeff falou muito a princípio, então menos e menos, até que finalmente, durante a sobremesa, ele perguntou:

— Você por acaso não tem uma irmã gêmea, tem?

E ainda assim fiquei arrasada quando ele não voltou a ligar.

Umás duas semanas mais tarde acordei em um mundo saído da Disney: o sol como um narciso, o céu da cor de um ovo de tordo. Os pássaros trinavam do lado de fora da minha janela, uma canção sem dúvida criada especialmente para mim. Eu não conseguiria aguentar ficar longe daquilo nem mais um minuto. Joguei as cobertas para o lado e dancei de camisola — a minha camisola de flanela cinza que parecia camisola de prisão. Reparei na camisola ao me ver de relance no espelho, estremeci e arranquei-a também.

Revirei o meu armário em busca de alguma coisa decente para usar, mas tudo em que eu colocava as mãos era errado, errado, errado. Para começar, era tudo preto. Eu odiava preto, e mais ainda cinza. Ruivas tinham que ser fiéis às cores que lhes caíam bem, a qualquer custo. Procurei mais e lá, jogado no fundo do armário, estavam um jeans justo e alguma coisa sedosa e cintilante e bem do que eu precisava: uma blusa incrível de lantejoulas douradas.

Vesti a blusa e fiquei me admirando por um minuto. Caramba, eu estava

ótima. Então, tentei me enfiar no jeans. Tinha ganhado alguns quilos durante as últimas semanas de uma existência semelhante à de uma preguiça, mas depois de me esforçar muito, consegui fechar o zíper. Embora alguma coisa estivesse me espetando no bolso: um cartão de visita, com algumas palavras rabiscadas atrás: *Me ligue, Jeff*.

Jeff?

Jeff. Chutei a camisola para longe do meu caminho e peguei o telefone na mesa de cabeceira. Será que seis e meia da manhã era cedo demais para ligar? Não, não para o bom e velho Jeff! Tocou e tocou. Eu estava prestes a desistir quando uma voz pesada e sonolenta disse:

— Alô?

— Sou eu! Por que você não ligou?

Levei um tempo para esclarecer quem era “eu”, mas ele acabou se lembrando.

— Você parece diferente — disse ele. — Ou não, talvez pareça mais com você mesma. Não tenho certeza. É tão cedo ainda.

Logo eu estava fazendo ele rir tanto que chegou a ter soluços e precisou desligar. Mas antes de ir, Jeff me chamou para sair na sexta-feira, dali a três noites.

Não, eu insisti, tinha que ser naquela noite mesmo, ou melhor ainda, à tarde. Eu não queria perder outra chance de conhecê-lo. Eu sabia que a Cinderela não tinha muito tempo no baile.

Combinamos de jantar naquela noite, às oito. Passei a tarde livrando a casa de todas as evidências de depressão. Lavei, poli, espanei, passei o aspirador com todos os acessórios, mesmo os que me assustavam. Então, saí correndo de casa e comprei uma dúzia de lírios Casablanca para esconder o cheiro de amônia e alvejante.

Quando a casa pareceu perfeita, voltei minha atenção para mim com a mesma fúria. Limpei, poli, hidratei, depilei e fiz tudo o que estava em meu poder para recriar o fascínio enfumaçado de Rita Hayworth em *Gilda*. Quando estava esfumando meus olhos, me lembrei de uma fala comovente do filme: “Todo homem que eu conheci se apaixonou por Gilda e acordou comigo.” Aquilo me abalou de uma maneira que a minha mão começou a tremer e não consegui terminar a maquiagem.

De repente, eu não parecia mais radiante. Havia linhas ao redor da minha

boca e meus olhos estavam fundos. Eu parecia ter envelhecido dez anos. Minha pele, apesar da base cuidadosamente aplicada e do blush, estava tão mortalmente pálida que eu me afastei do meu reflexo no espelho.

Eu me sentei no vaso sanitário e comecei a chorar. Tinha encontrado o inimigo vezes bastante para reconhecê-lo quando o via. *Agora não, rezei. Por favor, agora não.* O rímel escorria pelo meu rosto e eu sequei, sem me dar conta das manchas que tinha deixado. Eram 19:57. Eu tinha três minutos para lutar para fazer a química do meu cérebro me obedecer. Ah, claro, eu sabia que havia outra opção. Poderia contar ao Jeff o que estava acontecendo. Mas ele era um homem que não gostava nem dos pêssegos machucados. O que pensaria de uma psique avariada?

Talvez ele entendesse. Talvez eu encontrasse a coragem de que precisava. Talvez inventassem uma cura.

Talvez, mas não naquela noite. Enquanto a campanha tocava sem parar, eu fiquei enrodilhada no banheiro, tremendo. Estava apavorada — não só com a possibilidade de Jeff me encontrar ali, mas de eu nunca encontrar o amor.

Quando finalmente a campanha silenciou, limpei o resto do rímel e joguei o vestido de festa no cesto de roupa suja. Então, vesti a minha camisola de flanela cinza e me acomodei para a longa noite que chegava.

Nunca mais tive notícia de Jeff.

Isso foi há cinco anos — longos cinco anos de altos e baixos, de procurar pelo médico certo e pela dose certa. Finalmente aceitei que não há cura para o desequilíbrio químico do meu cérebro, assim como não há cura para o amor. Mas há um comprimidinho amarelo pelo qual sou apaixonada e um azul-claro, e umas belas cápsulas rosa, e um punhado de outras cores que mudaram a minha vida. Sob a influência deles, sou uma pessoa diferente, nem Madame Bovary, nem Hester Prynne, mas alguém entre as duas. Tenho variações de humor, mas elas não me transformam em uma persona alternativa.

A estabilidade, ironicamente, é tão empolgante que decidi voltar a me aventurar no campo dos encontros. Sucumbi à pressão de amigos e fiz uma assinatura de três meses de um serviço de encontros online. “Quem é você?”, pergunta o questionário no início.

Quero ser sincera, mas não sei como responder. Quem sou eu agora? Ou quem eu era antes?

A vida parece tão mais serena atualmente: enganadoramente tranquila, como um tigre com patas de veludo. De vez em quando, o sol parece brilhante demais e penso, por um momento, que o céu me pertence. Lembro-me de como era maravilhoso ser Gilda, mesmo que apenas na minha própria mente. Mas então me lembro do preço do céu. E tiro a maquiagem, bagunço os cabelos e vou ao supermercado de moletom. A blusa de lantejoulas douradas está esquecida no meu guarda-roupa. Estou pensando em me desfazer dela.

Mas ainda não.

Terri Cheney é autora de Manic (“Bipolar — Memórias de extremos”), livro que ficou entre os mais vendidos do New York Times, e suas histórias e comentários são publicados em seu blog de grande sucesso Psychology Today e em seu próximo livro, Tell Me Where It Hurts. Este relato foi publicado em janeiro de 2008.

ADOLESCÊNCIA, SEM MAPA

CLAIRE SCOVELL LAZEBNIK

— **P**ELO MENOS ELE É BONITO — DIGO PARA O MEU marido, sempre que surge o assunto dos futuros namoros do meu filho mais velho. E ele é bonito, o nosso filho, com seus olhos azuis, cabelos ondulados, ombros largos e sorriso caloroso. Ele também tem uma voz profunda (ele se esforça para isso), e é muito gentil. É difícil acreditar que as garotas não irão se apaixonar por ele. E talvez se apaixonem.

Mas ele também tem autismo. Quando está cansado, ou doente, ele esquece as palavras ou as usa de forma incorreta — com frequência ele precisa fazer um esforço enorme só para manter uma conversa. É como se o meu filho não tivesse um idioma nativo e basicamente precisasse decorar o nosso idioma, palavra por palavra.

Agora ele está tentando aprender os nossos hábitos. É possível vê-lo observando ansioso os outros garotos, em busca de dicas e lições, de sinais que ele possa seguir no mundo do adolescente médio. É um mundo do qual ele está desesperado para fazer parte. Ele se veste como eles, adota seus gestos, copia suas grosserias, e até se encharca como eles de desodorante Axe para o corpo todo.

Se estiver no meio de um grupo de adolescentes e eles rirem, meu filho vai rir também, só que um segundo mais tarde e alto demais. Ele sabe que precisa rir para se encaixar no grupo — aprendeu observando. O que meu filho parece não aprender é o que torna as piadas engraçadas e por que todo mundo entende menos ele.

Por um longo tempo, nosso filho foi um menininho com autismo, o que era um determinado tipo de desafio. Agora que ele é um adolescente com autismo — e um adolescente que repara nas garotas —, estamos encarando um desafio

completamente diferente.

— Ei, mãe? — me chama ele, quando estamos saindo de uma loja. — Aquela garota é gostosa.

Ele acha que está sussurrando, mas na verdade não está, porque tem problemas com a modulação da voz e também em ouvir como soa a própria voz. A salva-vidas de biquíni, na praia, também é “gostosa”. Assim como a Jessica Alba, cuja foto meu filho imprimiu e colou com todo cuidado no fichário, perto da foto da Keira Knightley.

O termo *gostosa* deve ter sido uma imitação dos amigos falando, mas sua apreciação por meninas magras com seios grandes parece genuína, como nos demos conta quando descobrimos que ele tinha começado a usar a internet do modo como outros garotos provavelmente só usam quando acham que ninguém está vendo.

Colocamos filtros no navegador da internet, e o pai se sentou com ele para estabelecer algumas regras básicas. Espere até estar apaixonado para fazer sexo. Sempre use preservativo. Esconda a pornografia onde sua mãe não vá encontrar. Ele vai se lembrar de tudo isso porque são regras, e ele é muito bom em se lembrar de regras.

O que vai ser difícil é a outra parte, a emocional.

Sei que meu filho quer encontrar uma garota e se apaixonar. Às vezes, as pessoas dizem que pessoas com autismo são incapazes de amar. Isso é um absurdo. Meu filho ama profundamente. Ele só não se comunica bem. Os instintos a que recorremos quando nos apaixonamos (ser capaz de intuir o que a outra pessoa está pensando, ter consciência de uma súbita conexão, antecipar o desejo da outra pessoa), não são naturais para ele.

Quero que as garotas que meu filho conhecer saibam que, só porque ele fala de um jeito meio estranho e às vezes tem dificuldade de entender o que elas estão dizendo, não significa que ele não seria um ótimo namorado. Quero que elas vejam como o coração dele é bom, como ele jamais as manipularia ou as magoaria, como ele seria grato, gentil e leal. Mas quantas garotas serão capazes de ir além da frustração em relação às deficiências dele para apreciar esse outro lado?

Eu teria sido capaz?

E, de qualquer modo, essas coisas não podem ser forçadas, não importa

quanto alguém tenha bom coração.

No último ano, meu filho fez amizade com uma menina que conheceu em uma aula de treinamento de habilidades sociais. Ela era o que nós, no mundo das necessidades especiais, descrevemos como “de baixo funcionamento”. A menina frequentava uma escola para alunos com necessidades especiais, mas mesmo lá se sentia objeto de ridicularização e abuso. Eu nunca soube se os relatos dela de insultos e crueldades eram acurados, mas ouvi meu filho conversando com ela ao telefone, oferecendo seu apoio incondicional.

— Que horror! — bradava ele, depois de ouvir por algum tempo. — Não deviam fazer isso.

Eu o escutava e pensava: “Que mulher não iria querer um homem que a confortasse assim, que estivesse disposto a ouvir e acreditar nela, e que estivesse sempre ao seu lado?” Isso me dava esperança.

Mas, no fim, ele terminou com ela, se é que “terminar” é o termo certo para o fim que eles tiveram. A litania de reclamações da menina acabou entediando meu filho. E, com toda sinceridade, ela não era nem um pouco “gostosa”. Embora meu filho nunca tenha mencionado isso, desconfio que também possa ter sido um fator que influenciou a sua decisão.

Desde então, as únicas garotas que ele convidou para sair estavam no outro extremo do espectro, e todas recusaram gentilmente — na maior parte, até onde eu sei.

Mas ele mira alto. Recentemente, meu filho chamou para sair uma menina que já estava saindo com o astro de atletismo de todo o colégio, um rapaz do oitavo ano, o capitão dos times de beisebol e de basquete. Quando eu sugeri que talvez uma garota como ela estivesse fora do seu alcance, meu filho apenas pareceu confuso. As complexidades sociais da popularidade que separavam os alunos de uma escola em populares e solitários não significavam nada para ele, porque eram conceitos implícitos, não quantificados. A maior parte de nós percebe essas coisas instintivamente. Ele não é capaz.

Obviamente, eu poderia ter me deixado arrasado por essas rejeições, especialmente se ele ficasse arrasado. Mas até agora, meu filho não parece se importar — essa é uma vantagem da falta de noção emocional sua. Mas meu filho ainda é novo, e nenhum dos seus amigos está namorando de verdade, assim, ele provavelmente ainda não se sente tão deslocado. No entanto, me

preocupo que as garotas continuem a rejeitá-lo quando ele estiver no ensino médio, e depois na universidade, quando os outros garotos vão começar a formar pares com sucesso. E se ele começar a ter dúvidas se alguém um dia irá amá-lo?

Eu descobri que é possível ensinar um filho a conversar educadamente (faça perguntas, escute com atenção as repostas, então faça mais perguntas), a ser um bom anfitrião (ofereça algo para beber, sugira atividades e escolha uma das atividades que o seu convidado disser que gosta), a agradar os professores (seja pontual, comporte-se bem na aula). Mas como ensiná-lo a se apaixonar por alguém que também o ame? Que regras se pode estabelecer para fazer o coração de alguém saltar quando o vir?

Quando o autismo do nosso filho foi diagnosticado, ele tinha dois anos e meio e não havia um prognóstico claro. Nem sabíamos se ele chegaria a aprender a falar. Mas encontramos pessoas talentosas para trabalhar com ele, que se desenvolveu — lentamente a princípio, então mais rápido. Quando nosso filho se formou no ensino fundamental, não tinha qualquer problema comportamental ou acadêmico discernível.

As pessoas nos parabenizaram. Nosso filho tinha emergido. Alguém encontrou com nossos filhos em uma festa e um amigo mencionou que um deles tinha autismo.

— Qual? — perguntou a pessoa, sinceramente espantada, e ainda achou que fosse a criança errada.

Mas isso, a distância. De perto, fica mais claro que nosso filho se distingue e tem uma deficiência, fundamental e permanentemente. E é de perto que vivem os relacionamentos. De perto é que acontece o amor e tudo o que o envolve. E o sexo? Bem, não é preciso nem dizer.

Isso leva ao que talvez seja a pergunta mais assustadora: o que vai acontecer quando uma garota finalmente disser sim? Um ano ou dois atrás, isso não significaria nada mais do que uma espécie de esplêndida tarde de brincadeiras. Mas eu já ouvi os garotos da turma dele flertando, e já há uma forte entonação sexual. O corpo do meu filho está amadurecendo e, fisicamente, mesmo que não psicologicamente, ele não é mais um menino.

Assim como ele aprendeu a nossa linguagem e os nossos costumes com uma boa dose de trabalho duro e memorização, logo vai ter que aprender como navegar no mundo do sexo. Mas como? Pela imitação e observação? Pelas

regras que ensinarmos a ele? Não. Os mesmos garotos que ele observou e imitou para ganhar outras habilidades sociais também vão estar tateando no escuro, atrás de portas fechadas. E nesse jogo em particular eu não vejo o pai dele ou eu dando dicas da beira do campo. Ele realmente vai ter que encontrar o próprio caminho.

Por outro lado, eu o vi enfrentar desafios similares de formas que nunca poderia ter imaginado. Me disseram, por exemplo, que crianças com autismo não conseguem ser empáticas porque são incapazes de perceber e se conectar com o sofrimento de outra pessoa. Ele pode aprender que deve dizer “Isso é terrível!” quando alguém reclama com ele de uma injustiça. Mas a habilidade de notar e reagir às nuances das emoções e humores de outras pessoas supostamente não está em seu repertório. E é verdade que quando meu filho era mais novo eu podia me acabar de chorar na frente dele (algo que infelizmente eu fazia com muita frequência naquela época), e ele simplesmente continuava a brincar, ignorando as minhas emoções.

No entanto, não faz muito tempo, quando eu preparava um lanche na cozinha para todos os meus filhos, que estavam sentados diante da mesa, fazendo o dever de casa, algo naquela situação me fez lembrar da minha mãe, que morrera recentemente, e comecei a chorar baixinho.

Meus três filhos mais novos não perceberam. Mas meu filho levantou a cabeça e perguntou:

— O que foi, mãe? Você está bem? — E foi até mim para me abraçar. Eu literalmente sorri em meio às lágrimas.

De algum modo, ele aprendeu alguma coisa que disseram que não poderia ser ensinada. Vou assumir isso como um bom sinal.

Claire Scovell LaZebnik mora em Los Angeles e é autora de Things I Should Have Known. Este relato foi publicado em outubro de 2005.

O MEU MARIDO AGORA É A MINHA ESPOSA

DIANE DANIEL

O ALARME SOOU ÀS QUATRO DA MANHÃ DE UMA TERÇA-FEIRA no último novembro. Tinham dito a mim e ao meu marido para chegarmos duas horas mais cedo, como se fôssemos pegar um avião. Minhas pálpebras estavam inchadas da noite anterior, quando ele me abraçou e me disse que sentia muito, que sentia muito mesmo.

Eu comecei a chorar de repente, depois do jantar, porque não veria o rosto dele de novo, aquele rosto perfeitamente comum, com um nariz de tamanho considerável e um queixo pequeno, o rosto que eu tinha segurado e beijado, e que cumprimentara com alegria por oito anos.

— Você ainda está com a aliança no dedo? — perguntei. — Disseram para tirar.

Nos casamos quando estávamos na casa dos quarenta anos, ambos pela primeira vez, nossas vidas independentes se mesclando perfeitamente.

— Ih, é verdade.

Ele tirou a aliança do dedo esguio e colocou dentro de uma caixinha de miçangas em cima da minha cômoda. Tínhamos comprado a caixa em Bali, em uma das nossas muitas aventuras. Naquela viagem, dividimos refeições absurdamente apimentadas, subimos montanhas vulcânicas e ficamos em um quarto imundo, que abrigava um lagarto enorme, um fato que o meu companheiro atencioso não revelou até sairmos dali. Meu protetor, meu parceiro, meu príncipe.

Aqui estamos nós de novo, explorando um novo território, indo para um lugar onde conhecemos alguns costumes e palavras, mas não somos fluentes.

Enquanto ele saía com o carro da garagem, lembrei da lista de coisas a fazer e perguntei:

— Você não bebeu água, não é?

— Como assim?

— As instruções para o pré-operatório, quanto você bebeu?

— Mais ou menos meio copo — confessou ele.

— Inacreditável — resmunguei.

Seguimos em silêncio, a raiva mascarando o medo. Eu me concentrei em respirar, em deixar o meu afeto retornar como uma onda se movendo em direção à praia.

— Como está sentindo, meu bem? — pousei a mão na perna dele, voltando a ser a pessoa que costumava ser com ele.

— Como um idiota por não ter lido as orientações.

— É melhor do que sentir medo.

Tinham nos dito que a operação poderia demorar sete horas, e a recuperação muitas mais, por isso fui preparada, como para uma viagem, levando notebook, celular, revistas, uma manta e um travesseiro.

Ele deu entrada no hospital e uma enfermeira nos levou para um quarto, onde checkou seus sinais vitais, todos excelentes. A transgressão dele em relação à água foi considerada aceitável.

“Ele” deu entrada. A transgressão “dele”.

Mesmo naquele dia, quando meu marido daria o primeiro passo cirúrgico em direção a se tornar mulher, eu continuava a dizer “dele” e “ele”, embora nossa terapeuta tivesse sugerido há meses que eu usasse o pronome feminino em casa.

— Farei isso quando for preciso — eu disse a ela em nossa última consulta. — Mas por ora, ele ainda é um homem para mim. Eu me virei para meu marido, então, que usava jeans e uma camisa abotoada na frente e disse: — Quando olho para você, meu bem, vejo um homem.

— Mas ela é uma mulher — retrucou a nossa terapeuta, suas palavras cortantes em relação à minha negação.

— Não para mim — falei com os olhos úmidos. Cruzei os braços como uma criança teimosa. — Consigo aceitar que ele vai se tornar uma mulher, mas agora ainda é um homem. Como você se sente, meu bem? Realmente se sente como uma mulher agora?

— Eu já lhe disse antes que sim, eu me sinto como uma mulher — respondeu ele, com um olhar pesaroso.

E então a hora do “quando for preciso” chegou. Estávamos no hospital, para a

cirurgia de feminização facial, um procedimento nada incomum nas transições de masculino para feminino, no qual a cirurgiã iria esculpir uma versão em proporções mais femininas de um rosto masculino. No caso do meu marido, isso significava sobrancelhas mais altas, um nariz menor e um queixo pronunciado. Alguns meses mais tarde, o pomo de adão seria raspado e ele receberia implantes de seios. Na sequência viria a cirurgia genital.

O estrogênio que ele tomava já havia estreitado e suavizado seu rosto, e a cirurgiã disse que as alterações seriam sutis. Os olhos azuis grandes não mudariam, nem os malaras altos, ou os lábios macios.

Nossa história de franqueza, afeto e confiança me fazia continuar acreditando que nosso relacionamento sobreviveria, que até prosperaria. Eu nunca tive a sensação de que ele tinha me ludibriado, como alguns amigos sugeriram. Ele logo me contou que se sentia ambivalente em relação a sua masculinidade, mas que tinha feito as pazes com isso. Como eu mesma tinha conflitos em relação aos homens do tipo machões, não me dei conta da profundidade da confusão que ele sentia.

Foi só quando já estávamos casados que meu marido, finalmente se sentido amado, admitiu para si mesmo que era transgênero. Que por dentro, era uma mulher. Que não queria ser o homem com quem eu me casei.

Surpresa e magoada, procurei uma terapeuta, li livros sobre transgênero, busquei apoio online e confidenciei o meu segredo à única amiga em quem confiava. Meu marido e eu continuamos a conversar, a nos amarmos. Com o tempo, passei a crer que o meu marido, como minha esposa, seria, de modo geral, a mesma pessoa: inteligente, compassivo, maduro, com o mesmo corpo esguio. Eu tivera um relacionamento com uma mulher, aos vinte e poucos anos; assim, viver como lésbica me agradava, embora eu lamentasse a tranquilidade social que perderíamos.

Na sala do pré-operatório, aproximei minha cadeira da maca do meu marido. Ele estava sentado, os ombros curvados, os pés pendurados pela lateral. Aninhei a cabeça em seu peito.

A cortina foi aberta e a cirurgiã apareceu.

— Bom dia — disse ela, animada.

Fiquei nervosa ao vê-la fora do consultório. Agora a cirurgia não era mais um projeto e sim um evento real. Comecei a chorar — baixinho, educadamente,

embora minha vontade fosse de uivar e soluçar desconsolada. Como se lamenta a perda de alguém que realmente perdemos, mas que ainda está aqui?

A médica pegou uma caneta cirúrgica no bolso e se sentou na frente do meu marido. Então, desenhcou pontinhos no queixo dele, no nariz e na testa. Quando terminou, ele parecia um guerreiro.

A médica nos deixou a sós e eu peguei a mão dele, meus olhos agora secos, enquanto os dele estavam marejados.

— O que está havendo, meu bem? — perguntei.

— Lamento por todo o sofrimento que estou causando a você.

As lágrimas borraram os pontos embaixo do nariz dele e rolaram pelo rosto.

— Eu sei por que estou fazendo tudo isso, mas é muito louco, não é? — disse ele. — E lamento todos aqueles anos em que me senti isolado. Eu me pergunto o que perdi.

— Tente se concentrar na coragem que está demonstrando por simplesmente estar fazendo isso.

A enfermeira voltou.

— É hora de ir. Seu marido vai ficar bem — acrescentou ela com um sorriso.

A sala de espera estava cheia de pessoas ansiosas por notícias de familiares, amigos e amantes. Como faço em aviões, me sentei ao lado da janela. Vi que o dia tinha amanhecido cinzento e chuvoso, com rajadas de vento.

Ouvi as conversas ao redor, sobre ataques cardíacos, câncer, próteses de quadris, mas nada sobre transição de gênero. A começar daquele dia, eu seria uma minoria, uma excentricidade: a mulher de uma mulher transgênero. A ideia me deixava exausta.

Passei o tempo lendo e mandando e-mails de atualização da situação dele para o pequeno círculo de amigos e familiares que sabiam da operação. Nosso e-mail oficial de “revelação” seria mandado na semana seguinte.

A cirurgiã, toda sorrisos, parou para me avisar que tudo tinha corrido muito bem. Poucas horas mais tarde, uma enfermeira me levou para ver minha esposa, ela — esses são os termos que preciso começar a usar. O rosto operado estava protegido por bandagens, e havia outro curativo embaixo do nariz. Ela estava grogue e com dor.

— Depois que ele comer uma coisinha, nós lhe daremos comprimidos para a dor — avisou a enfermeira.

— Poderia chamá-la de ela? — pedi com gentileza.

Duas horas mais tarde, quando o sol se punha, voltamos para casa. Reclinei o assento dela, coloquei meu travesseiro embaixo da sua cabeça e a cobri com minha manta. Dirigi com cuidado, pousando a mão no joelho dela sempre que podia.

Quando chegamos em casa, perguntei se ela se importava de ficar no carro enquanto eu cuidava dos nossos bichos de estimação, pois sabia que, caso contrário, nossa entrada seria caótica. Ela assentiu.

A casa estava quente, mas liguei o aquecedor para deixá-la ainda mais quente. Imaginei a minha vida se a pessoa no carro não existisse. Mais fácil, porém vazia.

Voltei e despertei a minha parceira, esposa, mulher, que cochilava. Entramos em casa e fomos para o nosso quarto, que eu já havia estocado com os medicamentos de que ela precisaria, além de bolsas de gelo e gaze. Eu a coloquei embaixo das cobertas e afofei os travesseiros. Peguei sua aliança na caixinha e coloquei novamente em seu dedo. Eram sete da noite e estava escuro.

As instruções para o pós-operatório aconselhavam a paciente a dormir sozinha, para proteger o nariz do movimento involuntário dos braços de outra pessoa, mas não conseguíamos nos imaginar dormindo separadas naquela noite. Coloquei um saco de dormir no meu lado da cama, entrei nele e fechei o zíper. A cada algumas horas de sono, levantava para oferecer à minha esposa, que dormia um sono intermitente, mais bolsas de gelo, comprimidos, água.

Estávamos há quase doze horas na cama, quando uma luz cinza encheu o quarto. Ainda embaixo das cobertas, estávamos aquecidas e protegidas. Logo, encararíamos o mundo. Tirei o braço direito de dentro do saco de dormir e peguei a mão da minha parceira. Ficamos deitadas ali, lado a lado, até o sol nascer em nosso primeiro dia naquela terra estrangeira.

Diane Daniel mora com a esposa em Eindhoven, na Holanda. Ela pode ser encontrada em shewasthemanofmydreams.com. Este relato foi publicado em agosto de 2011.

ASSUNTOS DE FAMÍLIA

ALGO COMO A MATERNIDADE

CAROLYN MEGAN

E STOU NO CARRO, LEVANDO MINHA SOBRINHA E MEU SOBRINHO ao Museu de Ciência. No fim do nosso passeio, quando eu levá-los para casa, o pai deles — meu irmão, John — vai lhes contar que o tratamento mais recente que a mãe dos dois estava fazendo para combater o câncer não deu resultado e que ela vai morrer. Mas por ora, minha sobrinha de nove anos revira o meu porta-luvas e descobre um absorvente íntimo. Ela abre a embalagem, ejeta o tampão e começa a balançá-lo pela cordinha.

— O que é isso?

— É um absorvente íntimo — digo.

— Pra que serve?

Parecia uma pergunta capciosa. Aprender sobre absorventes íntimos significa primeiro aprender sobre menstruação, que significa aprender sobre todo o ciclo da vida. Não tenho ideia do que John e a minha cunhada, Sarah, contaram a ela nessa altura.

— Bem, você sabe como os bebês são feitos, certo?

— Não — diz ela.

Meu sobrinho, de treze anos, que está brincando com um Game Boy no banco traseiro, diz:

— Ah, pronto. Lá vamos nós.

— O que é? — pergunta ela, se endireitando no assento.

Como devo responder? Não quero que minha sobrinha se sinta constrangida a respeito da própria sexualidade, e, de qualquer modo, quero que o próprio John tenha a oportunidade de conversar sobre isso com a filha. Começo a dar voltas no assunto, mas paro de falar quando me aproximo de uma cabine de pedágio, e nessa altura minha sobrinha deixa o absorvente íntimo de lado e se concentra no

rádio. Eu tinha conseguido escapar.

Mais tarde, conto a John sobre a conversa, e ele comenta:

— Não tenho como dizer a ela o que é ser mulher. Provavelmente será você a ajudá-la com tudo isso.

Eu me dou conta de que ele provavelmente está certo. Ao longo dos últimos oito meses, conforme o estado de Sarah piorava, assumi uma boa quantidade dos deveres de mãe. Eu levava minha sobrinha e meu sobrinho para os jogos de futebol, comparecia a eventos da escola e os levava a consultas médicas. Ficava acordada à noite esfregando as costas deles, tentei reaprender álgebra, estudei sobre a Guerra Civil dos Estados Unidos, comprei lanches do McDonald's, vetei idas ao Chuck E. Cheese, ministrava remédios, lavei toneladas de roupas, disse não mais vezes do que me senti confortável, disse sim mais vezes do que me senti confortável.

Durante esse tempo, eu me peguei lidando com as situações com a atitude calma típica de uma mãe, enquanto admitia para mim mesma que não tinha ideia do que estava fazendo.

Depois de deixar as crianças com John e Sarah na casa deles, fiquei esperando do lado de fora da sala onde eles se reuniram. O plano é que John e Sarah contem juntos aos filhos, e que, então, eu entre para ficar com as crianças enquanto elas assimilam a notícia. Quando John abre a porta da sala, sussurra:

— Eles estão devastados. Querem que você entre, mas não querem conversar.

Entro e me deparo com um quadro de choque e dor. Sarah está sentada no sofá, semiadormecida sob a influência dos analgésicos, a mão apoiada na minha sobrinha, que chora de soluçar. Meu sobrinho chora e anda pela sala com os braços cruzados diante do peito, a linguagem corporal já adolescente agora.

Vou até e ele e o abraço. Ele se apoia em mim e deixa escapar soluços contidos, os braços ainda cruzados. Naquele momento, uma parte do meu coração se abre e um novo amor se derrama, não um ajuste ou uma reconfiguração do amor que já sinto, mas uma nova categoria. Não havia separação entre mim e ele. E, nesse momento, eu penso: *farei qualquer coisa por você*.

Mas farei mesmo?

No início da doença de Sarah, quando John já estava imaginando um mundo sem ela, ele me perguntou se o meu parceiro, Michael, e eu consideraríamos a

ideia de nos mudarmos para a casa deles.

— Você não vai ter que fazer nada. Seria só para tê-la aqui, ter a sua presença na casa.

Não cheguei a responder objetivamente a ele. Disse coisas como “Vamos ver como as coisas se encaminham” ou “Não vamos falar disso ainda”. Táticas para ganhar tempo. Cada vez que ele perguntava a respeito, eu me sentia imobilizada, com uma sensação de desespero e tragédia iminente. Era a mesma sensação que experimentei anos antes e que levou a decidir sobre não ter filhos.

A decisão nasceu do meu desejo de estar totalmente presente na minha vida como escritora, e não de criar um filho. Ter um filho não era o modo como eu queria dar significado à minha vida, nem como eu queria retribuir ao mundo. E a razão para isso era a sensação que eu tinha de que amaria com intensidade demais, desespero demais, à custa do meu *eu*.

Eu sabia que meus filhos sempre viriam em primeiro lugar e minha arte em segundo, e sabia também que me ressentiria disso. Assim, fiz uma escolha e disse não à ideia de ter um filho. Mas minha sobrinha e meu sobrinho estão vivos e aqui, e precisam de atenção e carinho agora. E eu me entreguei sem hesitação, algo de que nunca poderia me arrepender.

No entanto, a preocupação em que eu baseara a minha decisão de não ter filhos se provou verdadeira: toda a minha energia, o meu amor e paixão estão concentrados nos meus sobrinhos, e eu sofro pela perda de uma parte de mim que deixei de lado. No fundo, a pergunta de John se eu me mudaria para a casa deles me deixa mais uma vez tendo que escolher se quero ou não ter filhos.

Quando saio com minha sobrinha e meu sobrinho, estranhos sempre presumem que sou mãe deles. Quando pergunto à vendedora de uma loja de roupas onde ficam as camisetas de crianças, ela pergunta:

— Quantos anos tem sua filha?

— Nove — digo. Ela me indica a sessão de meninas, onde vejo um monte de camisetas estampadas com flores.

— Talvez eu tenha mais sorte na sessão de meninos — comento. — Ela é bem moleca e com certeza vai preferir uma camiseta de futebol.

A vendedora ri.

— Ah, uma dessas.

É tão fácil me deixar deslizar para dentro desse papel, tão confortável. Mais

fácil do que ter que garantir aos outros que adoro crianças, que a minha decisão de não ter filhos não é o reflexo de uma infância difícil, nem uma atitude egoísta. É apenas uma escolha. Mas nesse momento, com a vendedora, experimento a tranquilidade de fazer parte do convencional, e é um alívio. Essa cena se repete: quando abraço minha sobrinha e meu sobrinho na saída do campo de futebol, quando espero por eles no ponto de ônibus, quando escuto minha sobrinha gritar ao entrar correndo em casa, depois de brincar do lado de fora:

— Mãe! Precisamos beber alguma coisa! — Quando ela me encontra na cozinha, ri e diz: — Quer dizer, tia Carolyn.

Qualquer pessoa que nos veja presumiria que eu sou mãe deles. Mas não sou, e não quero ser. Mas com tudo o que aconteceu, como posso não ser?

As pessoas sempre têm os seus próprios palpites sobre por que não tenho filhos: “Foi o divórcio?” “Nunca encontrou a pessoa certa, na hora certa?” “Relógio biológico?”

Agora a história assume um ponto de vista mais positivo: “Não é impressionante como as coisas acontecem?” “Você não teve filhos, e agora pode estar presente para sua sobrinha e para seu sobrinho.” “Era para ser assim.”

A literatura está cheia de tias solteironas que se mudam para morar com a família quando um irmão ou uma irmã, ou um cunhado ou cunhada morrem. Elas tomam conta do pai ou da mãe doentes e permanecem em vigília até a morte. Elas tomam a frente e se tornam mães substitutas, “esposas” platônicas que assumem com eficiência a administração da casa e das crianças.

Há uma expectativa de sacrifício: da sua vida, da sua história, em prol do desenrolar de uma nova história.

Eu gostaria de acreditar que não preciso estar presente o tempo todo para ser uma figura materna para meus sobrinhos. Gostaria de acreditar que saber que são amados e que estão bem-cuidados, esteja eu presente todo dia ou não, vai servir de apoio pra eles e garantir a base de que precisam para seguirem de forma saudável em direção à vida adulta.

Mas as preocupações do dia a dia me puxam. Meu sobrinho tem pé de atleta. Há uma rachadura grande embaixo do dedo mindinho que ele insiste que é de um arranhão na piscina. Um problema pequeno, na verdade, a não ser pelo fato de que meu irmão não teve oportunidade de comprar pomada para o pé do menino.

Outras preocupações: roupas limpas, o surto de piolho na escola. Por que a amiga da minha sobrinha está implicando com ela? Alguém já conversou com meu sobrinho sobre sonhos molhados? Está tudo bem se ele fechar a porta do quarto para ficar sozinho? Será que existe algum legume que eles se disponham a comer? Estão comendo açúcar demais? É claro que John se preocupa, mas ele está exausto. E o vaso sanitário está quebrado, a secadora está guinchando, o cachorro manca, não temos leite para o cereal de amanhã de manhã.

E ainda há a reunião para os pais dos alunos que estão na montagem de *O Hobbit* na escola. Meu sobrinho é um dos anões, e essa reunião é para conversar sobre a logística e sobre quem vai ficar com os cobiçados papéis de diretor de palco, de contrarregra e de figurinista. Só há mulheres presentes.

Elas conversam sobre a produção do ano anterior, riem e demonstram intimidade uma com a outra e com o processo de montar uma peça.

— Precisamos conversar sobre como vamos envolver os pais e mães que trabalham — diz uma das organizadoras. As outras assentem, concordando. — Isso precisa ser um evento da comunidade.

Estou ali porque não quero que meu sobrinho tenha a sensação de que não tem ninguém apoiando-o. Estou aqui por causa de uma amiga minha, cuja mãe morreu quando ela era pequena, e que uma vez me contou que sempre se sentia como uma órfã, sendo passada de uma babá para a outra. Não quero que meu sobrinho se sinta como órfão.

Ainda assim, me sinto como uma impostora, uma intrusa. Não me importo nem um pouco com a disputa de poder para definir quem será o diretor de palco. Estou entediada. Preferia estar em casa e estou ansiosa para voltar para a minha escrita.

Mas descubro que ficar longe das crianças me provoca uma saudade e uma preocupação constantes.

Fico imaginando como eles estão e sinto falta de estar perto deles, de tocá-los. Eu me interesso pelas suas histórias, pelos jovens que estão se tornando.

E embora não seja mãe e nunca vá ser, o sentimento que tenho por eles deve ser uma espécie de maternidade: tão difícil quanto eu esperava, sim, mas também cheio de prazer.

Carolyn Megan escreve e ensina em Portland, no Maine, e pode ser encontrada

pelo e-mail mainewritingworkshop@gmail.com. Este relato foi publicado em setembro de 2005.

PRIMEIRO, CONHECI OS MEUS FILHOS, ENTÃO, A MINHA NAMORADA. HÁ UMA RELAÇÃO ENTRE TODOS.

AARON LONG

SÓ CONHECI MINHA NAMORADA, JESSICA, DOZE ANOS depois de nossa filha, Alice, nascer.

Deixe-me explicar. Há quase vinte e cinco anos, voltei de um ano ensinando Inglês no exterior, fui morar com minha mãe e, como não tinha qualquer perspectiva, passei a trabalhar como motorista de táxi. Um dia, vi em um anúncio de jornal que estavam procurando homens saudáveis, entre dezoito e trinta e cinco anos, para participar de um programa de doação de sêmen.

Doador é a palavra padrão da indústria, ainda que praticamente todos nós sejamos pagos. Quarenta dólares por uma ejaculada, foi o que recebi em 1994.

Por um ano, eu vendi meu esperma duas vezes por semana. Na época, estava em um relacionamento a longa distância, assim, me parecia uma boa válvula de escape. Quando contei para minha mãe, ela, de forma visionária, se perguntou em voz alta se aquela seria a única forma de vir a ter netos.

Hoje, os compradores de esperma visualizam perfis detalhados de potenciais doadores, enquanto na minha época eu não tive que dar muitas informações além da minha formação universitária, hobbies e histórico de saúde da família. Jessica e o parceiro dela na época me escolheram basicamente porque eu era escritor e músico.

Depois de um ano vendendo meu esperma, voltei a distribuí-lo de graça e me esqueci completamente da coisa toda. De vez em quando, o assunto de se eu tinha filhos vinha à tona, e eu brincava dizendo que provavelmente tinha uma penca. Eu assinara um contrato de sigilo abdicando de qualquer direito, e presumi que nunca haveria uma forma de a minha prole e eu nos encontrarmos.

Então, a internet aconteceu.

No início dos anos 2000, procurei online uma forma de encontrar minha prole e descobri o Donor Sibling Registry (Registro de Irmãos Doadores), mas não havia nenhuma pista ali e nunca voltei para checar de novo. (Eu tinha olhado cedo demais: minha prole começou a usar o site para encontrarem uns aos outros quando entraram na adolescência, nos anos 2010.)

Alguns anos atrás, comecei a ver anúncios do 23andMe, um serviço que analisa a sua saliva — você cospe em um tubo de ensaio e envia por correio para análise —, e lhe fornece informação sobre seus ancestrais, sua saúde e seus parentes, via DNA. A oportunidade era óbvia, mas presumi que as chances de encontrar os meus filhos fossem baixas. Procrastinei por meses antes que a curiosidade e vontade de saber me fizessem encomendar um kit.

Recebi os meus resultados de volta e pronto: eu tinha um filho, Bryce. Seu nome completo era incomum o bastante para que fosse fácil procurá-lo no Google, e a foto que encontrei se parecia o bastante comigo para que eu acreditasse que aquele estudante de Geografia fosse meu (meu?). Imaginei que ele tinha sido avisado da minha existência pelo 23andMe, passei uma semana ruminando antes de finalmente pousar os dedos no teclado.

“Caro Bryce”, escrevi. “Me juntei recentemente ao 23andMe e o encontrei listado como meu ‘filho’, portanto acredito que eu seja seu pai biológico. Espero que minha existência não seja um choque para você, e me pergunto se você se juntou ao projeto com esperança de se conectar comigo.” Minha carta continuou daí, de forma muito constrangida, dando a ele um breve resumo da minha vida.

Bryce respondeu quase instantaneamente:

“Pai, você não imagina como estou animado por receber notícias suas. Eu me juntei ao 23andMe com esperança de você já ter feito isso, e fiquei chateado quando vi que ainda não tinha. Mas é incrível ter contato com você e estou muito feliz. Sou um dos seus seis filhos, até onde sei, e com quem mantenho contato. Tenho vinte anos e moro em Long Island, mas estou estudando no norte do estado de Nova York.”

— Pai?

Por um instante, fiquei preocupado que Bryce pudesse ter expectativas paternas a meu respeito, e que aparecesse na minha porta, mas as minhas preocupações eram infundadas. Eu estava em um mundo completamente novo, e estamos todos ainda tateando em relação à terminologia.

Mais importante, seis filhos? Caramba! Fiz algumas contas no guardanapo, baseado no número de amostras que eu entregara para doação, e nas chances de concepção, e estimei que eu poderia ter uns 67 filhos.

Por intermédio de Bryce, conheci Madalyn, de dezenove anos. Depois de ver sua página no Facebook, tive meu primeiro pensamento de pai na vida: minha filha deveria usar roupas que a cobrissem mais.

Posso ser suspeito para falar, mas achei meus filhos absurdamente atraentes. Senti uma súbita necessidade de compartilhar as fotos deles com todas as ex-namoradas que optaram por não se casar e procriar comigo.

Poucos meses mais tarde, uma nova confirmação de DNA apareceu no 23andMe: Alice, de onze anos. A mãe dela, Jessica, me escreveu um bilhete. Ela e a ex-parceira tinham, cada uma, dado à luz, uma filha concebida com o meu esperma. As duas terminaram o relacionamento anos antes, mas criaram as meninas juntas até recentemente, quando a outra mãe se mudou com a filha a quem dera à luz.

Jess e eu começamos a conversar online. Ela sabia muito sobre compra de esperma e autofecundação, e achei fascinante saber mais a respeito, além de ter descoberto que era bem mais difícil do que tinha sido o meu papel: me masturbar em um copinho. Ela também não se identificava mais como lésbica, e estava namorando um homem que, por incrível que pudesse parecer, tinha o meu primeiro nome e o nome do meio (Aaron David), com um sobrenome similar, monossilábico.

Tinha havido alguma confusão no Departamento de Namorados? Seria eu que deveria estar namorando com ela?

Meus filhos e eu trocamos biografias escritas. A do Bryce me mostrou como eu sabia pouco sobre a cultura dos jovens adultos, e me lembrou de como a década dos vinte anos é difícil. A da Madi me revelou uma compreensão aguçada das formas como fora criada, e das partes do processo que ela gostaria de deixar de lado. Mas foi a biografia de Alice, intitulada “Uma série de eventos constrangedores separados por lanchinhos”, que acabou comigo.

A história dela era uma miscelânea de listas e lembranças escritas sob pressão (“Mãe: Escreva ou morra!”). Cor favorita: “Preto. Como a minha alma.” Feriado favorito: “Halloween (por causa dos doces e da morte).” Ela gostava de filmes do Alfred Hitchcock. “Basicamente”, escreveu ela, “sou uma adolescente

angustiada em um corpo de criança.”

Aquela menina tinha onze anos?

Bryce e Madi traçaram um plano para passar algumas semanas em Seattle no verão. Jess e Alice moravam a poucas horas ao sul e viriam de carro. Imaginei que encontrar meus filhos seria o mais perto que eu já teria chegado de me casar, por isso resolvi dar uma festa.

Tinha contado a respeito dos meus filhos para poucas pessoas, mas a maior parte dos meus amigos soube pelo convite do Facebook para a “Festa para encontrar meus filhos”, com fotos de Bryce, Madi e Alice. O choque que o convite provocou foi grande.

Não sei se por genética, boa sorte ou força das circunstâncias, mas o fato é que amei meus filhos imediatamente. Eles tinham uma estranha aura que me fazia lembrar de mim. Bryce é tímido, mas espirituoso, e é obcecado por memes de um modo que provavelmente eu também seria se fosse da Geração Z. Alice não tem muita paciência com adultos, como eu ainda não tenho. Madi, em particular, tem o meu senso de humor e os meus olhos: trocar um olhar com ela faz o meu cérebro explodir, mas então eu rio.

Na festa, brincamos de um jogo de perguntas e respostas “biológico versus quem cria” e descobrimos que éramos todos bastante liberais e que nenhum de nós acreditava em Deus. Nenhum deles, no entanto, dorme com um travesseiro entre os joelhos, como eu faço há muito tempo.

A primeira vez que Jess e eu nos vimos a sós, nos abraçamos longamente, de um jeito totalmente inapropriado para pessoas que acabaram de se conhecer. Jess diz que tenho maneirismos que a fazem se lembrar das duas filhas, por isso se sentiu imediatamente confortável comigo.

Se por sermos peões no jogo do destino, ou participantes involuntários em um casamento cromossomicamente arranjado, o fato é que Jess e eu criamos um vínculo imediato. Eu comentei sobre a minha ideia de uma confusão no Departamento de Namorados e a reação foi relutante, mas fofa. Durante as férias, Jess e eu assumimos facilmente os papéis de mãe e pai em relação a Bryce, Madi e Alice. Logo já tínhamos piadas internas e implicávamos um com o outro em relação aos nossos pontos fracos, como qualquer família. Eu cheguei a fazer um sermão para Bryce e Madi sobre fumar.

No fim da visita, Bryce acabou fazendo com que Jess e Alice fossem expulsas

da casa que estavam alugando, quando subiu no telhado para recuperar um brinquedo. Por isso, eu as convidei para ficarem comigo enquanto resolviam as coisas. O que Jess logo descobriu foi que queria continuar morando comigo. Alice revirou os olhos como se tivesse caído na armadilha de um arranjo familiar tradicional.

Por mais que o 23andMe normalmente não seja considerado um site de namoro, Jess e eu somos gratos à tecnologia que tornou o nosso relacionamento retroativo possível. Temos muitas perguntas sobre amor e genética, e dúvidas de se teríamos nos conectado desse jeito se tivéssemos nos conhecido de forma mais convencional.

Nosso laço sobreviveu à fase do “Como isso é legal, não?”, embora ainda seja divertido cibermonitorar o resto da minha prole e especular sobre quantos mais podem emergir. (Cheguei a dez agora. Já fiz contanto com as mães dos recém-descobertos, mas ainda não fizemos planos de nos encontrarmos.)

Madi gostou da Costa Oeste e de nós e se mudou recentemente para a nossa casa. Estamos torcendo para conseguirmos convencer Bryce a fazer o mesmo.

No fim, os elementos de ficção científica da nossa história de amor são irrelevantes: Jess e eu funcionamos como casal porque gostamos de ficar juntos. Acho que ajuda um pouco o fato de eu ser pai da filha dela.

Aaron Long é escritor em Seattle. Este relato foi publicado em setembro de 2018.

QUANDO O SR. ESTÁVEL SE TORNA O SR. CARENTE

KATHERINE TANNEY

MINHA MÃE MORAVA A UMA DISTÂNCIA CURTA DE CARRO da casa de repouso onde meu pai morreu, no início do ano passado. Mas ela não estava com ele no fim, nem sabia que suas três filhas estavam na cidade, reunidas ao redor do leito dele. Conforme a capacidade respiratória do meu pai diminuía lentamente, é provável que ela estivesse em casa, assistindo à HBO, lendo um romance, ou preparando um lanche. Eles foram casados por quarenta e sete anos — “todos maravilhosos”, para citar a minha mãe, que aparentemente não incluía os últimos cinco anos, quando o marido dela, aos sessenta e três anos, ficou doente, com Alzheimer. O mundo da minha mãe se desintegrou e nada entre eles nunca mais foi maravilhoso.

Esse é o fim. Frio, conciso. Mas o que um fim diz, na verdade, sobre uma vida, um casamento? As reclamações da minha mãe começaram há cinco anos, quando ela contou às minhas irmãs e a mim que nosso pai estava sendo “cruel” com ela e “impossível de se lidar”. Ele deixava o queimador do fogão aceso. Precisava de ajuda para saber que lado da camisa passar primeiro pela cabeça. Às duas da manhã, já barbeado e vestido, ele ia até a calçada para pegar o jornal, e acordava a minha mãe para reclamar quando não encontrava o jornal. Pior de tudo, disse ela, era a teimosia insistente do meu pai de que não havia nada de errado com ele.

Não é difícil para mim imaginar as discussões entre eles nesse período. Minha mãe sempre reagiu às coisas que a assustavam atacando ou fugindo, e meu pai era capaz de ser muito teimoso, até mesmo intransigente. A questão era que, quando minhas irmãs e eu vimos nosso pai em um primeiro momento, não percebemos nada da paranoia ou beligerância que minha mãe descrevia. Para nós, ele pareceu só muito mais carente do que antes, mais esquecido, e sem

qualquer noção de que suas percepções não correspondiam mais à realidade, o que era desconcertante.

É preciso dizer que “carente” e “impossível” sempre tinham sido traços característicos da minha mãe, enquanto meu pai era o Sr. Estável, o Sr. Autocontrole. Ele nos levava com toda calma ao McDonald’s, nas noites em que ela estava ocupada demais batendo portas ou quebrando objetos amados e, portanto, sem tempo para preparar o jantar. Em outras ocasiões, quando saíamos em família, ele dava a volta no carro para abrir educadamente a porta para ela, e passava ao garçom o pedido dela, que permanecia sentada, cheia de pose.

— A dama vai querer... — era o modo como ele sempre começava.

Meus pais tiveram grandes planos para os seus anos de ouro, planos que os dois fizeram desde os primeiros dias do seu casamento. Meu pai era alto e bonito, observador e tranquilo, e vinha de um lar partido e modesto. Minha mãe era criativa e cheia de opinião, furiosa e impulsiva, e vinha de uma família abastada e perfeita. Quanto mais tempo eles ficavam casados, mais perto chegavam da herança dela, e dos sonhos que tinham de ter uma casa em Aspen para quando se aposentassem, ou um *pied-à-terre* em Paris, ou em Manhattan. Assim eram os meus pais. Eles acreditavam que o dinheiro tinha o propósito exclusivo de garantir aos dois experiências prazerosas. Raramente faziam contribuições para a caridade, ou para causas políticas, ou mesmo para a televisão pública, ou para as estações de rádio de que gostavam. O dinheiro dos dois sustentava restaurantes caros e bilheterias de apresentações artísticas, criadores de roupas caras, de peças de mobília, de arte de bom gosto e de carros elegantes.

Mas então o Alzheimer foi diagnosticado, o que não fazia parte dos planos da minha mãe, e a reação dela foi se fechar. Quando sugerimos que procurasse um grupo de apoio, a resposta foi:

— Eu liguei para lá. É para viúvas, não para pessoas com cônjuges vivos.

Quando recomendamos que procurasse um terapeuta, ela reclamou:

— Se eles realmente se importassem, não cobrariam.

Em vez de se informar sobre a doença e sobre como lidar com ela, minha mãe determinou tarefas para meu pai fazer no jardim e em casa, como se a disciplina do trabalho pudesse restaurar a ordem na vida deles. Em vez disso, ele saiu andando sem rumo, pegou um ônibus — ele já havia perdido o privilégio de

dirigir àquela altura — e voltou horas mais tarde, em um táxi, deixando o motorista, que ignorava totalmente a situação, sem saber como lidar com a fúria da minha mãe.

Aqueles foram os últimos dias para eles, quando a onda de palavras amorosas da minha mãe dirigidas ao marido eram faladas em um tempo passado, aos soluços, como se ele já tivesse morrido. Ela considerava o homem com quem estava vivendo um estranho, que precisava ser levado ao médico e a quem ela tinha que estar sempre atenta, mas com quem já não era mais possível ter uma boa conversa.

Eu me perguntava com frequência como as outras esposas lidavam com uma situação como aquela. As revistas estavam cheias de matérias sobre casais lidando heroicamente com o Alzheimer, famílias se unindo para cuidar de um membro afligido pela doença. *Eu e você contra o mundo*. Quantos casamentos são baseados em alguma forma desse sentimento, e o que acontece quando o mundo inesperadamente marca um ponto?

Meu pai, que sempre defendeu as piores palavras e atos da minha mãe, agora dependia de quem havia dependido tanto dele. Na ausência de alguém a quem minha mãe pudesse culpar por aquela traição, ela culpava a ele. Quando minhas irmãs e eu soubemos por ela que meu pai estava vagando pela cidade, a pé, sem dinheiro, água ou comida, e que ela se recusava a ir resgatá-lo quando ele ligava de telefones públicos em bairros perigosos, perdido e desorientado, finalmente concordamos que, para o bem do nosso pai, ele deveria ser afastado dela.

Então começaram as jornadas separadas dos meus pais, ainda tumultuadas, por causa das decisões cada vez mais erráticas que minha mãe tomava. Ela desenvolveu um medo sem precedentes de gastar dinheiro, o que levou meu pai a se mudar seis vezes nos últimos quatro anos e meio da vida dele.

Primeiro, ele morou com minha irmã, que contratou ajuda particular para cuidar dele quando ela estivesse no trabalho. Quando o estado dele piorou, nós o transferimos para uma clínica de repouso, onde a sua eventual incontinência provocou um aumento de mensalidade que minha mãe se recusou a pagar. Encontramos outro lugar. Então, ela alegou que o dinheiro dele tinha acabado, manifestou um súbito desejo de estar com o seu amado até o fim e anunciou sua intenção de interromper novamente os pagamentos da clínica de repouso.

— Eu mesma vou tomar conta dele — disse ela.

Àquela altura, ele já não morava mais com ela havia quase três anos, e durante esse período ela só o vira duas vezes, quando ele ainda conseguia andar e falar. Apesar das nossas objeções e explicações sobre o estado avançado da doença, minha mãe o levou para casa de novo, mas ele passou apenas três dias lá, antes de se machucar e forçá-la a ligar para a emergência.

— Eu lavo as mãos em relação a ele — disse ela à assistente social do hospital, ao telefone. — Não vou pagar nem um centavo a mais.

Omiti muitas coisas: caminhadas que eu e meu pai abandonado compartilhamos; risadas que demos; a entrada dos advogados nas nossas vidas, com sua linguagem jurídica e suas contas altas; a saraivada de trocas verbais furiosas entre minha mãe e as filhas; cenas das clínicas onde pacientes com Alzheimer vivem juntos em um asilo de loucos de monotonia. Dei ao meu pai um bicho de pelúcia grande, com um sininho na ponta. Ele gostava de sentir a pelúcia entre os dedos. Comprei uma bola para ele, e brincávamos de lançar e pegar, no que ele era excepcionalmente bom. Ele gostava de ser tocado e de conversar.

Aproximadamente na mesma época em que minha mãe lavou as mãos em relação ao meu pai, ela recebeu a herança dela. Depois da morte do meu pai, ela continuou a viver na casa grande deles, de cinco quartos, dois andares, com deque, piscina aquecida e uma cozinha com tudo o que havia de mais moderno. Era o tipo de casa de arquitetura interessante, que se costuma ver em revistas, toda ângulos retos e projeções verticais, que valia mais de um milhão de dólares. Em algum lugar daquela casa, presumivelmente em uma urna de bom gosto, ela mantinha as cinzas do meu pai. Minhas irmãs e eu pagamos a conta do crematório, mas quando minha mãe descobriu sobre a morte dele, insistiu em pagar o que era devido e manter as cinzas com ela. Afinal, era com a perturbação dele que ela não conseguia lidar, e agora que ele já não estava mais perturbado, ela o queria de volta.

Eu não estava falando com minha mãe quando meu pai morreu, nem as minhas irmãs. Em uma mensagem que me deixou antes de ele partir, ela me dizia que eu morreria “sozinha e sem um tostão” — por abandoná-la, eu presumo, assim como ela havia abandonado meu pai. Então, seis meses mais tarde, pouco antes de uma cirurgia de ponte de safena já agendada, minha mãe teve um ataque cardíaco.

Demorei algum tempo para visitá-la, em parte porque ela estava inconsciente e não tinha expectativa de se recuperar. E em parte, porque eu desconfiava que minha presença lhe traria pouco conforto. Mas quando finalmente fui ao hospital, a visão da minha mãe — tão indefesa e sem vida quanto meu pai tinha ficado — tornou o passado recente irrelevante, e terminamos nossos anos de discordância de forma amigável. Ela morreu cinco semanas mais tarde.

É difícil para mim aceitar esse exemplo lancinante de dissolução familiar que me foi entregue no meio do caminho da minha própria vida acidentada. O que é moral? O que é vilania? Não deveríamos todos, depois de tantos anos com minha mãe, já saber quem ela era e do que era capaz? E é possível que meu pai tivesse tolerado o comportamento dela, ou ao menos perdoado, se tivesse sido capaz de pensar direito? “Me mate de uma vez”, eu o imagino dizendo no começo, se tivesse tido noção do que estava por vir e a que custo.

Os meus pais tiveram um casamento “maravilhoso”? É claro que não. Também não foi tão ruim. Eles tiveram um casamento. Meu pai teve uma morte. Isso deveria ter sido melhor, mas essa é a natureza da sobrevivência e do amor. Na semana passada, um dos meus cachorros encontrou um passarinho fraco na grama e o matou lentamente, prolongando a vida do brinquedo dele pelo máximo de tempo possível. Observei a cena da janela, arrasada, mas ao mesmo tempo compreendendo.

Costumava achar que o momento final da vida era o momento da verdade, e me preocupava com isso. Eu tinha proezas de imaginação bizarras, como tentar invocar a minha própria morte em um momento de suprema felicidade.

— Agora — eu procurava persuadir o universo, de olhos fechados, respiração presa —, me leve agora.

Porque eu sabia bem demais o que costuma seguir a suprema felicidade, e queria desesperadamente que o universo abrisse uma exceção para mim.

Katherine Tanney é autora do romance Carousel of Progress. Este relato foi publicado em fevereiro de 2005.

MINHA PRIMEIRA LIÇÃO SOBRE MATERNIDADE

ELIZABETH FITZSIMONS

VI A CICATRIZ NA PRIMEIRA VEZ EM QUE TROQUEI A FRALDA de Natalie, apenas uma hora depois que o diretor do orfanato me estendeu a menina em um salão de festas de um hotel em Nanchang, a capital de uma província no sudeste da China.

Apesar do calor forte e da umidade, as cuidadoras tinham vestido Natalie com duas camadas de roupas e, quando as despi suadas, e tirei a fralda, encontrei a pior assadura que eu já tinha visto, e uma cicatriz de cinco centímetros, na base da espinha de Natalie, atravessando as marcas vermelhas na pele descamada.

O dia seguinte, quando o governo chinês completaria a adoção, também seria o primeiro aniversário de Natalie. Fizemos uma festa para ela naquela noite, com a presença de famílias que tínhamos conhecido e de representantes da agência de adoção, e Natalie lambeu a cobertura do bolo do meu dedo. Mas estávamos preocupados com um ronco no peito dela, e ainda havia a cicatriz. Assim, depois da festa, meu marido, Matt, pediu à nossa agência de adoção que mandasse o médico.

Também tínhamos outras preocupações. Natalie estava magra e pálida, e não conseguia se sentar ou segurar uma mamadeira. A menina tinha apenas dois dentes e quase nenhum cabelo, e não sorria. Mas eu já havia imaginado que uma situação assim pudesse acontecer. Minha irmã e meus dois irmãos foram adotados na Nicarágua — os meninos ainda bebês —, e quando eles chegaram na nossa casa cheiravam mal, tinham diarreia, estavam cheios de sarna e mal conseguiam sustentar a cabeça erguida. Mas esses problemas logo desapareceram.

Acreditei que Natalie também logo fosse ficar bem. Havia claramente uma luz por trás daqueles grandes olhos escuros. Ela apoiou a cabeça contra o meu

peito, no canguru em que eu a carregava, e levantou os olhos para o meu rosto, os lábios se abrindo quando se inclinou para trás, como se soubesse que agora estava segura.

Ela seria a nossa primeira filha. Tínhamos definido anos antes em nossos corações que adotaríamos uma menina, bebê, na China, quando eu estava fazendo uma matéria para um jornal sobre um prefeito local que voltara para casa com uma filhinha chinesa. Mas achamos que a adoção viria mais tarde. Depois que eu ficasse grávida.

Só que eu nunca fiquei grávida. Depois de dois anos de tentativas, estava cansada de me sentir sem esperança, de me arrastar por um caminho sem saber como terminaria. Mas eu sabia como o caminho da adoção terminaria: com um bebê.

Assim, iríamos primeiro para a China e depois tentaríamos ter um filho biológico. Mergulhamos de cabeça em um processo de preparação para a nossa candidatura à adoção que durou meses, abrimos a nossa vida para que fosse escrutinada até que um dia tínhamos a foto da nossa filha na porta da geladeira. Catorze meses depois de decidirmos adotar, estávamos na China.

E agora estávamos em um quarto de hotel, com um médico chinês, um senhor, que não falava muito bem o nosso idioma. Depois de auscultar o peito de Natalie, ele disse que era bronquite. Então virou-a de bruços e viu a cicatriz.

O médico franziu o cenho e pediu um cotonete e sabonete. Ele molhou uma das pontas do cotonete no sabonete e enfiou no esfíncter de Natalie, que declarou estar “frouxo”. O médico desconfiava que tivessem removido um tumor da menina, e se perguntou em voz alta se ela teria espinha bífida, antes de finalmente declarar que Natalie teria que ser examinada no hospital.

Dois táxis levaram a todos nós para lá e, enquanto esperávamos por notícias, tentei resgatar pensamentos positivos: lembrei do quarto que tínhamos pintado de amarelo-claro para receber Natalie, e do berço com lençóis do ursinho Pooh. Mas a minha mente se desviou desses pensamentos quando vi a mulher da agência de adoção em uma discussão acalorada em chinês com um dos médicos, e logo depois com alguém ao celular. Imploramos a ela por informação.

— Não é bom — disse a mulher.

Um exame de tomografia computadorizada confirmou que tinha havido um tumor que alguém, em algum lugar, removera. O trabalho foi sofrível e tinha

provocado danos nos nervos. E, conforme Natalie crescesse, seu estado iria piorar e ela acabaria paralisada da cintura para baixo. Também não teria mais controle sobre a bexiga e os intestinos — e isso já começara a acontecer, como indicava o esfíncter frouxo. Sim, a menina tinha uma forma de espinha bífida, assim como um cisto na espinha.

Olhei para meu marido, chocada, esperando que ele me dissesse que eu tinha entendido alguma coisa errada. Mas ele só balançou a cabeça.

Eu o abracei e chorei em seu peito, furiosa com a sensação de que formar uma família parecia impossível para nós, e pelo fato de a vida já ter sido tão difícil para Natalie.

De volta ao hotel, exigimos respostas das mulheres da agência. Por que aquilo não estava na ficha médica de Natalie? Como uma cicatriz daquele tamanho não fora percebida? A cicatriz tinha cinco centímetros, pelo amor de Deus.

Elas balançaram a cabeça. Encolheram os ombros. Se desculparam.

Então, ofereceram um modo de reparar aquilo.

— Em casos como esse, podemos arrumar outro bebê para vocês — disse a mulher que estava no comando.

O resto do processo seria acelerado, e voltaríamos para casa na data prevista. Simplesmente iríamos embora com uma menina diferente.

Meses antes, quando preenchemos formulários perguntando que tipo de deficiências seriam aceitáveis em uma possível adoção — com o que, em outras palavras, nós achávamos que conseguiríamos lidar: HIV, hepatite, cegueira? Aceitamos apenas alguns problemas mais brandos, que sabíamos que poderíamos tratar rapidamente com atendimento médico adequado. Como Matt escreveu em nosso formulário: “Esse será o nosso primeiro filho, e achamos que precisamos ter mais experiência para lidar com algo mais sério.”

Agora, estávamos diante da possibilidade de cirurgias, cadeiras de rodas e bolsas de colostomia. Imaginei a nossa casa em San Diego com rampas de acesso às portas. Vi as nossas vidas sendo totalmente devotadas aos cuidados com ela. Como conseguiríamos?

Ainda assim, como conseguiríamos deixá-la? Se eu tivesse dado à luz uma criança com aqueles problemas, eu não a teria deixado no hospital. Embora uma amiga, mais tarde, fosse me dizer, “Ora, mas isso é diferente”, para mim não era.

Eu me imaginei embarcando no avião com alguma criança substituta sem

rosto, então explicando para os amigos e para a família que aquela não era a Natalie, que tínhamos deixado Natalie na China porque ela estava estragada demais, que o acordo tinha sido um bebê saudável, e ela não era saudável.

Como eu iria me encarar? Como iria conseguir esquecer? Estaria sempre imaginando o que teria acontecido com Natalie.

Eu sabia que aquele era o meu teste, o valor da minha vida destilado em um momento. Eu já estava balançando a cabeça dizendo “Não”, antes mesmo que elas terminassem de explicar. Não queremos outro bebê, disse a elas. Queremos o nosso bebê, a que está dormindo bem ali.

— Ela é nossa filha — falei. — Nós a amamos.

Matt, que estava sentado na cama, tirou os óculos, secou as lágrimas e assentiu, concordando.

Mesmo assim, tivemos uma longa e assustadora noite, imaginando como conseguiríamos lidar com aquilo. Liguei para minha mãe em lágrimas e contei a ela o que tinha acontecido.

Houve uma longa pausa do outro lado a linha.

— Ah, meu bem.

Eu soluçava.

Ela esperou até eu recuperar o fôlego.

— Não seria errado você voltar para casa sem ela.

— Por que você está dizendo isso?

— Eu só queria absolvê-la. O que você quer fazer?

— Quero pegar o meu bebê e sair daqui — falei.

— Ótimo — disse minha mãe. — Então é isso o que deve fazer.

De manhã, com os olhos injetados e ardendo, decidimos que seríamos felizes com a nossa decisão. E realmente nos sentíamos felizes. Dissemos a nós mesmos que excelentes cuidados médicos talvez aplacassem algumas das piores aflições. Era o melhor que poderíamos esperar.

Mas dois dias depois de voltarmos a San Diego — antes mesmo de termos tempo de levar Natalie ao pediatra —, as coisas tomaram mais um rumo alarmante.

Enquanto jantava em sua cadeira alta, Natalie teve uma convulsão — a cabeça dela caiu para a frente, então foi jogada rapidamente para trás, ela revirou os olhos e suas pernas e braços se esticaram com força. Eu a tirei do cadeirão,

entreguei-a para Matt e liguei para a emergência.

Quando os paramédicos chegaram, Natalie estava alerta e estável, mas logo sofreu uma segunda convulsão no pronto-socorro. Contamos aos médicos o que tínhamos descoberto na China e eles pediram uma tomografia computadorizada do cérebro.

Horas mais tarde, uma das médicas do pronto-socorro puxou uma cadeira e disse, muito séria:

— Vocês devem saber que alguma coisa está errada com o cérebro dela, certo?

Nós a encaramos. Também havia alguma coisa errada com o cérebro dela, além de todo o resto?

— Bem — nos disse a médica —, ela tem atrofia cerebral.

Peguei uma caneta na bolsa, enquanto a médica comparava a situação de Natalie à síndrome de Down, e dizia que um lar amoroso poderia fazer toda a diferença. Estava claro, acrescentou ela, que tínhamos esse tipo de lar.

Ela nos deixou e embalei Natalie, que estava apagada por causa da medicação anticonvulsiva. A boquinha estava aberta, e eu me inclinei para a frente, sentindo o hálito doce, que cheirava a leite de soja.

Será que seríamos capazes de conversar uma com a outra? Ela me contaria os seus segredos? Riria comigo?

Fosse qual fosse o caso, eu a amaria e ela saberia disso. E isso teria que bastar. Agradei a Deus por não termos deixado Natalie na China.

Ela foi internada e passamos uma noite de sono entrecortado ao seu lado. Pela manhã, o chefe da neurocirurgia apareceu. Quando pedimos mais informações, ele disse:

— É mais fácil eu mostrar a vocês.

No departamento de radiologia, na sala de análise dos exames, ele apontou para a tomografia computadorizada e nos disse que a médica do pronto-socorro se equivocara, que Natalie não tinha atrofia cerebral. Ela era fraca e estava com o desenvolvimento atrasado, mas tinha coordenação óculo-manual e o havia observado com atenção enquanto ele a examinava. Ele precisaria fazer uma ressonância magnética para ter um diagnóstico melhor. Pedimos a ele que fizesse imagens da espinha de Natalie também.

Ele voltou com outras notícias incríveis. A ressonância magnética tinha

descartado as síndromes cerebrais que o estavam preocupando. E não havia nada errado com a espinha de Natalie. Ela não tinha espinha bífida. Não ficaria paralisada. Ele não conseguiu acreditar que alguém pudesse ter dado um diagnóstico desses a partir da tomografia computadorizada de baixa qualidade feita na China. O médico concordou que provavelmente tinha havido um tumor, e que aquilo precisaria ser monitorado, mas ela provavelmente ficaria bem. O ano seguinte nos diria.

Haveria outros sustos, mais convulsões, e muita fisioterapia para ensinar Natalie a se sentar, a engatinhar e a andar. Ela deu seus primeiros passos em um dia na praia, aos vinte e um meses, com a barriguinha cheia de tacos de peixe.

Hoje, Natalie tem quase três anos, seus cabelos castanhos são cheios, os dentes brilham e os olhos cintilam. Ela faz natação, frequenta uma creche e insiste em usar sandálias floridas para dançar. Digo a ela:

— Ahhhh, Natalie.

E ela responde:

— Ahhhh, mamãe.

E eu sinto lágrimas de felicidade marejarem meus olhos.

Às vezes, quando estou ninando-a para dormir, eu me inclino para a frente e inspiro seu hálito, que agora cheira a pasta de dente de tutti frutti e ao jantar que preparei enquanto ela ficava sentada no cadeirão, cantando para o cachorro. E fico impressionada por essa menininha ser minha.

É tentador achar que a nossa decisão foi validada pelo fato de tudo ter terminado bem. Mas, para mim, não é esse o ponto. Nossa decisão foi certa porque ela era nossa filha e nós a amávamos. Não teríamos escolhido os fardos que imaginamos que teríamos — na verdade, declaramos de antemão a nossa inabilidade para lidar com eles. Mas somos mais fortes do que pensamos.

Elizabeth Fitzsimons é vice-presidente de liderança e empenho na Câmara Regional do Comércio de San Diego, e de sua afiliada, a LEAD San Diego. É uma das diretoras da Biblioteca de San Diego e membro do conselho da Jacob & Cushman San Diego Food Bank, e mora em San Diego com o marido, a filha e dois filhos gêmeos. Este relato foi publicado em maio de 2007.

DOIS HOMENS, UM BEBÊ A CAMINHO, E EU

REBECCA ECKLER

EU ESTAVA COM TRÊS MESES DE GRAVIDEZ E NOIVA, DE casamento marcado, quando o conheci. Saímos para jantar com amigos em comum. Ele me fez rir. Ele era muito fofo. E muito solteiro. Ele viu o meu anel de noivado e ouviu o meu anúncio da gravidez. Ainda assim, pagou o meu jantar e caminhou comigo até em casa e, algumas semanas depois, combinamos de ir ao cinema, em um horário cedo.

Depois do filme, eu o convidei para ir ao meu apartamento e preparei vodca com suco de laranja para ele. Eu bebi água, mas mesmo assim sentia aquela leve embriaguez do primeiro encontro.

É claro que não era um encontro. Como poderia ser, quando eu tinha um bebê na barriga e estava noiva do pai do bebê? Não, a palavra *encontro* nunca foi pronunciada. Eu estava na cama, sozinha, às dez da noite. Mas antes de partir, aquele homem fofo e solteiro examinou meu apartamento e me disse que eu devia ter trancas mais seguras nas minhas portas de correr. No dia seguinte, ele deixou um cabo de vassoura com o meu porteiro, para eu travar as portas de correr por dentro.

Onde estava o meu noivo? Ele morava em uma cidade diferente, a milhares de quilômetros de distância. Estávamos juntos dessa forma havia anos — separados, mas sim, juntos. Nos víamos uma vez por mês. Nosso arranjo funcionou bem até eu ficar grávida, o que nos forçou a tomar decisões. Escolhemos nos casar (em algum momento) e viver na cidade dele, no oeste, mas que eu passaria o período da gravidez na minha cidade no leste, que era melhor para a minha carreira, porque, bem, porque era melhor para a minha carreira.

Aquilo confundiu muitas pessoas.

— Sim, estou grávida — tive que explicar vezes sem conta. — Não, o noivo não está aqui. Sim, vou sozinha às consultas com a obstetra. Sim, ele me visita. Sim, eu o visito. É sério, está tudo bem.

Mas agora, da forma mais inconveniente, conheci esse novo homem que me trouxe um cabo de vassoura para garantir a minha segurança. Com meus amigos, comecei a me referir a ele como Cabo de Vassoura. O outro nome dele era Solteiro Fofa.

Solteiro Fofa e eu começamos a trocar e-mails regularmente. Jogávamos Scrabble. Logo tínhamos um encontro garantido toda quinta-feira para assistir a reality-shows na televisão. Ele ia ao meu apartamento e me levava sorvete, melancia fatiada e Big Macs, as comidas pelas quais eu estava obcecada.

Quando SF e eu fomos ao Mr. Sub (outra obsessão) já tarde da noite, em um sábado, e o empregado atrás do balcão nos perguntou para quando era o nosso bebê, foi mais fácil fingir que ele era o pai do que explicar que era só um amigo. Afinal, que tipo de mulher sai com um solteiro fofo às onze da noite de um sábado quando está grávida do filho de outro homem?

Eu não tinha carro, assim, o SF me levava para fazer compras no mercado no carro dele, nos domingos à tarde. Ele carregava as embalagens de água mineral. Uma vez, quando entramos no elevador com outro casal grávido, foi mais natural para mim dizer: “Também mal podemos esperar que nasça”, do que “Bem, estou empolgada. Não tenho certeza se ele está. Ele não é o pai”.

Quando íamos ao cinema, as pessoas nos olhavam com a expressão calorosa geralmente reservada a casais grávidos. Acho que parecíamos saudáveis e felizes. E eu não podia evitar pensar que eu e ele teríamos feito um bebê muito bonito.

A princípio, achei que o SF sentia pena de mim. Na verdade, achei que ele tinha sido atraído pelos meus seios grandes de grávida. E estava certa nas duas suposições.

Afinal, lá estava eu, dois tamanhos de sutiã maior do que o meu eu pré-gravidez, sozinha em uma cidade grande, grávida, enquanto o pai estava a uma distância de quatro horas de avião. Mas o SF não deveria ter pena de mim. A escolha foi minha.

O SF estava se tornando uma versão do namorado-substituto, que muitas mulheres em relacionamentos de longa distância tinham. Os namorados-

substitutos levam você ao cinema, para jantar, ou consertam o seu aparelho de DVD. A única diferença para nós — além do fato de eu estar grávida e noiva — era que ele estava rapidamente se tornando mais do que uma simples versão do namorado-substituto.

— Ele está apaixonado por você — repetia sempre uma amiga minha. — Por que esse homem se sentiria atraído por uma mulher grávida e noiva? O que há de errado com ele? É como se você fosse o desafio máximo.

Às vezes, eu achava a atração dele por mim estranha, mas como a maior parte das mulheres, gosto de acreditar que é a minha personalidade que atrai os homens. Não queria acreditar que eu era só um desafio, ou que ele tinha dificuldade em se comprometer (embora eu pensasse nisso com frequência). Também não acreditava, ou não conseguia acreditar, que o SF se sentia fisicamente atraído pelo meu eu grávida — de calças de moletom, com celulite nos braços e espinhas no queixo.

Não me entenda mal. Eu queria que o SF se sentisse atraído por mim. Estava grávida, não morta. E também gostava dele. Muito. Então demais. Então além da conta. Eu teria dito que estávamos nos apaixonando, mas como aquele não era um momento apropriado para eu me apaixonar, não disse. Certamente agíamos como se estivéssemos apaixonados. Eu falava com ele assim que acordava, de manhã, e no fim de cada dia. Sentia falta dele cinco minutos depois de ele ter me deixado em casa. Uma noite sem vê-lo era como um mês. Ele me disse que nunca tinha gostado de alguém como gostava de mim.

E brigávamos como se estivéssemos em um relacionamento apaixonado. Uma noite, pedi a ele que levasse sorvete de chocolate para mim. Em vez disso, ele me levou sorvete de caramelo. Para mim, foi o fim do mundo.

— Experimente — disse ele. — Você vai gostar.

— Não vou gostar disso — berrei. — Eu queria sorvete de chocolate. Você nunca me escuta. Tem que ser sempre do seu jeito!

Eu o expulsei da minha casa, como uma louca. Eram os hormônios da gravidez.

Pensei que o havia perdido para sempre naquela noite, e esperei por horas ao lado do telefone — que estava funcionando perfeitamente —, me perguntando se a linha teria sido desligada, torcendo para que ele ligasse, e sabendo que seria melhor se ele não fizesse isso.

Ele ligou. Eu me desculpei. Fizemos as pazes.

Outra vez, fomos a uma grande festa. Eu não deveria ter ido. Estava com seis meses de gravidez àquela altura, me sentia feia e deslocada, e precisava ir ao banheiro a cada cinco minutos. Ele se recusou a me acompanhar até o banheiro, e me perguntou por que eu simplesmente não o encontrava depois. Ele flertou com outras mulheres, ou ao menos foi assim que vi a situação. E por que ele não deveria fazer isso? Estávamos em uma festa. Não era como se ele fosse o pai do meu filho.

Fui embora da festa sem dizer a ele, furiosa, cheia de ciúmes. Ele me ligou às três da manhã, bêbado e arrependido. Tive que lembrar mais uma vez a mim mesma que ele não era o meu noivo, não era a pessoa com quem eu iria me casar, ao lado da qual iria envelhecer.

Mas quando tive uma consulta com a obstetra, o SF pediu:

— Me ligue assim que sair.

E eu liguei. (Imediatamente depois de eu ligar para o meu noivo). Não consegui me conter. A minha cabeça gritava: Pare! Mas o meu coração...

— É uma menina! — disse a ele. — Eu queria uma menina!

— Que fantástico! — falou ele.

Como o pai grávido modelo, ele adorava pousar a mão sobre a minha barriga quando o bebê chutava.

— Uau — dizia. — Que incrível.

Ele se preocupava comigo e com aquele bebê que não era dele. Eu me preocupava com o que as pessoas diriam de mim se soubessem do nosso relacionamento. Ele se preocupava com o que as pessoas diriam dele. Eu me preocupava com o meu noivo, a quem eu amava, uma pessoa que eu não queria magoar ou perder. Eu me preocupava com qual seria a coisa certa para o bebê.

Dentro do possível, mantínhamos o “nós” em segredo. O SF não contava aos amigos dele sobre mim, e eu dizia aos meus amigos — àqueles que sabiam — apenas que gostava dele e que ele me fazia rir.

Mas eu sabia que estávamos passando dos limites. Se o meu noivo estivesse andando pela cidade dele com uma solteira fofa, eu o teria matado. O SF nunca falava do noivo, e eu nunca falava do SF para o noivo. Se o noivo desconfiou, se fez de cego. A negação! Estávamos todos sendo arrastados para dentro dela.

Quando eu estava muito grávida e chegou a hora de deixar o SF para estar

com o noivo, meu coração se partiu. Eu chorei no avião. Não tinha mais a menor ideia do que queria. Mas iria ter um bebê dali a poucas semanas. Minha vida estava prestes a mudar completamente, e eu estava limitada pelos fatos: tinha ganhado vinte e um quilos, mal conseguia andar, e ia ter um ser humano de verdade para tomar conta.

A minha bebê já não é mais uma bebê. Ela tem dezessete meses. Mais ou menos na época em que minha filha estava aprendendo a andar, a supermodelo Heidi Klum ficou noiva do Seal, depois que ela o conheceu e namorou com ele enquanto estava grávida do filho de outro homem. Parece que ninguém se importou com isso. Da mesma forma, no filme *A vida marinha com Steve Zissou*, a personagem da jornalista muito grávida termina na cama com outro homem que não é o pai do bebê dela. E mesmo assim todos nós desejamos que ela seja feliz, e ficamos felizes por ela estar com outro homem.

Mas não tenho certeza se alguém se sente feliz por mim e pelo SF. Já se passaram bem mais de dois anos desde aquele jantar fatídico e um ano e meio desde que eu me mudei, e nós dois ainda mantemos contato. Eu viajo com frequência para a minha cidade no leste e então nos vemos. Nos esforçamos para descobrir o que somos, se é que somos alguma coisa. Conversamos, brigamos, não conversamos. Ele sente falta de mim. Eu sinto falta dele. Ele me odeia. Eu o odeio. E isso continua indefinidamente.

O noivo e eu também estamos tendo que nos esforçar. Não nos casamos. Não recuperamos essa clareza. Perguntamos a nós mesmos: “Somos felizes juntos?”, “Estamos destinados a ficar juntos?”. Esses são os nossos questionamentos, e talvez continuem sendo para sempre. Talvez sejam os questionamentos de todo mundo.

E, finalmente, é claro, há os “se ao menos”. Se ao menos eu tivesse me mudado para o oeste, para ficar com o meu noivo, desde o início. Se ao menos eu não tivesse ido naquele jantar. Se ao menos o SF e não tivéssemos nos conhecido em um momento tão inoportuno. Se ao menos pudéssemos agendar nos apaixonarmos como agendamos uma cesariana.

Rebecca Eckler mora em Toronto com os dois filhos. Seu livro mais recente é Blissfully Blended Bullshit. Ela é editora-executiva do SavvyMom. Este relato foi publicado em março de 2005.

QUANDO A MÃE ESTÁ DESCONFIADA, E CERTA

LIZA MONROY

— **N**ÃO GOSTO DELE — DISSE MINHA MÃE. EU TINHA ligado para ela do trem depois de visitar em Boston o cara que eu estava namorando a distância, havia oito meses. Quis contar a ela como tinha me apaixonado por ele, um homem que frequentou a minha universidade na mesma época que eu, mas que só conheci mais tarde. Nos conhecemos no encontro de dez anos de formados e logo ficamos próximos. Ele estava se mudando para o Brooklyn, para morar comigo. Eu estava muito empolgada, mas minha mãe insistia que era um erro.

— Você nem chegou a conhecê-lo — disse eu.

— Estou sentindo vibrações negativas — retrucou ela.

— Nunca nem sequer o vi.

— Não gosto dos posts dele no Facebook.

— Você nunca conversou com ele.

— Ele não é má pessoa — disse ela. — Só não é a pessoa certa para você.

— Você se concentra em características muito superficiais — argumentei. —

Julgamentos rápidos não lhe dizem nada sobre um relacionamento.

— Sou analista de perfis. É o que faço para viver.

Por vinte e seis anos, minha mãe trabalhou para o Departamento de Estado, como funcionária do consulado na área de Relações Exteriores, entrevistando candidatos a um visto e determinando rapidamente se eles estavam mentindo sobre os seus planos, se pretendiam permanecer ilegalmente no país.

— Quando você conversa com várias centenas de pessoas por dia, fica boa nisso — disse ela. — Torna-se uma segunda natureza.

Minha mãe ganhou prêmios pelo trabalho dela, e achava que eu devia dar atenção ao julgamento que fazia dos meus parceiros românticos.

Em vez disso, fiquei furiosa.

— Você não permite que as outras pessoas aceitem quem elas são — falei, já no fim da ligação que fiz no trem. — E por isso é sufocante ficar perto de você.

Frustrada, liguei para meu primo Doug, que também trabalhava na área de Relações Exteriores.

— É uma equação matemática baseada em como sua mãe entrevista quem solicita um visto — disse ele. — Ela transformou isso em uma ciência: qual é a renda da pessoa, o trabalho, o histórico? Sua mãe está aplicando o mesmo critério nos seus relacionamentos.

Ele estava certo. Minha mãe estava fazendo um perfil do meu namorado baseada, ora, em um perfil: uma tatuagem que cobria toda a parte de cima de um braço e as atualizações de status na rede social. A aparência de roqueiro do meu namorado e as postagens breves nas redes sociais não representavam o homem que amava crianças e o mar tanto quanto eu, que era um padeiro talentoso e bom nos consertos da casa.

Além do emprego em uma universidade de prestígio, ele era cineasta nas horas vagas. Era bom e amoroso. Eu não entendia o que minha mãe via de errado. Desconfiava que ela o teria aprovado se ele fosse exatamente quem era, mas judeu, se não tivesse as tatuagens e as camisetas de bandas.

Aos trinta e dois anos, eu não queria que minha mãe opinasse em cada decisão minha. Como ela poderia realmente saber? O trabalho dela a mantinha no exterior, e nos víamos cerca de duas vezes por ano. Enquanto ela chamava a si mesma, brincando, de “A Avaliadora”, eu a chamava de outros nomes: “Mãe controladora” e “Sufocadora”.

Estava começando a achar que minha mãe sempre reprovaria qualquer homem com quem eu namorasse. Eu era filha única. E se, comecei a suspeitar, ela não quisesse que eu encontrasse alguém para poder me ter só para si?

Mas o que realmente me preocupava era que ela já tinha feito aquilo antes e, no fim, estava certa.

O meu relacionamento anterior foi com um poeta que conheci na pós-graduação. Em um mês já tínhamos planejado nos mudarmos para uma cidade universitária pitoresca, onde encheríamos nossa vida de livros, animais de estimação e refeições vegetarianas elaboradas. Minha infância, passada me mudando ao redor do mundo com minha mãe, inspirou em mim um desejo de

uma família mais arraigada, mais tradicional. Achei que havia encontrado no poeta um homem compatível.

Então, a Avaliadora apareceu, vindo da Venezuela.

— Não gosto dele — anunciou, depois de cinco minutos no restaurante. Meu namorado tinha ido ao banheiro. — Tem alguma coisa errada.

Eu a ignorei.

No entanto, três anos mais tarde, descobri que o poeta vinha mentindo havia meses, para esconder um problema financeiro grave. Achei que não poderia mais confiar nele. Fomos fazer terapia. Pedi a ele para sair de casa.

Algumas noites mais tarde, cheguei em casa e descobri que ele tinha rasgado minhas roupas, colocado meus dois notebooks dentro da banheira e destruído algumas das minhas fotos de família — algumas das únicas que eu tinha do meu pai, que já havia falecido. Fiquei chocada por ele ser capaz de um comportamento tão destrutivo.

Liguei para a Avaliadora do tribunal de família, onde a polícia tinha me orientado a ir, para pedir uma ordem de proteção judicial.

— Havia algo errado — falei. — Você agora tem que aprovar todo mundo com quem eu pensar em ter alguma coisa mais séria.

Brincamos que aquilo daria um bom enredo para uma comédia romântica.

Ela tentou ao máximo me fazer mudar de ideia sobre o cineasta de Boston, mas ele já estava levando seu equipamento de edição para o meu apartamento de um quarto no Brooklyn.

A minha mãe finalmente o encontrou quando veio em visita, da Espanha.

— Ele é legal — admitiu. — Mas não é a pessoa certa para você. Eu gostaria que vocês não estivessem indo morar juntos.

Isso pode ser cruel, mas me parece que a minha própria existência como filha de uma mãe solteira era prova de como o julgamento dela em relação aos homens era questionável. Se ela não conseguia fazer uma avaliação precisa para si mesma, como poderia fazer por mim?

Meus pais tinham se conhecido em um navio. Minha mãe estudava para um PhD na Itália e meu pai era o maître carismático do restaurante do navio. Eles estavam juntos havia três meses quando negaram ao meu pai o visto para os Estados Unidos, então eles se casaram. No entanto, aos poucos, meu pai acabou vítima do alcoolismo e eles se divorciaram quando eu tinha seis anos.

Perguntei a minha mãe por que ela se achava capaz de discernir por uma foto quem era a pessoa certa para mim, quando ela mesma tinha escolhido o homem errado para si.

— Essa é uma boa pergunta — respondeu ela. — Não tenho ideia. — E fez uma pausa. — Enganamos a nós mesmos. Pessoas ao longo da história provavelmente tiveram esse problema.

Eu estava determinada a fazer o meu relacionamento com o cineasta dar certo, mas um ano depois comecei a reconhecer uma sensação desagradável de que as coisas não estavam bem. Conversei com ele, e nos separamos amigavelmente. Foi um rompimento melhor, sem envolvimento da polícia. E moramos juntos, em paz, por mais um mês, antes de ele se mudar.

— Ele é legal — disse a minha mãe. — Mas não era o homem certo.

A Avaliadora, certa mais uma vez. Depois que o relacionamento acabou e pude ver mais claramente, também não gostei do que ele postava no Facebook.

— Você não repara nessas coisas com a mesma rapidez que eu — explicou minha mãe. — É preciso passar anos com essas pessoas. Com o poeta, você teve dois encontros. E o cineasta não deveria ter se mudado para a sua casa.

Talvez eu também tivesse sido capaz de ver essas coisas, só não queria ver. O poeta chegou bêbado para me pegar em um dos nossos primeiros encontros. Em vez de pedir que fosse embora, peguei um copo d'água para ele e o fiz prometer não aparecer bêbado de novo. Eu já tinha construído a fantasia da nossa vida idealizada e não quis arruiná-la.

Quando o cineasta reclamou que odiava o trabalho diário dele, e que se sentia inseguro sobre como ir atrás do seu sonho, eu não quis ver que ele precisava descobrir aquilo sozinho.

Ignorei o meu próprio “poder” de avaliação pelo mesmo motivo que minha mãe não avaliava os próprios namorados: eu queria estar apaixonada, e o amor não era lógico. Busquei homens que ainda estavam se descobrindo, esperando poder ajudá-los, um padrão clássico da filha de um viciado. Não pude salvar meu pai, que morreu de falência do fígado. E também não conseguiria consertar a vida de nenhum desses homens.

Talvez eu devesse evitar a decepção passando a prestar atenção aos conselhos da minha mãe? Afinal, ela estava certa nas duas ocasiões. Mas um relacionamento que não dá certo não é um desperdício. Não há ciência exata

para isso, ou bola de cristal. Avaliação de perfis é uma arte superficial. O amor verdadeiro não é. Como Hemingway disse uma vez: “A melhor maneira de descobrir se você pode confiar em alguém é confiando.” Da mesma forma, a melhor maneira de descobrir se você está destinado a ficar com alguém, é ficando com essa pessoa.

— Aprendemos quando cometemos nossos próprios erros — disse à minha mãe. — Você deve saber disso.

Ela sempre disse que nunca se arrependeu de ter se casado com o meu pai, porque teve a mim.

Agora, estamos as duas solteiras. Ela se aposentou do Departamento de Relações Exteriores para tomar conta da minha avó, em Seattle, mas sempre vai ser a Avaliadora. Mas em vez de permitir que isso me aborreça, inventamos uma alternativa mais divertida: o Jogo da Avaliadora, em que mostro a ela páginas no Facebook de homens em quem estou interessada, e ela oferece avaliação profissional.

Recentemente conheci um escritor de sucesso em um evento. Compartilhamos a peculiaridade de sermos apaixonados por gamão. Quando nos encontramos na tarde seguinte para jogar, ele se inclinou por cima do tabuleiro e me beijou. Convencida de que havia alguma possibilidade ali, mandei para a Avaliadora a leitura que ele fez em Seattle.

— Eu ficaria muito mais satisfeita do que com os outros — respondeu dela. — Ele é judeu e inteligente, e vai ser bom pra você porque ele não serve para alguém mais alta.

Infelizmente, o escritor estava saindo com outra pessoa. A Avaliadora errou? Será que finalmente havia feito uma avaliação equivocada? Ela sugeriu que eu voltasse para o JDate, um serviço de namoro online destinado a judeus solteiros.

— Farei isso, se você também fizer — falei.

Liza Monroy é autora dos livros de memórias, The Marriage Act e Seeing as Your Shoes Are Soon to Be on Fire, ambos originados de relatos para a coluna “Modern Love”. Ela mora e escreve em Santa Cruz, na Califórnia. Este relato foi publicado em julho de 2012.

DOIS DEZEMBROS: PERDA E REDENÇÃO

ANNE MARIE FELD

NA TARDE EM QUE MINHA MÃE MORREU, ELA SAIU CEDO do trabalho. Seu dia como programadora de computador no banco Chase Manhattan teve um fim súbito graças a uma falha no sistema de computadores do banco, e todos os empregados tiveram a tarde livre. Era fim de dezembro. Dia do meu aniversário de dezesseis anos. O dia estava cinza, sem neve e frio o bastante para fazer o gramado estalar sob os nossos pés, mas estávamos perto do Natal o bastante para fazer com que algumas horas livres parecessem um presente. No caso da minha mãe, uma maldição.

Em vez de aproveitar para fazer algumas compras de última hora ou se jogar no sofá, ela arrumou metodicamente a mesa de trabalho, voltou para casa dirigindo o seu Honda, preparou um bule de café turco e se enforcou na nossa garagem.

Vinte anos depois, meu pai ainda insiste que ela não teria morrido naquele dia se o sistema de computador não tivesse caído. Ele talvez esteja certo. O trabalho garantia uma estrutura à minha mãe que bloqueava a loucura dentro dela, mesmo que por pequenos períodos de tempo. O ócio lhe causava problemas.

Em todas as minhas lembranças da minha mãe ela está trabalhando em alguma coisa: cozinhando, raspando papel de parede a noite toda, estudando em livros grossos para conseguir o mestrado. Em vídeos caseiros, minha irmã e eu, corpos pequenos, membros longos, dançamos e fazemos ginástica em primeiro plano, enquanto minha mãe espreita ao fundo, lavando pratos ou atravessando a cena a caminho de algum outro lugar.

Embora minha mãe trabalhasse em período integral, minha irmã e eu nunca levantamos um dedo naquela casa. E era uma casa imaculada, sem as pilhas de bagunça e tufos de poeira que caracterizam a minha própria casa.

A loucura da minha mãe se infiltrou tão silenciosamente que o meu pai, um otimista até o fim, foi capaz de ignorar, acreditando que o problema se resolveria sozinho. Na nossa casa, as perguntas sobre o que fizemos e como nos sentíamos não eram feitas. Ou, se fossem, não eram respondidas. A minha irmã e eu comíamos sozinhas nos nossos quartos enquanto assistíamos à televisão em preto e branco.

Eu não soube das duas tentativas de suicídio anteriores da minha mãe, e nunca teria imaginado. Na minha mente, suicidas eram delirantes, falavam desvarios. Mulheres loucas eram trancadas nos sótãos, onde gemiam e arrastavam correntes. De vez em quando, colocavam fogo em casas no campo. Elas certamente não faziam compras no mercado, ou deixavam os filhos na piscina comunitária a caminho do escritório.

Por telefonemas recebidos no telefone de disco amarelado na cozinha, eu sabia que minha mãe tinha uma terapeuta, uma mulher chamada Barbara, que ela tentava disfarçar como sendo uma amiga. Mas eu sabia que aquilo não era verdade. A minha mãe não tinha amigas.

Quando eu tinha catorze anos, minha mãe começou a dormir no chão da sala e a usar um gorro de esquí cinza escuro com três listras brancas. Ela parecia só tomar café puro e vinho branco, servido de garrafas enormes que ficavam guardadas embaixo da pia da cozinha. Ela me mandava à pizzaria para pegar a nossa pizza, convencida de que os pizzaiolos falavam dela por trás.

Conforme eu me arrastava pela minha bolha adolescente, muito pouca coisa era registrada como alarmante. Todas as famílias são assim. À medida que a loucura da minha mãe evoluía, ela passou a acreditar que a nossa casa estava grampeada e que o chefe dela estava tentando lhe fazer mal. Mas enquanto houvesse um programa de computador para escrever ou um tapete para ser aspirado, podia-se contar com ela e tudo correria bem.

Em sua insistência em fazer as coisas, em viver uma vida ordenada, minha mãe acabou não aproveitando os aspectos acalentadores da vida em família e da vida em geral: rir de coisas bobas, deitar de conchinha no sofá com as pessoas amadas, compartilhar boa comida, sentir o prazer tátil de ter os filhos às gargalhadas em cima de você. Sem isso, a vida em família é uma série interminável de tarefas domésticas: balcões e narizes para secar, pratos e corpos para lavar, roupas brancas e coloridas para dobrar, de novo e de novo, em uma

sucessão de sugar a alma.

Na manhã do dia em que a minha mãe morreu, fui na direção da porta para pegar o ônibus de 7:10 para a escola. Minha mãe e minha irmã de doze anos estavam acabando de acordar no lugar onde dormiam, no tapete cinza da sala de estar. Elas cantaram “Parabéns pra você” pra mim, a voz linda e baixa da minha mãe coberta pelo soprano fraco da minha irmã.

Oito horas mais tarde, desci do ônibus escolar, ansiando por uma tarde assistindo a *One Life to Live* e *All My Children*, e fiquei desapontada quando vi o carro da minha mãe na garagem. Deixei a mochila no assento da janela, fiz carinho nas orelhas empoeiradas do cachorro e chamei:

— Mãe?

A bolsa dela estava em cima da mesa. Olhei em todos os quartos, mas estavam todos vazios. Então abri a porta da garagem e parei de respirar.

Fechei a porta, subi correndo as escadas, saí de casa e me sentei no degrau de concreto na entrada da casa, olhando para a rua. As casas na rua se estendiam uma após a outra pela rua em curva, com uma coisa em comum: não havia ninguém em nenhuma delas. Todos os pais da minha vizinhança trabalhavam e, como eu tinha pegado o ônibus cedo para voltar da escola, os filhos também ainda não tinham chegado.

Eu me sentei com o corpo curvado para a frente, os braços ao redor das canelas, enquanto meu coração se acalmava. Finalmente me levantei, abri a porta de tela, voltei para dentro de casa e liguei para a emergência.

Nos dias que se seguiram, meu pai, minha irmã e eu chapinhamos em um mar de inabilidade. A esposa de um amigo do meu pai me comprou um vestido para usar no funeral, uma monstruosidade de veludo marrom da Gunny Sax, com mangas bufantes e barra de renda.

Se funerais regulares já são bastante difíceis, o funeral de um suicida testa até mesmo os mais hábeis socialmente. Quando todos os “obrigado por vir” robóticos terminaram, a minha irmã tentou abrir o caixão quando ninguém estava olhando. O meu pai a deteve quando ela já estava prestes a erguer a tampa.

— Eu só queria ver a mamãe — explicou ela, em uma voz quase inaudível.

Foi preciso lidar com outros detalhes, o que me garantiu um primeiro gosto metálico das obrigações que acompanhariam a idade adulta. Pela primeira vez na

vida, tinha sido planejada uma festa formal para comemorar o meu aniversário em um salão de festas local. Os brindes da festa — caixas de acrílico transparente cheias de chocolates Kisses da Hershey, decoradas com corações rosa e prata — estavam em sacolas na garagem, esperando.

Mas não haveria festa. Peguei o telefone e repeti vezes sem conta: “Sinto muito, mas a festa do meu aniversário de dezesesseis anos foi cancelada.” Quando terminei, o suor frio escorria pelo meu pulso, molhando a minha manga. Não chorei.

No dia em que aconteceria a festa, eu estava parada ao lado do meu pai na Loehmann’s. O vestido da minha mãe para a ocasião, um tubinho de lã cinza de mangas compridas, estava em cima do balcão da loja de departamentos. A caixa disse ao meu pai que o vestido não poderia ser devolvido. O meu pai olhou para ela e disse bem baixinho:

— Mas ela morreu.

Eles aceitaram o vestido de volta.

E, assim que pude, eu fugi. Primeiro para a universidade, então para o lugar mais distante de Long Island que consegui: San Francisco. Toda noite eu me enfiava em um vestido preto curto, meias-calças e botas com salto plataforma e gastava todo o meu dinheiro em palcos pequenos e riscados, olhando para futuros Kurt Cobains, ou para garotos com chapéus-coco uivando covers de Louis Armstrong, ou balançando a cabeça no ritmo da música, enquanto DJs de cabeça raspada giravam em cantos de armazéns e centenas de pessoas vibravam, sacudindo garrafas de água acima das cabeças até o sol projetar seus raios fracos pelas claraboias sujas.

O meu aluguel era de 365 dólares. Eu tinha algumas economias — o trabalho me parecia opcional, assim como a estabilidade. Ao longo da década seguinte, eu teria dez apartamentos, treze empregos e no mínimo o mesmo número de namorados. Conheci Dave em um festival de cinema, enquanto esperava na fila para ver um filme chamado *Paixão e sedução*. Começamos a ir ao cinema juntos, sempre escolhendo filmes com temática sexual. Meses depois de termos esgotado filmes sobre fornicção, sem nenhum sinal de que nós mesmos faríamos isso, ele finalmente me beijou embaixo de um poste de luz, na frente da casa dele. Eu estava usando botas pretas na altura do joelho. Ele usava chinelos de pele de carneiro.

Ele me ligava todo dia. Ele ouvia. Sorria muito. Ele me disse que eu era linda. Ele inventou raps sobre o nosso amor. Queria conversar sobre tudo, de política à minha menstruação. Ele queria filhos. Ele era, como disse o melhor amigo do meu pai, “um bom cidadão”.

Encontramos uma casa juntos, um chalé dos anos 1920, em uma rua de casas em estilo espanhol mediterrâneo, em todas as cores do arco-íris. Dividimos o pagamento meio a meio e começamos a arrumar as nossas coisas. Enquanto dirigia por uma chuva torrencial para assinar a escritura da nossa casa, perdi o controle. Perdi a estabilidade.

Eu me convenci de que Dave era um vigarista com um plano maquiavélico para me tirar o dinheiro do pagamento da casa. O ano que passamos juntos foi uma armadilha. Agora eu ficaria sem vinte e cinco mil dólares e sem namorado. Dali era um pulo para me ver parada na beira da estrada, sem-teto e completamente só, vítima de uma ambição alta demais.

As minhas mãos tremiam quando estacionei o carro do lado de fora da imobiliária. Dave estava parado ali, segurando um guarda-chuva, esperando para me acompanhar pelos três metros que levavam do meio-fio ao prédio. Oito meses mais tarde, quando acabávamos de voltar da nossa lua de mel, ele subiu os degraus instáveis da frente da nossa casa comigo no colo e atravessou a porta, antes de se deixar cair, exausto, no sofá azul do nosso escritório. Mais oito meses depois disso, um bastão de plástico com uma linha rosa nos disse que nossos planos de reforma da casa teriam que esperar.

Na minha primeira consulta, a obstetra calculou a provável data do parto: o meu aniversário. Fiquei apavorada com a ideia de que meu dia de infâmia pessoal seria compartilhado com a próxima geração da minha família. Os amigos receberam a notícia lindamente:

— Vai ser terapêutico. Vai devolver esse dia a você.

As contrações só ficaram fortes na noite de Natal, quatro dias depois de eu completar trinta e seis anos. Cinquenta e seis horas depois de sentir os primeiros tremores no meu abdômen, três horas depois da anestesia epidural fazer efeito, entreguei a minha filha ao mundo.

Eu não estava pensando na minha mãe. Ou na minha irmã, que ficou na minha cabeceira, me animando quando achei que meu corpo se rasgaria em dois. Ou em Dave, que assistiu em lágrimas a chegada de Pascale ao mundo. Não

pensei em nada, só fiquei deitada ali, chocada pela dor e pela exaustão. Mas quando finalmente me devolveram o corpinho esfolado da minha filha, parecendo um franguinho, já limpa, meu primeiro pensamento foi que ela se parecia com a minha mãe.

Anne Marie Feld é escritora e editora. Ela vive no norte da Califórnia com o marido, os dois filhos e um cachorro do tamanho de um gato. O trabalho dela apareceu no New York Times, Edutopia, em numerosas antologias e na Netflix. Seu primeiro romance, Grilled, está disponível na Amazon e ela pode ser encontrada online em www.annemariefield.net. Este relato foi publicado em janeiro de 2006.

UMA PROMESSA MANTIDA, ALÉM DO DIVÓRCIO E ATÉ DA MORTE

JENNIFER JUST

E STÁ FEITO: FINALMENTE TERMINEI DE LEVAR OS PERTENCES do meu ex-marido de volta para a casa de fazenda grande e bagunçada que já dividimos. Ele não voltaria, mas suas camisas estavam mais uma vez penduradas no armário, as caixas com itens domésticos e arquivos financeiros se acumulavam no sótão e no porão, e a mobília que não caberia na casa, agora enchia a terceira baia da garagem.

Três anos antes, o nosso casamento estava terminando. Corey e eu tínhamos “ido além” um do outro, uma descrição breve para o mal-estar que tinha se infiltrado no nosso casamento e que, apesar dos nossos melhores esforços, não foi embora. Ainda éramos amigos, não tínhamos grandes brigas. De um modo geral tínhamos tido um bom casamento, e assim passáramos muito tempo discutindo a necessidade do divórcio.

Tínhamos nossos meninos a levar em consideração — Evan, de nove anos, e Cameron, de treze —, junto com dezoito anos de memórias compartilhadas. E a ideia de morarmos separados nos desestabilizava. Quando você morou a maior parte da sua vida adulta com outra pessoa, não sabe mais o que pode e o que não pode fazer sozinho, o que pode ou não viver sem.

No entanto, nenhum de nós parecia conseguir reunir imaginação o bastante para ver um futuro feliz juntos. Éramos menos marido e mulher do que inquilinos morando na mesma casa.

Embora tivéssemos uma boa parceria no que dizia respeito a criarmos os nosso filhos, não tínhamos praticamente mais nada em comum e não queríamos ter. Mas quando decidimos terminar o nosso casamento, impusemos uma condição.

Uma noite, quando discutíamos o que poderia acontecer depois da separação,

Corey e eu nos pegamos prometendo a nós mesmos que sempre poderíamos contar um com o outro. Ele tinha uma razão especialmente concreta para se preocupar: sofria de esclerose múltipla. Embora viesse progredindo lentamente, a doença era imprevisível, o que significava que a condição de Corey poderia descer rapidamente ladeira abaixo a qualquer momento.

— Escute — disse a ele. — Se as coisas ficarem ruins demais mudamos você de novo para cá. Você simplesmente volta.

Não sei por que foi tão fácil prometer guardar um espaço para Corey na minha vida e para ele prometer o mesmo. Talvez tenhamos decidido que poderíamos nos manter fiéis a alguns dos nossos votos de casamento, afinal.

Quando finalmente nos separamos pra valer, Corey comprou uma casinha na praia, a vinte minutos de distância, em West Haven, em Connecticut, que parecia dizer muito sobre o que ele queria e o que ele escolhera deixar para trás. Corey sempre foi um minimalista (em contraste com a minha tendência a comprar o que podia nas liquidações e a recolher o que fosse possível dos sótãos de parentes), e a nova casa dele, em estilo clean Cape Cod, refletia essa estética. O lugar tinha poucas superfícies para encher com lembranças de família, muito espaço para os livros dele e a vista para o mar que Corey sempre quisera.

Eu estava feliz por ele, e feliz por mim também, que mais uma vez poderia ser o meu eu bagunçado e complicado sem ter que pedir desculpas. Até mesmo nossos filhos pareciam mais felizes. Agora eles se deleitavam com o tempo que Corey estava destinando só para os três: fins de semana inteiros, e noites durante a semana.

No último feriado de Quatro de Julho, Cameron, Evan e eu estávamos voltando de uma viagem a Long Island quando decidimos ligar para Corey. A praia onde ficava a casa dele tinha uma vista espetacular da queima de fogos na nossa região, uma imensa parábola de luz correndo para cima e para baixo da região costeira de Connecticut e Nova York.

Ele ficou encantado com o telefonema, disse que estava com saudades dos meninos e que, por coincidência, tinha marinado frango demais. Assim, jantamos todos juntos e, quando anoiteceu, descemos até a praia para assistir ao espetáculo dos fogos.

Na mesma hora, Corey e eu voltamos aos antigos padrões de comportamento com os nossos filhos, brincando com eles como sempre tínhamos feito,

inventando histórias e rindo de um jeito que raramente ríamos com outra pessoa.

Mas quando o barulho e as luzes acabaram, era hora de voltar para casa, o que para nós, é claro, significava casas separadas. Compartilhávamos uma história e filhos, mas o que tínhamos já não resultava em um casamento. E tudo bem. Naquela noite, descobrimos um modo de estarmos juntos que funcionava para nós e para os nossos filhos.

No sábado seguinte, deixei os meninos para passarem uma semana inteira com o pai, então levei-os de novo para jantar na noite da segunda-feira seguinte.

A quarta-feira seria o dia de visita dos pais e mães ao acampamento dos meninos, e Corey deveria se juntar a mim lá, mas ele não apareceu. Imaginei que tivesse surgido algum imprevisto e decidi não incomodá-lo. Mas quando voltei para casa, descobri dez mensagens na secretária eletrônica. A primeira era da irmã de Corey, chorando, me pedindo para ligar para ela imediatamente.

Os pais do Corey, pensei. Tinha acontecido alguma coisa com os pais dele.

A segunda mensagem, no entanto, era da polícia de West Haven, dizendo que precisavam falar comigo imediatamente. Não precisei ouvir as outras mensagens. Nunca ouvi.

Corey tinha morrido na manhã do dia anterior, sozinho na casinha dele, de um problema do coração que ninguém sabia que ele tinha.

Nas noites insones que se seguiram, várias dúvidas me atormentaram: se ainda estivéssemos morando na mesma casa, eu teria conseguido salvá-lo? O divórcio realmente fora necessário? Talvez tivéssemos encontrado um modo de retomar o nosso casamento depois de algum tempo (não muito) solteiros?

Eu poderia facilmente ter passado todas as horas do dia obcecada com essas dúvidas, mas precisava tomar conta dos nossos filhos. E logo me dei conta de que tinha que manter a promessa que havia feito a Corey.

Era verdade que eu tinha prometido levá-lo de volta para morar conosco se a saúde dele decaísse, mas não foi isso exatamente o que combinei. Para começar, no plano original ele estaria vivo, e as minhas decisões angustiadas do que manter e do que jogar fora teriam sido dele, ele que nunca se angustiava por nada. Em segundo lugar, era difícil saber quanto trazer de volta de um homem que eu tinha começado a desenredar da minha vida. Eu tinha começado a desembaraçar os fios da vida que tínhamos levado juntos, mas agora me via diante da necessidade de retomar alguns desses pontos soltos e costurar

novamente a tapeçaria.

As fotos da família, que eu tinha tirado da parede quando Corey se mudou, voltaram para o lugar antigo. Reservei uma estante para os livros dele, assim os meninos saberiam o que ele lia. Os CDs também, ganharam sua própria prateleira perto do aparelho de som. Eu sentia que tinha que restaurar a presença dele na nossa casa. De que outra forma poderia mostrar que ele já estivera ali? Que, de alguma forma, ainda estava?

Há horas de gravações em vídeo, e um dia vou editá-las. Mas vou contar aos nossos filhos a história verdadeira da nossa vida (há prenúncios desconfortáveis do fim do nosso casamento em certas conversas naquelas fitas), ou vou decidir criar uma versão mais facilmente digerível? Isso, também, cabe a mim e só a mim decidir.

Levá-lo de volta para a nossa casa, também implicou fechar sua casa de praia, lidar com as contas de banco, buscar os amigos espalhados por vários lugares, que não teriam como saber que ele se fora, e de um modo geral limpar a vida de Corey.

Achei que seria mais fácil reincorporar a vida dele à nossa se eu o levasse de volta aos poucos, enchendo o carro e repetindo isso ao longo de semanas. E foi bom eu ter me demorado e feito isso sozinha, porque enquanto arrumava tudo, encontrei coisas que talvez ele tivesse preferido manter encaixotadas: a evidência da namorada que ele não tinha apresentado aos meninos, presentes pornográficos de colegas do escritório.

A arquivista que eu sou por natureza considerou cada item por seu possível valor histórico. Aquilo dizia alguma coisa significativa sobre quem Corey era? A namorada, afinal, tinha sido uma parte importante da vida dele, não era certo expurgar toda a evidência da sua existência.

No mês passado, fui pela última vez à casa de Corey para limpá-la antes que os novos donos tomassem posse. Limpei o banheiro, a geladeira, o piso e as paredes com uma dedicação tão pouco característica que teria feito Corey rir.

Eu me sentei uma última vez no corredor do andar de cima, onde ele morrera, e, como no passado, tentei imaginar o que ele teria visto em seus últimos momentos. Gosto de pensar que Corey escolheu fixar o olhar em uma imagem para levar com ele, quando foi desse lugar para o próximo. Se foi isso, os olhos dele facilmente se fixaram na foto em preto e branco do lado de fora do seu

escritório, que mostrava os nosso meninos, na época com quatro e sete anos, vestidos de piratas, os olhos cintilando na direção do fotógrafo, como se dissessem: *Venha com tudo pra cima de nós. Estamos prontos.*

É claro que eles estavam só brincando, na época.

Espero que Corey tenha sido capaz de levar aquela imagem com ele. Por mais coisas que eu esteja mantendo comigo, gosto de pensar que Corey também manteve alguma coisa com ele.

Terminei. Limpei as aparas de unha da pia e os fios grisalhos do chuveiro. Limpei também algumas folhas de salsa perdidas na gaveta de legumes da geladeira. Guardei para levar embora alguns itens aleatórios que, por algum motivo, tinham me escapado: um mata-moscas, cabides, meias.

Levei-os de volta para nossa casa, já explodindo com o que restara do meu ex-marido.

Foi de cortar o coração e, ao mesmo tempo, uma honra ser “a pessoa” de Corey. Ter sido, apesar do fracasso do nosso casamento, a pessoa mais importante da vida dele.

Sim, estávamos seguindo em direção a futuros separados. Sim, ele tinha uma namorada que provavelmente conheceria os meninos no tempo devido. Ainda assim, no fim, fui eu que varri os cantos, que salvei o que era precioso, e que fechei a porta da vida dele. Não esperamos todos que, quando a nossa hora chegar, tenhamos uma pessoa assim, que saiba o que fazer e se sinta privilegiada em fazer?

Dez meses depois da morte de Corey, os meninos estão seguindo admiravelmente bem com suas vidas — talvez tenham herdado do pai o equilíbrio em relação a essas questões. E eu mantive a promessa que fiz a Corey quando ambos achávamos que ele viveria bastante para se tornar enfermo: eu o levei de volta para casa.

Jennifer Just mora em Woodbridge, em Connecticut. Ela atualmente está escrevendo um livro sobre o seu tataravô, George B. Swift, que se tornou prefeito de Chicago em 1893, depois de um assassinato, duas trocas de socos e três votos. Este relato foi publicado em junho de 2005.

A TERCEIRA METADE DE UM CASAL

HOWIE KAHN

ESSA É UMA MANHÃ IMPORTANTE PARA MIM: UM ENCONTRO para café da manhã na minha casa, e estou cozinhando. Explorei os mercados e escolhi o melhor de tudo: laranjas para as raspas, peras para assar, balsâmico para temperar, queijo de cabra para esfarelar e, para valorizar a minha rabanada, um frasco de baunilha orgânica mexicana para realçar o sabor e deixar uns pontinhos. Até ralei a canela eu mesmo. Isso é o que se faz quando alguém especial está vindo tomar café da manhã.

Depois de terminar de cortar tudo o que eu precisava, coloco a mesa (guardanapos dobrados nos formatos que vemos nos salões de festa), peônias cor-de-rosa flutuando na água, em uma tigela de vidro, um banho rápido. Visto uma camiseta preta bem usada e um bom jeans rasgado. Às onze da manhã — bem na hora — a campainha toca.

Atendo a porta e lá estão eles, meus “parceiros”: ansiosos, radiantes e, o que os torna mais atraentes, casados.

Sei que esse cenário soa potencialmente pervertido, mas não há qualquer dinâmica sexual a ser revelada aqui. Não faríamos sexo a três assim que a fruta estivesse caramelizada. Meus convidados, Cory e Jake, são fiéis um ao outro, e não pretendo estragar isso. Ao contrário, dependendo da estabilidade do casamento deles, preciso que fiquem juntos para que eu possa ir aonde eles vão e fazer o que eles fazem. Colocado de forma simples, sou quem está sempre “segurando vela” para os dois.

Estar com eles é um papel para o qual me candidatei desde o início. Quando me mudei para Nova York (para fazer pós-graduação), Cory, minha amiga de faculdade, já morava na cidade e, por sorte, tinha um quarto vago. Eu o aluguei prontamente e logo conheci Jake, o novo namorado dela.

Como Jake estava em um hiato no seu trabalho com finanças, e eu tinha aulas apenas duas vezes por semana, passávamos muito tempo juntos, na maior parte das vezes conversando sobre os mais diversos assuntos.

Cerca de um mês antes de Jake pedir Cory em casamento, ele foi até o meu quarto — que ficava bem ao lado do de Cory — e me entregou um estojo laqueado.

— Ei — disse casualmente —, pode guardar isso pra mim?

Olhei para o estojo e senti a garganta apertada. Meus olhos ficaram marejados.

Orgulhoso, Jake me deu permissão para abrir o estojo e foi o que eu fiz, cheio de cuidado: o anel cintilava, perfeito, surpreendentemente grande.

— Não quero que a Cory encontre — disse Jake. — Assim, se você aceitar ficar com ele por enquanto, estou entregando a você.

— Sim — respondi em um sussurro, e guardei o diamante na minha gaveta, em cima da minha calculadora científica.

Logo depois, Jake levou Cory para uma fazenda, na Pensilvânia, para fazer o pedido de casamento, e como tinha acontecido comigo pouco antes, ela aceitou o anel. Quando eles voltaram da lua de mel na República Dominicana, ficou claro que a vida de casada combinava lindamente conosco. As necessidades dos dois eram atendidas um pelo outro, e as minhas necessidades eram atendidas, em conjunto, por eles.

Nessa altura, eles tinham uma casa só deles, mas sempre havia comida e um assento para mim à mesa dos dois (aquela era uma época em que eu não tinha mobília e comprava muito poucos mantimentos). Cory me convidava para conversar sobre livros e filmes. Jake me levava para jogar basquete com os amigos dele. Cory e eu íamos juntos ao teatro e a museus. Jake e eu fomos a um jogo dos Rangers e assistíamos ao World Series, de beisebol. Cory me aconselhava em relação ao que eu carinhosamente me referia como o abismo cada vez maior entre mim e todas as mulheres do planeta. Jake também participava dessas conversas

Tínhamos uma boa relação, uma rotina doméstica totalmente promissora. Nossos jantares e conversas levavam noites inteiras. Cory com frequência adormecia no meio da conversa e eu ia embora silenciosamente, me sentindo satisfeito e amado.

Não demorou muito para que eu parasse totalmente de ter encontros. Parecia sem sentido namorar, afinal eu já fazia parte de um casamento muito sólido.

Eu sempre ansiei por esse tipo de estabilidade, sempre desejei a minha parcela disso. Mas nunca foi fácil. Afinal, não sou nenhum conquistador, e há muito tempo me sinto afastado de qualquer ritual de namoro que não incluía deixar para trás um cartão de visita com uma tia com sobrepeso e usando uma cinta apertada demais.

Sou antiquado, me sinto mais a vontade buscando um momento emocionalmente íntimo do que entrelaçando o meu corpo por horas sem fim com alguma estranha com cabelos cheirando à fumaça. Isso e os rigores do ritual de encontros acabaram me levando a extremos nada saudáveis — até para o hospital.

Alguns verões atrás, passei a sofrer de dores de estômago crônicas. Na época, a coisa tinha a sua própria agenda sísmica: ribombando, fervendo em fogo brando, gorgolejando, até mesmo jorrando pedaços ardentes que subiam pelo fundo da minha garganta. Aquela foi a resposta do meu corpo a uma mulher brilhantemente audaciosa, mas totalmente inalcançável, que, na época, era o motivo de eu viver e respirar.

Na sala de exames, um médico pressionou os dedos contra o meu abdômen e auscultou meu peito com o estetoscópio.

— O coração parece bem — falou. — Muito forte.

Não fiquei surpreso. As mulheres só começaram a causar danos no meu coração depois de terem destruído o meu estômago. Disse isso ao médico, que assentiu em solidariedade e me mandou de volta para casa com a receita para um regulador intestinal.

Depois da hospitalização, comecei a sair com outras mulheres. Mas o resultado, lamentavelmente, foi todo um novo cenário de pseudodilemas gastroenterológicos, que faziam com que eu me atrasasse, ou que chegasse zozinho ou um pouco verde em um encontro. Quando eu estava me arrumando para sair, o meu estômago se agitava de um jeito que me eu sentia prestes a vomitar um tablete de manteiga. Demorava pelo menos vinte e cinco minutos para o meu desconforto passar naturalmente. Ou quinze minutos e um Xanax. Ou cinco minutos e um dedo no fundo da garganta.

Cory e Jake provaram ser a minha panaceia, melhor do que todos os outros

remédios (antiácidos, psicoterapia, Julie Delpy em *Antes do amanhecer*), que faziam o amor me parecer, momentaneamente, algo sem presa prestes a me morder. Assim, eu ficava perto deles, me agarrava a eles com vontade. Era quase como se eu estivesse seguindo uma diretriz biológica, a que permite que pequenas criaturas busquem proteção e cuidados montando nas costas de um animal muito maior.

Parte do que fazíamos a três, embora a minha participação fosse esperada e sempre bem-vinda, eu provavelmente deveria ter deixado que os dois fizessem a sós, como um casal. Como jantares de aniversários à meia luz, nos quais Cory parecia uma bígama sentada entre mim e Jake. Ou o passeio ao zoológico do Bronx, onde todos dividíamos casquinhas de sorvete e, a meu pedido, andávamos quatro vezes no teleférico que fazia um “safári” pelo alto do zoológico.

Em um determinado ponto, reparei em alguns babuínos dando cambalhotas em uma encosta gramada abaixo: três deles desciam rolando a encosta. Mas, quando chegaram à base, dois, de mãos dadas, começaram a subir de volta em direção ao topo, enquanto o terceiro se afastava sozinho.

Os primatas não eram os únicos a me mandarem sinais. Cory e Jake agora também tinham uma mensagem para mim. Não lembro exatamente como eles disseram. Anunciaram durante o jantar que estavam me abandonando para se mudarem pra outra cidade? Ou deram a notícia embaixo de um poste de luz, na rua, assim que começou a chover? Ou me mandaram cravos com um bilhete? Não tenho ideia.

Seja como for, a explicação deles para estarem se mudando de Nova York para Portland (para o Oregon! Não era nem para o Maine!), como se lubrificada pelo absurdo da possibilidade, entrou por um ouvido e saiu pelo outro. Como vinha sendo agradavelmente protegido, há tanto tempo, pela passividade elementar do papel de “vela” do casal, não ouvi o que disseram, ou não consegui, porque já não era mais fluente no idioma dos rompimentos e da ansiedade em relacionamentos.

Partir? Se mudar? Despedida? Todas as palavras soavam embaralhadas e distantes, como se saídas de um manual idiomático de Urdu, ou de uma música da Kelly Clarkson.

Na noite em que Cory e Jake partiram, eu chorei tanto que hiperventilei pela

primeira vez na vida. Sem um saco de papel à vista, enfiei uma toalha de mão suja dentro da boca, como o freio de um cavalo, e soprei o que pareceu ser todo o ar que havia na minha cavidade pulmonar.

Quando finalmente recuperei o fôlego, e tirei a toalha da boca (que deixou fios soltos na minha língua e entre vários dentes), estava tremendo no chão do meu banheiro, os joelhos puxados contra o peito. Disse, então, em voz alta:

— Que inferno, qual é o problema comigo? As pessoas vão embora o tempo todo. Aprenda a lidar com isso.

Mas como eu não conseguia lidar com aquilo, liguei para o meu pai.

— Qual é o problema comigo? — perguntei a ele.

— É difícil — respondeu o meu pai — ter a sua rede de segurança arrancada de debaixo de você. Dói.

Àquela altura — eram duas e meia da manhã —, coloquei dois comprimidos de melatonina embaixo da língua.

O meu pai fez uma pausa, então voltou a falar:

— Ficar sozinho por algum tempo... provavelmente vai ser bom pra você.

Quando voltei a dar conta de mim, o sol estava alto e meu rosto estava semicongelado e marcado pelo ar-condicionado que usei como travesseiro.

Sempre soube que passar por um divórcio me arrasaria, me deixaria fora de controle, me induziria a deixar a barba crescer, a ter sonhos espectrais e a ser doutrinado religiosamente. Mas eu mesmo nunca tinha feito qualquer voto de casamento, portanto não poderia deixar as coisas saírem tanto do controle. Além do mais, eu ainda poderia lutar contra aquilo, não é mesmo? Poderia me mudar para Portland também.

Realmente pensei em fazer isso: em deixar Nova York e incorporar granola à minha dieta. Eu aprenderia a reciclar, andaria o tempo todo de capa impermeável e passaria os fins de semana andando pesadamente por trilhas subalpinas cheias de arbustos de frutas vermelhas. No Oregon, eu poderia preservar a minha realidade livre de encontros e namoros e livre de riscos.

Mas isso seria patético, covarde. Até os babuínos do zoológico eram capazes de se afastar uns dos outros, e eles supostamente eram inferiores a mim na cadeia evolutiva.

Comecei a me concentrar na minha convalescência. Rilke, vodca Grey Goose e sorvete de manga Häagen-Dazs tiveram papéis essenciais nisso. Mas o choque

real do desfibrilador veio do que hoje considero como uma fonte alternativa de cura: encontros online (ideia da Cory).

Não comecei a ter encontros imediatamente com quem conhecia online, mas o choque de receber tanta atenção de estranhos baseados apenas na foto que postei levantou consideravelmente a minha moral. Cheguei mesmo a começar a acreditar que talvez houvesse alguma garota especial por aí capaz de me oferecer alguma coisa mais sublime do que a úlcera de sempre. Aquele súbito surto de fé não foi exatamente um enlevo matrimonial, mas pareceu um progresso, uma oportunidade de voltar para o jogo.

Eu me dei conta de que, *sim*, eu me recuperaria, e isso merecia um prêmio. Por isso, decidir fazer uma pequena viagem. Para Portland, é claro.

Howie Kahn é editor-colaborador da WSJ: The Wall Street Journal Magazine, coautor de Sneakers, livro que apareceu na lista dos mais vendidos do New York Times, autor de Becoming a Private Investigator e apresentador de Prince Street, um podcast sobre cultura e comida que é ouvido em mais de duzentos países. Este relato foi publicado em outubro de 2005.

QUANDO EU TINHA DEZESSEIS ANOS, ENTREGUEI-O PARA ADOÇÃO. PODERÍAMOS TENTAR DE NOVO?

MEREDITH HALL

O TELEFONEMA CHEGOU EM MAIO.

— Alô — disse a mulher. — Meu nome é Ann Hurd. Trabalho com a corte judicial de New Hampshire. Quero que se sente. Seu filho está procurando por você.

Eu vinha torcendo para receber esse telefonema havia vinte e um anos, e ele chegou como um sonho em um dia comum de primavera.

— Vamos fazer tudo bem devagar — disse Ann. — Isso pode causar enormes problemas tanto para o filho quanto para a mãe biológica.

— Mas estou pronta agora. Venho esperando há anos.

— Primeiro vocês vão trocar cartas por algum tempo, passando por mim. É devastador para um filho viver um segundo abandono.

— Eu nunca seria capaz de abandoná-lo de novo.

— Mas acontece muito — disse ela.

— Onde ele está?

— Ainda não posso lhe dizer isso.

— Pode me dizer o nome dele? — Era como se a minha voz estivesse separada de mim.

— O nome dele é Ron.

Aquilo soou elétrico. Meu filho tinha um nome!

— O seu filho é extraordinário — voltou a falar Ann. — O Ron é um jovem espetacular.

Três semanas mais tarde, finalmente recebi uma carta, via Ann. Havia uma foto junto, e foi a primeira vez que vi o meu filho perdido. A foto estava fora de foco e acinzentada, mas ali estava Ron — sério, o maxilar forte, olhos

inteligentes.

Cara Meredith, escreveu ele. Não sei o que dizer. Não sei como fazer isso. Ron.

A letra dele se inclinava pela página, a escrita apressada. Coloquei o bilhete de Ron no bolso e li e reli enquanto olhava para a foto.

Ann ligou e disse:

— Escreva de volta para ele imediatamente. O Ron está muito assustado. Faça algumas perguntas a ele.

Caro Ron. Meu nome é Meredith Hall. Moro em East Boothbay, na costa do Maine. Tenho um filho, Morgan, de dez anos. E outro, Zachary, de sete anos. Criamos carneiros e galinhas e temos jardins enormes. Conte-me sobre a sua família. Me diga como é o seu quarto. O que você gosta de fazer. Quero que saiba que eu sempre amei você.

Ann editava as nossas cartas censurando os detalhes reveladores. Elas chegavam para nós com trechos ilegíveis:

Meu nome é Meredith———. Moro em———, na costa do———.

Meu nome é Ron———. Cresci em uma fazenda em———, no sul de———. Meu pai e minha mãe, —— e, —— são muito amorosos e compreensivos.

Nossas vidas fantasmas lentamente tomaram forma. Cinco meses mais tarde, Ann organizou um encontro entre nós.

Eram dez da manhã do dia 18 de outubro. O carro de Ron se aproximou lentamente pela minha rua de terra. Ele me olhou rapidamente, de relance, enquanto eu esperava de pé nos degraus da varanda. Pude ver seus cabelos louros e cacheados. Ele desligou o motor, saiu do carro, olhou para mim e nossos olhos se encontraram. Ron era magro, atlético, bonito. Meu filho. Ele não era uma criança. Era um rapaz, usando jeans, um suéter listrado e mocassins antigos e macios. Ele caminhou na minha direção, os sapatos fazendo barulho na trilha de pedra. Seus dentes eram brancos e brilhantes, com um espaço na frente. O meu pai tinha um espaço como aquele. Fui na direção dele. Todo dia, por vinte e um anos, eu tinha imaginado essa cena. Nunca soubera o que faria se ela

acontecesse, e não sabia naquele momento. Estava cheia de alegria, mas também de tristeza, porque ali estava Ron, um homem adulto, ali estava eu, com quase quarenta anos... todos aqueles anos perdidos. Estendi a mão para ele e puxei-o para mim, um estranho, meu filho, esse filho sorridente, aterrorizante, radiante, lindo.

Não nos abraçamos por muito tempo porque estávamos tímidos, éramos estranhos um para o outro. Subimos para a varanda e ficamos parados diante da cerca, com um metro de distância entre nós, os olhos voltados na direção do rio e da costa do Maine. Eu não conseguia encontrar a pergunta que daria início a nossa vida juntos. O que eu queria perguntar era: Você sentiu o meu amor todos os dias? Sentiu quanto eu sentia a sua falta? Sabia quanto eu lamentava? Você foi amado? Foi feliz? Vai me perdoar?

Tudo o que consegui dizer foi:

— Você gosta da universidade?

— Sim. — A primeira palavra dele pra mim. A voz baixa e profunda.

— Em que ano você está?

— Bem, como estou trabalhando para pagar a universidade, tenho mais dois anos pela frente.

O corpo dele estava rígido, como se estivesse pronto para lutar contra alguma coisa que o atacasse. Seu rosto era franco, os olhos enormes e azuis bem separados. Ele tinha uma cicatriz que atravessava o queixo. Era muito sério. Então, virou-se para mim e sorriu subitamente. Tinha covinhas fundas. O meu irmão tinha aquelas covinhas. Nós sorrimos, então nos víamos novamente para o mar, em um silêncio esmagador.

— Quer dar uma caminhada? — perguntei. Sentia uma felicidade profunda, que se misturou à tristeza antiga em uma confusão louca.

Descemos a rua de terra até o rio, deixando escapar cada pensamento que nos ocorria, a conversa saltando de um assunto para o outro como se tentássemos reconstruir os anos perdidos.

— Essa é a árvore da coruja — falei. — Morgan e Zachary são meus filhos. Seus irmãos. — Vi Ron ficar tenso só por um momento, então voltamos ao nosso ritmo de caminhada. — Eles acharam plumadas de corujas aqui e nós as dissecamos.

Ron disse:

— Minha mãe me deixava matar aula para ir pescar com ela.

Minha mãe. Respiro fundo. É claro. Éramos duas mães.

Nos sentamos em um banco antigo, acima das algas ondulantes, falando rápido. Eu sabia que ele iria embora naquela tarde, e não sabia se voltaria algum dia. Ele provavelmente estava se perguntando se eu iria querer que ele me visitasse de novo. Às vezes, nos pegávamos rindo. Por duas vezes, Ron falou:

— Eu nunca disse isso a ninguém antes.

Subimos de volta a colina e mostrei a ele o primeiro andar da nossa casinha aconchegante em estilo Cape.

— Quer ver o quarto dos seus irmãos? — perguntei.

— Sim — respondeu, ele, baixinho.

Ron examinou rapidamente os quartos ensolarados, os brinquedos e livros, a vida que os irmãos tinham ali comigo, onde viviam amados e seguros... eles não tinham sido entregues a ninguém. Descemos novamente para a cozinha. Enquanto comíamos sanduíches de atum, retomamos nossas histórias, a alegria que sentíamos naquele momento se destacando como um lago dentro da tristeza que sentíamos.

— Você gostaria que eu lhe contasse sobre o seu pai?

As mãos dele se detiveram no ar, uma imagem do nosso primeiro dia que nunca vou esquecer, a imagem do seu poderoso anseio por pertencer.

— Você se parece com ele — falei. — Eu tinha dezesseis anos, e ele estava no segundo ano da universidade. Nos conhecemos na praia. Ele me visitou depois que você nasceu, por cinco ou seis anos. Aparecia de repente, e nunca fazia qualquer pergunta.

Observei enquanto ele se esforçava para incorporar aquela informação à identidade dele de vinte e um anos.

— De qualquer modo, não importa — foi tudo o que conseguiu dizer.

Ron deixou que eu lhe desse um abraço de despedida antes de entrar no carro. Ele ligou na quarta-feira e disse que apareceria no domingo.

— Os meninos podem estar aí também? — perguntou.

Fiquei comovida com a coragem dele. Era o começo da nossa nova família.

Eu me consumia de culpa em relação aos meus filhos mais novos, pois sabia que estava pedindo a eles que aceitassem tranquilamente os efeitos da minha própria história assustadora. Mas os dois nunca vacilaram. Quando contei a eles

que tinham um irmão mais velho, meus filhos menores imediatamente abraçaram a ideia. Eles pararam na frente de Ron naquele primeiro encontro e sorriram. Subiram em cima dele, rindo. Como macaquinhos, examinaram cada centímetro do irmão, cutucando, tocando, tirando as meias e os sapatos dele, examinando os dedos dos pés, as mãos, as costas, comparando-se com ele. Espiaram dentro da boca de Ron. Morgan passou o braço pelo ombro do irmão mais velho quando estavam sentados no sofá, e Zachary se enfiou embaixo do braço dele. Ron aparecia todo domingo a princípio, depois por fins de semana inteiro, então foi passar o verão conosco. Eu estava impressionada com a capacidade dos meus filhos de incluí-lo, de ceder parte de mim.

E Ron também me levou para a família dele.

— Essa é a minha mãe, Rose — falou. — E essa é a minha outra mãe, Meredith.

Ele não me chamava de mamãe, mãezinha, ou mama, como Morgan e Zachary. Ron já tinha uma mãe. E uma irmã, Tammy, adotada aos dois anos. Tinha um pai, Hank. Por incrível que pudesse parecer, Rose e Hank me receberam como se estivessem felizes por eu passar a fazer parte da vida de Ron. Eu me sentia como se tivesse roubado o filho deles.

Aqueles meses foram confusos, perturbadores, mas a casa estava sempre cheia de riso. E de choro. Aceitamos nosso profundo amor um pelo outro, então nos separávamos desesperados, ou magoados. Alguns dias, precisávamos da garantia de que aquilo era para sempre. Outros dias, lutávamos pelas nossas vidas, as vidas que tinham funcionado tão bem antes. Às vezes, não conseguíamos conter tudo o que fora perdido.

Eu nunca havia contado aos meus amigos sobre esse filho. A dor e a vergonha de perdê-lo aos dezesseis anos tinha me acompanhado por toda a minha vida como uma tristeza particular e profunda. Agora, os meus amigos argumentavam comigo, dizendo que Morgan e Zachary não deveriam ter que pagar o preço da minha história.

— Estão me dizendo que eu deveria mandar esse filho embora de novo? — perguntei.

Sim, disseram eles. Não é justo com os seus filhos. Mas uma amiga mais antiga discordou e me disse:

— Esse rapaz é seu filho. Não dê ouvido a essas pessoas. Isso é um milagre.

É um conto de fadas com final feliz.

Então, chegou novamente o dia 18 de outubro, nosso aniversário de reencontro. Nossos dias tinham encontrado um ritmo próprio. As emoções exacerbadas estavam aquietando. A minha amiga estava certa: aquilo era um milagre, um conto de fadas, embora cada dia parecesse frágil, como se tudo pudesse desaparecer se déssemos as costas. Mas nossas vidas antigas recuaram e a nossa nova família se manteve junta. Eu tinha o meu filho. Ele tinha a mãe dele.

Para marcar a data, dei a Ron a minha corujinha de cerâmica, a única coisa que eu tinha daqueles anos devastadores depois que ele nasceu.

— Isso é para que você se lembre todo dia que esse lugar na minha vida é para sempre — falei.

Ele me deu uma bolota de carvalho.

— Meu renascimento — disse Ron, a voz baixa e esperançosa.

Não há um padrão de como se fazer isso, de como abraçar um ao outro de forma segura e plena depois de uma vida inteira separados. Éramos uma família. Nos amávamos. Precisávamos um do outro. Aquele era o nosso único mapa.

Meredith Hall mora na costa do Maine. É autora do livro Without a Map: A Memoir. Este relato foi publicado em março de 2005.

QUANDO O PORTEIRO É O PRINCIPAL HOMEM DA SUA VIDA

JULIE MARGARET HOGBEN

E RA QUASE MEIA-NOITE DE UMA NOITE DE VERÃO ESCURA e de clima ameno no Upper West Side, em Manhattan. Ele e eu dobramos a esquina da Amsterdam. Foi tudo bem com os drinques. Caminhando de volta para casa, ele me deu a mão. Meio bêbada, falei:

— Você não pode ir adiante.

E paramos perto da entrada de uma casa.

— Não quero — disse ele, tímido, pousando as mãos na minha cintura e me puxando mais para perto. — Mas quero ver você de novo. — Ele sorriu.

Eu sorri.

— O que estou querendo dizer é que se você quiser me dar um beijo de boa-noite tem que ser aqui.

Não estávamos nem perto do meu prédio.

— Mas achei que você morava — disse ele, e inclinou a cabeça para checar as placas das ruas. — Na rua Noventa e alguma coisa?

— Moro. — Comecei a gaguejar, tentando explicar. — Moro, sabe o que é, ele sabe que esse é o nosso primeiro encontro, e há uma janela de onde ele consegue ver a calçada, e às vezes ele está esperando. Se eu chegar tarde demais, ele pode se preocupar.

— Quem? — perguntou o meu acompanhante, parecendo preocupado. — Quem pode nos ver?

— Hum — murmurei, evasiva.

— Seu namorado?

— Não.

— Seu pai?

— Não, não. É difícil...

— Seu marido? Você é casada?

Suspirei, encolhi os ombros e assumi a minha esquisitice, arruinando o momento. Respirei fundo.

— O meu porteiro.

Guzim era o meu porteiro, e a nossa amizade era incomum e anônima como a de muitas mulheres solteiras e sozinhas, que moram em Nova York, com os porteiros que tomam conta delas, agindo como seguranças, guarda-costas, confidentes e figuras paternas. Os porteiros que protegem e fazem muito mais do que entregar encomendas, não porque seja parte do trabalho deles, mas porque são homens bons.

— Não gosto dele — declarou Guzim, a respeito de um cara novo, com quem eu estava saindo dois meses antes. Ele sussurrou isso pelo interfone.

Entrei no saguão do prédio e os vi do lado de fora, o meu porteiro e o cara com quem eu ia sair, na calçada, rindo e conversando. O cara se virou para jogar o cigarro fora, e Guzim aproveitou o momento para me lançar um olhar significativo: ele já soubera tudo o que precisava saber e estava desconfiado.

Acenei para ele, me despedindo, enquanto eu e o meu acompanhante nos afastávamos. Quando olhei rapidamente para trás, Guzim balançou a cabeça. Revirei os olhos. O que ele sabia? O que poderia saber depois de só dez minutos de conversa?

O cara acabou se mostrando sexy e interessante, falava hebraico lindamente e gostava de se divertir. Assim, concordei em sair para um segundo drinque, e o vi de novo, e de novo, conforme o outono se aproximava. Sempre me senti atraída por *bad boys*.

Guzim não era um *bad boy*. Ele era gentil, tinha boas maneiras, e cabelos grisalhos que o faziam parecer uma mistura de Cary Grant e George Clooney. Tinha nascido na Albânia na metade dos anos 1940 em uma família culta, de militares — o pai tinha sido general do exército. Quando Guzim tinha dezenove anos, a polícia secreta do líder comunista Enver Hoxha prendeu toda a família deles, sob acusação de traição.

Por vinte anos, Guzim viveu em um campo de trabalhos forçados, e era obrigado a cultivar uma área remota, em uma situação não muito diferente dos “gulags” de Stalin.

— Toda a minha juventude — comentou ele comigo, uma vez.

Guzim nunca se casou. Nunca teve filhos.

Aos trinta e nove anos, finalmente foi solto, e os Estados Unidos garantiram asilo à família. Ele conseguiu emprego como porteiro em um prédio de luxo em Nova York. Sempre que perguntava a Guzim como ele estava, a qualquer dia, qualquer hora, ele sempre respondia:

— Nada a reclamar.

Aquele era o mantra dele.

Na noite de Halloween daquele mesmo ano, voltei para casa de novo, dessa vez sozinha. Tinha ido a uma farmácia vinte e quatro horas. Não conseguia dormir. De calça de pijama, camiseta e botas Ugg, subi a escada e entrei na portaria, com uma sacola branca de papel apertada na mão.

Escondido ali dentro havia um teste de gravidez.

Guzim estava descansando no banco de sempre, cobrindo parte do período da noite, e levantou os olhos do *New York Post*.

— O que houve? — perguntou.

— O quê? — falei. — Nada.

— O que foi?

— Nada. — Passei por ele e levantei a sacola. — Dor de cabeça. Tylenol.

— Não — falou ele lentamente, balançando a cabeça, enquanto fechava o jornal.

Eu não ia conseguir enganá-lo.

Parei e olhei ao redor. Não havia ninguém na portaria. Ótimo. Já passava bastante da meia-noite, por isso eu voltei até onde ele estava.

— Acho, não sei... — Mordi o lábio. — Não veio uma, você sabe. — Meu rosto se contorceu e comecei a chorar.

Guzim esperou, então disse:

— O israelense?

— Sim! E eu nem sequer gostava dele — falei, secando as lágrimas. — O cara é um mentiroso. Não posso passar o resto da minha vida com ele.

— Então não passe — disse Guzim, e ajeitou os punhos do paletó do uniforme.

Ficamos de pé ali, conversando, por mais duas horas.

Eu estava atormentada. Achei que tinha sido cuidadosa, contei os dias, fiz a conta, usei proteção — na maior parte do tempo.

— Como isso aconteceu? — perguntei estupidamente.

— Como? — disse Guzim com um sorriso irônico. — Vamos lá. É a vida.

Duas semanas mais tarde, contei ao pai. Que pareceu ao mesmo tempo encantado e horrorizado. Algumas semanas depois, ele chegou até a me pedir em casamento.

Recusei educadamente. Ele não queria ser pai. Não realmente. Não queríamos casar um com o outro. Nós dois sabíamos disso.

Eu disse que criaria o bebê sozinha, que ele poderia se envolver o mínimo ou o máximo que quisesse. Ele estava liberado, desde que não fizéssemos daquilo um drama e mantivéssemos contato. Nós três seríamos amigos, mesmo se não formássemos uma família. Ele concordou.

Três meses mais tarde, a barriga começou a aparecer e contei a novidade a todos. Meus pais católicos, casados há mais de quarenta anos, temiam pelo meu futuro como mãe solteira. Não os culpava. A maior parte das minhas amigas — casadas e solteiras, com e sem filhos — me apoiou.

Mas eu me tornei assunto de fofocas: Quem era o pai? Eu tinha terminado com ele, ou ele comigo? Perguntas lógicas, às vezes feitas na minha cara, às vezes não.

Mas lá, no fundo da portaria, estava Guzim, sem julgamentos. Eu não era filha dele, esposa ou ex. Não era empregada, nem patroa. Nossos círculos sociais não se cruzavam. Durante seis dias da semana, ele ficava na portaria, reservado, mas também atencioso o bastante para ser o amigo perfeito, nem preocupado, nem com pena.

Foi ele que recebeu o berço, quando chegou, os macacõezinhos, mamadeiras e caixas de fraldas. Era ele que perguntava todo dia como eu estava me sentindo. Eu via o israelense a cada algumas semanas.

Guzim e eu conversamos muito durante aqueles nove meses, e sua perspectiva cosmopolita me confortava: mais europeia do que limitada aos estados mais próximos de Nova York, mais Guerra Fria do que século 21, e fundamentada em gratidão.

A posição de Guzim era clara e determinada. Ele defendia e respeitava a minha escolha, e protegia a minha dignidade e autoestima. Eu ainda era muito jovem, me lembrou ele. Ainda poderia conhecer um homem e me casar. Eu tinha um mestrado, um emprego e economias.

E daí se eu não me casasse? Olhe para o mundo. Coisas piores já aconteceram na história. Por favor. Ficaríamos bem. O meu bebê era um presente.

Em agosto, quando eu estava passando o fim de semana fora, a minha bolsa d'água estourou e dei à luz em Providence, em Rhode Island. Dois dias mais tarde, os meus pais me pegaram e me levaram pela Rota 95 até o Upper West Side, até em casa.

Quando o meu pai estacionou, Guzim reconheceu o carro. Ele desceu correndo os degraus e abriu a porta traseira. De algum modo, Guzim soube o que estava esperando ali dentro.

Desci do carro, exausta e chorosa. Nos abraçamos. Eu virei para trás, soltei a cadeirinha de bebê e tirei-a. Nós dois olhamos pra a recém-nascida adormecida, absurdamente linda.

— Linda — disse Guzim. — Belo trabalho.

Nove dias mais tarde, o israelense foi embora de vez. O pai estava doente em sua terra natal, disse. Mas éramos amigos, nos dávamos bem e, durante o ano seguinte, mandei fotos para ele por e-mail. Ele ligava e ríamos, enquanto ele me mantinha acordada durante aqueles primeiros meses longos e insones.

Mas era o rosto de Guzim que víamos todos os dias, o homem que dizia bom dia e boa noite para a minha menina, que sorria, arrulhava para ela e comentava sobre como ela estava crescendo, sobre o sorriso e as primeiras palavras da minha filha.

O israelense manteve contato por um ano, então desapareceu. Não recebi mais nenhum e-mail, nenhum telefonema. Mandei fotos, e ele retribuiu com o silêncio.

Minha filha tem um afeto especial por Guzim, quase como se compreendesse o papel dele em sua história — alguém que a recebera de braços e coração abertos em sua chegada ao mundo, pronto e ansioso para guardá-la e protegê-la, assim como guardara e protegera a mãe dela.

Assim que foi capaz, minha filha saía correndo ela calçada, os braços esticados, e Guzim a levantava no colo e a acolhia em um grande abraço.

O pai não a visita e não telefona para ela. E nós não o visitamos e nem telefonamos para ele. Mas visitamos Guzim.

Moramos na Califórnia agora, mas, quando estamos em Nova York, passamos pelo prédio, esperando encontrar Guzim em seu posto. Às vezes ele está, outras

vezes não. Mas sempre checamos.

E quando o encontramos e ele pergunta como estou indo, olho para a minha menina e digo:

— Nada a reclamar.

Julie Margaret Hogben é professora e mãe de uma menininha. Ela mora em Los Angeles e ainda é solteira. Este relato foi publicado em outubro de 2015.

AUTORIZAÇÕES

Um agradecimento a todos que se seguem por autorizarem a reedição do material publicado previamente:

Veronica Chambers: “When He’s Just That Into You”, de Veronica Chambers. Copyright © 2006 por Veronica Chambers (*The New York Times*, 19 de fevereiro de 2006). Mais tarde publicado sob outra forma em *The May Queen: Women on Life, Love, Work, and Pulling it All Together in Your Thirties*, editado por Andrea N. Richesin (Jeremy P. Tarcher, Nova York, 2006). Reimpresso com autorização de Veronica Chambers.

Dutton: “The Enemy Within”, de *The Commitment* de Dan Savage. Copyright © 2005 de Dan Savage (publicado de forma adaptada no *The New York Times*, em 11 de setembro de 2005). Reimpresso com autorização da Dutton, um departamento do Grupo Penguin (USA) Inc.

Random House, Inc.: “Happy”, de Anne Marie Feld, e *Mommy Wars*, editado por Leslie Morgan Steiner. Copyright © 2006 de Anne Marie Feld (publicado de forma adaptada no *The New York Times*, em 29 de janeiro de 2006). Reimpresso com autorização da Random House, Inc.

Autumn Stephens: “A Body Scarred, a Marriage Healed”, de Autumn Stephens. Copyright © 2004, de Autumn Stephens. Reimpresso com autorização de Autumn Stephens.

Ayelet Waldman: “Mother Love”, de Ayelet Waldman. Copyright © 2005 de Ayelet Waldman (*The New York Times*, 27 de março de 2005). Mais tarde publicado de forma diferente em *Because I Said So: 33 Mothers Write About*

Children, Sex, Men, Aging, Faith, Race, and Themselves, editado por Camille Perri e Kate Moses (HarperCollins Publishers, Nova York). Todos os direitos reservados. Reimpresso com autorização de Ayelet Waldman.

AGRADECIMENTOS

A GRADEÇO A TODOS QUE ME AJUDARAM A FAZER “MODERN Love” acontecer: Amanda Urban, Anya Strzemien, Bonnie Wertheim, Brian Rea, Cathi Hanauer, Choire Sicha, Ethan Hauser, Gregory Miller, Jeff Sims, Laura Marmor, Miya Lee, Richard Samson, Samantha Henig, Stephanie Serino, Stuart Emmrich, e Trip Gabriel.

Título original

MODERN LOVE

True Stories of Love, Loss,
and Redemption

Publicado nos EUA por Broadway Books, um selo da Random House,
uma divisão da Penguin Random House LLC, New York.

Copyright © 2007, 2019 by The New York Times Company

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, ou transmitida por qualquer forma ou meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou sistema de armazenagem e recuperação de informação, sem a permissão escrita do editor.

Edição brasileira publicada mediante acordo com Broadway Books, um selo da Random House, uma divisão da Penguin Random House LLC.

Os ensaios neste livro foram originalmente publicados
em “Modern Love” coluna da *The New York Times*.

Devido a limitações do espaço, os créditos das autorizações aparecem no capítulo “Autorizações”

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.

Rua Evaristo da Veiga, 65 – 11º andar

Passeio Corporate – Torre 1

20031-040 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001

rocco@rocco.com.br

www.rocco.com.br

Coordenação digital

MARIANA MELLO E SOUZA

Revisão de arquivo ePub

PRISCYLLA PIUCCO

Edição digital: abril, 2020.

M694

Modern love [recurso eletrônico] : histórias reais de amor, perda e redenção / organização Daniel Jones ; tradução Ana Rodrigues. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2020.
recurso digital

Tradução de: : Modern love : true stories of love, loss, and redemption ISBN 978-85-8122-794-8 (recurso eletrônico) 1. Relações interpessoais - Crônicas. 2. Amor - Crônicas. 3. Crônicas americanas. 4. Livros eletrônicos. I. Rodrigues, Ana.

20-63116

CDD: 818

CDU: 82-94(73)

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

O ORGANIZADOR

DANIEL JONES é editor da coluna “Modern Love” do *The New York Times*, desde a sua criação em 2004. Autor de outros livros, Jones participa semanalmente do podcast Modern Love e é consultor na Amazon Studios. Vive entre Massachusetts e Nova York.



Retrospectiva Rocco na Flip

Barnes, Julian 9788581224459

85 páginas

[Compre agora e leia](#)

Doze anos de boas histórias reunidos num único e-book. **Retrospectiva Rocco na FLIP** é uma coletânea digital que reúne trechos de alguns dos principais livros lançados pela Rocco ao longo das 12 edições da FLIP, a Festa Literária Internacional de Paraty. De Julian Barnes, premiado escritor britânico que participou da primeira FLIP, em 2003, ao israelense Etgar Keret, uma das estrelas da festa em 2014, passando por Neil Gaiman, Patrícia Melo, André de Leones, Paloma Vidal, Roberto DaMatta e o bósnio Aleksandar Hemon, o livro é uma celebração da literatura em suas mais variadas origens e estilos.

[Compre agora e leia](#)



Entrevista com o vampiro

Rice, Anne

9786555320282

320 páginas

[Compre agora e leia](#)

Quando Anne Rice começou a escrever um romance sobre vampiros, no final dos anos 60, pensava estar apenas utilizando seu repertório de tradições de Nova Orleans e as histórias de terror vitorianas que lia quando menina. Logo ela percebeu que os personagens que estava criando eram fortes, expressivos, e um canal perfeito para a projeção de suas próprias tragédias e angústias.

Entrevista com o vampiro rapidamente se transformou num dos grandes

fenômenos cult de nosso tempo. Mistura equilibrada de elementos góticos com erotismo, de modos modernos com narrativa romântica, de extrema crueldade com paixões arrebatadoras, o livro revela em ritmo febril um mundo de vampiros em permanente dilaceramento interno, empenhados em orgias inconfessáveis de vida e morte.

O romance apresenta o vampiro Lestat, ousado, sedutor, um tanto sórdido, pronto para destruir mitos, nem que para isso desencadeie assassinatos em massa. Prosseguem com Lestat em sua saga, Louis, o "entrevistado" deste primeiro livro, e Armand, seu amigo. O quarto personagem fundamental de *Entrevista com o vampiro* é uma criação surpreendente de Anne Rice: a vampirazinha Cláudia, mescla de inocência e maldade infantil.

Entrevista com o vampiro não é um livro de terror. É, isto sim, um retrato provocante de uma época de vertiginosa vampirização em todos os meios e sob todas as formas. É também a prova real de que é possível fazer ficção de alta qualidade com qualquer tema, desde que nele se injete o sangue que Anne Rice faz correr nas veias de sua obra de estreia.

[Compre agora e leia](#)



O primeiro guerreiro

Gomes, Helena 9788581224671

36 páginas [Compre agora e leia](#)

Conheça a história de Kirian, o primeiro dos guerreiros eloras que renasceram no reino medieval de Britanya. Filho de Couchet, última bruxa da Ilha Média, e tendo como mentor o misterioso elfo, Razeel, o rapaz terá seu primeiro e definitivo confronto com os temidos nergals. *O primeiro guerreiro*, sequência de *A herança da bruxa*, é uma história da série **A Caverna de Cristais**, uma das sagas de fantasia/ficção científica pioneiras dentro da promissora literatura fantástica brasileira. Helena Gomes já tem mais de vinte obras publicadas, algumas delas selecionadas para programas de leitura como o PNBE, e recebeu distinções importantes, como o selo Altamente Recomendável da FNLIJ.

[Compre agora e leia](#)



A bela e a fera

Lispector, Clarice 9788581227962

128 páginas

[Compre agora e leia](#)

A bela e a fera é uma das obras de Clarice Lispector que exalam a capacidade criadora e o poder de imaginação da estrela maior da literatura de autoria feminina no Brasil. As ideias que nutrem estes oito contos, escritos em 1940 e 1941 (parte I) e 1977 (parte II), recriam uma atmosfera a partir de situações cotidianas corriqueiras que termina por despertar no leitor a sensação do insólito que há em nossas vidas. Ninguém consegue ficar indiferente a essas ideias. Elas estimulam o lado mais criativo e belo que há em cada um de nós, talvez porque

"o nascimento de uma ideia é precedido por uma longa gestação" – como nos diz a narradora de "História interrompida".

Leitora de Heidegger, Clarice nos transmite a visão de que a tranquilidade e a normalidade do cotidiano são aparentes, e o que importa é uma compreensão mais profunda do ser humano. Capaz de construir enredos e personagens inusitados a partir das situações mais banais que cada um de nós vivencia, ela nos dá a chave para romper com uma realidade que em geral é vista como imóvel ou imutável. Por isso, esta obra, como todas as suas outras, é uma lição de vida. O tom confessional de diário, de conversa ao pé do ouvido, que é a tônica de seu estilo, registra, nestes contos, a enigmática reação das personagens femininas contra a repressão patriarcal, e mostra que a conquista da independência da mulher passa pela busca do próprio eu: "Senti que podia. Fora feita para libertar. Libertar era uma palavra imensa, cheia de mistérios e dores" – já descobrira Tuda, a protagonista adolescente de "Gertrudes pede um conselho".

— **Luiza Lobo**, *Professora da Faculdade de Letras da UFRJ, escritora e tradutora* [Compre agora e leia](#)



As Valentinas

Trigo, Luiza 9788581223926

24 páginas

[Compre agora e leia](#)

Bia é uma menina de catorze anos que detesta o dia dos namorados. Ela implica com a data, diz que é apenas um dia comercial, sem nenhuma razão histórica para existir, uma desculpa para se comprar presentes. Porém, Bia, no fundo, não gosta desse dia apenas porque nunca teve um namorado para comemorar a data. Ela e suas amigas são as nerds da escola e acham que nunca irão namorar. No dia dos namorados ela acorda de mau humor e TPM, mas ainda assim decide fazer uma surpresa romântica para seus pais: preparar, com a ajuda da melhor

amiga, uma jantar para os dois, com direito à decoração romântica.

Na ida para o colégio ela é surpreendida por seu melhor amigo, Bruno, que a entrega uma rosa de presente. Ela fica irritada com a provocação e eles discutem sobre a irritação dela. Bia explica por que gosta do Dia de São Valentim e conta a história do santo. Ela não vê sentido em comemorar o dia dos namorados, mas gosta do Dia de São Valentim.

Na escola, Bia e suas melhores amigas – Amanda, Priscila, Carol e Roberta – decidem afogar as mágoas do dia dos namorados fazendo uma "noite das solteiras". Ou seja, passar a noite juntas jogando jogos, comendo muitos doces e conversando.

As meninas se reúnem, se divertem, falam de garotos e acabam conversando sobre a festa de 15 anos de Bia, que será realizada dentro de um mês. Todas querem saber os detalhes da grande festa, mas Bia mantém segredo e vai dormir feliz e de bom humor por ter a amizade de suas "valentinas".

[Compre agora e leia](#)